2935

RIO DE JANEIRO
TYP. DO "JORNAL DO COMMERCIO", DE RODRIGUES & C.
—
1916

CONFERENCIAS

REALIZADAS NOS DIAS 5, 7 E 9 DE OUTUBRO DE 1915

PELO

Sr. Coronel Candido Mariano da Silva Rondon

NO THEATRO PHENIX DO RIO DE JANEIRO SOBRE TRABALHOS DA

EXPEDIÇÃO ROOSEVELT

E DA

COMMISSÃO TELEGRAPHICA

RIO DE JANEIRO
TYP. DO "JORNAL DO COMMERCIO", DE RODRIGUES & C.
—
1916

PREFACIO

I

O *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, publicou em 6 de Outubro de 1915 a seguinte noticia:

"Revestio-se de maximo brilhantismo a manifestação promovida em homenagem ao Coronel Rondon pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, e levada a effeito hontem, ás 8 1|2 da noite, no theatro Phenix.

Além da ceremonia de inauguração do seu retrato, que será collocado na galeria dos benemeritos da Sociedade de Geographia, sabia-se que o Sr. Coronel Rondon, aproveitando essa grata opportunidade, effectuaria, a pedido daquella respeitavel aggremiação, a sua primeira conferencia, a proposito da expedição scientifica Roosevelt-Rondon e da exploração do rio da Duvida.

O local primeiramente escolhido para essas conferencias fôra o theatro S. Pedro; por motivos de força maior, porém, viu-se a commissão obrigada a mudar de intento, e no curto espaço de 24 horas foi preparado o theatro Phenix para esse fim.

Muito antes da hora marcada começaram a chegar os convidados e ás 8 ½ estava o elegante theatro completamente cheio. Frisas, camarotes, platéa, galerias, corredores, tudo tomado. No corredor que circunda a platéa, notavam-se muitas familias e cavalheiros que não haviam conseguido collocação. Os convites foram distribuidos de accôrdo com as proporções do S. Pedro e por isso houve difficuldade de collocar todos os convidados.

As frisas foram reservadas aos Srs. Presidente e Vice-Presidente da Republica, aos Ministros, Membros do Congresso, do Corpo Diplomatico e da Municipalidade.

Entre os presentes notámos os Srs. Ministros da Marinha e Agricultura, o Vice-Presidente do Senado, o Chefe de Policia, o Sr. Embaixador Americano, em cujo camarote foi collocada a bandeira daquella nação, uma commissão do Conselho Municipal, o Sr. Chefe do Estado Maior do Exercito e representantes do Sr. Presidente da Republica e dos Ministros do Exterior, Interior e Guerra.

*
* *

Pouco antes das 9 horas foi aberta a sessão, á qual presidio o Sr. General Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, sentando-se tambem á mesa, collocada no palco, os Srs. Coronel Rondon, Drs. José Boiteux, Alvaro Belfort e Sebastião Sampaio, membros da directoria da Sociedade de Geographia, e o Sr. 1° Tenente Alfredo Severo dos Santos Pereira, incumbido de saudar o manifestado pelos officiaes do Exercito.

Descerrado o retrato do Sr. Coronel Rondon e terminada a prolongada salva de palmas que provocou essa ceremonia, o Sr. General Thaumaturgo proferio estas palavras:

"A Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, que tenho a honra de presidir, resolveu fazer esta sessão magna para inaugurar o retrato de um illustre Brasileiro e seu digno consocio, em homenagem aos relevantes serviços por elle prestados ao paiz.

Em retribuição a esta prova de carinho e por solicitação da Directoria da Sociedade o denodado explorador exporá em tres conferencias publicas os trabalhos geographicos e de outra ordem realizados sob sua direcção como chefe da Commissão de linhas Telegraphicas e Estrategicas de Matto Grosso e durante a expedição Roosevelt.

Por estes dizeres bem se comprehende desde logo que me refiro ao benemerito Coronel de engenharia Candido Mariano da Silva Rondon, aqui presente.

Dizem seus contemporaneos da Escola Militar que ao tempo de estudante deste instituto de ensino, Rondon tinha o ideal constante de ligar todos os pontos notaveis do seu Estado natal por uma rêde telegraphica.

Essa preoccupação que o assediava constantemente realizou-a elle além do seu desejo, porque, não só executou essa ligação como a estendeu a outro Estado tão grande e rico como o seu, o Amazonas, e dahi ao Brasil inteiro pelas communicações já existentes.

Ha cerca de 25 annos que Rondon iniciou esses trabalhos nos sertões de Matto-Grosso, como auxiliar, e depois como chefe, e não só traçou e estudou essas linhas aereas como atravessou mattas seculares, percorreu rios desconhecidos, explorou o curso de uns e rectificou o de outros, determinou posições geographicas e colheu abundante material da historia natural, dantes ignorado.

Esse penoso trabalho só o póde emprehender quem tambem já o executou em outras regiões, em commissão de limites, igualmente perigosa e de sacrificios.

Por isso, o valor que lhe damos por experiencia propria.

Prestou, pois, Rondon esse serviço patriotico á custa de sua saude e arriscando a propria vida, por dever e pela patria.

De tudo, porém, o que mais o exalta e eleva o seu nome é o carinho com que iniciou o serviço de Protecção aos Indios, libertando-os dos massacres de outras tribus e dos civilizados á procura do *ouro negro,* trazendo-os ao convivio da civilização.

E' a sua maior obra meritoria.

Por taes feitos, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, inaugurando aqui o seu retrato, se orgulha de ir tel-o no salão de honra do seu edificio."

As ultimas palavras do Sr. General Thaumaturgo foram cobertas por prolongada salva de palmas.

*
* *

IV

Em seguida foi dada a palavra ao nosso collega Dr. Sebastião Sampaio, orador official da Sociedade, que proferio a seguinte allocução:

"Nesse louco vagar, nessa marcha perdida,
"Tu foste, como o sol, uma fonte de vida!
"Cada passada tua era um caminho aberto!
"Cada pouso mudado, uma nova conquista!
"E emquanto ias, sonhando o teu sonho egoista,
"Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!

"Morre! tu viverás nas estradas que abriste!
"Teu nome rolará no largo choro triste
"Da agua do Guaycuhy... Morre Conquistador!
"Viverás quando, feito em seiva o sangue, aos ares
"Subires, e nutrindo uma arvore, cantares
"Numa ramada verde entre um ninho e uma flor!

"Morre! germinarão as sagradas sementes
"Das gottas de suor, das lagrimas ardentes!
"Hão de fructificar as fomes e as vigilias!
"E um dia povoada a terra em que te deitas,
"Quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas,
"Quando, aos beijos do amor, crescerem as familias,

"Tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas,
"No esto da multidão, no tumultuar das ruas,
"No clamor do trabalho e nos hymnos da paz
"E, subjugando o olvido, através das idades,
"Violador de sertões, plantador de cidades,
"Dentro do coração da patria viverás!"

Vêde, senhor! era um *louco vagar,* diz o poeta, e a *marcha era perdida;* era apenas *um sonho* egoista, o desse caçador de esmeraldas; e teve entretanto, para immortalizal-o, a consagração radiosa destes versos!

Nunca imaginastes que podia ser vosso o louvor dessa musa inegualavel, symbolo dos affectos da patria... Ponde, entretanto, aquella *bandeira* neste seculo de civilização; substitui o *louco vagar* e a *marcha perdida* pela róta segura que rasga o sertão, como o vosso lapis desenhou um mappa; trocae aquelle *egoismo,* o delirio das pedras verdes, pelo vosso desinteresse, pela vossa verde esperança de fazer o sangue generoso da vida circular em todas as veias da patria; esquecei que se tratava de vós, e eu juro que terieis comvosco a visão deste momento, em que saúdo, com os versos de Bilac, a Fer-

não Dias Paes Leme, que resurge e que volta dos sertões, como os heroes antigos, trazendo os sertões sobre os hombros!

Vêde, portanto, que seria inutil tentar glorificar-vos com a minha phrase. Ella se deita aos vossos pés como as flores silvestres timidamente tombavam á vossa passagem, através das mattas silenciosas, em noites escuras, tentando medir inutilmente o fulgor incomparavel da vossa gloria!

O nosso Instituto quiz honrar-se com o vosso retrato: adquiriu-o para assim pagar como póde a grande, a enorme divida, não comvosco, que não precizaes do nosso louvor, mas com a Patria que é a mãi orgulhosa da vossa obra, orgulhosa do vosso merito. Eu bem quizera que a palavra illustre e cheia de serviços á patria de nosso presidente tivesse bastado para a cerimonia; mas é o protocollo, é o cargo que me arrasta a demorar ainda, por alguns minutos a narração anciosamente esperada de vossos feitos.

Longe de mim tentar o elogio dessa jornada homerica de 25 annos; repetir em phrases o que fizestes em obra magnifica seria diminuil-a. Todos a conhecem na altura onde ella deslumbra; e o altar da Historia não tem degráos para ascenções humanas: é a immortalidade que toma sob o carinho de suas azas e conduz as almas eleitas... Prefiro admirar-vos de baixo, com o fervor de todos crentes.

Vêde, os crentes na fecundidade de vossa obra, somos todos nós: a vossa geração, que honraes altamente, a minha geração que ensinaes com o vosso exemplo. O vosso exemplo de moço! Sonhador de um grande sonho, soubestes realizal-o como homem; e nisso nos ensinastes não só a cultuar o trabalho, mas a querer ao ideal, que tanto falta hoje, materializando este presente e ameaçando o futuro...

A vossa tenacidade! A virtude incomparavel da vossa tenacidade! A febre continua que vos queimava a fronte, nas noites invernosas, e que não impedia o vosso heroismo, expondo a vida, como o poeta genial, nas aguas revoltas do Amazonas, para salvar a vossa obra, esse outro poema, o poema da vossa viagem. novos *Luziadas* das glorias novas de nossa raça!

O vosso amor! Foi com elle que substituistes os soldados das bandeiras de outr'ora pelo vosso carinho de irmão. Trouxeste-nos com a terra desconhecida o irmão desconhecido, e redimistes assim uma raça que a sciencia condemnava, no engano cruel de que basta pensar sem sentir.

Para que citar serviços? Quem não sabe que nos déstes esse immenso Brasil ignoto, que cinco heroes tentaram debalde alcançar, e que afinal incorporastes á Patria, nessa marcha de gigante de Matto Grosso ao Amazonas?

Para que mais palavras? Conheceis a casa modesta dos nossos estudos, o salão de nossa Sociedade de Geographia, onde preside um busto venerando, a figura de Rio Branco, que nos deu a nova independencia, erguendo as muralhas de defesa dos limites da patria. Completastes a obra de Rio Branco; descobristes esse Brasil desconhecido que elle delimitou. Era natural que o vosso retrato completasse o culto externo em nosso humilde templo. Cumprimos o nosso dever. Estamos satisfeitos. E a Patria, que vos acclama, sorri e vos abençôa, neste momento em que celebramos a vossa gloria."

Ao terminar o seu discurso o Sr. Sebastião Sampaio recebeu do auditorio muitos e demorados applausos.

*
* *

Fallou em seguida o Sr. 1° Tenente Severo dos Santos. Eis o seu discurso:

"Senhor Coronel Rondon. Vossos camaradas associam-se, jubilosos, á justissima homenagem que recebeis da "Sociedade

---

(1) Para concretizar os seus sentimentos de sympathia, o grupo de officiaes do Exercito e amigos do Coronel Rondon, além da brilhante saudação do orador que escolheram e que tão bem interpretou aquelles sentimentos, offereceu ao homenageado a tela — «India Pareci em repouso» — do pintor Boscagli, o mesmo autor do retrato que a Sociedade de Geographia inaugurou para a sua galeria de benemeritos.

A idéa da offerta desse quadro nasceu da bôa impressão que manifestou o Coronel Rondon quando o vio, entre outros, na Exposição de Pintura que aquelle artista inaugurou ha dias na Avenida Rio Branco, sobre assumptos indigenas.

de Geographia do Rio de Janeiro, legitima interprete da gratidão que o país deve ao intrepido desbravador do sertão brasileiro e ao humanitario pacificador dos nossos aborigenes. E elles o fazem com tanto maior desvanecimento quanto é certo que esses louvores recaem tambem sobre um punhado de abnegados camaradas do glorioso 5º batalhão de engenharia, da "Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Mato-Grosso ao Amazonas" e do "Serviço de Protecção aos Indios e Localização dos Trabalhadores Nacionaes" que sob vossa direcção tão patrioticamente trabalham.

Patenteastes mais uma vez os serviços que a engenharia militar póde prestar na paz, pois desde o tempo dos Romanos que ella impulsiona a industria, isto é, a acção real e util do homem sobre o meio que o circunda, visto como a sua missão é mais a de proteger a vida humana que a de destruil-a como sempre foram os votos de um Lazaro Carnot e de um Vauban.

E nessa longa campanha quantos simples e obscuros soldados tombaram sem estrepito, quantos camaradas nossos se sacrificaram corajosamente ao serviço, desde aquelle grande coração e aquelle grande caracter do 1º Tenente Francisco Bueno Horta Barbosa, até o mais recente, caído ainda hontem, varado de flechas, aquelle bom e bravo Francisco Marques de Souza, nas paginas de cujo diario de viagem, ainda quentes de vida, podemos lêr a narrativa das provações, dos soffrimentos, das angustias de sua épica exploração ao longo do "Ananaz"!

Só a coragem militante, a fé batalhadora, a energia potencial de um chefe tal como vós, conseguiria fundir almas varonis no cadinho de tamanha dedicação, plantando no coração da gente moça que vos seguio, essa paixão intensissima pela vida despremiada e perigosa do sertanista, essa attração pelo desconhecido, essa confiança num ideal alevantado que, afrontando todos os obstaculos, levou de vencida a cruzada benemerita que hoje festejámos e agradecemos.

Condemnado á vida primitiva da caça e da pesca, descendo ao som das aguas em pirógas cavadas em troncos de

arvores, marchando atolado nos tremedaes, ou enliçado nos chavascaes, que coiraça de energia não é precisa ao homem para não succumbir na luta contra as hostilidades do meio?! Marcha-se alli entre as aggressões da flora e da fauna, ora cortando chapadões adustos, ora varando o cerradão hispido, mais abaixo perlustrando o segredo das aguas traiçoeiras, escondidas no labyrintho da galharia, entre margens chafurdadas de morbus paludosos...

Disse Pascal que os rios são "*estradas que marcham*". Mas aqui, em nosso complicado systema potamographico, enredado de igapós e paranás, de saltos e corredeiras, de tombos e sumidouros, o rio é antes um ophidio perigoso, ora colleando insidiosamente entre lodaçaes, subito despenhando-se na sedição traiçoeira das aguas convulsas! E lá se vai na *ubá* naufragada o resultado de longos mezes de trabalho, instrumentos e provisões parcimoniosamente calculados para o resto da viagem.

Depois é a fome que vem com as suas longas desesperanças e a tristeza de

"engulir o corrupto mantimento
temperado com hum ardwo soffirimento."

(Lusiadas, VI. 97).

Graças á vossa sábia orientação, ao longo do picadão aberto para o estendimento da linha tronco, foram sendo enquadradas no nosso mappa, as novas correcções geographicas e ethnographicas sobre usos e costumes das nossas tribus indigenas, enriquecendo o nosso *folk-lore* e os nossos conhecimentos sobre a flora, a fauna terrestre e aquatica e sobre a propria estructura geologica de nosso sólo.

A travessia immortal do nosso *interland,* desde os chapadões dos Parecis aos pantanaes do Madeira, ficará, como traçada a buril na parte da crosta terrestre que habitamos, encra-

Photo. Com. Rondon *Conferencias*

Então 2º Tenente Renato Rodrigues Barboza

Tenente Nicoláo Bueno Horta Barboza (então 2º tenente)

Coronel Rondon

O Coronel Rondon em companhia de dois de seus ajudantes, durante um serviço de exploração, em pleno sertão desconhecido, mostra-se apprehensivo com o estado de saude de um delles e pesa as suas responsabilidades de chefe da expedição

vada entre meridianos e parallelos que medem tambem uma immensa zona de soffrimentos e de heroismos. Por isso, essa

...memoria
que do sepulcro os homens desenterra."

(LUSIADAS, III. 118).

irá o vosso nome

"da lei da morte libertando.

(LUSIADAS, I. 2).

Não entrastes, entretanto, pelas nossas mattas a dentro, de espada arrancada e tendo na outra mão o facho de Bellona acceso. Ao contrario, tinheis, diante dos olhos, aquella especie de evangelho das selvas traçado pela mão do grande José Bonifacio, o qual reza que somos devedores para com os indios de muita "*brandura, constancia* e *soffrimento,* que nos cumpre como a *usurpadores* christãos" e que, portanto, não os devemos levar a ferro e fogo, senão "conhecendo primeiro o que são e devem ser naturalmente — indios bravos — para depois acharmos os meios de os converter no que nos cumpre, que sejam".

Já o grande homem de Estado que foi o patriarcha da independencia nacional tinha visto que, tentar ex-abrupto transformar o indio em civilizado era o mesmo que, pela força, querer fazer, de um dia para outro, de uma criança um adulto violentando todas as leis biologicas e sociologicas que regem o desenvolvimento normal da especie humana. Já o Padre Nobrega affirmava que, "com musica e harmonia de vozes, se atrevia a trazer a si todos os gentios da America".

Entretanto, ainda em nossos tempos, viam-se os selvicolas fóra de toda lei, que como madrasta deshumana, só existia para entregal-os indefesos á iniquidade de seus perseguidores, vivendo assim como féras acuadas pelo odio canibal dos bugreiros. Scientista houve até que prégou como solução natural o exterminio dos nossos pobres irmãos das selvas.

No meio de tão cruas injustiças que deshonravam a nossa historia, coube ao vosso grande coração, á vossa coragem civica, a gloria de reatar a tradição de José Bonifacio, salvando do completo anniquillamento o que restava das nossas infelizes populações aborigenes, affrontando a peito descoberto, não só as suas flechas inconscientes como tambem as flechas ainda mais ervadas dos demolidores desoccupados que levam a vida aqui pelas esquinas da Avenida a soprar na inoffensiva busina do proprio ridiculo. E' que na estagnação do nosso meio esmorecido pelo scepticismo e desalentado pelos estragos da critica negativa, pelo exercicio da pura verbiagem e da mais esteril vaniloquencia, falais a desconhecida linguagem da acção, tendo coragem para emprehender, prudencia para continuar e firmeza para concluir.

A vossa missão não foi, porém, a do catechismo teologico que busca impôr a sua fé ao gentio, nem a do materialismo pseudo-scientifico que prega a monstruosa theoria de uma moderna anthropophagia, segundo a qual os fortes e *adeantados* podem devorar os mais fracos e *atrazados*. Não. A vossa missão foi inspirada pela fé scientifica e baseada nas leis immutaveis da sociologia positiva, que nos mostra os varios povos da terra, desde a mais rude cabilda ou taba, até á sociedade mais adiantada, como sendo fundamentalmente constituidos dos mesmos elementos organicos, differindo apenas no respectivo gráo de desenvolvimento.

Sendo assim, o que devemos fazer não é exterminar o selvagem, como não se extermina a criança, mas sim *educal-o*, isto é, levantal-o até ao nivel em que estamos, pondo ao seu alcance pacificamente, humanamente, os melhoramentos de que dispomos.

Louvemos, pois, o arrojado esforço, a coragem serena, o nobre desprendimento, mercê dos quaes, emquanto outros povos suppostos mais adiantados, caçavam criminosamente os selvagens, pudemos provar-lhes que nós, os civilizados, lhes somos superiores, não pelo maior poder offensivo de nossas armas de repetição, mas sim pelas abundancias de nossa generosidade e pelas excellencias de nosso altruismo.

Só os que vêem apenas o aspecto material e grosseiro do progresso, é que se podem enganar, procurando rebaixar do posto que lhe cabe ao povo em cujo seio não medram os rancores ás outras raças e que fez a abolição dos escravos entre risos e flôres.

Ainda mais, pois, do que o perfil do desbravador de sertões, o que avulta aos nossos olhos, são sobretudo os vossos serviços como orgão pratico das aspirações civilizadoras de José Bonifacio, é o vosso grande coração de amigo e protector do selvicola perseguido, cujos gemidos ecoaram na lyra de Gonçalves Dias:

"Torvo o aspecto,
"Severo e quasi mudo, a lentos passos,
Caminha incerto — o bipartido arco
Nas mãos sustenta, e dos despidos hombros
Pende-lhe a rota aljava... as entornadas,
Agora inuteis settas, vão mostrando
A marcha triste e os passos mal seguros
De quem, na terra de seus pais embalde
Procura asylo e foge o humano trato."

(G. Dias) "Tymbiras".

A vossa obra alonga-se para o futuro num descortino immenso, como o dessas visadas que das nossas humildes lunetas terrestres atiramos atrevidamente para as estrellas...

O vosso nome já transpôs as nossas fronteiras, proclamado pelo orgão autorizado de um Theodoro Roosevelt, em centros de repercussão mundial.

Senhores, mais ama a patria quem mais a serve.

Aprendamos, pois, na nobre vida deste Bayard *sans peur et sans reproche*", na coragem deste varador de matas virgens, na intrepidez deste pioneiro de chapadões e deste *globe-trotter* incansavel; aprendamos no diamante puro e limpido deste caracter sem jaça, na lamina nua e clara desta energia de aço, no veeiro precioso deste coração de ouro, como é que se serve, sem desfallecimentos e sem interesses, á terra de nosso nascimento, ao nosso caro Brasil!"

Após esse discurso, muito applaudido pela assistencia, é dada a palavra ao Sr. Coronel Rondon.

*
* *

O Sr. Coronel Rondon levantou-se do lugar em que se achava, á direita do Sr. Presidente da Sociedade, e dirigio-se para a tribuna. O auditorio recebeu o conferencista com uma grande ovação, que durou alguns minutos.

Em seguida, o illustre Brasileiro iniciou a leitura da sua primeira conferencia.

O Sr. Coronel Rondon foi interrompido varias vezes, na sua leitura, pelas palmas do auditorio. Entre os applausos mais intensos, são para lembrar os que receberam a projecção sobre a téla do retrato do orador e dos pequenos indios parecis, educados na escola creada pelo Coronel Rondon na tribu daquelles indios, e que se acham nesta Capital, completando a sua educação, devendo mais tarde regressar ao sertão como telegraphistas.

Uma grande ovação acolheu as ultimas palavras do Sr. Coronel Rondon.

A' proporção que o Sr. Coronel Rondon ia proferindo a sua conferencia eram representadas na tela, collocada ao fundo do palco as projecções fixas, com os seguintes disticos: Presidente da Republica; Dr. Lauro Müller; Coronel Roosevelt; Commemoração de Floriano, Confluencia do Pimenta Bueno com o Gy-Paraná; Tenente Jaguaribe; Capitão Amilcar Botelho de Magalhães; Estirão da foz do rio Apa; Indios chamacocos; Tombadilho da "Requielme"; Marco da fronteira boliviana; Começava-se a avistar Corumbá; Mappa do itinerario; Para a fazenda das Palmeiras; Pantano da fazenda de Palmeiras; Curraes da Fazenda de Palmeiras; Gado da Fazenda; Partida para a caçada; Primeira onça; Couro da

primeira onça; Segunda onça de que Rondon mostra a cabeça; Margem Paraguay; Pipiresal alagadiço; Carandazal; Vapor "Matto-Grosso"; Photographia da Fazenda S. João; Photographia da partida para a caçada; Roosevelt lendo deitado; Trecho de rio, Nanarasú; Bahia Gahiva; Barracamento no Porto do Campo; Partida para a caçada, Porto do Campo; Resultado da caçada; Porto do Campo; Partida para Tapirapoan; Tapirapoan, chegada; Partida para o Salto; Chegada ao Salto; Almoço no couro; Aldeia Queimada; Entrada na Linha Telegraphica; Rio Sacre; Acampamento no Sacre; Salto Bello; Aldeia Parecis; Interior da casa Pareci; Mãi Pareci; Cesta Pareci; Jogo Head-ball; Almoço no Salto Bello; Aldeia e estação Utiarity; Salto Utiarity; Grupo junto ao Salto Utiarity; Estação do Juruena; Grupo Nhambiquara; Nhambiquara; Mulher Mãi Nhambiquara; Brindes a Nhambiquara; Arvore no campo; Serra do Norte.

Depois de pequeno intervallo foram exhibidos os "films" cinematographicos da expedição, divididos em quatro partes, que completavam o programma da festa.

Eis a lista dos principaes quadros, tomados no sertão pelo 2° Tenente Thomaz Reis:

Em Buenos Aires, as "darsenas"; no Rio Paraná, Rosario, Asuncion; a Fronteira do Brasil com o Paraguay; os carandazeiros; Porto Murtinho; Corumbá; vistas do embarque da Expedição para as primeiras caçadas no rio Taquary; o rio Taquary com os seus passaros ou aves aquaticas e jacarés; o Coronel Roosevelt atirando sobre os jacarés; o Porto do Retiro; a Expedição partindo para as caçadas na fazenda das Palmeiras; na fazenda das Palmeiras; a apresentação das pelles das primeiras onças, pelo Coronel Roosevelt; a viagem pelo rio S. Lourenço e as caçadas nesse rio; os pantanaes do rio Paraguay na Lagoa Gayva; em Caceres, depois em Porto do Campo; acampamentos alli construidos; passagem dos rios por animaes de montaria; a subida do rio Sepotuba em lanchas; as cachoeiras do Sepotuba; chegada ao Porto de Tapirapoan; apresentação dos expedicionarios; o Coronel Roose-

velt, o Coronel Rondon e os membros da comitiva; os animaes para a viagem dos expedicionarios; a determinação das coordenadas do porto de Tapirapoan pelo Coronel Rondon e Tenente Lyra; os preparativos da expedição para subir a serra dos Parecis; a viagem nos campos de Tapirapoan; o porto do Salto e a viagem até Aldeia Queimada."

Photo. Com. Rondon *Conferencias*

Um acampamento da construcção

SYNTHESE DAS CONFERENCIAS

1ª CONFERENCIA

Génese da expedição scientifica Roosevelt-Rondon.

Organisação da Commissão Brasileira.

Programmas de itinerarios offerecidos ao Sr. Roosevelt: adopção do relativo ao rio da Duvida.

Viagem do Chefe da Commissão Brasileira do Rio de Janeiro para a fóz do rio Apa, por via terrestre.

Encontro dos chefes das commissões americana e brasileira a bordo da Canhoneira Paraguaya "Riquelme": constituição da expedição Roosevelt-Rondon.

Subida do rio Paraguay até Corumbá: ratificação do programma de caçadas e do reconhecimento do rio da Duvida.

Chegada a Corumbá.

Caçadas no Taquary Velho e na Fazenda de S. João, propriedade do Presidente de Matto Grosso.

Caçada de onças no rio S. Lourenço.

Visita á fazenda de criação do Descalvado.

Chegada a S. Luiz de Cáceres.

Acampamento e caçadas no Porto do Campo.

Subida do rio Sepotuba e chegada a Tapirapoan: organisação do comboio de animaes cargueiros para a travessia do sertão dos Parecis e dos Nhambiquaras.

Subdivisão da expedição em duas turmas, das quaes uma sob a direcção immediata do Sr. Roosevelt, auxiliado pelo chefe da Commissão Brasileira.

Viagem desta turma até Utiarity: indios Parecis; Salto Bello e Salto do Utiarity.

Formação de nova sub-turma, para exploração do rio Papagaio: acontecimentos capitaes da viagem desta sub-turma.

Chegada da expedição Roosevelt-Rondon a Juruena: indios Nhambiquaras.

Proseguimento da marcha de Juruena para José Bonifacio e chegada ao passo da Linha sobre o rio da Duvida.

2ª CONFERENCIA

c

I

Reconhecimento e exploração do rio da Duvida:

Caracteres do problema geographico:

a) trabalhos de Ricardo Franco de Almeida Serra e cartas de Pimenta Bueno, Horacio Williams e Rio Branco;

b) a expedição de 1909, para reconhecimento do traçado da Linha Telegraphica de Cuyabá ao Madeira, descóbre, alem de outros, um rio a que se dá o nome de Duvida: motivo desta denominação.

Reconhecimento do "Commemoração de Floriano" em 1913:

a) o Duvida não é affluente do Gy-Paraná;

b) será um dos formadores do Aripuanã;

c) definição deste rio.

Turma do Tenente Antonio Pyrineus de Souza no Aripuanã, auxiliar da expedição de reconhecimento do Duvida.

O Sr. Roosevelt inicia os trabalhos da expedição, ainda em duvida sobre a direcção e a importancia do curso deste rio: medidas para hypothese delle correr para o Gy: construcção de canôas no Ananaz.

II

Exploração e levantamento do rio da Duvida, desde o Passo da Linha, na lat. 12° 3' 56",8-S. e long. 60° 21' 55",8 a O. de Greenwich, até o encontro com a turma auxiliar do Tenente Pyrineus, no Aripuanã.

Affluentes, cachoeiras, corredeiras, serras, constituição geologica e florestas do rio da Duvida.

Adopção de nova denominação: RIO ROOSEVELT.

Identificação com o Alto Castanha.

Tribus indigenas.

III

Encontro da expedição Roosevelt-Rondon com a turma do Tenente Pyrineus.

O antigo Baixo-Aripuanã constitue apenas a parte inferior do curso do rio Roosevelt;

Allusão ao problema da determinação da nascente principal de um rio.

O Aripuanã.

O rio Roosevelt compõe-se dos cursos unificados dos antigos Duvida, Castanha e Baixo Aripuanã.

Exame das criticas de um geographo portuguez e a Carta da Nova Luzitania:

O rio Roosevelt foi pela primeira vez collocado nos mappas pela expedição scientifica Roosevelt-Rondon.

Chegada da expedição a Manáos.

Noticia da turma do Capitão Amilcar de Magalhães.

Descida do rio Amazonas; chegada a Belem; recepção pelo Governador do Pará.

Partida do Sr. Roosevelt para New-York.

Regresso do Chefe da Commissão Brasileira para o acampamento da construcção da Linha Telegraphica, em Barão do Melgaço.

3ª CONFERENCIA

Trabalhos technicos e explorações geographicas realisados pela Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas, de 1907 a 1915.

I

Vista geral dos trabalhos realisados de 1907 a 1911:

a) Exploração para reconhecimento do traçado geral da linha Cuyabá a Santo Antonio do Madeira.

b) Trabalhos de construcção, de Cuyabá a Vilhena, e de Santo Antonio a Jamary.

c) O problema dos transportes nos sertões e a sua solução.

II

Apanhado sobre a marcha da construcção de 1911 a Dezembro de 1914:

a) De Vilhena a José Bonifacio. Estudo de uma variante do traçado de 1909; Campos Indigenas, rio Carumicharu', ou Festa

da Bandeira, visita ás aldeias Nhambiquaras dos Campos 14 de Abril;

b) De José Bonifacio a Barão de Melgaço, abastecimento por via fluvial, exploração do rio Pimenta Bueno; descoberta e pacificação dos indios Kepikiri-uats.

c) De Barão de Melgaço a Pimenta Bueno e dahi a Arikemes. Variantes do traçado de 1909, nações indigenas do Gy-Paraná, Jaru' e Jamary.

III

Noticia sobre a construcção dos ramaes de Santo Antonio a Guajará-mirim e de Parecis á Barra dos Bugres; tribus indigenas das respectivas regiões; pacificação dos Barbados; costumes e identificação destes indios.

IV

Explorações geographicas (acompanhadas de notas relativas ás populações indigenas existentes nos valles dos rios explorados).

As nascentes do Paraguay.

Affluentes do Guaporé que promanam dos Campos de Commemoração de Floriano.

Bacia do Madeira:

Jacy-Paraná, Jamary e Gy-Paraná.

Região comprehendida entre o Gy-Paraná e o rio Roosevelt; trabalhos para a pacificação dos Parintintis.

Expedição do Tenente Marques de Souza para reconhecimento do antigo Ananaz.

Bacia do Juruena-Tapajoz:

Exploração do grande collector central desta bacia; restabelecimento do ponto de vista historico sobre a extensão do curso do Juruena até a fóz do rio Telles Pires (antigo S. Manoel ou Tres Barras).

Exploração do Ikê e fixação do curso do Doze de Outubro.

Exploração do rio do Sangue e do Papagaio.

Exploração do Arinos.

Exploração do antigo S. Manoel; a nova denominação; rio Capitão Telles Pires. Rosa Borôrô entre os Apiacás. Acção modificadora que exerceu nos processos empregados pelo Tenente Duarte em relação aos Borôrôs do rio S. Lourenço. Sua morte em Janeiro de 1915.

Photo. Com. Rondon

PRIMEIRA CONFERENCIA

INTRODUCÇÃO

Communicaram-me, ha tempos, alguns amigos que a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, querendo manifestar o alto apreço em que tinha a modesta contribuição trazida pelos meus trabalhos no sertão ao desenvolvimento do estudo descriptivo das terras e do povo brasileiros, resolvera dispensar me a honra insigne de me collocar em effigie na companhia selecta daquelles dos nossos compatriotas que mais se têm distinguido pelos serviços prestados ao Brazil neste ramo dos conhecimentos humanos.

Havia nessa resolução tão grande desproporção entre a pequenez do valor dos resultados directamente attribuiveis á capacidade dos meus proprios esforços individuaes e a grandeza da distincção com que se projectava premial-os, que desde logo vi correr-me o dever de pedir á illustre Sociedade que reconsiderasse o seu julgamento e, pesando todos os dados, que eu mesmo lhe offereceria, tomasse uma decisão mais consentanea com a realidade dos factos e tal que me poupasse o constrangimento de ter antes de lamentar não haver feito tanto quanto de mim se pensava, do que de me lisongear por me ver applaudido pelo que realizara.

Illativo até a evidencia me parecia, por si só, esse argumento, que eu ia apresentar á Sociedade de Geographia, para o fim de ser tirado á presente reunião todo e qualquer aspecto de solemnidade festiva e congratulatoria. Quizesse, no emtanto, permittil-o a escassez do tempo de que agora disponho e a ainda maior escassez dos meus pobres meios de expressão, e eu tentaria expor-vos outro motivo que presentemente

me traz a alma coberta de luto e o coração fechado a todo o sentimento que não tenha o travo da mais acerba dôr. Uma successão enorme de erros indesculpaveis, porque commettidos no tempo em que os ensinamentos de Augusto Comte estão sufficientemente divulgados para tornar familiar aos povos mais adiantados do Occidente o sentimento de fraternidade universal, acabou precipitando as Nações da vanguarda da Humanidade umas contra as outras, e lá as traz, ha mais de um anno, engolfadas em monstruosas vagas de sangue, que arrancam, desfolham e submergem as flores mais mimosas da nossa civilização: o cavalheirismo para com as mulheres, a bondade para com as crianças, os velhos e os invalidos, e esse sentimento de dignidade individual que impede um homem de praticar violencias contra as pessoas e as cousas para não diminuir, aos proprios olhos, a estima e o respeito que deve á sua propria pessoa.

Immerso no mar de angustias que se derrama do coração da Humanidade, mãe amantissima que vê os filhos entredilacerarem-se com auxilio dos mesmos recursos que ella creou e lhes deu com a nobre ambição de os collocar sombranceiros ás tristes solicitações da animalidade primitiva, eu me dôo de ser tão fraco que nehum outro concurso possa trazer para a obra dos que se esforçam por mitigar as devastações da horrida catastrophe, senão o de os acompanhar com os movimentos da minha gratidão, exorando o destino para que lhes propicie as maiores facilidades na obtenção do fim a que se devotaram.

Tão ponderosas considerações, porém, só tinham de prevalecer quando se tratasse de realisar ou de supprimir actos que affectassem directa e exclusivamente a minha pessoa, mas não podiam ser invocados com o fim de exhimir-me ao cumprimento de deveres quaesquer, decorrentes do exercicio das funcções publicas de que me acho investido. Amigos meus, a quem eu expuzera os escrupulos do meu coração, e ainda o acanhamento que me causava o ter de assistir á homenagem especial da inauguração do meu proprio retrato destinado á galeria da Sociedade de Geographia, reforçaram a objecção, que eu mesmo já me havia feito, de que todas as manifesta-

ções a mim dirigidas, só na apparencia tinham o caracter de visar a minha individualidade, parando nella, mas que de facto iam mais longe e attingiam a Commissão de Linhas Telegraphicas — apparelho de que os governos republicanos, desde o do benemerito presidente Penna, se teem valido para prestar á Nação os serviços que todos conhecem.

Considerada deste ponto de vista, e só delle, a minha presença nesta reunião é, mais do que legitima, necessaria: porque nada mais faço, neste momento, do que desempenhar-me do dever de personificar a Commissão de Linhas Telegraphicas, para vir dizer-vos, — a vós, Sr. Presidente da Sociedade de Geographia e aos vossos illustres consocios, quanto a cada um dos seus membros tomados individualmente, e a todos em conjuncto, é grato e animador receber o apoio moral dos applausos com que recompensais os esforços que elles, nos longinquos sertões da nossa terra, se empenharam em desenvolver com a esperança unica de estarem contribuindo para a continuação da obra que herdámos do Passado e vamos preparando para o Futuro, de erguer a Patria estremecida ao nivel de poder dar plena expansão aos seus anhelos de retribuir á Humanidade os dons que ella sobre nós e ao longo do nosso caminho tem derramado ás mancheias.

Quanto a mim, devo declarar que vivamente me rejubilo com as circumstancias de que o destino vem entretecendo a trama da minha vida. Sem me referir a outras fontes de felicidades perennes, de onde promanam as mais completas realisações das bençãos que me teriam envolvido no regaço materno; sem me demorar numa effusão da sempre renovada e de dia para dia crescente gratidão de que me reconheço devedor á Religião da Humanidade, a qual, tomando-me pela mão, me vai conduzindo com passo firme pela estrada, cada vez mais plana, mais facil e mais bella, do altruismo, pólo certo e unico verdadeiro dos inexcediveis prazeres da dedicação a altos ideaes inspiradores de obras nobilitantes da natureza humana — basta registar o facto de que, em toda a minha carreira publica, tenho tido a ventura de ver associados aos meus trabalhos, já como chefes, já como auxiliares, concidadãos

que honram o nome da nossa nacionalidade, collegas que dignificam a classe a que pertencem, e amigos que elevam a propria amisade, fazendo-nos descobrir nella novos encantos e novas delicadezas, até então nem suspeitadas.

Em taes condições, o maior bem que se me poderia desejar era, evidentemente, que os laços já existentes entre mim e esses meus chefes e auxiliares, ainda mais se estreitassem e se tornassem tão duradouros que pudessem vencer a fatalidade suprema da vida humana, de modo que, emquanto perdurasse a memoria de qualquer de nós, essa, uma vez invocada, logo se apresentasse acompanhada das outras.

A collocação da effigie do chefe da Commissão de Linhas Telegraphicas na galeria de retratos da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, satisfaz, ao menos em parte, o voto que acabo de externar: porquanto, em qualquer tempo, quem lançar os olhos sobre este retrato logo se recordará de que o seu destino é evocar a imagem daquelles meus distinctos auxiliares e amigos, de cuja esforçada cooperação resultou o bom exito do emprehendimento iniciado em 1907, para abrir e entregar á civilização um extenso territorio da nossa Patria, até então abandonado e selvatico.

Podeis, pois, avaliar, Sr. Presidente da Sociedade de Geographia, a natureza, a extensão e a profundidade da gratidão de que, por essa gentileza vossa e dos vossos dignos co-associados, eu me confesso eterna e commovidamente devedor para com todos vós, não só considerados em collectividade, mas ainda cada um separada e individualmente.

A todos apresento os protestos do immorredouro reconhecimento dos membros da Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas, os quaes vos promettem retribuir a distincção com que vos dignastes honrar os seus modestos, mas sinceros esforços passados, com renovados e maiores esforços no sentido de inteiramente se devotarem ao amor e á obra de engrandecimento moral e material da Patria commum.

E vós, meus nobilissimos collegas do Exercito, que podeis esperar de mim que vos diga para exprimir, mesmo tão pallida e canhestramente como o acabo de fazer á gentilissima Soci-

edade de Geographia, uma parte, ao menos, da emoção de que me sinto assaltado, ao ver-vos aqui reunidos para me trazerdes, não simples palavras de acoroçoamento, de approvação e de applauso, mas as mais carinhosas effusões da boa e sã camaradagem que despontou, cresceu e cada vez mais se consolida ao calor da communhão de sentimentos, de resoluções e de pensamentos que incessantemente nos reune em torno do ideal e das aspirações republicanas da nossa Patria, traduzidas e fixadas nas cores, no desenho e nas palavras do bellissimo e adoravel symbolo da nossa nacionalidade ?

Quizestes tomar parte activa nesta reunião, para significar que a campanha longuissima que vimos sustentando contra as asperezas e insidias dos sertões, não quebrou, mas antes augmentou a solidariedade entre vós e os vossos collegas da Commissão de Linhas Telegraphicas.

Tal solidariedade nunca teve outra origem, nem outro motivo, que não fosse o desejo, ou, antes, a ambição de bem nos compenetrarmos do sentimento e da noção dos deveres da nossa classe para com a Patria, que só almeja engrandecer-se pelas obras da paz e da fraternidade internacional.

A vossa manifestação é acolhida com o mais alacre alvoroto pelo coração de todos os vossos camaradas das Linhas Telegraphicas, que se sentem felizes por verem quão sobejamente vós lhes retribuis a affeição verdadeiramente fraternal que elles sempre vos devotaram.

Em nome de todos elles, e no meu proprio, peço-vos que acceiteis, num demorado e mui cordial abraço, a expressão singela, mas verdadeira, dos nossos commovidos agradecimentos, pelo conforto que nos trouxestes de acceitar como vossa, e portanto como da nossa classe, os trabalhos e os esforços que realizámos nos sertões e nas fronteiras do Paiz, para obedecer a ordens do Governo da nossa Patria e para servil-a.

Photo. Com. Rondon *Conferencias*

Um aspecto original dos sertões de Matto-Grosso

A EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA ROOSEVELT-RONDON

I

No dia 4 de Outubro de 1913, chegava eu á estação de Barão de Melgaço, vindo da Barra dos Bugres, ponto extremo meridional das Linhas Telegraphicas de Matto Grosso ao Amazonas, cujas obras e serviços inspeccionára, quando recebi do Sr. Ministro das Relações Exteriores, Dr. Lauro Müller, um telegramma, convidando-me para acompanhar o ex-presidente dos Estados Unidos da America do Norte, Sr. Coronel Theodoro Roosevelt, na viagem que projectava realizar pelo interior do Brasil, até alcançar o territorio de Venezuela. Respondi, acceitando o honroso encargo; e no mesmo dia, segui em demanda do rio Commemoração de Floriano, que desci, servindo-me dos meios de transporte creados pela Commissão das Linhas Telegraphicas; entrei no Pimenta Bueno e em seguida no Gy-Paraná, em cuja foz encontrei o aviso "Cidade de Manáos", que me levou á Capital do Amazonas.

Attendendo á urgencia que havia, de providenciar sobre a organização de elementos indispensaveis á travessia da expedição, tomei desde logo algumas medidas que seriam aproveitaveis qualquer que viesse a ser o itinerario finalmente escolhido pelo eminente estadista americano, para sahir do massiço central do Brasil na bacia amazonica. De todos os caminhos que se poderiam seguir, pareceu-me preferivel um dos efferecidos pelos cursos do Arinos, Juruena, Papagaio e Duvida; por esse motivo, mandei preparar canoas á margem de cada um desses quatro rios, em pontos de facil accesso

para expedicionarios que penetrassem no Chapadão dos Parecis, vindos das cabeceiras do Paraguay.

Durante a minha viagem para Manáos, recebi communicação de que o projecto do Sr. Roosevelt era entrar no Amazonas pelo Tapajoz e neste pelo Arinos.

Mas, evidentemente, tal percurso, de novo, pouco poderia proporcionar a uma expedição que visava desvendar aspectos ainda desconhecidos dos nossos sertões. Decidi, pois, submetter á apreciação do nosso illustre hospede outros itinerarios, que poderiam com mais vantagem ser seguidos pela sua comitiva, e para esse fim telegraphei de Manáos para o Rio de Janeiro, ao Chefe da Secção de Desenho da Commissão Telegraphica, 1° Tenente Jaguaribe de Mattos, que lhe apresentasse, por intermedio do Ministerio do Exterior, as cartas geographicas traçadas no escriptorio technico com os elementos fornecidos pelas nossas explorações, indicando os seguintes percursos:

a) De S. Luiz de Caceres ou de Cuyabá, seguir pela estrada da Commissão das Linhas Telegraphicas até á estação "Barão de Melgaço", e ahi embarcar em batelões para descer os rios Commemoração de Floriano, Gy-Paraná e Madeira;

b) Seguir o mesmo itinerario até a estação "José Bonifacio", anterior á de "Barão de Melgaço", e dahi, ganhando o passo da Linha sobre o Duvida, descer e explorar este rio, que provavelmente levaria a comitiva ao Madeira;

c) Ganhar o Tapajoz, descendo o Juruena, e não o Arinos, que é caminho conhecido ha mais de um seculo, a ponto de ter servido por largo tempo de via commercial entre Pará e Matto Grosso;

d) De S. Luiz de Caceres passar para o valle do Guaporé; descer em lancha, a partir da Cidade de Matto Grosso, este rio e o Mamoré, até a cachoeira de Guajará Mirim; tomar ahi a estrada de ferro Madeira-Mamoré, para chegar á cidade de Santo Antonio do Madeira;

e) Finalmente, alcançar, pela estrada da Linha Telegraphica, o rio Papagaio, na estação de Utiarity, e por elle entrar no Tapajoz.

Destas cinco propostas, a que encerrava maiores difficuldades e imprevistos, era a relativa ao rio da Duvida; foi a escolhida pelo Sr. Roosevelt.

Ainda em viagem de Manáos para o Rio de Janeiro, onde cheguei a 11 de Novembro, organizei o quadro da Commissão Brasileira, escolhendo profissionaes que se pudessem encarregar, com o maior aproveitamento possivel para o Paiz, dos serviços de astronomia e determinação de coordenadas geographicas, de topographia, botanica, zoologia e geologia, além dos relativos á administração.

Destes meus dedicados auxiliares, os que se achavam no Rio de Janeiro seguiram, em turmas successivas, de 22 de Novembro a 5 de Dezembro, para Montevidéo, afim de dalli subirem o Paraguay, em demanda de Corumbá e de outros pontos em que deveriam aguardar a chegada da Expedição, aprestando os serviços de que se achavam encarregados. Quanto a mim, obrigado a demorar-me na Capital da Republica, para attender ás ultimas necessidades do apparelhamento dos meios indispensaveis ao bom exito da Commissão que me fôra confiada,, seguiria por terra o mais tarde possivel, mas ainda a tempo de descer o Paraguay e ir esperar a entrada do Sr. Roosevelt no territorio da nossa Patria; para me acompanharem nessa viagem, retive commigo o Capitão Amilcar Magalhães e o Dr. Euzebio de Oliveira, respectivamente ajudante e geologo da Expedição. Todos os volumes de material e bagagens seguiram tambem por agua, via Montevidéo.

A 28 de Novembro communicou-me o Ministerio do Exterior que o Sr. Roosevelt partiria de Buenos Ayres para Assumpção, no dia 4 ou 5 de Dezembro, e tres dias depois continuaria a subir o Paraguay, em demanda de Corumbá. De posse desse aviso, sahi do Rio de Janeiro para S. Paulo, no trem da noite de 2 de Dezembro, tendo antes tomado as providencias necessarias para poder viajar ininterruptamente pelas estradas de ferro Central do Brasil, Sorocabana, Noroeste e Itapura a Corumbá.

Ao anoitecer do dia 5, chegavamos á ponta dos trilhos da estrada Itapura a Corumbá, que se achava com a cons-

trucção um pouco além do Rio Verde, e isso mesmo tendo alguns kilometros ainda não consolidados e só trafegados por trens de lastro. Ahi organizámos a nossa marcha a cavallo, para alcançarmos o extremo da linha que se vinha construindo de Porto Esperança para Itapura. Percorremos, assim, 168 kilometros, até Campo Grande, onde chegámos ás 6 horas da manhã do dia 9. Tres horas depois, sahiamos de Campo Grande em trem especial, que nos levou a Porto Esperança, situado a 2.248 kilometros do Rio de Janeiro, e onde desembarcámos ás 11 horas da noite. Passámo-nos immediatamente para bordo do vapor "Nioac", do Lloyd Brasileiro, que, por ordem do Sr. Ministro do Exterior, aguardava, de fornalhas accesas, a nossa chegada, e démos ordem de zarpar ainda antes de começar a madrugada do dia 10. Pouco depois de uma hora da tarde de 11, ancoravamos defronte da foz do rio Apa, onde nos cumpria ficar á espera do Sr. Roosevelt e da sua comitiva.

Do ponto em que nos achavamos fundeados, o Paraguay extende-se para baixo, em longuissima recta, formando um desses trechos que, na pittoresca linguagem dos moradores das margens de rios, se designa pelo nome de — *estirão*.

Sabiamos que a Expedição Americana havia partido de Assumpção no dia 8, a bordo da canhoneira paraguaya "Adolpho Riquielme"; portanto, a menos que se désse algum contratempo nos dois baixios que difficultam a navegação do rio um pouco antes e acima da Cidade de Concepcion, não poderia tardar o momento, que todos nós anciosamente esperavamos, de avistarmos os nossos futuros hospedes. Nesta espectativa, alongavamos os olhos para o lado de onde elles deveriam vir, quasi afflictos por surprehender ao longe uma fumaça ou outro signal qualquer, que nos pudesse prenunciar a approximação do navio paraguayo. No fim de duas horas, descobrimos a silhueta dum vapor, que vinha subindo a toda velocidade; corremos a fazer os ultimos aprestos para a recepção, que julgavamos dever realizar-se dahi a pouco. No tombadilho do "Nioac", já envergando o uniforme branco designado para essa occasião, não desprendiamos a vista da embarcação, que, novo Protheu,

se nos afigurava mudar de fórma a cada instante, ora confirmando as nossas esperanças, ora desenganando-nos. Afinal, acabámos reconhecendo não ser o tão desejado "Riquielme", mas sim um rebocador carregado de indios Chamacocos, que passavam para algum estabelecimento industrial das margens do Paraguay e lá iam continuar o triste fadario de semi-escravisados de uma sociedade de extranhos, que transformaram as suas livres florestas numa patria madrasta, desaffectuosa e dura.

Assim passámos o dia e a noite de 11 de Dezembro. A manhã immediata já nos encontrou a postos, inspeccionando o caminho de Assumpção. As horas escoaram-se lentamente até ás 10, e já iam proseguindo na sua marcha fatal, quando todos nos alvorotámos, vendo apparecer ao fundo do estirão, um navio. Em breve descobrimos o pavilhão que tremulava no mastro de pôpa e por elle reconhecemos a canhoeira paraguaya.

A's 11 ½ a "Riquelme" estava a bombordo do "Nioac", e do seu portaló o Sr. Roosevelt correspondia aos acenos de antecipadas saudações que iamos levar a bordo, com os offerecimentos de affectuosa hospedagem que o Governo do meu Paiz lhe mandava offerecer. Ainda a ancora paraguaya não havia mordido o fundo do rio, e já eu, com os meus auxiliares, me dirigia para o navio, cujo tombadilho ia servir de palco ás cerimonias das primeiras apresentações que se tinham de fazer entre um estadista iniciado nos altos segredos do protocollo da diplomacia européa e um homem que, havia perto de 25 annos, vivia internado nos sertões, frequentando as *chancellarias* Borôros, Parecis e Nhambiquaras e aprimorando-se na etiqueta das respectivas *côrtes*. Comtudo, não me atormentavam os calefrios da estréa, porque, afinal, o conjuncto das circumstancias exteriores, que formam o meio em que temos de agir, nos amparam e ajudam a encontrar os gestos adequados ao momento que atravessamos; e si, quando nos cumprimentamos em borôro, logo nos dispomos a sentir o odôr acre de corpos nús, pintados de urucum, em compensação, quando trocamos amabilidades na lingua de Corneille e de Molière, insensivelmente somos arrastados para os

dominios das gentilezas e da graça, e sem esforço reencontramos as encantadoras filigranas de que se entretece a vida dos nossos salões.

Eis-me, pois, no tombadilho do navio de guerra paraguayo cumprimentando o Sr. Roosevelt em nome do Governo Brasileiro, reiterando-lhe o offerecimento da nossa hospitalidade e apresentando-lhe os membros da Commissão Brasileira, que, desde aquelle momento, ficavam ás suas ordens. O Sr. Roosevelt respondeu ás nossas palavras, não só com a distincção caracteristica do seu grande espirito e alta cultura, mas tambem com a afabilidade de um verdadeiro amigo da nossa terra e da nossa gente.

Era pensamento do Governo Brasileiro que alli mesmo, na foz do Apa, recebessemos a bordo do "Nioac" a Commissão Americana; mas, ao alludirmos a esta parte do nosso programma, vi que a officialidade paraguaya passaria por verdadeira decepção si fosse privada da honra de transportar o ex-presidente dos Estados Unidos até Corumbá. Como o desejo de todos colimava accordemente o mesmo objectivo, que era prestar homenagem ao nosso hospede, cedi o passo aos paraguayos, satisfeito de que o Destino tivesse sido tão benevolo para commigo a ponto de me proporcionar, logo da primeira vez que me encontrava em caracter official nesse paiz, occasião de manifestar os meus sentimentos de fraternidade para com o povo de fundo mais genuinamente americano dentre todos os que se formaram nestas terras de Colombo. Resolvido isto, pouco depois do meio-dia a "Riquelme" continuou a subir o rio, em direcção ao Brasil, e o "Nioac" seguiu-a de perto, comboiando-a.

Marchámos assim até quasi ás 2 horas da tarde, quando os dois navios pararam sobre machinas para o Sr. Roosevelt poder vir ao "Nioac" retribuir a visita que lhe fizeramos. Além das cortezias que então se trocaram entre brasileiros e americanos, ficou tambem assentado que o Sr. Rovelt, no dia immediato ao da sua chegada a Corumbá, partiria para a Fazenda das Palmeiras, no rio Taquary, em cujas terras faria as suas primeiras caçadas de onça. Dessa fazenda, iria á do Firme, ainda com o mesmo proposito de

matar onças. Do Firme, retrocederia a Corumbá, para entrar no rio Cuyabá, onde se acha a fazenda de S. João, na qual devia ser esperado pelo Presidente de Matto Grosso, Dr. Costa Marques, que lhe offerecia caçadas de onça, porco do matto e anta, além de um rodeio de seis mil rezes, em plena campanha raza. Depois, voltaria ao rio Paraguay, para, tomar o caminho de S. Luiz de Cáceres, visitando, de passagem, a fazenda do Descalvado. De S. Luiz de Cáceres, proseguiria, no dia seguinte, para Tapirapoam, caso não resolvesse caçar no rio Jaurú. No trajecto para Tapirapoam, talvez caçasse na fazenda do Barranco, no Porto do Campo e no sitio do Palmital. Por fim, de Tapirapoam seguiria a cavallo, através do Chapadão dos Parecis, até o rio da Duvida, que elle, commigo e uma parte das duas commissões, desceria em canôa, emquanto a outra parte iria até o Gy-Paraná, no qual embarcaria, dirigindo-se para o Madeira e Manáos, onde todos deveriam finalmente encontrar-se.

Chegámos a Porto Murtinho, onde fundeámos, indo nós a bordo do navio paraguayo, tomar parte num jantar offerecido pelo Sr. Roosevelt á Commissão Brasileira. No dia seguinte, démos um almoço no "Nioac", em homenagem á officialidade da "Riquielme".

A 14 estavamos em frente do legendario forte de Coimbra; o Sr. Roosevelt não o visitou, nem a famosa Gruta do Inferno, por considerar que o tempo de que dispunha para estar ausente da sua Patria, mal comportaria a realização do programma anteriormente traçado. Haviamos passado, ás duas da tarde, pelo marco da fronteira boliviana, na margem direita do Paraguay e só 24 horas depois começámos a avistar a cidade de Corumbá, em cujo porto entrou a "Requielme", comboiada por grande numero de embarcações, cheias de familias, que tinham sahido ao encontro do nosso illustre hospede.

Ainda a bordo, recebeu o Sr. Roosevelt os cumprimentos do commandante da flotilha de guerra do Brasil no rio Paraguay, transmittidos por um primeiro tenente da nossa Armada, e em terra foi acolhido pelo commandante e offi-

cialidade da 13ª Região Militar, pela Camara Municipal, autoridades federaes e estaduaes e por toda a população da cidade, que se entregava a manifestações de regozijo por hospedar o eminente homem de Estado.

Na manhã de 16, offereceu a Commissão Brasileira á officialidade do navio Paraguay um almoço de despedida, do qual participou o Sr. Roosevelt e sua comitiva, sendo levantado o brinde de honra á Republica que, ainda uma vez, se irmanava comnosco, tomando parte tão brilhante nas homenagens prestadas ao estadista mais representativo, no momento actual, da politica de fraternidade americana.

Esse dia permanecemos em Corumbá, verificando os volumes da Commissão Americana e examinando a conveniencia e a propriedade dos artigos que ella destinava a serem utilisados no sertão. Mas, na manhã seguinte, tendo-me apresentado ao Sr. Roosevelt, prompto a embarcar quando elle o desejasse, tomámos o "Nioac" e seguimos para o Taquary, rio que entra no Paraguay por varios braços, um dos quaes se chama Riosinho. E' neste braço que se acha o porto da Fazenda das Palmeiras, para onde nos dirigimos. Mas, antes de o attingirmos, ás 5 ½ da tarde, avistámos, de bordo, um tamanduá-bandeira que, no seu andar desageitado, de pequenos pulos, vagueava pelo campo. Era este um dos especimens da nossa fauna que o Sr. Roosevelt desejava obter para as collecções zoologicas do Muzeu de Historia Natural de New-York. Mandei parar o navio e saltámos para terra; os cachorros já corriam, embaraçando a fuga do esquisito quadrupede; Kermit, o Dr. Soledade e eu completámos o cerco e o Sr. Roosevelt atirou com a sua Springfield, carabina do typo das uzadas no exercito norte-americano, muito precisa e de admiravel penetração. O animal cahiu, e nós, animados pelo feliz inicio que assim tinham as caçadas do nosso hospede, felicitámol-o; elle a todos correspondeu com grande satisfação, aliás muito justificada pela belleza do exemplar que acabava de adquirir, digno, na verdade, de fornecer a pelle que ha de recommendar aos New-Yorkinos admirados, toda a raça dos tamanduás sul-americanos.

Ao anoitecer, o "Nioac" atracava no porto do Riosinho e na manhã seguinte o Sr. Roosevelt seguia para a Fazenda das Palmeiras, emquanto eu e o Capitão Amilcar ficavamos para traz, porque iamos levantando o caminho lançado através do pantanal. No mesmo dia, preparei os elementos necessarios para se iniciarem, na manhã seguinte, as caçadas de onça e adoptei, para eliminar, tanto quanto possivel, as possibilidades de um desastre pessoal, as providencias indicadas pela experiencia dos que praticam esse perigoso desporto.

Aos que não conhecem o felino americano sinão de nome, ou por o terem visto modorrento e acovardado no fundo de alguma jaula, ou ainda mais inoffensivo nas salas dos museus, com os grandes olhos de vidro muito arregalados e as fauces escancaradas, mostrando as grandes presas, que muita gente animosamente arrancaria para mandar encastoar de ouro, inequivocos trophéos de espantosas aventuras—direi que as onças se classificam em tres grandes grupos: o das suçuaranas, o das pintadas e o das pretas.

As do primeiro, tambem designadas pelo nome de pumas e de leões (com certeza para se não desmentir a regra de estarem os nomes suggestivos em contradicção com o caracter dos individuos a que se applicam), são as mais generalisadas, e, conforme a latitude da região em que se encontram, apresentam variedades de côres: do vermelho escuro, degradam-se para o amarellado, quando habitam os pampas do Sul, e, do lado do Norte, no Amazonas, carregam-se de uma lista escura, que lhes corre ao comprido do lombo e de algumas rajas da mesma tonalidade.

O grupo das pintadas subdivide-se tambem em tres variedades: uma de malhas largas, sobre fundo esbranquiçado; outra de malhas pretas grandes, sobre fundo avermelhado; a terceira, com pintas pretas, pequenas, sobre fundo vermelho mais claro do que a precedente e de menor tamanho que ella. As duas ultimas são as chamadas canguçús; distinguem-se uma da outra, accrescentando-se ao nome commum o qualificativo indigena — *assú*—, para designar, como é sabido, a maior.

No pantanal do Paraguay, até á mata da Poaya, encontram-se as pintadas da primeira e da segunda variedade; as da terceira vivem no Amazonas, no alto sertão do massiço central e no planalto da serra de Maracajú, onde são pouco frequentes.

O grupo das pretas existe como aggregado ao das pintadas; o seu pello apresenta-se com malhas côr de chocolate ou de pó de café, sobre fundo negro, carregado.

Comquanto a esta se dê, commumente, o nome de tigre, não é ella a mais bravia, nem a mais audaciosa; taes predicados pertencem, de todo o direito, á canguçú-assú, de cabeça enorme, patas largas, garras poderosissimas, braços grossos como coxas de um athleta, e de tamanho e peso eguaes aos de uma leôa africana, na opinião do Sr. Roosevelt.

A caçada deste felino apresenta, em certos casos, sérios perigos. Si, no momesto em que os cães o encontram e perseguem, elle se acha com o estomago repleto, por ter saciado a natural voracidade nas carnes de alguma victima anteriormente sacrificada, é commum vêl-o trepar aos galhos da primeira arvore que se lhe depara, e lá de cima ficar quietamente observando o que se passa em torno do seu refugio, indifferente ás arremettidas da matilha e até á aproximação do caçador; em occasiões taes, abatel-o é operação facil e segura, que se leva a termo sem o menor risco.

Mas, si a canguçú é surprehendida batendo campo, as cousas mudam de figura. E' a fome que a faz andar, e o felino com fome é féra irritada, emprehendedora e audaz. Enfrenta os cachorros, com resolução aggressiva, e se algum delles, mais afoito ou pouco experiente, não sabe guardar a distancia conveniente, de um só golpe do braço formidavel é atirado pelos ares e cahe ao longe, com ossos quebrados, ensanguentado, quasi sempre morto.

Não se precisa ser um Nemrod para saber que o caçador, apenas reconhece pelos latidos da sua matilha estar a féra acuada, corre para o lugar em que ella se acha, procurando chegar a tempo de evitar o sacrificio de algum cão.

Quando o homem e a onça se defrontam não mais esta

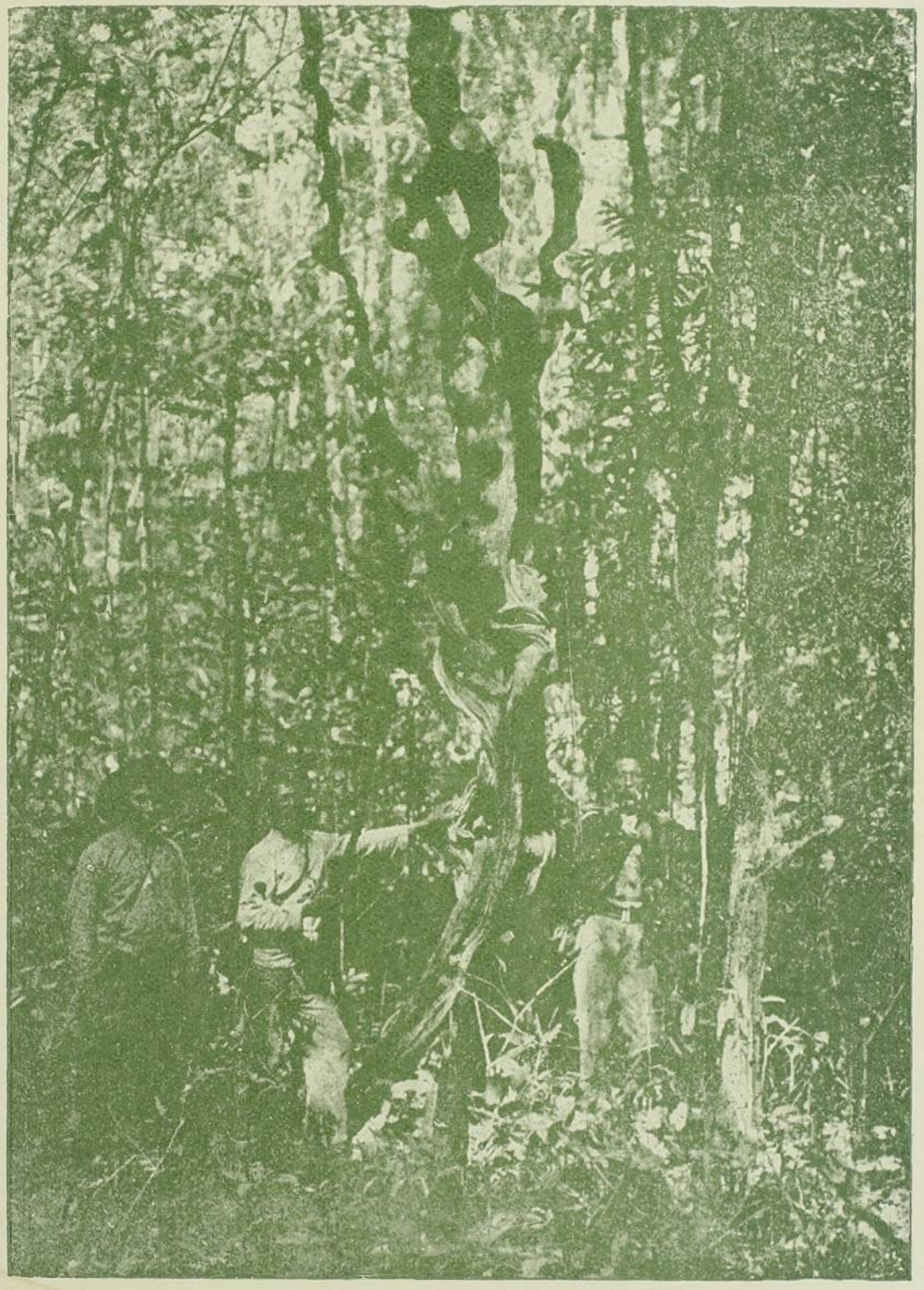


Photo. Com. Rondon *Conferencias*

Cipó escada nas matas do rio Camararé

se preoccupa com a matilha: fixa a attenção no principal inimigo, estudando o meio de o subjugar. Agora, é preciso ter calma, pontaria firme e resolução: ás pernas não se deve pedir, nesses instantes, mais do que a força para sutentarem o corpo immovel, sem tremores, que comprometteriam a justeza do tiro; e ainda que pudessemos merecer o epitheto de velocipedes, como o grande heróe de Homero, de nada nos valeria correr, — porque si não matarmos, seremos mortos.

O caçador, no emtanto, não se apressa a atirar; seria muitissimo perigoso errar o alvo. Elle procura, pois, a melhor posição e o instante mais opportuno para ferir de morte o animal, logo ao primeiro golpe. Mas é forçoso estar attento: si a féra entra a agitar a cauda, não ha tempo a perder: ou uma bala certeira a fulmina, ou ella parte para o caçador, rapida como uma flecha, em espantosos saltos de felino enraivecido, atirando-se sobre a presa. No ultimo salto, a onça, erguida sobre as patas trazeiras, está rente á sua victima, subjuga-a pelos hombros, com as garras poderosissimas, e com os dentes formidaveis esmigalha-lhe o craneo.

As caçadas de onça não são, pois, isentas de perigos, para um homem só e armado de carabina. Por isso, em Matto Grosso, os caçadores prudentes se fazem acompanhar do que lá chamam um *azagaieiro,* nome derivado de azagaia, ou lança curta, cujo ferro tem na base um travessão, de modo que só até elle póde a choupa, regularmente comprida, penetrar no corpo do animal.

O azagaieiro está ao lado do caçador; mas si, por qualquer motivo, a onça investe, o seu dever é passar, rapido e resoluto, para a frente, attrahindo sobre si a attenção do animal. Com a azagaia em riste, firme, sem procurar atirar golpes, que seriam infallivelmente rebatidos com uma pancada de braço do felino, espera que este, levantando-se sobre as pernas e jogando a parte dianteira do corpo para o amplexo fatal, venha, por si mesmo, espetar-se no ferro, que lhe é apresentado.

Assim o aggressor, cégo de furia, além de ferido, fica a distancia de se não poder utilisar das garras, porque o tra-

vessão da lança impede a haste de varar as carnes, no ponto attingido, dando ao homem a certeza de ter a sua arma livre e desembaraçada para novo assalto. A féra cahe; mas, ainda cheia de vigor, volta ao ataque, com redobrado impeto; fere-se de novo e de novo tomba, e nesta luta porfia até que o atirador possa encontrar occasião favoravel para a fulminar com um tiro.

Como se vê, a funcção do azagaieiro não é matar, mas simplesmente proteger o caçador durante o tempo em que este é obrigado a conservar na mão a espingarda como arma inerte e inutilisavel. Comtudo, por divertimento ou por bravata, ha homens que só com a azagaia vão procurar onças, obrigam-nas a acceitar o combate e acabam matando-as. Semelhante façanha tem muito de temeraria, e nisto com certeza, reside o encanto que nella encontram os que a praticam.

Verdade é que, mesmo quando cooperam os dois caçadores, ainda se podem dar graves accidentes.

Relatarei um, occorrido ha tempos, na região em que o Sr. Roosevelt ia caçar.

Certo dia, o criador Cyriaco Rondon notou que, nos campos da sua fazenda, as rezes estavam sendo perseguidas e dizimadas por onça. Mandou, pois, a caçadores procurar o seu rasto, para, seguindo por elle, descobril-a e matal-a. Para tal fim, fazendo-se acompanhar da necessaria matilha, sahiram dois homens: um caboclo, armado de espingarda *picapau* e um indio guaycurú, perito azagaieiro. Com facilidade, os cachorros descobriram os rastos do carnivoro, que logo depois estava acuado no interior de pequeno capão de mato.

Tratava-se de uma canguçú que tinha de proteger e defender a sua prole, um casal de oncinhas que se havia refugiado em espessa touceira de gravatá. Os caçadores dirigiram-se para alli e quando procuravam avistal-a, eis que de repente a veem surgir do meio da intrincada vegetação com tal furia e rapidez, que o guaycurú não teve tempo de se utilisar da sua arma. Mas, no instante em que ella, levantando-se sobre as patas, ia agarrar o pobre indio pelo hombro, este segurou-lhe os braços possantes e, com esforço herculeo, susteve-a no ar. O animal, enfurecido, debatia-

se desesperadamente e, com as garras dos pés, dilacerava as carnes das coxas e das pernas do seu impavido antagonista. O companheiro deste, aterrorisado com a vista de tal scena, não se animava a soccorrel-o; de longe ouvia o outro gritar-lhe que nada havia a temer, porque a onça estava segura. Afinal, como a luta se prolongasse, o caboclo acabou recobrando animo: aproximou-se e desfechou o tiro da sua espingarda; os grãos de chumbo attingiram a cara e talvez os olhos de féra e ella, com a dôr, fez um esforço supremo, conseguindo soltar-se das mãos do indio e fugir para o mato, em cuja espessura desappareceu. O heróe desta luta selvagem foi dalli transportado a braços para a fazenda, onde chegou quasi morto; mas, depois de longo tratamento, conseguio salvar-se.

Agora, podemos todos comprehender quaes foram as providencias adoptadas para poupar-nos o desgosto de ter de lamentar algum desastre nas caçadas do Sr. Roosevelt. Feitos todos os aprestos, na madrugada de 19 de Dezembro sahimos para o campo. A turma compunha-se do Chefe americano, do seu filho Kermit, de mim e de dois azagaieiros; não convinha que ella fosse mais numerosa, porque os grupos grandes só servem para espantar as caças. Levavamos, é bem de vêr, uma boa matilha, dos melhores onceiros que eu conhecia em Matto Grosso e que reuni expressamente para esse fim, fazendo-os vir de lugares distantes.

No emtanto, não conseguimos encontrar nesse dia mais do que um tamanduá, do sexo feminino, que foi abatido pelo Sr. Kermit.

Para evitar outras caminhadas improficuas, mandei no dia seguinte um dos azagaieiros correr os campos denominados Miguel Henrique, a vêr se encontrava signaes recentes da presença de onças. O homem voltou com a noticia de haver descoberto rastos da noite precedente, reveladores da passagem de um casal daquelles felinos para um capão de mato, onde elles tinham o seu refugio. Para esse lugar partimos na madrugada de 21 e, pouco depois das 6 horas, descobriamos a primeira onça, um bello specimen da nossa temivel canguçú, que foi abatida por uma bala certeira da

Spring-field do Sr. Roosevelt. No dia immediato, tomámos rumo do Taquary-velho e descobrimos a segunda onça, que foi morta pelo Sr. Kermit, a tiro de Winchester.

As terras da Fazenda das Palmeiras comprehendem tres especies de campos: os primeiros, rasos e totalmente descobertos, margeiam o Paraguay e o Taquary, cujas aguas os invadem e cobrem desde o principio das enchentes; os segundos, menos baixos, mas brejosos, apresentam-se entremeados de capões de mato, em que abunda o arbusto pipiri, da familia das ciperaceas; e finalmente os *firmes* ou altos, nunca attingidos pelas inundações, ultimo refugio do gado durante as grandes cheias do pantanal. Estes são dos chamados *caradanzaes,* porque nelles cresce o carandá, uma das mais bellas palmeiras das nossas florestas.

Semelhante variedade de terras permitte viverem alli, quasi associados, os mais diversos representantes da riquissima fauna brasileira. Por isso, nos poucos dias que nos demorámos nesta fazenda, todas as turmas de caçadores, em que se haviam subdividido as duas commissões, puderam apanhar exemplares de passaros, quadrupedes e quadrumanos, que em outras regiões vivem separados, conforme os seus habitos de aquaticos, de campestres ou de florestaes. As pelles de todos os animaes que se mataram foram cuidadosamente preparadas por profissionaes americanos e brasileiros, para serem posteriormente entregues aos museus de New-York e do Rio de Janeiro. Este era, de facto, o objectivo real da viagem emprehendida pelo Sr. Roosevelt; apaixonado pelos estudos da Historia Natural, elle viera ao Brasil, só movido pelo desejo de enriquecer as collecções zoologicas do principal museu da sua Patria, com os specimens que lhe faltavam; e destas faltas a que elle mais se empenhava por fazer desapparecer eram as relativas ao nosso jaguar, ao tamanduá, á capivara, á anta ou tapir, e ao queixada.

Tendo, pois, obtido um casal de canguçús, e outros exemplares de tamanduás e de capivaras, o Sr. Roosevelt declarou achar-se plenamente satisfeito no que dizia respeito a esse ponto; não havia necessidade de ir á fazenda Firme, onde as onças nunca faltam: as caçadas só lhe interessavam como meio de

fornecer elementos para a divulgação de conhecimentos uteis e não com o fim de elle revelar habilidades de atirador ou passar aventuras inauditas que obrigassem o mundo embasbacado a proclamal-o campeão do tiro ou o *primo inter pares* dos desabusados matadores de féras.

Demais, a situação politica creada nos Estados Unidos pelos acontecimentos relativos á intervenção no Mexico, enchia o seu espirito de constantes preoccupações; os deveres e responsabilidades que lhe competiam como homem publico e chefe de partido, elle os tinha sempre presentes, não só porque os via e conhecia, como tambem porque recebia da patria incessantes chamados de correligionarios, reclamando contra a sua ausencia em momento tão grave para a vida da nação. Por isso, o seu maior esforço era apressar a terminação da empreza iniciada no Brasil, de modo a poder regressar quanto antes para New-York; e para obter semelhante resultado, não hesitou em sacrificar, desde que entrou no Brasil até que daqui sahio, tudo quanto lhe parecia não ser estrictamente indispensavel á caracterização dos traços geraes da Expedição.

Portanto, na tarde de 23, o "Nioac" zarpava do porto da Fazenda das Palmeiras, levando o nosso hospede e toda a sua comitiva, rumo da de S. João, onde nos devia estar esperando o Presidente do Estado de Matto Grosso. Na manhã de 27, começámos a subir o rio Cuyabá; mas, como era preciso não chegarmos antes de haver luz para tirarmos photographias, o navio ancorou ás 8 horas da noite em frente ao Aterradinho, nome que lembra os trabalhos dos primitivos moradores desta região, na luta para alargarem, á custa dos pantanaes, as áreas dos *firmes* ou cumes das pequenas elevações que, por ficarem enxutas quando os rios transbordam e extendem as suas aguas pela vastidão immensa dos campos, offerecem os unicos pontos em que se podem salvar de morrer afogados os habitantes de todo o territorio submergido.

Ao romper do dia 28, continuámos a subir o Cuyabá; avistámos, á nossa esquerda, uma aldeia de indios Guatós, os "eternos canoeiros" de Couto de Magalhães e, antes das nove horas, descobrimos o navio "Matto Grosso", acompanhado de uma lancha, embarcação em que vinham o Presidente do Es-

tado e pessoas da sua comitiva, desejosos de antecipar os cumprimentos e finezas com que iam acolher o illustre hospede do Brasil.

Ainda nesse dia, os Srs. Roosevelt e Costa Marques, fizeram commigo, uma pequena excursão venatoria; mas, no immediato, 29 de Dezembro, choveu tanto, que não foi possivel tirar partido das caçadas, nem assistir ao rodeio em que deveriam figurar seis mil rezes, tocadas e reunidas por vaqueanos a cavallo.

O Sr. Roosevelt desejou descer o Cuyabá, sem mais delonga; mas isso só foi possivel fazer-se na manhã de 30. Comtudo, ainda parámos em pontos das margens do S. Lourenço, que nos pareceram favoraveis a caçadas de especimens zoologicos proprios dos pantanaes.

Em primeiro de Janeiro, subindo esse mesmo rio, resolvemos fazer uma nova batida ás onças. Soltámos os cães na margem esquerda, emquanto os caçadores seguiam agua a baixo, em chalanas. Pouco antes das 7 horas, tendo os onceiros dado signal de haverem encontrado rasto, saltámos em terra e embrenhámo-nos, pantanal a dentro, na direcção de onde nos vinha o som dos latidos. A' medida que avançavamos, novas difficuldades surgiam, oppondo-se á nossa marcha: ora tinhamos de desenvincilhar-nos da insidiosa falta de resistencia de atoleiros immensos, formidaveis inimigos que vencem, cedendo; logo depois, eramos obrigados a immergir em extensos macegaes, inextricavel espessura que só podiamos romper com a força dos nossos proprios corpos, embora os pés se nos embaraçassem a cada passo no emaranhado dos caniços já dobrados e calcados; seguiam-se as corixas, depressões do terreno por onde, ao entrar o estio, vazam as ultimas aguas das inundações, recolhendo-se aos leitos dos rios: as enchentes, porém, annunciam-se, invadindo-as, e nós as encontravamos como grandes ribeirões, que atravessavamos a nado, erguendo as espingardas numa das mãos, para se não molharem. O sol já ia alto, o calor atormentava-nos; nenhum de nós, porém, pensava em desistir da esperança de alcançar duas onças que, reconheciamol-o pelos rastos, iam á nossa frente, seguidas de perto pelos cães, internando-se cada vez

mais na vastidão do pantanal. Eram naturalmente alguns desses felinos velhacos, já batidos pelos caçadores das fazendas vizinhas. Fugiam, sem acceitar o combate.

Estavamos sem almoço; dois dos nossos companheiros, ambos brasileiros, sentiam esmorecerem-se-lhes as forças; o Sr. Roosevelt, porém, e o seu filho continuavam vigorosos e resistiam admiravelmente á fadiga da penosa caminhada. Ao meio dia, chegámos á margem de uma grande corixa: propuz ao Snr. Roosevelt pararmos alli, emquanto o seu filho, com os dois azagaieiros, proseguiam a caçada. Tendo sido acceito esse alvitre, ficámos á espera de Kermit quasi duas horas; por fim, resolvemos voltar ao rio, sahindo muito acima do ponto onde haviamos desembarcado pela manhã.

Anteriormente, tinha eu mandado um dos meus homens dizer ao commandante do "Nioac" que fizesse subir a lancha até o lugar em que esperavamos sahir, por caminho muito mais curto do que o percorrido durante a investida. Conseguimos, pois, o Snr. Roosevelt e eu, ás 5 horas da tarde, pisar novamente o tombadilho do nosso navio; mas os nossos dois companheiros ficaram para traz, cahidos sem forças, á espera de serem soccorridos com alimentos, que lhes fizemos chegar por um proprio enviado de bordo. Finalmente, ao anoitecer, recolhiam-se todos ao "Nioac", inclusive o Sr. Kermit, que nos informou ter sido impossivel avistar as onças, porque os cães esfalfados, acabaram perdendo a coragem e recusando-se a continuar a perseguição.

Insistimos neste incidente, para ficarmos dispensados de fazer novas referencias á capacidade de resistencia physica de que é dotado o Snr. Roosevelt e da qual elle, em todo o decurso da Expedição, deu provas, que nos deixaram maravilhados de tanto vigor em um homem com mais de cincoenta annos de idade, acostumado á vida das cidades e aos trabalhos de gabinete. E o mais interessante é que elle, no meio das fadigas e incommodos das grandes viagens, a pé, a cavallo ou em canôa, debaixo de enormes aguaceiros, umas vezes, e outras sob soalheiras insupportaveis, nunca interrompeu os seus antigos habitos de intellectual e revelou ser um apaixonado devorador de livros. Para isso, na sua bagagem, e

como parte essencial della, figuravam caixas contendo grande numero de obras recentemente editadas, das quaes umas versavam sobre politica, outras sobre questões sociaes e muitas sobre assumptos do dominio da historia natural. Um volume de alguma dessas obras, elle o tinha sempre comsigo: apenas chegado a um pouso ou a qualquer lugar de alta momentanea, bastava, muitas vezes, forrar-se o chão com um couro, para, extendido sobre elle, o nosso hospede reencetar a sua leitura, como se nenhuma outra cousa o viesse preoccupando sinão encontrar aquelle ensejo para continuar a tarefa interrompida.

Depois da trabalhosa e improficua jornada de 1º de Janeiro, descemos o S. Lourenço e entrámos de novo no rio Paraguay, tomando o rumo de S. Luiz de Caceres, aguas acima.

Nesta época do anno, o pantanal, invadido pelas aguas que se extendem a perder de vista, terras a dentro, coleando por entre os *firmes* coroados de verdura, apresenta-se como um lago immenso de superficie serena em que se espelham as bellissimas palmas dos carandás e dos uacuris, de fuste esbelto, lançado para o alto. A vida de toda aquella dilatada região concentra-se nesses encantadores refugios, emergidos do seio da portentosa inundação: na espessura dos seus arvoredos, vagueia o jaguar famulento, bramindo sob o aguilhão do desejo sexual, que o faz, mais do que nunca, temeroso, emquanto pelas ramadas, saltam os grotescos bugios ou pousam os negros bandos de biguás, em contraste com as garças de pennas alvissimas. O romper do dia, tingindo o céo, as terras e o longuissimo lençol dagua, de mil côres cambiantes, pondo nuns lugares sombras profundas e noutros claridades resplandecentes, debruando a brancura lactea de uma núvem com a vermelhidão mordente de uma braza, marchetando douro as ondas esmeraldinas da folhagem, arrebata-nos a imaginação e atira-nos para fóra do circulo em que vivemos fechados pelo jogo regular dos sentidos e da reflexão. O Snr. Roosevelt extasiava-se diante do maravilhoso espectaculo e declarava-nos que nunca em sua vida experimentara emoção igual á que sentia vendo aquelles quadros da natureza da nossa Patria.

Na tarde de 4 de Janeiro, fundeavamos no porto da Fazenda do Descalvado, actual propriedade do Snr. Farquahr, que a adquiriu do Syndicato Belga "Produits Cibilis" ha, pouco mais ou menos, dois annos. O seu primeiro proprietario formou-a com o auxilio dos indios Borôros da Campanha, e nos seus campos, de mais de 200 leguas quadradas, existiram cerca de 600 mil rezes, das quaes, dizem, algumas vieram tocadas da Fazenda Nacional de Caissara. Aliás, arrebanhar gado de propriedade do Governo constituio profissão, não só rendosa, mas sobretudo pacifica, de brasileiros e até de bolivianos; difficil, só era tirar alguns bois de estabelecimentos particulares, porque a isso se dava o nome de roubo e quem o praticava era chamado ladrão e como tal tratado. Por morte do opulento proprietario, os seus herdeiros venderam o Descalvado, como cousa de somenos valor, á firma commercial Cibilis & Cia., da Republica Argentina, e essa firma revendeu-o ao já alludido Syndicato, do qual fez parte o rei Leopoldo. Os belgas exploraram os rebanhos da enorme fazenda durante 30 annos, matando sem methodo nem escolha, todas as rezes que vinham no rodeio; ainda assim, não conseguiram extinguir a criação: reduziram-na a menos de 100 mil cabeças. Os novos proprietarios projectam continuar a industria da fabricação do extracto liquido de carne, que era a dos belgas; mas, por emquanto, estão repovoando os campos.

Ahi, o Snr. Roosevelt teve carinhosa recepção dos seus patricios, o administrador do estabelecimento e um cow-boy do Texas, encarregado de superintender o serviço dos campeiros, quasi todos de nacionalidade paraguaya. Os melhores vaqueanos, foram-lhe pessoalmente apresentados e elle fallou-lhes com muita sympathia sobre os misteres da profissão que estavam exercendo.

Proseguindo a viagem, chegámos, na tarde do dia 5, á cidade de S. Luiz de Cáceres, cuja população, bem como a officialidade do 5º Batalhão de Engenharia, prestou as costumadas homenagens ao nosso hospede. Dahi sahimos na manhã seguinte, continuando a subir o Paraguay, em demanda do Porto do Campo, no rio Sepotuba, onde chegámos depois das 3 horas da tarde de 7 de Janeiro.

O "Nioac" não podia ir além; desembarcámos, pois, e pela primeira vez armámos as barracas, formando acampamento para a quasi totalidade do pessoal da Expedição. Permanecemos nesse acampamento, até o dia 13, não só afim de dar tempo á lancha "Anjo da Ventura", propriedade da Casa Dulce, de Cáceres, para fazer o transporte de toda a carga e de parte do contingente de Porto do Campo para Tapirapoan, como tambem para completar a collecção de grandes mammiferos que o Sr. Roosevelt estava fazendo. Nas diversas caçadas que realizámos durante esses dias, matámos veados, porcos do mato, antas e macacos.

Afinal, desarmámos as barracas no dia 13 e seguimos para Tapirapoan, perto do Sepotuba, aberto em 1908 pela Commissão das Linhas Telegraphicas, para attender ás necessidades do aprovisionamento dos seus trabalhos no Chapadão dos Parecis, até muito além do rio Jeruena e da Serra do Norte. Alli chegámos pouco antes do meio dia de 16 de Janeiro, iniciando-se lógo a preparação das cargas e das tropas que tinham de partir com a Expedição para o interior do sertão. Foi necessario subdividir a carga de varios caixões da Commissão Americana, de modo a acondicional-a em volumes de peso proporcionado ao esforço que se póde exigir de animaes que vão ser obrigados a percorrer mais de 600 kilometros através de campos pauperrimos de gramineas forrageiras.

Eu conseguira fazer reunir em Tapirapoan, para os serviços de transporte, 110 muares e 70 bois cargueiros. Para organizar e expedir os varios lotes dessa tropa, com 360 volumes grandes e muitos outros, menores, de sobrecarga, foram necessarios cinco dias de trabalhos incessantes. Emquanto isso, os naturalistas iam augmentando as suas collecções zoologicas, pela acquisição de novos exemplares ,alguns dos quaes caçados pelos Snrs. Roosevelt e Kermit.

Adoptaram-se tambem medidas indicadas pela opportunidade das circumstancias presentes, para obter o acceleramento na marcha da Expedição, desejado pelo Sr. Roosevelt. Formámos duas turmas, que deviam avançar separadamente através do sertão, até se encontrarem de novo, na estação de

José Bonifacio. A primeira, chefiada pelo ex-presidente dos E. Unidos, auxiliado por mim, seguiria pela estrada de abastecimento da Commissão das Linhas Telegraphicas, passando por Utiarity; a segunda, sob a chefia do Capitão Ajudante Amilcar de Magalhães, tomaria caminho mais directo, pelas cabeceiras dos rios Verde, Sacre, Papagaio, Burity e Sauêuiná, para chegar a Juruena a tempo de proseguir dahi por deante com um avanço de, pelo menos, 24 horas sobre a primeira: deste modo, o Sr. Roosevelt não passaria pelo dissabôr de vêr a sua marcha detida por algum embaraço da estrada, porque, antes, o Capitão Amilcar, que se encarregara da reparação e concerto das pontes e estivados, já o teria removido.

Por fim, á uma hora da tarde do dia 21 de Janeiro, dada a ordem, os que constituiamos a primeira turma da Expedição, cavalgavamos as nossas montarias e partiamos de Tapirapoan, em direcção ao lugar denominado Salto, ainda no rio Sepotuba.

Ahi chegámos ás 4 horas da tarde, depois de um percurso de 27 kilometros; armámos o nosso acampamento e provámos as primeiras sensações da vida errante e incerta dos sertanistas, tão trabalhosa e cheia de imprevisto, tão exigente de iniciativas promptas e energicas, tão incompativel com o esmorecimento da vontade e da coragem e tão opposta ás commodidades, á calma e á regularidade da nossa vida civilizada, que se tem de escoar, placida e aconchegada, entre diques protectores de todas as fragilidades, para poder desabrochar na florescencia exuberante e bella da poesia, da sciencia e da industria. Comtudo, nós nos esforçavamos por proporcionar aos nossos hospedes confortos excepcionaes, nunca vistos em tal scenario e em taes occasiões. Para o eminente Chefe americano e para o padre Zahm, fizera eu incluir entre os volumes de nossa bagagem de urgencia, duas cadeiras de campanha. Ao saber disso, o Snr. Roosevelt declarou-me peremptoriamente que, emquanto estivesse no sertão, nada aceitaria e nada faria que tivesse a apparencia de uma regalia dispensada á sua pessoa, e que, portanto, assim como me visse assentar, tambem se assentaria. Eu, que me

não queria privar do gôzo de vêr executada a minha engenhosa lembrança, tive de ceder, mandando elevar a tres o numero das cadeiras. Por isso, quando nos punhamos á mesa, para saborearmos as iguarias apressadamente chamuscadas por um mestre *cook,* muito bem intencionado, mas insensivel ás glorias e aos remorsos de um Vatel, ficavamos com a baixella ao nivel dos nossos pés, disposta sobre dous couros crús, que forravam o chão. Em torno dos couros, assentavam á moda civilizada de Yêdo e de Tókio, uns com alguma elegancia, outros totalmente canhestros; os demais convivas honravam a nossa mesa, com aquella jovialidade que só pode ser preparada pelo exercicio das longas marchas a céo aberto, respirando-se o ar livre e oxygenado das matas virgens e bebendo-se as aguas correntes dos ribeirões que passam sob a folhagem umbrósa de arvores seculares.

Do acampamento do Salto, proseguimos, na manhã seguinte, a nossa marcha para o interior do Sertão; passámos por Aldeia Queimada no dia 23, onde recebi pedido de exoneração, que concedi, do Dr. Fernando Soledade, Tenente Luiz Thomaz Reis e Botanico Hœhne, membros da Commissão brasileira, que vinham com a turma chefiada pelo Capitão Amilcar Magalhães, meu dedicado e diligentissimo ajudante. Dois dias depois, acampavamos na cabeceira da Mandioca, nome dado pelos primeiros exploradores de seringa do rio Sacre, para lembrar que ahi encontraram as roças de uma aldeia de Parecis, cujo auxilio lhes era indispensavel para se poderem manter no sertão. Nesse acampamento, fomos alcançados pelos caminhões automoveis do serviço das Linhas Telegraphicas, que vinham de Tapirapoan e seguiam para Utiarity, carregados com volumes da Expedição. Ao padre Zahm, occorreu então a ideia de se aproveitar desse meio de transporte, que se lhe afigurou menos molesto do que a andadura do animal de sua montaria. Feita esta combinação, na manhã seguinte elle embarcou no vehiculo, rumo de Utiarity; acompanharam-no o enfermeiro Jacob Sigg e os naturalistas George Cherrie e Leo Miller, cujos trabalhos de colligir passaros e mammiferos eram, de facto, perturbados

pelas marchas que se iniciavam ás primeiras horas da manhã e se prolongavam até o findar do dia.

Nos acampamentos, o Coronel Roosevelt destinava sempre algum tempo á elaboração de um livro, que depois fez publicar, dedicado á exposição de trabalhos de sua viagem através dos sertões brasileiros. Inicialmente, elle escolhera, para designar o conjuncto desses trabalhos, o titulo — "Expedição Sul Americana do Coronel Roosevelt, para o Muzeu de Historia Natural da America" —; mas, posteriormente, resolveu trocar esse titulo pelo de "Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon", adoptado pelo Governo Brasileiro. No acampamento do dia 27, redigio as paginas em que explica os motivos desta substituição de nomes e faz outras explanações sobre a natureza e os fins da Expedição, visando precaver-se contra futuros commentarios e interpretações, mais ou menos malevolos.

Nós, que desde Aldeia Queimada vinhamos seguindo a estrada de automoveis lançada no rumo do Norte, entre o rio Verde e o Sangue, entrámos, pela manhã de 29, no picadão da Linha Telegraphica, que deveriamos não mais abandonar até o momento de embarcarmos nas canôas do rio da Duvida. Começámos a encontrar os grupos de indios Parecis, que se empregam, ha já cinco annos, nos serviços da conservação da Linha e á tarde chegámos ao rio Sacre, ou Timalatiá, no ponto em que elle, com a largura de 130 metros se precipita da altura de 40, formando o surprehendente Salto Bello, cuja energia mechanica equivale á de 30.000 cavallos.

Os indios, dirigidos por um empregado do telegrapho, já tinham preparado o acampamento que nos era destinado, armando as respectivas barracas sobre um dos lados do picadão e erguendo dois mastros, com as bandeiras brasileira e americana. Defronte, estavam as casas da aldeia Pareci, e por detraz della, via-se o Salto.

Fomos admiral-o de mais perto. O Sr. Roosevelt discorria com enthusiasmo sobre as bellezas naturaes que alli se accumulavam e, perscrutando o futuro com o seu olhar penetrante de homem culto e de verdadeiro estadista, comprazia-se em retraçar o quadro maravilhoso em que a indus-

tria do homem transformará este pedaço da nossa Patria, assim que quizermos aproveitar as facilidades offerecidas pelo seu clima saudavel e ameno, pelas suas terras feracissimas, adequadas a qualquer genero de lavoura, pelas suas vias de communicação fluvial, que o tornam accessivel do lado do Paraguay, do Amazonas e do Madeira, e pela utilização da força hydraulica, quasi illimitada, que póde movimentar innumeras manufacturas e fazer correr as locomotivas electricas sobre trilhos lançados, quasi sem trabalho, através dos seus campos razos, em demanda de Cuyabá e de outros centros de consumo ou de intercambio com o resto do mundo.

Voltámos á aldeia. O Sr. Roosevelt observava, com vivo interesse, os objectos de uso domestico dos indios: as cabaças que lhes servem de pote; as panellas, postas ao fogo no interior das casas, agora construidas á nossa moda — com cumieira e duas aguas, umas inteiramente abertas, outras com paredes de folha de palmeira; as rêdes, em que dormem adultos e crianças; os tecidos feitos pelas mulheres; cestos de carregar; novellos de fio de algodão — tudo de permeio com machados, foices, enxadas, roupas e outros artigos da nossa industria, que já vão entrando nos habitos desta pobre gente. Notava, tambem, os seus costumes: as mulheres sempre activas e occupadas, ora com os filhos, de que cuidam com infinita paciencia, carregando-os numa faixa larga que passam atravessada de um hombro para o flanco opposto; ora tecendo as suas rêdes e tangas; ora cozinhando, ou carregando grandes balaios cheios de milho, de mandioca ou de outros productos das suas roças — mas sempre inseparaveis dos seus fuzos, que incessantemente fazem rodopiar, desde que para isso apanhem um instante, por mais fugitivo que seja, entre duas occupações, que lhes deixam as mãos livres, uma para suspender o fio e a outra para fazer gyrar o pequeno e irrequieto apparelho.

Mas de tudo quanto o Sr. Roosevelt viu, nada lhe causou tanto prazer como o jogo que os Parecis praticam num largo terreiro, dispondo-se em dois partidos, para entre si atirar,

aparar e devolver, só a golpes de cabeça, uma bola grande de borracha, cheia de ar.

Já em 1911, nas conferencias publicas que realizei no Palacio Monroe, sob os auspicios da Sociedade de Geographia, eu me referi a este jogo, a que os Parecis dão o nome de *Matianá-Ariti,* e indiquei o processo de que usam para fabricar a bóla, com o latex da mangabeira. Agora o Sr. Roosevelt, referindo-se a elle sob o titulo inglez "head-ball", e descrevendo-o no seu livro "Through the Brazilian Wilderness", confirma a opinião que expendi em 1911, de ser o *Matianá-Ariti* uma instituição autochtone desta tribu e accrescenta nunca ter ouvido, ou lido, nada que désse a entender haver pratica identica em qualquer outro povo do mundo. No que respeita a esta ultima parte, posso informar que os Nhambiquaras e os Kepi-kiri-uats tambem o conhecem e com elle se divertem; no emtanto, como o jogam com menos gosto e muito menos habilidade do que os Parecis, continúo a suppôr serem estes os seus verdadeiros inventores; os outros o terão adoptado por imitação, aliás muito facil de explicar-se, visto a contiguidade dos territorios dessas tres nações indigenas.

A manhã do dia 30 ainda foi empregada em visitas á aldeia dos indios e aos arredores do Salto Bello, junto ao qual almoçámos. Depois, seguimos viagem para o Utiarity, onde o Sr. Roosevelt teve festiva recepção dos Parecis chefiados pelo *amure* Major Libanio Coluizorocê.

Utiarity, sobre o rio Ppagaio ou Saucuiná, affluente da margem direita do Juruena, é o nome que designa, desde 1907, uma das mais portentosas cataractas do mundo. A ella me referi nas minhas conferencias publicas de 1911, realizadas nesta Capital e em S. Paulo, alludindo então ao assombro de que fiquei tomado quando, pela primeira vez, vi a enorme massa dagua que a constitue, atirando-se de chofre no espaço, num salto gigantesco de oitenta metros de altura.

Não me demorarei, pois, a relembrar as impressões que me ficaram indeleveis no espirito, desde o momento em que, de muito longe, comecei a ouvir o ronco atroador da onda furiosa, até o instante em que pisei o solo tremente da borda

do abysmo, de onde golfam volumosas nuvens de eterno nevoeiro. Direi apenas que, ao vêl-a, o Sr. Roosevelt a admirou como uma das mais primorosas creações da natureza, talvez só excedida, em belleza e força, pelo Niagara. Perto da cataracta existe agora, e desde 1910, uma estação da Linha Telegraphica e ao lado desta, a aldeia de um dos tres grupos de indios Parecis, que consegui transferir das suas antigas habitações das cabeceiras do rio Verde e outros, para as proximidades dessa e das demais estações que se encontram indo dahi para Diamantino.

Nos novos estabelecimentos, os indios têm a posse legal das terras em que fazem as suas lavouras, e vivem sob a protecção do Governo, representado pela Commissão das Linhas Telegraphicas. Além dessas vantagens, de ordem geral, os moradores da aldeia de Utiarity, bem como os de Ponte de Pedra, têm a de possuirem escolas, onde os seus filhos aprendem a lêr, escrever e contar. Essas escolas comprehendem duas aulas, uma para meninos e outra para meninas, respectivamente regidas pelo telegraphista do lugar e sua mulher.

Entre as festas preparadas para a recepção do Sr. Roosevelt em Utiarity, figurava uma offerecida pelas meninas da escola a que me acabo de referir. Infelizmente, esperavanos alli uma noticia bem triste: a sobrinha do nosso illustre hospede, que, com Mistress Roosevelt, o acompanhara na excursão pela America do Sul e regressara de Valparaiso para New-York, fallecera, pouco tempo depois de chegada á sua terra. Mandei, pois, suspender todas as manifestações de alegria a que se estavam entregando os moradores de Utiarity. Aqui encontrámos o padre Zahm e os seus companheiros de viagem em automovel. O Reverendo achava-se bem admirado da differença profunda que ia descobrindo existir entre os nossos indios e os do Perú. A estes tivera occasião de conhecer no decurso de uma viagem que emprehendera alguns annos antes, passando da costa do Pacifico para a bacia do Amazonas, através da cordilheira dos Andes.

Parece até que essa viagem lhe valeu certa nomeada de excursionista intrepido e emprehendedor, porque, na fazenda

de S. João e em S. Luiz de Caceres, uns padres Franciscanos, referindo-se a ella, em conversa com o Sr. Roosevelt, præsagiaram para a expedição que se ia emprehender o mais completo bom exito, visto poder contar com os conselhos da grande experiencia do padre Zahm.

Antes da nossa chegada a Utiarity, já o sacerdote americano se havia informado com o Inspector encarregado da conservação de uma Secção da Linha, que dos indios Parecis seria absolutamente impossivel obter que se prestassem a transportar qualquer pessoa pelo sertão, em cadeira amarrada a duas varas compridas, servindo para a manter erguida e apoiada nos hombros de quatro homens. Confirmei a informação do meu subordinado e accrescentei que, salvos os casos de ser necessario acudir a algum doente ou ferido em estado de não poder andar ou montar a cavallo, no Brasil ninguem lograria a vantagem de tal modo de locomoção, visto estar elle inteiramente em desaccordo com os nossos habitos e com a nossa indole. O Padre Zahm fez-nos notar quanto é de admirar que haja tão grande opposição no genio de homens pertencentes a civilizações quasi identicas, como são as dos selvicolas brazileiros e peruanos; porque, para estes ultimos, tivera elle ensejo de vêr que, submetter-se um homem a semelhante trabalho, é virtude considerada digna de ser disputada, quando se trata de carregar qualquer representante do clero catholico. Nós, porém, não partilhámos da admiração do nosso interlocutor, porque consideramos essa e outras differenças como resultados naturaes dos processos adoptados para a educação dos indigenas, processos que variam de accôrdo com o fim que se pretende alcançar. Si pretendemos preparar os homens para se incorporarem na nossa sociedade e tornarem-se nossos concidadãos, não temos outra cousa a fazer sinão perseverarmos na pratica do methodo até agora seguido no Brasil; si, porém, o nosso intuito é crear servidores de uma sociedade restricta e especial, o melhor caminho a seguir é o que foi aberto pelas reducções jesuiticas. Qualquer que seja o genio do povo submettido ao regimen proprio a este methodo, o resultado obtido será sempre o mesmo, como o prova o facto que me foi ha tempos relatado

pelo então Padre Malan, de se acharem, em nossos dias, os indios da Terra do Fogo tão affeiçoados á Missão Salesiana, como antigamente os do Paraguay o eram aos Jesuitas: elles não têm, como os Guaranys não tinham, outro pensamento senão o de tudo attribuirem a Deus, a quem se julgam devedores de todas as cousas que possuem e de todos os trabalhos que podem fazer.

De pleno accôrdo com este modo de pensar se manifestava o Sr. Roosevelt, para quem os indios devem ser considerados como pupilos da nação, emquanto não attingem o gráo de civilização que lhes permitta confundirem-se com o resto da população e serem por ella absorvidos; não póde ser um ideal da politica hodierna promover ou simplesmente consentir que associações, religiosas ou leigas, tratem de os fechar no ambito dos seus interesses e dos seus pontos de vista especiaes. Com estas opiniões, era natural que o estadista americano approvasse com grande sympathia a acção que, nestes ultimos annos, os governos republicanos têm querido systematizar entre nós, para resolver o grande problema, nitidamente formulado por José Bonifacio, do estabelecimento da unidade ethnica do povo brasileiro. Vendo o que nesse sentido estamos fazendo, o Sr. Roosevelt achava muita semelhança com o que existe nos Estados Unidos, sob o nome de "Indian Service", dependente da Secretaria do Interior, e com visivel satisfação mencionava factos que provam o espirito de Justiça com que o Governo da Grande Republica age em relação ás tribus indigenas. Lá, desde 1837 se reconhece o direito de propriedade dos indios sobre as terras que occupam e quando, por qualquer motivo, o Governo julga ser de interesse publico a desoccupação de alguma dessas terras, abre negociações com os selvicolas, offerecendo-lhes glébas em outro lugar e pagando-lhes uma indemnisação em dinheiro. Por tal motivo, ha tribus que possuem no thesouro publico depositos de quantias consideraveis, pelas quaes a nação paga, só de juros, perto de dois milhões de dollars; a tribu dos Osages, por exemplo, figura como credora do thesouro nacional, pela quantia de oito milhões de dollars.

Infelizmente, a respeito desta questão de propriedade de terras, estamos, no Brasil, não só muitissimo atrazados, como tambem numa situação mais do que lastimavel, vergonhosa! Sertões onde nunca pisou homem civilizado, já figuram nos registos publicos como pertencentes ao cidadão A ou B; mais tarde ou mais cedo, conforme lhes soprar o vento dos interesses pessoaes, esses proprietarios, — *cara deum soboles,* expellirão dalli os indios, que, por uma inversão monstruosa dos factos, da razão e da moral, serão desde então considerados e tratados como se fossem elles intrusos, salteadores e ladrões.

Estes e outros assumptos relativos ao problema indigena no Brasil e em toda a America, voltaram muitas vezes a occupar a nossa attenção; no emtanto, por mais interessantes que fossem, forçoso era não nos deixarmos por elles absorver; outros havia, mais urgentes, que precisavam ser immediatamente resolvidos. Em primeiro lugar, deviamos attender aos meios de executar a resolução tomada pelo Sr. Roosevelt de fazer regressar de Utiarity o Padre Zahm, com o seu enfermeiro Sigg, ambos desligados da Commissão Americana; e em segundo lugar, tinhamos que organizar, com elementos da Expedição Roosevelt-Rondon, uma nova turma, destinada a reconhecer e explorar o curso do rio Papagaio, a partir do ponto em que nos achavamos até a sua fóz, no Juruena.

Quanto ao sacerdote americano, providenciei para lhe serem proporcionados os meios de transporte de que ia necessitar, nos rios Sepotuba e Paraguay, até attingir Corumbá, onde tomaria passagem num navio do Lloyd Brasileiro, para Montevidéo e Rio de Janeiro. De Utiarity sahiu, no dia 4 de Fevereiro, embarcando em automovel das Linhas Telegraphicas, que o levou até Tapirapoan.

Para a expedição do rio Papagaio dispunhamos das canôas que eu mandara construir em Outubro. A turma exploradora ficou constituida com um Chefe honorario, membro da

Commissão Americana, e outro effectivo. Para o primeiro lugar o Sr. Roosevelt designou o Capitão Antony Fiala, e os encargos do segundo couberam ao Tenente Alcides Lauriodó de Sant'Anna, membro da Commissão Brasileira.

Por conveniencia da presente exposição, antecipo aqui as informações que posteriormente teria de dar sobre os principaes acontecimentos occorridos durante a viagem da turma Fiala-Lauriodó.

A descida do Papagaio iniciou-se a 7 de Fevereiro. No mesmo dia os expedicionarios chegaram a uma corredeira, que ficou com o nome de "Rapido Fiala", onde naufragaram. O chefe americano mal sabia nadar: — debatendo-se, desesperadamente, no meio das aguas revoltas, ora desapparecia, submerso, aos olhos dos seus companheiros, ora surgia, mais adeante, para tornar a sumir-se no seio da corrente. A todos pareceu, num instante, que a expedição teria alli um triste e doloroso desfecho. Nisto, percebeu-se um homem, nadando resolutamente em direcção ao naufrago. Já o alcança e vai extender-lhe a mão vigorosa; mas não termina o gesto generoso: o outro enlaça-o num amplexo convulsivo e mortal. Formando ambos um só corpo, somem-se na profundeza das aguas e, emquanto se vão afogando, lutam: — um por desvencilhar os membros robustos e recobrar a liberdade de movimentos, o outro por continuar aferrado á esperança de viver, esperança que nasce, não da mente, agora desfallecida, mas só da sensação muscular de se estar agarrado a alguma cousa solida. Resurge o nadador, do fundo do rio, solto do abraço fatal; retoma alento e de novo se atira a desafiar a morte, por amor de salvar uma vida cujo valor, para elle, se cifrava em ser a de um homem. Pela segunda vez é subjugado e forçado a recomeçar a luta desesperada; vence ainda e persiste no primeiro intento. Eil-os por fim em terra, ambos vivos, o Capitão Fiala e o seu salvador, o canoeiro Agostinho Ferraz de Lima, um sertanejo goyano, obscuro heroe, tão destemido e devotado *camarada* como o geral dos representantes da forte raça dos nossos caboclos, incessantemente vilipendiados por escriptores nacionaes e extrangeiros, que se disputam a palma de malsinar tudo quanto é brasileiro e

de destruir nas almas a confiança no futuro da nossa nacionalidade, deprimindo-a nos seus homens, nos seus brios e na sua indole.

Depois desse naufragio, a expedição Fiala-Lauriodó recolheu-se a Utiarity, para se reabastecer de viveres e de outros materiaes, em substituição dos que se tinham perdido, e substituir a canôa perdida pela canôa canadeana até alli conduzida; e recomeçou a viagem no dia 11. No immediato, os expedicionarios passaram pela foz de um rio, na margem direita, que reconheceram ser o Sacre; mais abaixo e do lado esquerdo, encontraram outra, no dia 13, que foi identificada com a de Burity, e em seguida a esta a do Sauêuiná, ainda na margem esquerda. Proseguindo, penetraram no Juruena, e deste no Tapajoz, cujo grandioso Salto Augusto passaram no dia 24 de Fevereiro. Continuando a descer o Tapajoz, chegaram a S. Luiz, embarcando em navio a vapor, da carreira regular entre esse porto e a cidade de Santarem, do Pará; dahi, subiram o Amazonas até Manáos, onde chegaram a 26 de Março, sem outra contrariedade sinão a de trazerem doentes o Tenente Lauriodó e um soldado do exercito.

Depois da organização da columna a cuja viagem acabamos de alludir, a expedição Roosevelt-Rondon ficou dividida em tres turmas com itinerarios independentes, mas operando todas sob o mesmo plano e com elementos equivalentes, de modo a se poder no fim considerar os respectivos trabalhos como constituindo os elementos de uma só obra de exploração geographica da totalidade da região por ellas estudada. Dessas tres turmas, uma foi a chefiada pelo Capitão Fiala e Tenente Lauriodó. Outra já havia sido constituida em Tapirapoan, sob a chefia do Capitão Amilcar A. Botelho de Magalhães, auxiliado pelo Tenente Joaquim Vieira de Mello Filho e tendo como pessoal technico o naturalista Léo Miller, da commissão americana, o geologo Dr. Euzebio Paulo de Oliveira, o taxidermista Henrique Reinisch e mais um botanico, um medico civil e outro taxidermista, que pediram demissão e regressaram para o Rio de Janeiro, logo no primeiro dia de entrada no sertão. Esta segunda turma foi destinada a explorar os rios Commemoração de Floriano, Pi-

menta Bueno e Gy-Paraná, para chegar ao Amazonas pelo Madeira; mas, antes de attingir o primeiro desses rios, fez, a partir de Juruena, a vanguarda da que seguia sob a chefia pessoal do Sr. Roosevelt, auxiliado por mim, e cujos outros membros eram os Srs. Kermit, George Cherrie, Capitão medico Dr. José Antonio Cajazeira e Tenente ajudante João Salustiano Lyra.

Assim reconstituida, a primeira turma proseguio o seu itinerario para o rio da Duvida, sahindo de Utiarity a 3 de Fevereiro. Cinco dias depois, chegámos á estação telegraphica do Juruena, onde ha um destacamento militar. Ahi encontrámos um grupo de 25 indios Nhambiquaras, que, manifestando grande alegria, se acercaram de nós, antes de nos podermos apear das nossas montarias.

Noutra occasião, espero demorar-me na exposição de alguns traços caracteristicos desta nação indigena, da qual, antes dos trabalhos da Commissão das Linhas Telegraphicas, nada de preciso e valioso se sabia. Por agora, limitar-me-hei a dizer que a impressão geral do Sr. Roosevelt foi que os Nhambiquaras constituem um povo de indole muito mais branda e mais sociavel do que grande numero de outros, pertencentes a civilizações aproximadas da que elles têm. Não escapou ao olhar penetrante do estadista americano a differença essencial que existe entre esta tribu e as australianas, no que se refere ao modo de tratar as mulheres. De facto, os Nhambiquaras, como os demais indios do Brasil, não brutalizam as suas mulheres nem os seus filhos; pelo contrario, dispensam-lhe grande carinho e muita consideração, provêm ás necessidades da sua subsistencia e dão-lhes os mesmos alimentos de que usam e podem obter nas caçadas, pescarias e lavouras. Outro facto logo apanhado pelo espirito observador do nosso hospede, foi o recato, a compostura, a modestia dos modos e das attitudes, tanto nos homens, como nas mulheres; apesar destas não trazerem nenhuma vestimenta e apresentarem-se a todos os olhos tal como vieram ao mundo, ninguem descobre entre elles uma posição, um olhar, um simples movimento que revele malicia; e talvez se possa dizer, com muita apparencia de verdade, que o costume

de se encontrarem sempre assim, os veste mais do que as roupas de muitos civilizados.

Partimos do Juruena no dia 10. A região que se atravessa, por debaixo do fio telegraphico, desde esse rio até o Commemoração de Floriano, é toda occupada pela grande nação Nhambiquara. Por isso, iamos encontrando a cada passo novos grupos desses indios, que, avisados da nossa passagem, nos vinham esperar na estrada. A todos davamos brindes, como lembrança desse novo encontro; com alguns trocámos os collares de contas e outras quinquilharias que levavamos, por gorros de pelle de onça, vasos de barro, enfeites de pennas e demais artigos da sua industria primitiva e curiosa.

Descrever os trabalhos que passámos nessa marcha seria repetir a enumeração das mesmas fadigas e contrariedades de todas as grandes viagens a cavallo, através de florestas e descampados incultos e bravios. Comtudo, si lembrarmos que a Expedição se iniciara em Dezembro e ia entrando por Fevereiro, logo nos occorrerá que, além de todos os incommodos inseparaveis de taes jornadas, tinhamos mais de vencer as resultantes do nosso verão e dos pesados aguaceiros que então cahem, noites e dias seguidos.

Mas não se supponha que em todas essas cousas existe o tédio que parecem encerrar, quando as conhecemos só pelas exposições escriptas ou oraes. Presenciando-as, não as podemos achar siquer monotonas, tal a multiplicidade dos aspectos sob que se nos apresentam os mesmos episodios e o interesse que a elles ligamos no momento. Demais, com a marcha, a paisagem vai mudando; e, como não corremos, ha tempo para attentarmos nos quadros, que veem surgindo, e occuparmos o espirito com uma ou outra conjectura sobre algum problema topographico, a natureza do solo, a fórma de uma flôr, e até a côr ou o canto de um passarinho. Aqui, é uma arvore que atira para os lados e para cima os seus galhos longuissimos e frondosos, pondo larga mancha escura a meio de um campo isolado, por cuja extensão os olhos se podem alongar até apanhar, ao longe, a curva indecisa do horizonte; além, é uma eminencia de onde se vê

desenrolar bellissima perspectiva, numa successão de planos que parecem fugir para o infinito, uns revestidos do verde claro das gramineas, outros com a tonalidade escura de matas coleantes ao sabor do curso dos rios, que ellas occultam e sombreiam; e muito longe, o azul ferrete da massa de uma serra, que se vai esbatendo para o Norte, até diluir-se no branco anilado do céo resplandecente...

Nestas marchas, empregámos dezoito dias. Por fim, a 25 de Fevereiro, chegavamos ao ponto em que o picadão da Linha Telegraahica atravessa o rio da Duvida. As canôas já estavam promptas; só restava fazer os ultimos aprestos; embarcar as bagagens, trazidas, umas pela tropa da primeira turma, outras pelâ do Capitão Amilcar; e, por derradeiro, embarcarmos tambem nós, os que formavamos a expedição para o reconhecimento e exploração scientifica do Rio da Duvida.

SEGUNDA CONFERENCIA

O RIO DA DUVIDA

I

Como preliminar indispensavel á inteira comprehensão da importancia e da originalidade dos trabalhos da Expedição Roosevelt-Rondon, na parte relativa ao reconhecimento e exploração do rio da Duvida, é necessario determo-nos alguns momentos no exame do problema scientifico que ella se propoz resolver; e para isso conseguir, precisamos alludir ao estado em que se achavam os nossos conhecimentos geographicos a respeito da região em que ella ia operar.

Não alcançaremos, porém, o cabal esclarecimento do alcance e da razão de ser das questões que então se ventilavam, si não remontarmos a uma época anterior ás expedições de 1907 a 1909, para o traçado da Linha Telegraphica de Cuyabá ao Madeira, que deram lugar á formulação desse problema, não só para o Duvida, como tambem para onze outros rios conjunctamente com elle, descobertos naquella occasião, entre os meridianos de 16 e 17 gráos a oeste do Rio de Janeiro, cortados, alguns, pelo parallelo de 13 gráos e outros pelo de 12, ao Sul do Equador.

A região que acabamos de mencionar, acha-se encravada no interior do grande sertão que, em linhas geraes, se póde definir como encerrado, do lado do Norte, por um trecho do curso do Amazonas; do Noroeste e do Sudoeste, pelos cursos totaes do Madeira e do Guaporé; do Sul, pelo Jaurú, Cabaçal, alto Paraguay e cabeceiras do Cuyabá; e de E'ste, pelo Arinos, baixo Juruena e Tapajoz.

A enorme peripheria fluvial deste sertão, era conhecida desde os tempos coloniaes.

Em 1746, o sertanista João de Souza Azevedo passou do rio Sepotuba para o Sumidouro, pelo qual foi ao Arinos, que o levou ao Juruena e deste ao Amazonas, por intermedio do Tapajoz, descoberto 20 annos antes pelo Capitão Redro Teixeira. Igualmente conhecida era, já no seculo 18, a navegação entre Belem, do Pará, e Villa Bella (actual Matto Grosso), subindo ou descendo, os rios Amazonas, Madeira e Guaporé.

A exploração geographica desses rios foi realizada, nos fins do mesmo seculo e principio do seguinte, pelo Coronel do Real Corpo de Engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra.

Os resultados dos estudos que elle fez para apurar a praticabilidade, sob o ponto de vista commercial, do caminho indicado por Souza Azevedo, constam de uma memoria escripta em 1798 sob o titulo "Navegação do Tapajoz para o Pará", que se encontra num dos volumes da Revista do Instituto Historico.

Numa outra expedição, de proporções muito maiores do que essa, Ricardo Franco, com o auxilio de dois astronomos, Silva Pontes e Lacerda e Almeida, fez o levantamento de todo o caminho que, naquelles tempos, se podia seguir para vir, pelo interior do paiz, de Belem a S. Paulo. Para isso conseguir, o geographo português sahio da Capital do Pará, subiu o Amazonas, entrou no Madeira, em seguida no Mamoré e no Guaporé, que subiu até Villa Bella. Dessa Villa, passou-se, por terra, para aguas do Paraguay, que alcançou no valle do Jaurú. Desceu este rio até Caceres; penetrou no Paraguay, que o levou, aguas abaixo, até a foz do Taquary. Subio este e em seguida o Coxim, tão alto quanto as aguas lhe permittiram navegar em canôa. Atravessou um pequeno trecho de terras, na extensão apenas de 3 kilometros, encontrando logo o rio Pardo, praticavel por aquellas embarcações. Trazido por esse rio, aguas abaixo, penetrou no Paraná, que subiu. Tomou, depois, pelo Tieté, contra cuja correnteza navegou até o porto de Araritaguába, de onde se dirigiu para a cidade de Itú e dahi para S. Paulo.

No percurso desse itinerario, Ricardo Franco e seus dois auxiliares, vieram assignalando os accidentes geographicos, que mereciam ser annotados. Assim, ficaram determinadas, pelas coordenadas geographicas, as fozes de todos os rios que descem para o trecho explorado do Amazonas, para o Madeira, o Mamoré e o Guaporé. Depois, construida a carta desses rios e collocando-se nellas os accidentes de que se tinham tomado os dados necessarios, obteve-se um esboço da configuração geral apresentada pela natureza, em toda a extensão percorrida.

Mais tarde, essa carta, sendo combinada com a do reconhecimento do Tapajoz, a que acima me referi, constituiu a imagem do contorno da região que agora nos occupa.

O trabalho realizado em epocas posteriores, por todos os geographos do seculo 19, constituio em ir figurando nessa carta os cursos dos rios cujas fozes haviam sido assignaladas. O exemplo deste modo de proceder, já o havia dado o proprio Ricardo Franco: consistia em se aproveitarem, com mais ou menos habilidade, as informações colhidas pelo novo cartographo, sobre uma parte qualquer do rio correspondente a esta ou aquella embocadura; desenhava-se o trecho resultante de taes informações e por meio de deducções mais ou menos arriscadas, traçava-se o percurso total do rio, quasi sempre baseado na hypothese de que elle seria o contra-vertente de um outro, correspondente a tal ou tal bocca.

Não queremos com isto dizer que tal methodo fosse absolutamente discricionario e caprichoso; os conhecedores destes assumptos sabem que não estou aqui examinando todos os elementos e todo o material de que os cartographos podiam lançar mão, para, guiando-se por uma comparação meditada das diversas hypotheses resultantes de cada um desses dados, optar pela que lhes parecesse mais aproximada da verdade. Limito-me apenas a indicar, em traços geraes, o modo por que se construiam, ha ainda bem pouco tempo, os mappas de grandes extensões de nosso territorio — não para censurar ou reprovar, e muito menos para malsinar taes processos, mas sómente para pôr ao alcance de qualquer pessoa a possibilidade de comprehender porque havia, na cartogra-

phia do Brasil, erros tão grandes e lacunas tão consideraveis como essas que foram assignaladas pelos reconhecimentos de 1907 a 1909.

Comtudo, por mais benevolo que se queira ser na apreciação de taes processos, não se poderá deixar de reconhecer que muito mais depressa elles nos conduziriam ao erro do que ao acerto. Quem, por exemplo, só por conhecer a foz do Parahyba e a direcção de seu curso até a Barra do Pirahy, ou mesmo até um ponto muito mais alto, Rezende ou Queluz, poderá prever que elle, na altura da Serra de Guararema, dê a volta que todos sabemos, depois da qual continua subindo parallelamente a si mesmo, até a Serra da Bocaina? No emtanto, eram adivinhações da natureza dessa, mas em escala muito maior, que se tinham de fazer para construir as cartas do Noroeste matto-grossense, partindo da peripheria para o interior.

Não admira, pois, que os mappas tidos na conta dos melhores e dos mais modernos, encerrassem erros e lacunas tão grandes, que, comparando-os agora com o aspecto real do terreno que pretendiam representar, impossivel se torna admittir qualquer similhança entre uns e outro.

Para dar um exemplo concreto do que fica dito, tomarei apenas dous rios: o Gy-Paraná e o Jamary, e compararei os seus elementos reaes, com os que lhes eram attribuidos pela carta de Pimenta Bueno, o mais seguido dos nossos geographos em assumptos relativos a Matto Grosso, e pelas mais recentemente publicadas, do Barão do Rio Branco e de H. Williams, portadora, a ultima, da pomposa inscripção "Fronteiras entre o Brasil e a Bolivia, conforme o Tratado de Petropolis".

Quanto ao Gy, a sua cabeceira fica, em latitude Sul, abaixo do parallelo de 12 gráos, mais 43 minutos e 21 segundos; no emtanto, dos tres cartographos indicados, o primeiro colloca-a acima desse parallelo; o segundo figura-a como uma das pernas da forquilha que imaginou para representar os formadores do rio; e o ultimo, embora acompanhando de perto o trabalho do primeiro, colloca-a mais para o Norte do

22° 16° 15°

SC

5° ALTERAÇÕ 5°

NW DE M

6° 6°

Represe

da Provi
Pimenta Bu
antigos carto

7° do Acre 7°
Brazil e Bo
de Petropolis)
ro, Rio Bra
notas parti

Esboço
Commissão

8°

Rio Abacaxis

Rio Abacaxis

Rio Tapajóz

R. Tapajóz

R. Telles

que este, além de confundir o nome do rio de que se trata com o de Pirájauára.

Quanto ao Jamary: as suas nascentes acham-se entre os parallelos de 10 e 11 gráos, uma quasi sobre o meridiano de 20 a O. do Rio de Janeiro — e as outras mais ou menos symetricamente distribuidas de um lado e doutro desse meridiano, do qual nenhuma chega a afastar-se de meio gráo; no emtanto, Pimenta Bueno, dos tres cartographos citados o que, neste ponto, menos exagera, colloca uma dellas 20 minutos abaixo do parallelo de 12 gráos e não avança com a mais oriental além de 30 minutos para E'ste do meridiano de 17.

Não menores do que as incorrecções, eram as lacunas apresentadas por essas cartas para toda a região contida no interior do circuito fluvial explorado pelo geographo português. Depois de atravessado o Juruena, para Oeste do meridiano de 16 gráos até alcançar o de 17, as expedições de 1908 e 1909 encontraram successivamente os rios Nhambiquaras, Doze de Outubro, Toloiry, Ikê, Duvida e Piroculuina, alem de outros que deixo de mencionar. O problema que então surgiu para cada um desses rios era o de descobrir a bacia hydrographica a que elle pertencia; e si para alguns não encontravamos difficuldade em formular uma hypothese que inteiramente nos satisfizesse, (como foi o caso do Nhambiquaras, que attribuimos á bacia Juruena-Tapajoz), para outros, ao contrario, as opiniões se dividiam. Não faltou tambem o caso de serem na occasião admittidas como bôas, hypotheses que, posteriormente, se verificou serem falsas: isto se deu, por exemplo, com o Doze de Outubro, e o Toloiry, que supuzemos constituirem as cabeceiras do Canumã, quando na verdade ambos pertencem á bacia do Tapajoz.

Mas, de todos esses rios, nenhum suscitou duvidas tão numerosas e duradouras, como o correspondente a uma nascente que descobrimos no dia 16 de Julho de 1909, no parallelo de 12 gráos e 39 minutos, Sul, e á qual demos então o nome de cabeceira do Urú.

Da columna exploradora, faziamos parte eu, os tenentes Lyra e Amarante e o Dr. Miranda Ribeiro, zoologo do Museu Nacional. A alguns de nós parecia que as aguas

dessa cabeceira corriam para o Guaporé; outros opinavam que ellas seriam do Madeira. O problema que assim surgiu, merecia ser estudado e resolvido, não só pelo interesse que nos despertava no ponto de vista potamographico, como tambem pelo que se ligava ao proseguimento dos trabalhos relativos ao traçado da Linha Telegraphica. Resolvemos examinal-o de perto e para isso constituimos tres turmas: uma, dirigida pelo Tenente Amarante, encarregou-se de prolongar o reconhecimento na direcção do Norte; a segunda, com o Tenente Lyra, dirigiu-se para o Poente; e a minha, que seguio, primeiro para o Sul e em seguida para o Noroeste. Com menos de dois dias de marcha, descobri novo ribeirão, que me pareceu ser a primeira agua vertente do chapadão para o valle do Guaporé, em cujo rio ella entra, provavelmente, pela foz denominada Corumbiara. Doutro lado, o reconhecimento realizado pelo Tenente Lyra, articulou-se tão bem com o meu, que o resultado dos dois, combinados, foi excluir, por completo, a hypothese de correrem as aguas da cabeceira do Urú para o Guaporé.

Estava, pois, resolvida a primeira duvida suscitada pelo curso do rio que correspondesse á cabeceira do Urú. Mas no dia 26, quando, já reunida a minha turma com a do Tenente Lyra, voltavamos para o Oriente, deparou-se-nos um riacho da largura de 12 metros, correndo na direcção NNO.

Novas controversias surgiram: donde provinha esse riacho? da nascente a que deramos o nome de Urú, ou do Toloiryinazá? Como não fosse possivel, na occasião, accordar as duas opiniões, resolvi assignalar aquellas aguas com o nome de *Duvida,* porque, para mim, eram ellas as mesmas que nos acabavam de crear tantos embaraços na discriminação das bacias do Madeira e do Guaporé.

Proseguindo a marcha da columna exploradora, rumo de Noroeste, tivemos, alguns dias depois, de atravessar segunda vez, o curso dessas aguas: de novo appareceram motivos para ellas justificarem o nome que eu lhes havia, finalmente, imposto, porque, para mim, estavamos ainda no Duvida, mas para o meu distincto auxiliar, tenente Lyra, tratava-se de outro rio.

Terminada a expedição de 1909, quando se pensou em reunir, num só quadro, o conjunto dos elementos por ella colhidos sobre o aspecto geographico do sertão explorado, pareceu-nos naturalissimo figurar o Duvida como affluente do Commemoração de Floriano, o qual, com o Pimenta Bueno, cujas cabeceiras já designámos por Piroculuina, forma o Gy-Paraná.

Tal quadro subsistiu até 1913. Nesse anno o tenente Amarante tendo sido encarregado de proceder ao levantamento completo do — Commemoração de Floriano — reconheceu não ser verdadeira a hypothese que fazia o Duvida figurar como reunindo-se a elle. Ao ter noticia desse resultado, no dia 25 de Junho, firmei a opinião de que nesse caso, o Duvida só poderia ser a parte superior de um rio conhecido, pela sua foz no Madeira, sob o nome de Aripuanã.

Apesar desta supposição exigir, para poder ser acceita, que se attribuisse ao rio lembrado um curso muito mais extenso do que o que lhe era assignalado nas cartas e tambem que se deslocasse para Oriente, fechando-a entre os meridianos de 16 e 15 gráos a O. do Rio de Janeiro, a posição dada por Coudreau ao rio Canumã, não trepidei em tel-a como a unica provavel e mesmo como a unica possivel, dado o conjunto dos conhecimentos então já estabelecidos sobre a região Occidental da bacia do Tapajoz e a totalidade do valle do Gy.

Sob o nome de Aripuanã, designavam as cartas um affluente da margem direita do Madeira, encerrado no trapezio cujos lados eram: pelo Oriente, o traçado attribuido por Coudreau ao Canumã, pelo Sul, o Gy-Paraná; pelo Occidente, o rio dos Marmellos; e pelo Noroeste, o trecho do Madeira comprehendido desde a foz deste rio até a do mencionado Canumã. Assim envolvido, o Aripuanã não se podia extender para baixo do parallelo de 9 gráos, ao qual não chegava a attingir, nem sahir do fuzo correspondente aos meridianos de 17 a 18 gráos, ao Occidente do Rio de Janeiro. Sabia-se que, passando do Madeira para elle e subindo-o, se navegava sempre na direcção geral de um meridiano até o ponto em que se dividia em dois galhos, dos quaes um se inclinava para o Oriente e continuava com a mesma denominação do tron-

co, isto é, de Aripuanã, e o outro se desviava para o Occidente e recebia o nome de Castanha.

Isto posto, vê-se logo que a hypothese de ser o Duvida um dos formadores desse rio acarretava profundas modificações na cartographia de uma vasta região: precisavamos admittir que o Aripuanã não só ultrapassasse o parallelo de 9 gráos, como tambem que attingisse a latitude de 12 gráos, 39 minutos Sul. Mas, desde que isso fosse verdade, seria forçoso abrir para elle passagem entre o Canumã e o Marmellos, dos quaes um figurava extendendo-se demasiadamente para o Occidente, e o outro tanto para o Oriente, que não ficava espaço para, entre os dous, se expandirem os galhos do Aripuanã. Só a exploração e o levantamento do Duvida poderiam fornecer os dados indispensaveis para se resolverem estas difficuldades.

Além disso, sendo já sabido, como vimos, que o Aripuanã, em certa altura, se divide em dois ramos, não se poderia de antemão fixar a qual delles corresponderia o rio descoberto em 1909, e essa era uma das questões que tinham de ser decididas pela expedição Roosevelt-Rondon. Demais, a região que se ia atravessar, daria lugar a colligirem-se grande numero de outros conhecimentos interessantes para a geographia do Noroeste matto-grossense; tudo alli era novo e desconhecido, desde os rios que affluem para o que se ia desvendar, até a constituição geologica do seu sólo, as suas riquezas florestaes, as suas populações, em summa, tudo quanto nella existia.

Os motivos que eu tivera, em Junho de 1913, para formular a hypothese de ser o Duvida um dos formadores do Aripuanã eram para mim tão valiosos e decisivos, que me autorizaram a propôr ao Sr. Ministro do Exterior a creação de uma turma auxiliar, incumbida de esperar a sahida do Snr. Roosevelt no ponto mais alto que fosse possivel attingir com embarcação a vapôr, vindo de Manáos e entrando naquelle rio pelo Madeira. O destino dessa turma era acolher os expedicionarios no momento em que elles chegassem a lugar já conhecido, e onde, portanto, se deveriam considerar terminados os seus trabalhos; ahi, elles encontrariam

recursos para se refazerem das perdas que provavelmente soffreriam durante a navegação do rio desconhecido e teriam, além disso, um meio de conducção rapida e commoda para terminar a viagem desse ponto a Manáos.

Tendo essa minha proposta merecido approvação do Sr. Ministro, escolhi o Tenente Antonio Pyrineus para organizar e dirigir os trabalhos da turma em questão, dando-lhe instrucções para que subisse com o vapôr até onde lhe fosse possivel e depois em canôas, de modo a vir esperar-nos na confluencia dos galhos do Aripuanã, visto ser esse o unico ponto em que poderiamos ter certeza de o encontrar, quer o Duvida correspondesse a um, quer a outro daquelles dois galhos.

Mas, como si houvesse um capricho do Destino em justificar até a ultima hora a denominação que eu dera, a 16 de Agosto de 1909, ás aguas da cabeceira do Urú, as razões que me pareciam tão categoricas para excluir qualquer outra hypothese sobre o curso do Duvida, excepto essa que eu agora admittia, não alcançaram convencer inteiramente o Sr. Roosevelt.

O Tenente Lyra apresentava cerrada argumentação a favor da primitiva opinião de ser aquelle rio um mero contribuinte do Gy: se isso se désse, o seu percurso estaria terminado em poucos dias e realizal-o seria trabalho de insignificante valôr, que não mereceria apparecer como objectivo principal de um emprehendimento levado a termo pelo estadista americano. A essa possibilidade, preferiria o Sr. Roosevelt fazer o sacrificio de se demorar mais algum tempo ausente dos Estados Unidos, comtanto que pudesse acabar a exploração de um rio, cuja importancia justificasse ter-se-lhe ligado a lembrança do seu nome. Elle desejava, porem, que desde logo fossem tomadas as providencias necessarias para se iniciar a nova exploração, tão depressa se verificasse a hypothese do Tenente Lyra, porque, em qualquer caso, o seu empenho constante era terminar em curto prazo a empresa que o havia trazido a estes sertões, para poder voltar ao seu paiz ainda a tempo de assistir ao desfecho da questão do Mexico.

Não me era difficil satisfazer esses desejos do chefe americano, porque alli mesmo, perto do Duvida, estava o Ananaz, tambem descoberto pela Commissão das Linhas Telegraphicas, mas a respeito do qual ainda ignoravamos se pertencia á bacia do Tapajoz ou á do Madeira: em qualquer dos casos, porém, por elle só se entraria no Amazonas depois de uma viagem digna de ser mencionada como um feito esforçado e energico. Ordenei, pois, que se construissem canôas no Ananaz: ellas, provavelmente, não teriam de ser utilizadas pelo Sr. Roosevelt, mas iriam servir para a solução dos problemas que andavam ligados ao nome desse rio.

Depois desta occorrencia, começámos a descer o Duvida, fazendo o reconhecimento e os estudos necessarios para nos collocarmos no terreno firme da certeza; e logo que o alcançámos, aquelle nome desappareceu, extinguindo-se na mesma occasião em que se extinguiam os ultimos motivos que ainda o podiam fazer subsistir.

II

A expedição para o reconhecimento do rio da Duvida dispunha de uma flotilha de sete canôas, recentemente construidas, das quaes as maiores podiam carregar até 80 arrobas.

Uma dellas foi destinada ao serviço pessoal do Sr. Roosevelt: duas foram designadas para os trabalhos de levantamento topographico, de que eu, o tenente Lyra e o Sr. Kermit, como porta mira, nos encarregámos; e as quatro restantes, ligadas duas a duas, foram transformadas em balsas.

Além das pessoas, cujos nomes acabo de citar, a expedição contava mais com o naturalista americano Cherrie, o capitão medico Dr. Cajazeira, duas praças do exercito, oito voluntarios regionaes e seis trabalhadores civis: os expedicionarios eram, portanto, em numero de vinte e dois.

Terminados os ultimos preparativos de embarque, começámos a descer o Duvida pouco depois do meio dia de 27 de Fevereiro.

O rio, engrossado com as aguas das chuvas proprias da estação em que estavamos, apresentava-se, no lugar de onde partiamos, com a largura de 20 metros. A enchente era tão grande, que a correnteza passava molhando a parte inferior do taboleiro da ponte alli construida pela Commissão das Linhas Telegraphicas; mas isso era, para a expedição, uma grande vantagem, porque assim nos seria possivel deslisar por cima de obstaculos que estariam submergidos; muitas arvores cahidas e atravessadas de uma para outra margem, muitos seccos, talvez pedregosos, que certamente impediriam a cada passo a nossa navegação, se a tivessemos de realizar nos mezes de estiagem, agora nem seriam percebidos e nenhum trabalho nos dariam.

Nesse dia, percorremos 9.314 metros, ora por entre matas, onde já appareciam alguns exemplares da hevea brasiliense, ora através de terras baixas e alagadiças. O terreno era constituido do arenito dos Parecis.

O curso do rio tomou o rumo geral do Norte e o levantamento fez-se com 114 estações.

Passámos a noite no nosso primeiro pouso, á margem direita, e dahi proseguimos ás 8 horas da manhã immediata. Percorridos 14.778 metros, encontrámos do lado direito a barra de um ribeirão, com 21 metros de largura e 4 de profundidade, que reconhecemos ser o Festa da Bandeira, nome com que designamos, desde 1912, as aguas de uma cabeceira, denominada Carumicharú pelos Nhambiquaras. Terminámos os trabalhos desse dia, 1.750 metros abaixo dessa barra, ou sejam 25.842 metros a contar da ponte da Linha.

No dia seguinte, 1° de Março, percorremos e levantamos uma extensão de 20.377 metros, apesar de sermos muito incommodados por uma grande pancada de chuva que cahiu desde ás onze horas até uma da tarde.

Nesse trajecto encontramos, primeiro, a foz de outro ribeirão, com a largura de 15 metros; e em seguida numerosos vestigios de Nhambiquaras, provavelmente dos pertencentes ao grupo chamado Navaitê. Dos vestigios a que alludimos, mencionaremos: uma barragem para pescarias construida naquelle ribeirão, que por esse motivo ficou conhecido como

"Ribeirão da Tapagem"; capoeiras de roças antigas; um porto com alguns ranchos pequenos; e uma pinguela, muito comprida, ao longo da qual estava extendido um cipó, disposto de maneira a servir de corrimão.

No dia immediato, 2 de Março, pudémos navegar apenas das 8 horas da manhã até ás 3 e meia da tarde, fazendo um percurso de 20.013 metros. Ahi, foi forçoso suspender a marcha e acampar, porque na frente o rio dava um salto, que impossibilitava a passagem das canôas. Pouco antes, já esse accidente se havia feito annunciar, porque as aguas haviam entrado a correr impetuosamente, e quando nós nos achámos no meio dellas, vimo-nos em serias difficuldades para impedir que se alagassem as embarcações do levantamento; por esse motivo, designamos o lugar pelo nome de "Corredeira do Apuro".

Logo que pisámos em terra avançámos pela margem até o ponto d'onde nos era possivel examinar o accidente que nos fizera parar. Vimos o rio, numa extensão de 200 metros, correndo com espantosa velocidade, por entre pedras de arenito ferruginoso, que apparecem aqui, alli e por toda a parte, talhadas profundamente, despedaçadas e atiradas umas sobre as outras, pela força rompente das aguas que se precipitam em cachões. Depois surge uma ilhota, ultimo baluarte da resistencia que aquelle sólo desbaratado e escalavrado oppôz á pertinacia indomavel da corrente. Mas as duas columnas em que esta se vê por um instante dividida, reunem-se de novo, penetram num corredor afunilado, por ellas mesmas aberto na rocha, e atiram-se para o plano inferior do leito, continuando a correr em borbotões revoltos por um canal cortado na massa do arenito.

Desta forma, o trecho do rio em que nos era vedada a navegação, prolongava-se por mais de mil metros para baixo do lugar em que haviamos acampado.

Tinhamos, pois, de varar por terra as nossas canôas. Para isso, precisavamos abrir caminho através da mata, ligando o ponto em que nos achavamos ao mais proximo do lado de baixo, onde pudessemos recomeçar a navegação. Depois, os homens da expedição, com auxilio de cordas, arras-

tariam por esse caminho as embarcações, até recollocal-as no rio, e transportariam, aos hombros, toda a carga, passando-a tambem do extremo superior da cachoeira para o inferior. Tal serviço é, evidentemente, muitissimo penoso, não só pelo esforço que exige no arrastamento das canôas e no transporte das cargas, como tambem, e principalmente, pela necessidade de se derrubarem numerosas arvores das matas marginaes do rio.

Felizmente, o lugar em que nos encontravamos era um dos constantemente frequentados pelos Nhambiquaras-Navaitês. Isso nos era revelado por um trilho bastante batido que atravessava o local de nosso acampamento e ia, margeando o rio, transpol-o por uma pinguela, nas proximidades do ponto em que a sua largura se reduzia a um metro e sessenta centimetros. Mas, para a situação em que nos achavamos, os melhores signaes dessa frequencia, eram os campos abertos pelos indios e alguns até recentemente queimados: o nosso trabalho de varação ficava, pois, bastante simplificado, visto não ser preciso fazer grande derrubada de arvores.

O dia 3 foi todo empregado na preparação do novo acampamento, que era o 5° desta expedição, e no transporte das bagagens do precedente para elle.

A varação das canôas iniciou-se com a manhã do dia seguinte e á tarde ficou quasi terminada. Emquanto o Tenente Lyra dirigia esse trabalho, eu, fazendo-me acompanhar dos dois cães que vinham com a expedição, passei da margem direita para a esquerda, utilisando-me da ponte dos Navaitês, tomei por um trilho desses indios, entrei para o interior das terras e da floresta, com o objectivo de realizar um pequeno reconhecimento. Vi tres cabeceiras de um ribeirão e varias capoeiras de antigas roças; mas não encontrei vestigio de aldeiamento. Regressei dessa pequena excursão, ainda com tempo de proceder ao levantamento do trecho encachoeirado, o qual medio 1.310 metros.

A' quéda ahi existente dei o nome de "Salto Navaitê".

O afloramento da rocha que occasionou este salto corresponde inteiramente ao que determinou a cascata do Paraiso, salvo no ponto relativo á direcção, porque aqui elle se di-

rige do Sudoeste para o Nordeste, ao passo que lá corre para o Norte, indo terminar na estação Barão de Melgaço.

A rocha é um grés ferruginoso, com incrustações duras, que resistiram em muitos lugares ao choque de enorme correnteza produzida pelo desnivelamento brusco do leito do rio. Toda a parte descoberta se está decompondo por erosão lenta, porém, ascendente. Em muitos pontos, nota-se certa quantidade de cascalho, seixos rolados de quartzito e quartzo puro, que indicam antigos leitos do rio.

O salto tem a fórma de uma curva elliptica, o que faz as aguas convergirem como se fossem entrar num funil.

A quéda a que nos estamos referindo, é a maior; existem, porém, mais duas, uma situada antes e a outra depois della.

Terminada a varação das canôas, na manhã de cinco, proseguimos a navegação aguas abaixo.

O rio continua a apresentar-se-nos, de ambos os lados, rico de seringa; as suas florestas vão-se tornando rapidamente mais espessas, e portanto mais pittorescas; por toda a parte apparece a canella ribeirinha; e vêm-se alguns exemplares da mauritia vinifera.

A' tarde, estabelecemos o nosso 6º acampamento, ou o "Da Canja", á margem esquerda, sobre terreno coberto de alta mataria. A distancia percorrida foi de 11.890 metros; estavamos, pois, a 74.120, a contar do ponto inicial da expedição. No novo acampamento, o Duvida tinha a largura de 45 metros, ou sejam sete mais do que no quinto.

Dahi descemos, no dia 6, mais 19.420 metros. Paramos um pouco abaixo da barra de um ribeirão, que recebeu o nome de Figueira, e armamos o nosso 7º acampamento, o "Do Assahy", porque já ouviamos o ronco de uma segunda cachoeira, que precisava ser reconhecida.

Neste percurso assignalámos, numa e noutra margem, 18 cabeceiras e 5 ribeirões. Encontrámos tambem nova pinguela, com corrimão de cipó, construida pelos indios.

Das estações 745 e 746, do levantamento topographico, avistámos para os lados do Sul uma serra alta, que devia estar distante da margem esquerda do Duvida, uns 4 kilome-

tros. Dahi por diante, de tempos a tempos, deparavam-se-nos alguns dos seus contrafortes, que vinham até proximo do rio.

A mudança do 7° para o 8° acampamento teve de ser feita por terra, seguindo um caminho da extensão de 490 metros, aberto na mata, contornando a cachoeira. Esses trabalhos e os preliminares para a varação das canôas fizeram-se no dia 7.

A cachoeira constava de dois saltos principaes, distantes um do outro 100 metros, precedidos e seguidos de corredeiras perigosas. Os seus degráos eram formados por um espigão de porphyro vermelho, que atravessava o leito do rio normalmente á sua direcção.

Reconheci, no dia immediato, que, abaixo do ponto escolhido para sahida daquelle varadouro, era preciso abrir um segundo, com o cumprimento de 180 metros. Apesar de nestes trabalhos se empenhar toda a bôa vontade do Tenente Lyra e do Sr. Kermit, não foi possivel terminal-os antes do dia 10. Estes acontecimentos causavam grandes contrariedades ao Sr. Roosevelt, que temia resultar de tudo isso maior demora na terminação da viagem e portanto algum prejuizo para os seus projectos de breve regresso aos Estados Unidos. Examinava constantemente o desenho que iamos levantando do caminhamento diario, procurando prognosticar o termo desta e de outras contrariedades. Mas, apesar de tudo, não se afastava uma linha siquer do seu habito de escrever diariamente o registo das suas impressões de momento e mais algumas paginas do livro destinado a divulgar o que estava vendo e passando nesta travessia dos sertões brasileiros. Além disso, dedicava algum tempo de cada dia para se internar pela floresta, levando a sua espingarda. Nestas incursões, ia sempre sozinho; e o mais frequente era voltar sem caça alguma, visto como, por soffrer de myopia, não conseguia descobrir de longe os animaes, os quaes, por sua vez, se espantavam e fugiam quando, procurando elle aproximar-se, ouviam o barulho dos seus passos.

Afinal, no dia 10, pudémos proseguir o reconhecimento do Duvida, para baixo daquellas cachoeiras, cuja maior ficou com a designação de "6 de Março".

Não chegamos a percorrer 732 metros inteiramente desembaraçados; logo encontrámos outro rapido. Felizmente, nelle existia um canal por onde foi possivel varar as canôas, descarregadas; as cargas e as pessoas desceram por terra a distancia de 403 metros, ao fim da qual se puderam embarcar de novo. Ainda assim, a nossa marcha atrazou-se de tres horas, que foi o tempo necessario para concluir a passagem. Ao rapido, démos o nome de Jacaré, por ter sido ahi que, pela primeira vez, avistámos, no Duvida, um desses amphibios. A uns 607 metros abaixo desse rapido, deparou-se-nos outro, que transpuzémos sem mais trabalho do que o de descarregar as canôas e fazel-as descer pelos canaes, tripuladas por um piloto e um proeiro. Como já fosse bastante tarde, o Sr. Roosevelt opinou que deveriamos fazer alto e acampar. O levantamento accusou para esse dia o insignificante percurso de 1.847 metros; estavamos, pois, a mais de 102 kilometros do ponto inicial da expedição. O rio apresentava-se-nos com a largura de 100 metros, correndo através de sólo em que aflorava a diabase.

Ao nosso 9° acampamento, estabelecido neste lugar, dei a principio o nome de "Jacutinga Atirada", mas, no dia seguinte, tive de mudal-o para o de "Quebra-Canôas". O motivo de semelhante substituição, foi o ter-se, durante a noite, arrebentado a amarra de uma das balsas, que, ficando á mercê da correnteza encachoeirada do rio, se foi despedaçar de encontro ás pedras. Assim perdemos duas canôas e, para as substituir fizemos abater e excavar uma grande arvore, da familia das Euphorbiaceas, cuja madeira, denominada Tatajuba, é de côr amarellada.

A nova embarcação ficou prompta e foi lançada ao rio no dia 14. Recomeçámos a navegação á 1 hora da tarde e continuámol-a até as 5, fazendo um percurso de 14.671 metros. Estabelecemos o nosso 10° acampamento num ponto da margem esquerda, onde havia um tucum gigante (Astrocarum tucuman) cortado a machado de pedra, naturalmente por indios moradores nas proximidades deste lugar. Além disso, o tenente Lyra matou, para a collecção do naturalista Cherrie,

um gralhão, ave da familia dos "Falconidiæ", que nos forneceu a designação do acampamento.

Desde o "Quebra-Canôas", viemos encontrando o rio com o aspecto de uma cachoeira continua, sobre leito de diabase. Por esse motivo, tivemos de abandonar o processo, anteriormente empregado no levantamento das estações fixas, e adoptámos o das visadas com a canôa da frente em movimento.

As florestas modificam-se tambem: agora, de ambos os lados, vemos numerosas arvores de seringa e de castanhas do Pará, e como o terreno é montanhoso, com certeza o caucho será abundante. Entre as madeiras de lei caracteristicas da região amazonica, continuam a apparecer muitas das que são peculiares á sub-bacia do Paraguay. Das palmeiras, a Burity, a Assahy e a Patauá são frequentes e numerosas; a Inajá, a Bacaba, a Tucuman e outras, são mais raras.

Deixámos o acampamento do Gralhão ás 7 horas da manhã de 15, e como o curso do rio dahi para baixo se nos apresentasse calmo, retomámos o trabalho do levantamento por estações fixas. No emtanto, essa calma pouco durou: ao fim de 4.184 metros, as aguas começaram, mais uma vez, a correr impetuosas, e iam metter-se por um perigoso canal de nova cachoeira, de onde sahiam em furiosos borbotões.

Reconhecida a importancia do obstaculo e a impossibilidade de o vencermos de frente, mandei aprôar a minha canôa para a margem esquerda e dei ordem á da frente, portadora da mira, que fizesse o mesmo. Apenas em terra, eu, o Tenente Lyra e o proeiro Joaquim fomos explorar o traçado de um caminho que nos levasse ao fim da cachoeira, onde desejavamos acampar. Terminado este trabalho, voltámos ao lugar onde estava aproada minha canôa, para providenciar sobre o transporte das cargas. Ao chegarmos, não encontrei o Sr. Kermit, nem vi a sua canôa; perguntei ao piloto Antonio Correia o que havia acontecido, e este respondeu-me que o Sr. Kermit, desattendendo á minha ordem de abicar, havia descido a cachoeira.

Retrocedemos logo sobre os nossos passos, em direcção á cachoeira. Pouco adiante, vejo que vem correndo para nós o nosso cão Trigueiro, que viajava na canôa da frente. Maior

se tornou o nosso desassocego, porque o cão apresentava signaes evidentes de ter estado mergulhado na correnteza. Apertámos o passo e, quando iamos alcançar uma ladeira, no fim do caminho, avistámos o Sr. Kermit, que a vinha subindo, todo molhado. O allivio que então sentimos expandiu-se, quasi sem vontade nossa, num gracejo: "Então, magnifico banho! Não foi?" O interpellado respondeu-nos que havia escapado de morrer e que os outros naufragos, os canoeiros João e Simplicio, estavam na margem opposta, onde se tinham refugiado, nadando. A canôa e toda a carga tinham desapparecido na voragem.

Já desopprimidos das apprehensões relativas á sorte dos naufragos, pudemos ouvir a narração do Sr. Kermit. Disse-nos que, ao tentar fazer o reconhecimento do canal, vira a sua embarcação bruscamente colhida pela corrente, ser arrastada para baixo da cachoeira que alli estava e de mais outra que áquella se seguia; correndo, assim, ingovernavel, de quéda em quéda, ella se havia finalmente alagado e submergido.

Havia, pois, uma segunda cachoeira; dirigimo-nos para ella, resolvidos a examinal-a attentamente. Lá chegados, todas as pesquizas que fizemos, na esperança de encontrarmos alguma cousa para salvar, foram infructiferas; sobre as aguas e nas margens nada vimos, que pudesse siquer lembrar o naufragio occorrido momentos antes.

Eu e o Tenente Lyra iniciámos o estudo do varadouro que devia ligar a segunda cachoeira á primeira; o Sr. Kermit continuou aquellas pesquizas, percorrendo a margem, para baixo.

Depois de algum tempo, no caminho que seguiamos, encontrámos o canoeiro João que havia, afinal, atravessado o rio. Contou-nos que o Sr. Kermit, depois de haver examinado a cachoeira, ordenara a descida pelo canal, e, desprezando a informação que se lhe dava, de não ser a passagem praticavel, insistiu no seu proposito, repetindo a ordem. A' vista disso, o canoeiro julgou-se na obrigação de obedecer, apesar de saber que aquillo era uma temeridade. Mettida na correnteza, a canôa não aguentou: tomou agua e alagou-se.

João, que a pilotava, querendo salval-a, saltou para o rio e procurou sustental-a, por meio do cabo de amarração, preso na prôa. Todos os esforços, porém, foram baldados: a embarcação, arrebatada pelo impeto das aguas, emborcou. Depois, elle a tinha visto descendo, com o fundo para cima, e sobre ella o Sr. Kermit e o Simplicio.

Esta narrativa deixou-nos desconsolados: o pobre Simplicio não se havia salvo com o João, nem com o Sr. Kermit. Só nos restava uma esperança: era o resultado das pesquizas que estavam sendo feitas para baixo da ultima cachoeira. Mas essa era tão fugitiva!... Ainda assim, mandámos o João auxiliar o Sr. Kermit.

Infelizmente chegou o momento em que nos era impossivel continuarmos a acalentar as nossas illusões: Simplicio tinha se afogado! Esta tristissima certeza desabou sobre os expedicionarios, como dolorosa desgraça, que a todos tocava.

Ninguem inicia, é certo, uma empreza do genero desta em que nos achavamos empenhados, sem antes se ter familiarizado com a idéa dos perigos a que se vae offerecer e das innumeras occasiões em que se terá de encontrar com a morte. Não era, pois, o imprevisto de sua chegada o que nos aturdia, mas sim a magua de termos perdido um companheiro com quem nos sentiamos irmanados pela communhão dos trabalhos passados e das privações e esperanças provadas na realização de um objectivo que já pertencia a todas as vontades e a todos os corações.

Querendo dar uma expressão a esses nossos sentimentos, perpetuámos o nome do desditoso Simplicio nesta cachoeira, e no marco kilometrico erguido no acampamento, collocamos a seguinte inscripção:

"Nesta Cachoeira falleceu o pobre Simplicio."

A amargura e as preoccupações que nos deixara tal acontecimento, não conseguiram, todavia, esmorecer os nossos animos. Os trabalhos de varação das canôas, contornando a cachoeira por um caminho de 520 metros de extensão, terminaram a tempo de podermos reencetar a viagem ás 7 horas da manhã do dia seguinte, 16 de Março, e proseguir o levanta-

mento topographico pelo processo das visadas moveis, pois já não dispunhamos de canôa sufficientemente leve para poder manobrar com a mira.

Desta maneira, pudémos percorrer apenas 1.612 metros; nova cachoeira nos fez parar e nos obrigou a reconhecer e abrir mais um varadouro, do comprimento de 910 metros.

Preparado este serviço e emquanto os canoeiros transportavam as cargas da parte superior para a inferior da cachoeira, onde estabelecemos o nosso 12° acampamento, tomei a minha espingarda e internei-me na mata, á procura de caça e de castanhas tocary. Como de costume, fiz-me acompanhar de um dos meus cães.

Segui, a principio, na direcção do poente, subindo um morro eristente por detrás do acampamento; volvi depois para o Norte, attingi de novo a margem do rio e fui acompanhando o curso deste, para baixo. Andados, assim, 1.500 metros, cheguei ao ponto em que as aguas se repartem entre o leito principal e um pequeno canal, dando lugar á formação de uma ilha de tamanho regular.

Estava eu do lado do canal e ia o perlongando, quando ouvi, pouco adiante de mim, os sons caracteristicos da voz do coatá, o maior dos macacos das florestas de Matto Grosso e da Amazonia. Era uma boa caça; convinha abatel-a. Com mil cuidados para a não espantar, agachado entre as moitas de verdura, eu avançava na direcção dos sons, perscrutando a ramaria do arvoredo. De repente, o meu cão, o Lobo, que me havia tomado a dianteira, enche a solidão de estridentes ganidos de dôr. Era evidente que acabava de ser atacado e ferido; com certeza por alguma onça ou queixada, pensei. Mas, logo em seguida, levantaram-se outras vozes, muito minhas conhecidas: eram as exclamações curtas, energicas e repetidas em côro, com certa cadencia, dos selvicolas, quando, iniciada a luta, começam a carregar contra o inimigo. O Lobo já vinha correndo para o meu lado; os indios perseguiam-no e, pela segunda vez, flecharam-no. O meu primeiro movimento foi soccorrer o cão; descarreguei um dos canos da minha espingarda. Esperei alguns instantes e, como me parecesse que

a perseguição continuava, pois só ouvia as vozes, sem vêr os indios, fiz o outro disparo.

Depois, reflecti que seria imprudencia teimar em acudir ao animal; não o poderia fazer sem me expôr a ser visto pelos selvicolas, e isso talvez désse lugar a alguma luta entre mim e elles. Resolvi, pois, voltar para o acampamento; mas, antes de lá chegar, já estava arrependido de ter abandonado o meu pobre Lobo e tambem de não haver tentado aproximar-me dos indios.

No acampamento, esperava-me uma noticia má: ao proceder-se á varação, por agua, da Aripuanã, nome da canôa que haviamos lançado ao rio dois dias antes, o cabo, que servia para a sustentar e dirigir na correnteza, arrebentara e ella havia desapparecido no torvelino das aguas.

O que mais me preoccupava, porém, eram os indios e o meu pobre cão, ferido e abandonado. Narrei ao Sr. Roosevelt e aos demais companheiros o que se havia passado, e convidei o Tenente Lyra e o Sr. Kermit para voltarmos áquelle lugar, levando machados e contas; se não encontrassemos os selvicolas, deixariamos esses brindes em lugar facil de serem descobertos, revelando a intenção de quem os havia deixado.

Seguimos, pois, e comnosco foi o pareci Antonio, que fazia parte da columna expedicionaria. Chegámos sem difficuldade ao lugar em que os indios tinham estado; era á beira do canal a que já me referi. Alli encontrámos uma vara, em cuja ponta estava amarrado um baquité, ou pequeno balaio, cheio de intestinos de caça. Isso era, evidentemente um instrumento de pesca e o modo de servir-se delle devia consistir em mergulhar na agua o baquité, para attrahir e ajuntar os peixes; estes viriam acompanhando a isca, quando o operador erguesse, com movimento brando, a vara, até poderem ser vistos por outro pescador, armado de arco e flechas; com estas elles seriam feridos e depois facilmente apanhados.

Procurámos outros vestigios, mas só vimos os rastos dos fugitivos, que seguiam na direcção de um igapó existente pouco adiante; nós, porém, não o transpuzemos e voltámos

ao lugar da pescaria, onde deixámos os nossos brindes, ao lado daquella vara.

Guiados pelas manchas de sangue do Lobo, fomos encontral-o sem vida, cahido no caminho do acampamento, a uns 300 metros de distancia do ponto em que foi atacado. Duas flechas o haviam attingido; uma atravessara-lhe o estomago, abaixo do coração; a outra rasgara-lhe os musculos da perna direita. Da primeira, encontrámos a ponta, um pedaço de taquara em fórma de lança, farpada, e por ella verificámos não pertencerem estes indios á nação Nhambiquara. Assim vimos confirmada a supposição suggerida pela arvore cortada a machado de pedra, de ser o rio da Duvida, a partir de certa altura, habitada por nova tribu de indios, a respeito dos quaes não possuiamos nenhuma informação.

Regressámos ao acampamento. O naufragio da Aripuanã deixava-nos em sérios embaraços. No lugar não havia madeira que se prestasse para construcção de nova canôa, e as quatro que ainda restavam eram insufficientes para o transporte do pessoal e cargas da expedição. O alvitre de se fazer uma jangada foi lembrado e regeitado. Por fim, adoptámos o de carregar o material na flotilha, na qual embarcariam, além dos homens estrictamente necessarios para o serviço da navegação, o Sr. Roosevelt e o Dr. Cajazeira. Nós outros, em numero de 13 pessoas, seguiriamos por terra, margeando o rio, e durante a viagem tomariamos as precauções necessarias para evitar que as duas partes da expedição se afastassem muito uma da outra. Assim avançariamos até encontrar madeira que servisse para nos dar as canôas de que precisavamos.

Comquanto o Sr. Roosevelt não concordasse inteiramente com este plano, que lhe parecia arriscado emquanto estivessemos na zona dos indios desconhecidos, foi assim que marchámos no dia 17, tendo antes jungido as duas canôas que ainda navegavam isoladas (a do levantamento e a do Sr. Roosevelt), de modo a formarem uma balsa, analoga á que as outras duas já formavam.

Na viagem, encontrámos uma primeira cachoeira, extensa, de 312 metros, que mereceu o nome de "Bôa Passa-

gem", e em seguida outra, a das "Sete Ilhas", que exigiu um varadouro de 408 metros.

Logo abaixo desta, encontrámos, pela margem esquerda, um rio, com a largura de 21 metros, correndo com a velocidade média de sessenta centimetros por segundo e descarregando suas aguas por uma foz, cuja secção transversal deu a área de 339.760 centimetros quadrados; o volume fornecido, por segundo, correspondia a 20.385 litros.

Dei a este rio o nome de "Kermit", em consideração á pessoa do Sr. Roosevelt. O levantamento accusou 6.460 metros, em relação ao acampamento anterior e, portanto, 123.230 a contar da estaca zero, na ponte da Linha Telegraphica.

Até este ponto, era ainda possivel transigir-se com as duvidas existentes no espirito do Sr. Roosevelt e de alguns outros expedicionarios, a respeito da importancia do rio que vinhamos explorando desde o dia 27 de Fevereiro. Mas agora, já não havia motivo nenhum para subsistirem as hesitações, que por tanto tempo haviam trazido suspensos os julgamentos e divididas as opiniões—visto como todas ellas nasciam da hypothese, que estavamos vendo não se poder verificar, de ser o Duvida um simples affluente do Gy-Paraná. E o que, de modo peremptorio, excluia essa hypothese, era o facto do rio não possuir tributario tão consideravel como esse que acabavamos de descobrir; o Gy era bem conhecido, e todos nós da Commissão das Linhas Telegraphicas sabiamos que elle não tinha, pela margem direita, nenhum contribuinte comparavel em grandeza e volume dagua ao que iamos sulcando.

Estava assim reconhecido que o Duvida era o collector principal de uma grande bacia hydrographica; para mim, desde algum tempo era certo que elle corria directamente para o Madeira; mas, ainda que fosse para o Tapajoz ou para o Amazonas, em nada isso poderia affectar a sua importancia, rebaixando-a ao nivel da de qualquer tributario de segunda ordem.

Achava-se, pois, satisfeita a condição de que dependia o cumprimento da resolução de nosso governo, a mim communicada pelo Sr. Ministro do Exterior, de perpetuar na carta do Brasil a memoria da viagem de descobrimentos geo-

graphicos do Sr. Roosevelt, mediante a adopção do seu nome para designar o rio explorado. Consequentemente, na manhã do dia 18, antes de partirmos do nosso 13º acampamento, publiquei uma Ordem do Dia, scientificando á Commissão Brasileira e communicando á Americana que, daquella data em diante, se chamaria "Roosevelt" o rio que até então, e desde 1909, denominavamos "Duvida". Esse acto, com que démos execução á vontade do governo da nossa Patria, de prestar mais uma homenagem aos Estados Unidos da America do Norte, na pessoa do seu ex-presidente, realizou-se com toda a solemnidade convinhavel ao lugar e ás condições em que nos encontravamos. Na mesma occasião, inaugurámos na foz do tributario recem-descobreto um marco de madeira com a inscripção "Rio Kermit", além das relativas á kilometragem, numero de ordem do acampamento, iniciaes da expedição, e os valores das coordenadas geographicas, que achámos ser, para lat. Austral 11º27'20" e para long. a O. do Rio 17º 17' 2".

Depois desta ceremonia, reencetámos a nossa marcha, divididos ainda em duas turmas, uma pelo rio com as duas balsas, e a outra por terra.

O sólo, que desde a cachoeira da "Bôa Passagem" se nos vinha apresentando formado sobre rocha *diabase*, passou a ser de granito, a partir da foz do "Kermit". A principio, foi esse o assumpto que mais prendeu a nossa attenção; vinhamos, como de costume, apanhando amostras de pedras, destinadas a serem posteriormente examinadas e classificadas pelo Dr. Euzebio Paulo de Oliveira, geologo da Commissão Brasileira. Mas, pouco depois, começamos a encontrar vestigios recentes dos indios. Primeiro, foi um tapiri, feito segundo o typo usado pelos Urumis e Pauatês, tribus do Gy-Paraná; depois, foi um conjunto de tres ranchos, pequenos e baixos, de fórma abaulada, inteiramente cobertos e fechados por folhas de palmeira. Cada um delles possuia uma só abertura, ou porta muito pequena, que se disfarçava por baixo das folhas da coberta, deixadas propositalmente pendentes sobre ella. Como era de esperar de tal modo de construcção, no interior das palhoças reinava densa obscuridade. O mais interessante, porém, era

o dispositivo do conjunto: dos tres ranchos, dois estavam collocados parallelamente entre si e escalonados; o terceiro corria perpendicularmente a esses, apoiando-se lateralmente na extremidade de um e abicando o outro, quasi no começo da sua parede interna. Desta maneira, si elles fossem atacados por certos lados, um, pelo menos, ficaria coberto pelos outros dois, e, assim, invisivel aos assaltantes, poderia servir para refugio das mulheres e crianças.

Do exame de todas estas cousas, porém, o que mais me interessava, era a indicação de se acharem os indios do rio Roosevelt relacionados com as tribus do Gy-Paraná, porque isso me facilitaria, de futuro, o trabalho de os attingir, pacificar e proteger.

Continuámos a marcha e, depois de percorridos 5.280 metros, a contar da foz do Kermit, encontrámos segundo rio, que entra no Roosevelt, do lado direito, por uma cachoeira de dois metros de altura e trinta de largura. Não pudémos fazer, deste novo tributario, mais do que um pequeno reconhecimento, ao longo da sua margem esquerda, por ser de toda a necessidade attendermos ao desejo do chefe da Commissão Americana, relativo á acceleração da nossa viagem. No emtanto, vendo-o descer de Sudeste, na direcção de Noroeste, presumimos que corresponda á cabeceira por nós designada no chapadão, com o nome de "Marciano Avila".

Descemos ainda ao longo do rio Roosevelt mais 3.060 metros, ao fim dos quaes nova cachoeira exigiu o transporte das cargas por um varadouro da extensão de 640 metros. Resolvemos installar nesse lugar o nosso 14º acampamento, que recebeu o nome de "Duas Canôas", por termos descoberto duas araputangas de bom porte para nos fornecerem as embarcações de que necessitavamos.

Iniciada a construcção no dia 19, já na tarde de 21 lançavamos á agua as novas canôas "Esbelta" e "Chanfrada", que nos permittiram retomar os nossos trabalhos de reconhecimento na manhã seguinte. O levantamento topographico por estações fixas, empregando-se, como dantes, o telemetro Fleuriais, foi tambem restabelecido.

Assim percorremos 9.970 metros, transpondo primeiro, com pequeno trabalho, uma cachoeira formada pelo afloramento do porphyro quartzoso, e chegando depois a outra, muito mais importante, de dois paredões de diabase, que precisava ser contornada por um varadouro de 850 metros. A esta ultima démos o nome de "Cachoeira da Felicidade"; e ahi estabelecemos o nosso 15° acampamento.

Armadas as barracas, pediu-me o Sr. Roosevelt uma conferencia, para expôr o seu pensamento sobre o modo por que deveriamos conduzir os trabalhos da expedição. A sua opinião era que os chefes de emprehendimentos de certa importancia não se deviam occupar com os detalhes da obra a realizar, mas sómente com a determinação dos pontos principaes e na medida necessaria para carcterizal-a em seus traços geraes, abrindo e desbravando o caminho para os operadores especiaes, que não tardariam a vir preencher os claros correspondentes áquelles detalhes. Isto posto, elle opinava pela conveniencia de ser retomado o levantamento expedito. Respondi que ali estavamos para o acompanhar e guiar na travessia do sertão e que, portanto, executariamos os serviços de accordo com os seus desejos; empregariamos os maiores esforços para lhe dar a satisfação de vêr reduzido ao minimo possivel o tempo que ainda tinha de gastar nesta expedição.

Por tal motivo, o levantamento topographico proseguio sem podermos retirar todo o proveito dos recursos technicos de que dispunhamos e com os quaes vinhamos realizando um trabalho bastante exacto e rigoroso.

Da cachoeira da Felicidade, partimos, ás 7 horas da manhã de 23. Mas, logo adiante, tivemos de suspender a marcha, porque o rio enveredava encachoeirado por uma garganta aberta num contraforte de quartzito, que passa da margem esquerda para a direita, na direcção de Sudeste para Nordeste. Por toda a parte se viam grandes blocos de pedra atirados uns sobre outros, pela força rompente da correnteza; e si isso dava ao lugar um aspecto bastante pittoresco, em compensação augmentava a difficuldade de se descobrir o canal por onde as canôas descarregadas pudessem ser varadas.

Photo. Com. Rondon

Partida de uma turma de levantamento topographico do rio Paraguay

O primeiro reconhecimento, conduzido pela margem esquerda, não deu outro resultado sinão o de encontrarmos novos vestigios de indios. Passámos, pois, para o lado direito, e ahi encontrámos o canal conveniente. As cargas foram transportadas por terra, com um percurso de 1.096 metros, e o trabalho só terminou á tarde, quasi ás 4 horas.

Ainda assim, proseguimos a viagem; passámos por um penedo de diabase, da altura de dois metros sobre o nivel do rio, e fomos estabelecer o nosso 16° acampamento num ponto de onde se ouvia o rumor surdo das aguas, correndo entre pedras.

Nesse dia, em que trabalhámos desde as 7 horas da manhã até depois das 5, não conseguimos avançar mais do que 12.600 metros; si não fossem os obstaculos, poderiamos ter feito mais de 38 kilometros, só em 8 horas, pois que o levantamento marchava á razão de 81 metros por segundo.

Ao amanhecer de 24, depois de termos perseguido, sem resultado, uma anta que nos apparecera no rio (o que deu lugar a denominarmos o 16° acampamento de "Anta Perdida"), embarcámos nas canôas e fomos reconhecer a cachoeira que se annunciava pelo fragor da sua quéda. Decorridos 33 minutos, tinhamol-a alcançado e começámos a exploral-a do lado direito, por terra. Andámos, ao longo de seu curso, mais de um kilometro, no fim do qual existe enorme enseada de cerca de 400 metros de comprimento; acabámos, porém, convencendo-nos de que por alli seria impossivel descer as canôas, visto como as aguas correm impetuosas sobre leito de diabase, cortado de espaço a espaço em degráus, que formam uma série de saltos.

Passámos para a outra margem, eu, o tenente Lyra, o Sr. Kermit e o canoeiro Antonio Correia, afim de vermos se por ahi seriamos mais felizes. Pouco haviamos avançado no novo reconhecimento, quando fomos surprehendidos pela vista de outro rio, que entrava no Roosevelt com a largura de 40 metros e volume maior do que o de todos os tributarios anteriormente assignalados. Comquanto não pudessemos levar mais adiante a nossa exploração, démos-nos por satisfeitos com o nosso trabalho, porque descobrimos um canal por onde poderiamos fazer passar as canôas menores; as outras seriam arrastadas por terra.

No emtanto, não me quiz afastar do rio recem-descoberto antes de ter acertado com o nome que mais conviria adoptar para designal-o, levando em consideração a grandeza das suas aguas, o tom poetico e encantador das suas margens e da sua barra, e ainda a riqueza das suas terras de lavoura, muitissimo apropriadas á cultura da canna de assucar, do café e de todos os cereaes. Ao lado de algumas arvores de castanha e de numerosissimos exemplares da hevea brasiliense, viamos as palmeiras uacurys, os cipós dagua e muitas outras especies vegetaes, que attestam a excellencia do sólo onde nascem e florescem.

Este era, inquestionalmente, de todos os descobrimentos geographicos que vinhamos realizando desde 27 de Fevereiro, o mais notavel e o mais importante; e pois que pertencia ao territorio de Matto Grosso, só o nome de um personagem credor da gratidão matto-grossense, pelo amor e dedicação com que houvesse servido á sua gente e á sua terra, mereceria, ser lembrado, para receber a homenagem de ficar nelle memorado. Nestas condições, quem não se recordaria logo da figura eminentemente sympathica a todos brasileiros e cara ao coração dos filhos de Matto Grosso, do soldado que lhes deu o esforço do seu braço, no tranze dolorosissimo da invasão paraguaya, do engenheiro que prestou o concurso de sua technica no estudo da região dos pantanaes dos rios Negro, Tabouco e Aquidauana; e do escriptor que melhor soube evocar as fugazes grandezas do recente passado de Villa Bella, e pintar, realçando-as carinhosamente, as bellezas e grandiosidades daquellas terras e daquelles céos em que viu, recolheu e amorosamente cultivou a flôr suavissima da alma sertaneja, desabrochando e expandindo-se nos encantos da Innocencia? Eu não podia, pois hesitar: fiz lavrar uma arvore, pujante de seiva e de vida, e em seu cerne duradouro inscrevemos as palavras:

Rio Taunay, defronte da cachoeira do mesmo nome
Homenagem da Expedição Roosevelt-Rondon
A 156.280 metros do Passo da Linha Telegraphica
24 de Março de 1914

Para attendermos ás já conhecidas solicitações de acceleramento da nossa marcha, deixámos de proceder ás medições necessarias para se ter o conhecimento dos diversos dados technicos relativos á inteira definição do Taunay.

O transporte das cargas para o 17° acampamento, aberto a jusante da cachoeira, terminou no mesmo dia; mas a varação das canôas exigiu esforços que duraram até as duas horas da tarde de 25. Recomeçámos, logo depois, a descer o rio; mas não conseguimos percorrer mais do que 1.110 metros. Agora, era uma afloração de granito que se oppunha á nossa passagem, por uma extensão superior a mil metros.

Tão repetidos obstaculos, si não conseguiam vencer a resistencia e o vigôr dos nossos admiraveis canoeiros, iam já esgotando a paciencia dos membros da Commissão Americana. Completavam-se 27 dias de navegação e no emtanto não haviamos avançado mais do que 157.410 metros, correspondentes a um percurso diario inferior a 6 kilometros. Tal velocidade seria realmente irrisoria, si não fosse, antes disso, attestado eloquentissimo da enormidade dos trabalhos que nos estavam custando os constantes empeços creados pelas cachoeiras. Comtudo, a não ser a contrariedade resultante da demora, o mais nos ia correndo favoravelmente. O estado sanitario da Expedição era bom e a quantidade de viveres ainda existente bastava para nos garantir a terminação da viagem sem excassez de alimentação.

Si não fossem as condições especialissimas desta Expedição, taes obstaculos constituiriam para nós bôas occasiões de extendermos mais demoradamente as nossas explorações para o interior das terras, que devéras nos vinham interessando pela exuberancia da sua formidavel vegetação. A seringueira tornava-se cada vez mais profusa e de melhor qualidade. As madeiras de lei apresentavam-se numerosas e variadissimas. Percorrendo as margens da nova cachoeira, iamos assignalando exemplares de aroeira, piuva, angico, peróba, cédro, larangeira silvestre, cajueiro e muitas outras especies igualmente preciosas, as quaes formam floresta tão alta e espessa que o rio toma uma feição carregada e sombria. Vimos tambem alguns vestigios dos indios, mas não recentes.

No dia seguinte, dividi os nossos homens em duas turmas; uma, dirigida pelo Tenente Lyra, encarregou-se de varar as canôas pelos canaes e outra transportou as cargas para o 19° acampamento, estabelecido na barra de um pequeno corrego que entra pela margem direita do Roosevelt. Estes trabalhos occuparam-nos o dia inteiro.

A' cachoeira démos, a principio, o nome de Tocary, por causa de uma arvore dessas, que nos forneceu grande quantidade de castanhas. Mais tarde, porém, passámos a denominal-a "Das Inscripções", visto ter sido descoberto pelo Sr. Cherrie um lagedo com figuras geometricas, naturalmente gravadas pelos indigenas da região. Infelizmente o naturalista americano não poude photographar os interessantes documentos ethnographicos e nem mesmo copiou os seus desenhos. No emtanto, disse-nos que elles consistiam em uma série de tres conjuntos de circulos concentricos, cada um constituido por quatro linhas, estando nelles assignalada a posição do centro commum. Abaixo dessa primeira série de figuras, existiam outras tres, cada qual formada de cinco M, encaixados uns nos outros de modo a conservarem-se parallelas as suas pernas. O quadro era encimado por um traço, que corria da direita para a esquerda da lage, a principio rectilineo, em seguida curvando-se para cima, e afinal tornando a descer, para acabar prolongando do outro lado a direcção inicial. Na parte culminante desse traço, estavam gravados tres circulozinhos, cada um com o centro bem visivel. Outros desenhos, existentes na face da lage voltada para a correnteza do rio, não os poude o Sr. Cherrie ver distinctamente.

Desse acampamento partimos na manhã de 27, descendo mais 5.425 metros, cercados ainda pelas montanhas que nos vinham acompanhando desde a cachoeira de quartzito. Por duas vezes nos vimos obrigados a descarregar as embarcações, para podermos atravessar as correntezas e numa dellas quasi perdemos as canôas de uma das balsas, que virou.

Installámos o nosso 20° acampamento debaixo de enorme aguaceiro, e dahi seguimos na manhã seguinte, fazendo o insignificante percurso de 1.550 metros. Dispensando-me de maior referencia a tres corredeiras, que nos deram os traba-

lhos do costume, direi que, pouco antes, haviamos encontrado pela margem esquerda, um riacho, a que dei o nome do naturalista americano Cherrie, e que o lugar da parada foi ao lado de uma grande cachoeira.

Considerada em conjuncto, ella sujeitava o leito do rio a um desnivelamento total de 33 metros; mas, em detalhe, reconhecia-se ser constituida por seis degráos successivos, cujas alturas iam rapidamente augmentando do quarto para o sexto, onde as aguas acabam dando um salto de dez metros. De ambos os lados dos tres ultimos degráos, erguiam-se grandes penhascos, como testemunhas de ter sido ali o ponto em que a montanha se deixou romper pelo impeto da correnteza, quando esta ainda procurava passagem através da sua massa compacta e ininterrupta. Depois da ultima quéda, o rio continua em leito profundo e estreito, encaixado entre montanhas, correndo velozmente, e só no fim de dois estirões, retoma o seu aspecto habitual.

Quanto á natureza da rocha predominante, pareceu-me no momento que se tratava de uma formação calcarea; por esse motivo, dei ao lugar a designação de "Cachoeira da Pedra de Cal". Mais tarde, porém, o geologo Dr. Eusebio de Oliveira constatou, pelas amostras que lhe forneci, haver engano naquella classificação e que o mineral ali existente é o chamado Hornfels, no qual o calcio só se manifesta por leves traços. Deixo consignada a rectificação na esperança de que sirva para evitar possiveis equivocos, suggeridos por aquella designação.

O embaraço creado por esta cachoeira ao proseguimento de nossa marcha era muitissimo serio; não o venceriamos sinão ao cabo de enormes esforços, empregados durante alguns dias. Precisavamos abrir um caminho por cima do morro da margem esquerda, demandando o primeiro ponto navegavel na parte inferior do rio e por elle deveriamos fazer o transporte de todos os volumes e cargas da expedição. Quanto ás canôas, iamos tentar passal-as pelos canaes menos perigosos, guiando-as e sustentando-as por meio de cabos; nos trechos em que essa manobra fosse absolutamente impraticavel, nós

as arrastariamos no secco, até podermos recollocal-as, adiante, em condições analogas ás precedentes. Admittiamos a possibilidade das cinco embarcações menores não resistirem aos embates a que teriam de ser submettidas; e caso as perdessemos, seria forçoso entregarmo-nos á construcção das que as deveriam substituir.

Na manhã de 29 dividimo-nos em tres turmas: a primeira, com o Sr. Roosevelt, Cherrie e Dr. Cajazeira, ficou no acampamento (o 21°); a segunda, dirigida pelo Tenente Lyra e Sr. Kermit, encarregou-se do trabalho de descer as canôas; e a outra acompanhou-me, para o reconhecimento do caminho terrestre.

Segui no rumo de N.NO, cortando pequenos espigões que se lançam para o rio; atravessei o valle de uma cabeceira de pouca importancia e em seguida comecei a subir pela encosta do monte. Chegando ao alto, ás 10 horas e meia, verifiquei que o barometro accusava a pressão de 742 1|2 millimetros, correspondente á altura de 104 metros em relação ao nivel do 21° acampamento. Por esta avaliação, o cume do morro, onde nos achavamos e o Salto Navaitê, distante dalli mais de cem kilometros, estavam situados por tal fórma, que a recta imaginaria traçada de uma para o outro seria horizontal; portanto, ao longo de todo o percurso feito desde aquelle Salto até a foz do ribeirão Cherrie, haviamos descido, de cachoeira em cachoeira, tanto como desceriamos em poucos minutos do alto deste morro ao nosso 21° acampamento.

Desejoso de vêr o panorama que se podia descortinar deste alto, mandei derrubar algumas arvores do lado do Norte, no lugar em que a encosta desce abruptamente, formando despenhadeiro. Terminada a derrubada, poderam as nossas vistas alongar-se até o longinquo horizonte, abrangendo bellissimo quadro em que se destacava o dorso escuro da serra e embaixo, coleando entre montanhas, até desapparecer por detrás dellas, na direcção do Norte, o rio que vinhamos descobrindo com tantas fadigas e que agora se nos afigurava reduzido ás insignificantes proporções de pequeno ribeiro.

Proseguindo no serviço de abertura do caminho, alcançámos, ás 2 horas e meia, a margem do rio, abaixo do ultimo salto

da cachoeira, onde deveriamos estabelecer o nosso 22° acampamento, distante 2.250 metros do anterior.

Por esse caminho fizeram os nossos valentes caboclos o transporte de toda a bagagem da expedição, trabalhando, para isso, durante os dias 30 e 31; no ultimo estavamos installados no novo acampamento.

A descida das canôas exigiu tempo e esforços mais aturados. No primeiro dia, apesar do Tenente Lyra e do Sr. Kermit haverem prolongado os trabalhos até as 6 horas da tarde, só conseguiram vencer os tres primeiros saltos com uma canôa, e dois com outra. No dia immediato, empregando ingentes esforços, fizeram descer, não só essas, como tambem mais duas, até o nivel superior da ultima quéda, que era forçoso continuar por terra. Ainda foi necessario empregar o dia 31 em descer os cinco primeiros degráos com a canôa maior; mas perdeu-se uma, ficando a flotilha reduzida a cinco embarcações. Finalmente, das 2 horas ás 5 da tarde de primeiro de Abril, foram ellas chegando, successivamente, ao porto do 22° acampamento, trazidas de arrastão pelos expedicionarios.

Este penosissimo trabalho de quatro dias causou bastante soffrimento aos nossos homens. Só um delles, o canoeiro Luiz Correia, conservou o mesmo vigor e a mesma alegria de sempre; tambem um outro, chamado Macario, se distinguio pela sua capacidade de resistencia á fadiga; os demais, porém, sem exceptuar o excellente piloto Antonio Correia, fraquearam, não de animo, mas de força physica, que se esgotou.

Emquanto se esperava o termo desta custosa travessia, entregavam-se os outros membros da expedição ás suas occupações habituaes. O Sr. Roosevelt repartia o tempo entre a leitura e a redacção dos seus escriptos, e o naturalista Cherrie augmentava as suas collecções ornithologicas, pela acquisição diaria de novos exemplares. Houve mesmo um delles que despertou grande attenção ao scientista, por lhe parecer que se tratava de uma variedade ainda desconhecida e não classificada.

Tambem eu tive, num desses dias, o meu motivo de surpresa. Está claro que não era cousa de molde a fazer engrossar o cabedal enorme dos conhecimentos compilados nos tra-

tados da Historia Natural, mas sim uma bem modesta observação, relativa ao primeiro representante da grande familia dos urubús, que se deixava avistar nas florestas deste rio. O individuo que me proporcionou occasião de registrar esta nota, não pertencia á especie desses que se alimentam de carniças infectas; era mais nobre, dos que sabem caçar e se prezam tanto que até usam sobrenome, pois se chamam Urubú-Mathias.

Aliás, toda a região de cachoeiras que vinhamos atravessando, a partir de Navaitê, se nos apresentou despovoada de caças. E' possivel que isso resultasse de, nesta época do anno, estarem as aves e os quadrupedes refugiados para o interior das terras altas. O certo é que raramente pude constatar a existencia de certas aves. Uma ou outra vez ouvi piar o macuco de cabeça ferruginosa; mas do macuco legitimo não consegui perceber o menor signal. Ouvi, tambem raramente, o canto do urú e do miátiarê; nada, porém, accusou a presença do maui-ie-kierê. Quanto aos mamiferos, vimos o veado duas vezes: na cachoeira do Simplicio e na barra do Marciano Avila; a anta foi algumas vezes surprehendida ao atravessar o rio, mas o caetetú e o queixada nunca os encontrámos. Dos quadrumanos, o mais encontradiço foi o barrigudo; em segundo lugar o coxiú, e, mais raro do que elles, o macaco prego. O coatá mostrou-se pouquissimas vezes e só numa occasião avistámos o macaco de cara branca e corpo quasi claro.

Ao ultimo dia dos trabalhos a que me acabo de referir, seguiu-se uma noite tempestuosa, durante a qual choveu tanto que os nossos toldos de lona abateram com o peso dagua e as canôas ficaram ameaçadas de afundar. Apesar de, por isso, não terem os expedicionarios desfructado o repouso de que tanto necessitavam, na manhã seguinte recomeçámos a nossa viagem, com uma balsa e tres canôas soltas.

O rio continuou a correr com impetuosa velocidade, encaixado entre morros pedregosos, obrigando-nos a transportar as cargas por caminhos penosos, verdadeiros trilhos de cabras, afim de possibilitar a descida das canôas pelas corredeiras. Assim percorremos 2.850 metros, ao fim dos quaes acampámos, proximo a alto penhasco, através do qual as aguas haviam

aberto profundo canal de paredões quasi verticaes, como se a rocha houvesse sido lavrada por operarios canteiros. A exploração do caminho para contornar, pela esquerda, o enorme obstaculo creado por esse accidente, foi realizada no mesmo dia e teve de prolongar-se até alcançar, a mais de dois mil e duzentos metros, a raiz de um penhasco, onde terminavam as cachoeiras. Foi esse o lugar escolhido para installarmos o nosso 24° acampamento, o qual esperavamos que seria conhecido como o da "Queixada de Anta", visto termos encontrado alli um maxillar do conhecido pachyderme brasileiro. Infelizmente, uma grande desgraça nos obrigou, poucas horas depois, a trocar essa denominação por outra.

Na manhã de 3 começámos os nossos trabalhos: o Tenente Lyra e o Sr. Kermit foram descer as canôas pela cachoeira, e eu fui abrir o caminho do varadouro. Este trabalho estava quasi terminado e já uma terceira turma, dirigida pelo Sargento Paixão, havia iniciado o transporte das cargas, quando o canoeiro Luiz Correia veiu avisar-me, de parte do Tenente Lyra, que o soldado Julio, do 38° Batalhão de Infantaria, acabava de assassinar aquelle Sargento. Deixei os homens da minha turma continuando o serviço que estavamos fazendo e acudi ao lugar da tristissima occorrencia.

Fui encontrar o corpo do meu inditoso camarada cahido junto a uma grande arvore, pouco distante do ponto em que estavam accumulados os volumes da expedição. Elle havia sido attingido na axilla direita, por bala de Winchester 44, que lhe causara morte immediata.

Dirigi-me para o acampamento, onde se achavam o Sr. Roosevelt e o Dr. Cajazeira, que haviam tomado as primeiras providencias, infelizmente infructiferas, para soccorrer o ferido e prender o assassino. Este, depois de praticado o crime, havia corrido para o interior da mata, onde desapparecera, levando a arma homicida.

O criminoso era um individuo de organismo forte e sadio; nós o haviamos incluido na expedição, porque a essas qualidades verificadas pelo Dr. Cajazeira na inspecção medica, feita em Tapirapoan, para a escolha do nosso pessoal, se

reunira a de ter elle manifestado o desejo de nos acompanhar. Desgraçadamente, tão favoraveis apparencias só serviam para esconder uma natureza moral das mais infelizes e que, para se revelar, nada mais esperava do que os obstaculos das primeiras cachoeiras. Mas, quando pudemos descobrir as suas más qualidades de caracter, a sua cobardia e completa inaptidão para secundar os continuos esforços dos seus companheiros de viagem, já estavamos tão adiantados no rio, que impossivel nos era desembaraçarmo-nos da sua presença e forçoso foi que nos resignassemos a tel-o comnosco até o fim dos nossos trabalhos. No emtanto, nenhum de nós suspeitava que teriamos de lamentar as consequencias de um acto tão perverso como aquelle que acabou praticando, porque o traço mais accentuado da sua triste alma era a pusilanimidade, tanto para enfrentar os perigos, como para sustentar alguma acção seguida e energica.

Na expedição, ninguem contava com o auxilio da sua força e muito menos da sua vontade. No emtanto, não nos era licito deixar de lhe dar alguma occupação. Elle estava, pois, empregado no transporte dos volumes e mais do que de costume, requintava no desanimo e desleixo com que fazia o serviço. O sargento Paixão reprehendeu-o por isso. Elle, sem dizer uma palavra, foi ao acampamento, apoderou-se de um dos quatro clavinotes da expedição, voltou ao lugar em que se achava o Sargento e, traiçoeiramente, praticou o assassinato.

Já dissemos que o criminoso se refugiara na mata, levando comsigo aquelle clavinote. Havia, pois, motivo para receiarmos que elle viesse a praticar novos crimes, e para isso impedir era forçoso seguir-lhe a pista, desarmal-o e, se fosse possivel, prendel-o. Neste sentido, dei as necessarias ordens ao canoeiro Antonio Correia e ao indio Antonio Pareci, os quaes, seguindo pelos rastos do fugitivo, não tardaram a descobrir a arma, abandonada ao primeiro embaraço que elle encontrou á rapidez da sua fuga por entre a cerrada vegetação da floresta. Tranquilisados a esse respeito, desistimos do quasi impraticavel proposito de perseguir o assassino, para aprisional-o, e voltámos todas as attenções para os funeraes do nosso pobre companheiro de trabalho.

O Sargento Paixão, do 5º Batalhão de Engenharia, era um veterano das campanhas travadas pela Commissão das Linhas Telegraphicas contra as asperezas do sertão do planalto dos Parecis. Havia commandado um posto militar por mim installado no Juhina, para servir de ponto de apoio á marcha das nossas tropas que se internavam para além do Juruena, em demanda da serra do Norte. Ahi, teve elle a feliz opportunidade de receber, em 1911, a primeira visita amistosa dos representantes do grupo de Nhambiquaras do valle daquelle rio, e soube conduzir-se tão bem nessa occasião que, dentro de pouco tempo, conseguiu conquistar a confiança dos selvicolas, adquirindo grande prestigio sobre elles. Do posto do Juhina, passou Paixão a servir no acampamento geral da Construcção, onde prestou relevantes serviços, que lhe mereceram a graduação de Sargento, porque no quadro effectivo occupava o lugar de cabo. Alguns annos atrás havia terminado o tempo da sua primeira praça nas fileiras do Exercito e logo em seguida se reengajara; era nesta qualidade que elle continuava a prestar ao 5º Batalhão de Engenharia, á Commissão das Linhas Telegraphicas e agora á Expedição Roosevelt-Rondon, o concurso do seu trabalho e da sua inexcedivel boa vontade, servindo de exemplo aos seus camaradas, pelo espirito de disciplina que imprimia a todos os seus actos e sobretudo pela moralidade da sua vida de soldado e de homem.

A sepultura foi aberta no mesmo lugar em que elle cahira, ao lado da estrada, com a cabeceira para a montanha e os pés para o rio. Depois, o Sr. Roosevelt, eu, e o Tenente Lyra e o Dr. Cajazeira carregámos o corpo do nosso inditoso companheiro e depositámol-o no fundo do modesto jazigo, assignalado pela cruz symbolica da sua crença religiosa. Completámos estes piedosos deveres com as salvas do funeral militar, nas quaes tambem tomou parte o Sr. Roosevelt, secundado por mim, pelo Sr. Cherrie e dois soldados.

Foi este doloroso acontecimento que nos fez adoptar nova denominação para assignalar a serra e a cachoeira que tiveram o mau destino de lhe servirem de causa indirecta e de theatro: ambas receberam o nome de Paixão, como ultima homenagem por nós devida ao companheiro, cuja dedicação á

causa commum, devotamento aos seus chefes e bondade para com os seus companheiros e subalternos, conquistou, não só a estima, mas tambem a gratidão dos descobridores do rio Roosevelt.

Apesar dos trabalhos de mudança do acampamento terem proseguido com grande actividade, não foi possivel terminal-os nesse dia. Por isso, no extremo do varadouro, abaixo das cachoeiras, só pudémos armar um ligeiro bivaque, com parte das nossas bagagens. A's 5 horas e meia alli chegava o Sr. Roosevelt com muito esforço e affrontado do caminho, que subia a pique a encosta de montanhas pedregosas; aquelle violento exercicio havia sido excessivo para o seu estado de saude e fazia-o soffrer horrivelmente.

Na manhã seguinte, 4 de Abril, recomeçámos os exhaustivos trabalhos da vespera, para terminar o transporte das cargas e a passagem das canôas.

Pelas quatro horas da tarde, já esses trabalhos se achavam bastante adiantados, e era possivel irmos installar, finalmente, o nosso 24º acampamento. No momento em que sahiamos do bivaque, o Sr. Roosevelt sentiu-se subitamente atacado de forte accesso febril, cuja temperatura subiu logo a mais de 39 gráos centigrados. No caminho, fomos colhidos por pesado aguaceiro, que nos alagou e muito augmentou os soffrimentos do nosso doente. O Dr. Cajazeira deu-lhe uma injecção de meio grammo de quinino e á noite fizemos-lhe quarto: o Sr. Kermit e o Dr. Cajazeira revezaram-se até as duas da madrugada e dessa hora em diante eu os substitui.

Comquanto ao amanhecer do dia 5, o Sr. Roosevelt accusasse melhoras, resolvi transferir o acampamento para outro lugar que não tivesse o inconveniente da grande humidade deste em que passaramos a noite. Para isso conseguir, transporteime para a margem direita que percorri, explorando-a, numa distancia de 1.600 metros, até o ponto em que se nos deparou grande enseada, a qual démos o nome de "Boa Esperança", por vermos o rio dahi para baixo correr com o aspecto de não ter outros embaraços a oppôr á nossa marcha. Não levei, porém, o acampamento para ahi, em attenção ao mau estado de saude do Sr. Roosevelt; limitei-me a installal-o a 950 metros do ponto de onde queriamos sahir.

Nesse dia terminaram os trabalhos de varar as cachoeiras, nos quaes os nossos canoeiros, dirigidos pelo Tenente Lyra e pelo Sr. Kermit, e animados pelo exemplo de tenacidade que estes lhes davam, desenvolveram esforços que pareciam exceder a capacidade de resistencia do organismo humano. O Sr. Roosevelt ficou maravilhado diante daquella prova inequivoca da excepcional energia physica e moral dos nossos officiaes e dos nossos homens e, falando commigo, fez esta consideração: "Dizem que os brasileiros são indolentes! Pois, meu caro Coronel, um paiz que possue filhos como estes, tem assegurado um grande futuro e certamente realizará as maiores empresas do mundo."

Passámos a noite com relativo socego; a febre não se manifestou no Sr. Roosevelt, mas atacou o Sr. Kermit.

Na manhã do dia 6 partimos do 25° acampamento, levando as canôas ainda aliviadas de cargas para a enseada da Bôa Esperança, onde retomámos a navegação, que proseguiu livremente por longos estirões do rio, até se completarem 28.325 metros.

Na descida da cachoeira do Paixão haviamos perdido uma canôa. Com a flotilha reduzida a quatro embarcações, não podiamos continuar a empregar, no levantamento topographico, os processos anteriores, e foi forçoso contentarmo-nos com os elementos fornecidos pelas medidas do tempo e da velocidade média, deduzida das avaliações feitas nos trechos rectilineos do rio com o auxilio do telemetro.

O lugar a que chegámos e onde installámos o nosso 26° acampamento, a 201.950 metros do passo da Linha Telegraphica, era a foz de um novo tributario que entra no Roosevelt pela margem direita, com o azimuth de 263 gráos E. S. E., vindo quasi de Leste. A sua largura era de 95 metros e as suas aguas corriam com grande velocidade, sobre rocha de porphyro quartzoso. Na barra existem duas ilhas; e o Roosevelt, depois de o receber, toma a largura de 120 metros e continúa com o azimuth de 13 gráos N. O., que já trazia.

A floresta, cuja constituição começara a modificar-se um pouco antes desse ponto, pelo apparecimento de palmeiras

Uáuássú, torna-se aqui muito abundante dessa ataléa, associada com a hevea brasiliense. Desde a cachoeira da Pedra de Cal, porém, não mais avistámos a bertholétia excelsa; talvez exista para o interior das terras.

Ao novo rio, assim descoberto na lat. austral de 10° 59' 0",3 e na long. O. do Rio de 17° 5' 54", dei o nome de "Capitão Cardoso", modesta homenagem da gratidão e da saudade que devo a um antigo e constante companheiro dos meus trabalhos de sertão, desde os tempos da construcção da Linha Telegraphica de Goyaz a Cuyabá até o dia de Janeiro de 1914, em que elle tombou morto na estação de Barão de Melgaço, onde viera reorganizar e proseguir os serviços que os tenentes Nicolau Bueno Horta Barboza e Paulo Vasconcellos tinham sido, mezes antes, forçados a suspender, para salvarem as suas vidas ameaçadas pelo impaludismo. Infelizmente o meu velho e dedicado companheiro de lutas não teve tempo de se defender contra o violentissimo ataque de um accesso pernicioso dessas febres; e ao fim de dois dias de doença, pela primeira vez o seu braço descançou da longa faina de servir á causa publica e o seu grande coração deixou de amar a terra que lhe fôra berço e os amigos conquistados pela formosura do seu caracter varonil e bondoso.

A possibilidade que as expedições de descobrimento de terras incultas nos dá de perpetuarmos nos novos accidentes geographicos a memoria de esforçados servidores da nação, verdadeiros heroes, não de uma façanha brilhante executada num instante de exaltação, na presença de milhares de espectadores, mas sim de uma serie ininterrupta de sacrificios e de privações inauditas e obscuras, não chega a ser um consolo para quem a encontra e realiza; é uma simples mitigação da dôr, que nos ficou, de sabermos estar perdido para a patria um dos seus filhos, que a soube honrar e servir, e para a nossa amizade o objecto de uma affeição que se vê frustrada na esperança de accrescentar novos dons aos dons já recebidos, e se tem de resignar á Fatalidade de só se alimentar da rememoração do passado e das emoções da saudade.

Quantas vezes desejariamos que o destino nos poupasse esse doloroso dever de pedirmos a um canto do solo grandioso

de nossa Patria, que recolha e conserve a memoria dos nossos companheiros de lutas, para a transmittir ás gerações futuras, nas quaes depositamos a fé serena e inabalavel de que saberão retribuir com muito amor a devoção daquelles que antecipadamente tanto a amaram e serviram?! Diante do rio "Capitão Cardoso", naquella tarde de 6 de Abril de 1914, estavamos bem longe de imaginar que, passado pouco mais de um anno, um dos seus affluentes, cuja existencia então nem suspeitavamos, nos daria occasião de renovarmos estas melancholicas reflexões. Haviamos deixado no chapadão as cabeceiras do Ananaz, a que já nos referimos, dizendo que o Snr. Roosevelt, por participar das duvidas relativas ao curso do rio que acabou recebendo o seu nome, o escolhera para explorar, no caso de se verificar a hypothese deste ser um simples tributario do Gy-Paraná. O reconhecimento que estavamos fazendo, desvaneceu todas as opiniões contrarias á de ser o antigo Duvida a parte superior do maior de todos os contribuintes da margem direita do Madeira; e disso resultou continuar o Ananaz envolvido no seu manto de mysterio, dando lugar a novas supposições a respeito do systema potamographico a que pertenceriam as suas aguas. Parecia-nos muito provavel que ellas fossem para o galho oriental do Aripuanã; mas tambem não se podia em absoluto regeitar a supposição de que corressem para o Tapajoz ou entrassem directamente no Amazonas pela foz já conhecida sob o nome de Canumã. Para resolver de uma vez todas estas difficuldades, organizou-se, no presente anno, nova expedição que, descendo o Ananaz, reconheceu ser elle um dos dous formadores de outro rio, cuja identidade os expedicionarios só puderam descobrir quando lhe attingiram a foz, porque ahi encontraram o marco de 1914 com a indicação por nós deixada: "Rio Capitão Cardoso". Infelizmente, porém, o intrepido chefe dessa expedição, o tenente Marques de Souza, e um de seus canoeiros, dias antes haviam perdido a vida, num assalto que soffreram dos indios habitantes daquelles sertões.

Voltemos, porém, ao nosso 26º acampamento, installado

num pontal da confluencia do "Capitão Cardoso" com o "Roosevelt".

Dous acontecimentos igualmente inesperados, nos obrigaram a passar ahi o dia 7 de Abril: foi, um delles, o apparecimento do assassino do sargento Paixão, e o outro, a descoberta de nova cachoeira, surgindo em terreno tão baixo (o aneroide accusava a pressão correspondente a 754,9 millimetros), que nos causou admiração encontral-a.

A canôa em que eu e o tenente Lyra viajavamos, vinha na vanguarda da esquadrilha, correndo com bastante velocidade. Estavamos ainda a duas leguas de distancia do ponto em que depois descobrimos a foz do "Capitão Cardoso", quando de repente ouvimos a voz de alguem, que de terra exclamava: Tenente!

Surprehendidos, não atinámos logo com a pessoa que nos chamava; nem pensavamos no criminoso, porque todos acceitavamos a hypothese de que elle tivesse tomado a resolução de voltar rio acima, caminhando pela margem até encontrar os trilhos dos Navaitês, pelos quaes facilmente sahiria na estação telegraphica de José Bonifacio. No emtanto, era elle que ali estava, trepado nos galhos de uma arvore pendente sobre a correnteza do rio, implorando misericordia e pedindo que o recebessemos a bordo.

Não lhe attendemos immediatamente; precisavamos antes communicar ao Snr. Roosevelt ser de nosso dever tomar nas canôas aquelle homem, para entregal-o aos tribunaes do paiz. E foi o que fizemos, apenas nos achámos todos reunidos no lugar do novo acampamento.

O Snr. Roosevelt disse-nos que tambem elle e os seus companheiros de canôa tinham passado por surpresa igual á nossa. Quanto a conduzirmos o criminoso, respondeu que nada mais lhe restava sinão conformar-se com ver-me cumprir o que eu dizia ser de meu dever de official brasileiro e de homem; mas que, a não ser esta consideração, nenhuma outra o decidiria, caso estivesse em seu poder, a reincorporar na expedição um individuo que se havia della excluido pelos seus maus instinctos, accrescendo a isso a clamorosa injustiça que seria

expôr os demais expedicionarios a terem augmento de trabalho e de riscos de virem a soffrer fome, por intenção de salvar a existencia de alguem que se revelara tão antipathico e insociavel.

Esperámos o resto da tarde e a noite de 6, que o desgraçado foragido viesse ao nosso encontro, no acampamento. Mas, não tendo isto acontecido, na manhã seguinte mandei o canoeiro Luiz Correia e Antonio Pareci irem por terra, rio acima, procural-o. Nessa diligencia os dois homens gastaram o dia inteiro, regressando á noite com a noticia de o não terem encontrado. No emtanto, os gritos de chamado, os disparos das armas de fogo e a fumaça do acampamento eram indicios mais do que sufficientes para orientar os passos de qualquer pessoa que estivesse perdida na mata, dentro de um circulo de muitos kilometros de raio.

Para tirarmos o maior proveito possivel da parada a que eramos forçados, eu e o Tenente Lyra occupámo-nos nas medições dos rios e nas observações astronomicas necessarias ao calculo das coordenadas geographicas da nossa posição, emquanto o Antonio Correia e outro canoeiro iam explorar a cachoeira, com o intuito de descobrirem os canaes por onde pudessem descer as canôas no dia seguinte.

Este ultimo serviço fez-se, primeiro, pela margem direita, com resultado negativo, porque o rio, depois de se subdividir por multiplos canaes de rocha, acaba dando um salto maior do que os até agora encontrados. Tansportaram-se, pois, os dois canoeiros para a margem esquerda, onde foram mais felizes; um canal permittia a passagem das canôas vazias, mas o trecho encachoeirado prolongava-se por grande extensão, toda ella semeada de ilhas, que forçaram o rio a alargar o seu leito, e ao mesmo tempo a tomar o rumo de Poente e de Sudoeste, desviando-o de um morro existente do lado Norte.

No dia immediato, lutando corajosamente contra as difficuldades oppostas por esta cachoeira, que recebeu a designação de "Sete de Abril", e mais com as que se lhe seguiram, não conseguimos avançar mais do que 3.655 metros, apesar

de termos trabalhado desde ás 8 horas da manhã até proximo das 4 horas da tarde. Parámos á beira de outra cachoeira, e ao acampamento ahi installado démos o nome de "Piranhas", em lembrança de alguns desses peixes pescados pelo tenente Lyra.

Desse acampamento descemos, no dia immediato, 9 de Abril, mais 4.575 metros, transpondo duas cachoeiras, que obrigaram os nossos valentes trabalhadores a transportar as cargas por caminhos martyrisantes, o primeiro com a extensão de 700 metros e o segundo com a de 400. Estes homens já apresentavam o aspecto de organismos esgotados pelo excesso dos esforços que vinham desenvolvendo havia 42 dias seguidos, numa luta sem treguas contra as formidaveis resistencias da natureza selvagem do sertão e do rio, que se apresenta eriçado de todos os obstaculos proprios a levarem até o infinito as difficuldades da navegação; no emtanto, nenhum signal de abatimento moral se manifestava nelles, e nada presagiava a possibilidade de virem a perder o animo necessario para enfrentar e vencer novos obstaculos e resistir aos embates de maiores desventuras e de mais pesados soffrimentos.

Dos tres dias subsequentes, passamos um, o intermedio, no 29º acampamento, á espera de emissarios mandados ao pouso anterior á procura do cão de nome "Trigueiro", de propriedade do Sr. Kermit, que nos haviamos esquecido de fazer embarcar nas canôas, e no ultimo installámos novo acampamento, o 30º, denominamos "Do Peixe". Nos dois dias de navegação fizemos o percurso total de 8.050 metros, numero só por si bastante eloquente para dar ideia da grandeza dos obstaculos que tivemos de superar.

Na jornada seguinte, 13 de Abril, depois de atravessarmos um rapido perigoso, onde perdemos dois remos da balsa, entrámos num trecho favoravel á navegação, por ter o rio começado a manifestar a tendencia de encaixar em leito regular as aguas que, desde a cachoeira Sete de Abril, vinham dispersadas por innumeros canaes, rasos e pedregosos. Assim conseguimos avançar 13.400 metros, vendo a vegetação marginal recobrar o aspecto da floresta amazonica, interrompida no terreno rochoso e alagadiço da cachoeira das Piranhas.

Partimos do nosso 31° acampamento na manhã de 14 de Abril, data que nos serviu para designar um novo tributario da margem esquerda do Roosevelt, distante 252.475 metros do passo da Linha, e proseguimos a marcha até completarmos nesse dia o percurso de 31.350 metros, ao fim do qual acampámos.

No dia 15, por se terem aggravado os padecimentos do Snr. Roosevelt, que estava ameaçado de uma manifestação erysipelatosa na perna direita, só pudémos retomar os nossos serviços ás 8 horas da manhã. Passámos por um systema de morros existentes na margem esquerda, a que démos o nome de Serra da Cigana, avistando em seguida, do mesmo lado, um marco de madeira com as iniciaes J. A., gravadas a fogo. Examinando o lugar, descobrimos outro marco igual a esse, na margem opposta.

Tal foi o primeiro signal da nossa civilização encontrado neste rio pelos expedicionarios que haviam partido da ponte da Linha Telegraphica no dia 27 de Fevereiro, e percorrido, desde aquella data, 270.200 metros através de regiões inteiramente incultas e abandonadas. No emtanto, aquelle signal era ainda bem pouco expressivo a respeito da importancia dos conhecimentos que elle revelava existir desta paragem entre os civilizados porque restava saber si as terras assim demarcadas pertenciam a algum proprietario, que as tivesse feito medir regularmente, ou si eram simples occupações desses energicos seringueiros que se embrenham pelos sertões e ahi se estabelecem por iniciativa propria, sem nenhuma especie de dependencia ou de relação com as autoridades publicas, e praticamente isolados do resto do mundo.

Proseguindo a viagem, fomos descobrir, a 2.600 metros de distancia dos marcos, um rancho grande, bem construido, tendo ao lado outro menor, destinado ao serviço de defumação do latex da seringueira. O proprietario, Joaquim Antonio, cujo nome corresponde ás iniciaes dos marcos, achava-se ausente, provavelmente por pouco tempo, visto existirem no interior do rancho muitos utensilios domesticos e grande quantidade de generos alimenticios.

Deixámos ahi inscripções com os nossos nomes e indicação do lugar da nossa procedencia, e continuámos a descer o rio. Andados mais 3.600 metros, encontrámos pequena canôa, tripulada por um preto velho, que, apenas avistou a flotilha, manobrou a sua embarcação, de modo a procurar refugio em terra. Vendo isso, levantei-me na minha canôa e agitando o capacete na mão, dirigi a palavra áquelle homem. Só então elle reconheceu não haver motivo para fugir e sem receio, aproximou-se de nós.

Explicou-nos que se havia amedrontado por não lhe ser possivel esperar a chegada de pessoas civilizadas, descendo o rio desde as suas nascentes. Igual surpresa sentiriam os outros moradores que iamos encontrar abaixo da sua casa; para poupar-lhes o susto de supporem que eramos indios, deviamos avisal-os da nossa aproximção por tres tiros de carabina, combinados com os sons de uma busina de taquara, que nos deu.

Convidando-nos para visitarmos a sua casa, o velho disse-nos chamar-se Raymundo José Marques e ser natural do Estado do Maranhão. Apresentei-o ao Snr. Roosevelt, que não tinha saltado da canôa, por motivo dos seus padecimentos. Nessa occasião, tendo eu feito allusão ao titulo de ex-presidente do nosso hospede, o velho Raymundo perguntou-me, meio admirado: "Mas elle é presidente mesmo?" "Agora não é, expliquei-lhe, mas foi presidente." "Ah! commentou o velho, mas quem foi rei sempre tem magestade". O Snr. Roosevelt, ouvindo este commentario, manifestou-se muito admirado de existir tanto espirito e cortezia num homem que vivia internado no sertão, longe da cultura dos grandes centros populosos, e assegurou-nos que um matuto dos Estados Unidos, em igualdade de condições, seria incapaz de se manifestar com a graça e a intelligencia do nosso sertanejo.

Despedimo-nos do velho maranhense e continuámos a navegação rio abaixo. Passámos por outra barraca de seringueiro, cujo proprietario estava ausente, e fomos aportar na de um chamado Honorato, situada a 11.450 metros de dis-

tancia da do Raymundo. Ao todo, fizeramos nesse dia um percurso de 24.800 metros.

Seguindo o conselho do velho Raymundo, démos os tiros de carabina e os toques de busina, logo que percebemos estar nas proximidades de nova barraca. Infelizmente essa precaução não surtio o desejado effeito. A mulher do Honorato, mal avistou as canôas, deitou a correr espavorida pela margem do rio, carregando nos braços uma criancinha. O caminho por onde ella fugia, era cortado, a certa distancia, por um igarapé; no afan de se salvar do perigo imaginario, a pobre senhora atirou-se alli, cahiu; conseguiu levantar-se, com as roupas encharcadas, e continuou a desvairada corrida até attingir a casa de um visinho, onde chegou, desmaiada.

O panico communicou-se á outra familia. Felizmente, alli estava o Honorato e com elle mais tres homens. Armaram-se todos, tomaram uma canôa e vieram rio acima, com precauções de combate.

Nós estavamos no terreiro da casa abandonada, onde tinhamos feito acender fogo para a nossa cozinha. A certa distancia, o Honorato e os seus companheiros puderam avistar-nos, reconhecendo então que não tinham de lutar com os indios.

Vieram ao nosso encontro, agora admirados de que alli tivessemos chegado, percorrendo caminho inteiramente novo e desconhecido de todos os moradores daquelle rio. Entrámos a conversar amistosamente.

Soubemos ser este rio o galho occidental do Aripuanã. Os seus moradores davam-lhe o nome de Castanha e nelle se estabeleciam por accordo mutuo, trabalhando cada qual por sua propria conta e proveito. No caso de algum precisar de auxilio, os outros reunem-se para lh'o prestar. Na distribuição das terras, seguem a regra do novo occupante subir em canôa o espaço correspondente a duas horas de navegação, a partir da ultima barraca já installada.

No ponto attingido, plantam marcos identicos aos que encontrámos e descrevemos, e desse momento em diante as terras assim assignaladas são consideradas e respeitadas como

propriedade legitima da pessoa cujo nome corresponde ás iniciaes nelles gravadas. Todos reconhecem que os terrenos pertencem ao Governo; mas não julgam que isso possa, de qualquer fórma, infirmar o direito de posse resultante do facto da occupação.

Quanto a moradores indigenas, de que não haviamos encontrato nenhum vestigio depois de passada a cachoeira do Paixão, disseram-nos os seringueiros que, de longe em longe, tinham noticias do apparecimento de alguns, ora num lugar, ora noutro muito differente. Ha tempos, elles appareceram e foram recebidos a tiro, numa barraca acima da propriedade do Honorato. A represalia não se fez esperar, e a consequencia della foi o dono daquella barraca, um caboclo chamado Manoel Vieira, cahir ferido por golpes de flecha.

Depois desse facto, nenhum outro tão grave se havia dado; mas os seringueiros não alimentavam grandes illusões a respeito da tranquillidade que estavam desfructando, pois sabiam ser fatal terem de entrar em conflicto com os primitivos donos daquellas terras, das quaes não se podiam apossar sem lutas.

O panico causado pela nossa chegada mostra claramente o gráo de tensão nervosa em que vive aquella gente, constantemente atormentada pela espectativa de vêr surgir do interior do sertão os guerreiros indigenas. A mulher do Honorato contou-nos depois, que não só viu, distinctamente, as canôas em que vinhamos, cheias de indios, como tambem ouvia os seus gritos terriveis e se sentia perseguida por elles emquanto corria. E essa allucinação fel-a soffrer tanto, que á noite appareceu-lhe um accesso febril, que foi combatido pelo Dr. Cajazeira.

Da barraca do Honorato para baixo, fomos encontrando seguidamente outros estabelecimentos de seringueiros e mesmo um barracão, ou casa de negocio, onde comprámos alguns generos de cujos preços se poderá fazer ideia, sabendo-se que pagámos 15$ por cinco kilos de arroz, 12$500 por outros tantos de assucar e 17$500 por dois de fumo; uma gallinha custou-nos 10$000.

A navegação continuou com enorme facilidade, ao menos para quem sahia das difficuldades do trecho anterior. Assim é que, em cinco dias, comprehendidos de 16 a 20 de Abril, pudémos percorrer 185.400 metros, não obstante termos atravessado algumas cachoeiras, das quaes a mais importante é a conhecida pelo nome de "Panellas".

Nesse percurso assignalámos grande numero de igarapés, por uma e outra margem do Roosevelt, e um tributario importanto, o rio Branco, cuja foz se acha do lado esquerdo, a 368.275 metros do passo da Linha Telegraphica.

Quanto á natureza do solo, caracterizada pelas rochas nelle encontradas, achámos na altura do primeiro marco, o de Joaquim Antonio, o porphyro, a orthose, ao qual se seguio o quartzo-biolite, que se extendeu até o rio Branco, e deste para baixo aflorou o orthogneiss.

A largura do rio attingia 310 metros.

No dia 21 partimos do barracão do Sr. Benevenuto e passámos pela antiga Barraca do Bagaço, lugar aproximado do parallelo de 8° 48', por onde corre a linha divisoria de Matto Grosso e Amazonas, idealmente traçada de Santo Antonio do Madeira á nascente do Uraguatás, affluente do Tapajoz.

Proseguindo a viagem, ás 4 horas da tarde avistámos, pela margem esquerda, a foz do Madeirinha, outro affluente do rio Roosevelt, situado a 519.875 metros da Linha Telegraphica. No ponto em que o vimos, tem esse tributario a largura de 80 metros, e as suas aguas, na estação chuvosa, podem ser navegadas por canôas até as mais altas cachoeiras. Nelle ha varios estabelecimentos de seringueiros, e os indios que o habitam, os Urumis, são de indole branda, e acceitam o convivio dos civilizados.

Um pouco abaixo da barra do Madeirinha existe a cachoeira chamada do Infernão, formada por um afloramento de granito. Ahi as canôas precisam ser esvasiadas e as cargas transportadas por terra. Para facilitar esse trabalho existe na parte superior da cachoeira um barracão, cujo administrador foi soldado do exercito.

Encontrámos mais, neste logar, uma nota do engenheiro Ignacio Moerbeck, assignalando para a latitude o valor de de 8° 29' 27",4 e para a long. a O. do Rio, o de 17° 29' 39". 2° 35' 19" Manáos. Sextante e chronom. n. 5.607 de Casella. — As nossas observações, porém, accusaram para a lat. o valor de 8° 29' 27",4 e para a long. a O. do Rio, o de 17° 29' 39".

Pernoitámos no estabelecimento do Infernão, a 523.325 metros do Passo da Linha Telegraphica, visto não ter sido possivel varar as canôas nessa mesma tarde.

A's 11 horas e meia da manhã de 22, terminados os trabalhos de varação das canôas, proseguimos a viagem. Desse ponto para baixo tinhamos de lutar contra alguns obstaculos importantes, taes como a cachoeira da Gloria, que exige um varadouro por terra com a extensão de 528 metros, e a do Inferninho. Mas, apesar desses embaraços serem aggravados pelo mau estado de saude do Sr. Roosevelt, que mal se podia suster sobre a perna doente, conseguimos vencer, em quatro jornadas successivas, até a tarde de 25, a distancia de 129.300 metros.

Nesse percurso, além de numerosos contribuintes de menor vulto, recebe o rio Roosevelt pela margem esquerda, as aguas do igarapé Machadinho, e em seu leito apparece o granito porphyritico, dando lugar á cachoeira da Gloria; mais abaixo, porém, resurge o orthogneiss, tambem em cachoeiras, uma chamada Carapanã e a outra da Gallinha.

Taes denominações datam dos primeiros estabelecimentos de seringueiros fundados neste rio. A julgar pelas informações por mim colhidas no barracão Carapanã, a subida para aquem do ponto de confluencia do antigo Castanha com o Aripuanã começou em 1879. Nesse anno, o preto Raymundo Gato, que eu vi e ouvi no alludido barracão, foi, com alguns companheiros, até a cachoeira do Infernão e em todo esse percurso não encontrou outros habitantes, sinão os das aldeias de selvicolas, sendo que até o nome de Castanha foi dado ao rio pelos indios Campineiros, que são os nossos conhecidos Mundurucús.

ERRATA

Por um erro de revisão lê-se á pagina 104, terceira linha, uma citação das coordenadas do Sr. Moerbeck em perfeita coincidencia com as que abaixo se transcrevem como determinadas pelo Coronel Rondon; rectifique-se pois para

8º 19' 29" o que está 8º 29' 27,"4

e para

18º 24' 58" o que está 17°29'39"

tudo na *terceira linha* da referida pagina 104.

Depois dessa época, continuou o movimento de invasão, abrindo-se, cada vez mais para cima, novos estabelecimentos de seringueiros, vindos do Ceará, Piauhy, Maranhão e outros lugares. Ao passo que os invasores progrediam, iam os indios sendo rechassados para o interior. De alguns pontos elles foram expulsos mais violentamente do que de outros; assim, onde hoje se vê o arraial denominado Terra Preta, existiu uma aldeia de Matanauês, que foi destruida ha cerca de 30 annos por um grupo de cearenses.

O apparecimento aqui do nome desta tribu exige uma explicação especial esclarecedora do entrelaçamento que existe entre os habitantes do valle do rio Roosevelt e os do Gy-Paraná e do igarapé dos Marmellos.

Para isso, precisamos dizer que, entre os dois primeiros rios, a Commissão Roosevelt-Rondon, assignalou a existencia de uma serra, até então desconhecida, cuja direcção geral é de Sudeste para Noroeste. Foi ella que, cortada pelo curso do rio explorado, deu lugar ás difficultosas cachoeiras do Paixão, nome que tambem adoptámos para a designar.

Entre os seus contrafortes, o mais importante é conhecido pelo nome de serra da Providencia, em cujas vertentes nascem, do lado do Septentrião, o rio Marmellos, tributario directo do Madeira, e do Oriente o Madeirinha, affluente já nomeado do Roosevelt.

Na parte occidental da bacia dos Marmellos, vivem os Parintintins, cujas aldeias se extendem para o lado do Gy-Paraná e não se afastam muito do Madeira; mais acima, encontram-se os Urupás, Ararunas, Muras, Turás e Matanauês.

Ainda do mesmo contraforte, descem as aguas de um contribuinte do Gy, o rio Tarúmã, em cujas cabeceiras os Urumis assentam as suas aldeias.

Esta distribuição geographica e a contiguidade de territorios determinaram o mencionado entrelaçamento das tribus habitantes dos valles em questão. E' assim que os Matanauês se extendem pelo Roosevelt, até uma altura bastante consideravel; e os Urumis possuem aldeias nas cabeceiras do Madeirinha.

Os indios que, no dia 16 de Março, flecharam o Lobo, pertencem, provavelmente, á primeira dessas duas tribus.

Além dos que acabamos de mencionar, assignala-se mais a existencia de um grupo no rio Branco, do qual não consegui outras noticias sinão a de serem as suas flechas mal feitas e portanto nada parecidas com as dos Urumis, que as têm muito artisticas e bem trabalhadas. Além disso, são guerreiros esforçados, e hostilisam os seringueiros que procuram invadir os seus dominios.

Finalmente, para terminar esta enumeração dos selvicolas do rio Roosevelt, devemos lembrar que, do salto Navaitê para cima, até as suas mais altas cabeceiras, vivem os Nhambiquaras.

III

Pela manhã de 26 de Abril deixámos o nosso acampamento de Samaúma, na lat. austral de 7° 40' 55",6 e long. O. do Rio de 17° 2,4' 22", continuando a descer o antigo Castanha. Atravessámos a cachoeira da Gallinha, com as canôas descarregadas, em seguida a das Araras, inteiramente submergida nesta occasião, como em todas as estações de chuvas. Pouco depois passámos pela foz do igarapé "Do Ouro", assim chamado por se acreditar ser ali o lugar de uma jazida de areias auriferas ha annos secretamente explorada por um negro africano, que apparecia com esse metal e o vendia a certo portuguez, negociante do Aripuanã.

Proseguindo a viagem, á 1 hora da tarde chegámos ao ponto de confluencia do rio que vinhamos navegando, com o Aripuanã, que descia de Sudeste.

Ahi encontrámos acampados, esperando-nos desde 21 de Março, o tenente Pyrineus, com a sua turma auxiliar composta de seis pessoas. A esse lugar chegara a turma enbarcada em canôas, visto não lhe ter sido possivel transpôr com o aviso "Cidade de Manáos" a cachoeira de Matá-Matá, distante dali uns 7.900 metros.

Havia 59 dias que partiramos da ponte da Linha Telegraphica, com a nossa flotilha de sete canôas, sulcando as

aguas do rio cujo nome resumia todas as indecisões resultantes do mysterio do seu curso e da região desconhecida por elle atravessada. Nesse tempo percorremos 686.360 metros, dos quaes os primeiros 276.d00 foram tão asperos e hostis que, para os vencer, tivemos de lutar durante 48 dias seguidos, sem nos deixarmos abater por nenhuma fadiga, nem pelos transes dolorosos que amarguraram os nossos corações e por instantes abysmaram as nossas almas na contemplação da insondavel Fatalidade das cousas da nossa vida.

Chegavamos ao fim dessa penosa travessia, quasi todos doentes e esgotados de forças. O eminente chefe da Commissão Americana, depois do insulto palustre, soffrido na cachoeira do Paixão, nunca mais recobrara a saude de que dantes gozava. O seu filho, Kermit, estava tambem bastante combalido dos demorados accessos de febre que o atormentaram por muitos dias, em seguida ao acabrunhador trabalho de varar as canôas naquella cachoeira. O tenente Lyra e o Sr. Cherrie tinham tido longos padecimentos gastricos, e os homens das equipagens, atacados de febres e esmagados de cansaço, apresentavam-se todos enfraquecidos e com certeza estariam litteralmente derrotados si não fossem da tempera dos nossos admiraveis caboclos e sertanejos.

Mas a alegria de vermos o feliz exito que tiveram os nossos esforços e trabalhos, realizados sempre com a esperança de alcançarmos este premio, fazia-nos esquecer todas as attribulações passadas, e, acalmado o alvoroço do encontro, só num ponto permittia concentrarmos a attenção: queriamos, de um relance, avaliar a importancia dos resultados que acabavamos de obter.

Do nosso acampamento avistavamos o confluente do antigo Castanha, trazendo as suas aguas da direcção de Sudeste, com a velocidade média de 776 millimetros, por entre margens entre si afastadas de 470 metros. Completando-se estes dados com o accusado pelas nossas sondagens, que deram a profundidade média de 639 centimetros, conclue-se que, em cada segundo, a sua foz deixa passar através da área de 3.003 metros quadrados, uma onda equivalente ao volume de 2.331 metros cubicos.

Este era o rio cujo curso os seringueiros imaginavam prolongando-se para baixo do ponto de confluencia com o Castanha, até desaguar no Madeira com a designação de Aripuanã. Segundo tal modo de pensar, elle seria, pois, o rio principal, e o outro, o Castanha, não passaria de seu tributario, muito importante, na verdade, mas não tanto que o fizesse perder a individualidade e, com ella, o nome.

Examinarei, rapidamente, si tal conceito corresponde á realidade dos factos, observados e constatados pela expedição Roosevelt-Rondon, ou si, pelo contrario, seria mais legitimo attribuir a primasia em questão ao rio recem-explorado. Mas, antes disso, darei outras informações, visando mostrar até onde chegam os nossos conhecimentos actuaes sobre o confluente do antigo Castanha. E para facilidade do discurso, fica entendido que daqui por diante, designarei este confluente, e só elle, pelo nome de Aripuanã; desta designação excluo systematicamente a parte do curso dos dois rios reunidos, desde o ponto em que se dá a reunião até a foz, no Madeira.

Todos os seringueiros que, a partir de 15 de Abril, viemos encontrando ao longo das margens do rio Roosevelt, concordaram em informar-me que nenhum explorador sertanejo havia subido o Aripuanã para cima de certa cachoeira, conhecida pelo nome de Infernão, tal como a que vimos no antigo Castanha. O primeiro homem que ahi tentou estabelecer-se não conseguiu resistir aos indios, cujas hostilidades elle suscitara, perseguindo-os impiedosamente, sem nenhuma apparencia de razão nem de justiça. Depois de expulsarem esse homem, os selvicolas do Aripuanã continuaram a guerrear os civilizados que se aventuravam por seus dominios, e com tanto ardor o fazem que o rio póde ser, praticamente, considerado interdicto aos seringueiros, que muito pouco o frequentam.

Ha, porém, abaixo da mencionada cachoeira, um affluente, o Guariba, regularmente povoado pela nossa gente, não obstante existirem nelle tambem muitos indios. Segundo informações do Sr. Caripé, que é o maior proprietario do Roosevelt, os selvicolas desse affluente pertencem a uma tribu differente da que hostilisa os seringueiros no rio principal; aquelles são os denominados Araras, e os outros serão, provavelmente, de

alguma tribu da grande nação dos Múras, da qual uma parte tem relações pacificas com os civilizados, em outros rios.

Além dessas informações, póde-se ainda registar outra, relativa á existencia de jazidas auriferas no Aripuanã, das quaes a primeira se localiza no igarapé Tabóca, e teria sido conhecida e explorada pelo mesmo africano a que já nos referimos, e a segunda, mais recente, pois data de 1913, deve estar noutro igarapé, tributario do Guariba. O descobrimento desta ultima é attribuida a um seringueiro de origem peruana, que se affirma ter ahi colhido ouro de 22 quilates.

De tudo quanto acabamos de dizer, resulta, claramente, que o Aripuanã é um rio pouco menos do que desconhecido. A direcção geral do seu curso, a grandeza da sua bacia, a localização das suas cabeceiras, para não alludirmos a outros elementos a respeito dos quaes precisamos estar informados para podermos considerar como convenientemente individualizado um rio qualquer, são assumptos ainda pertencentes ao dominio das hypotheses. E' verdade que destas, muitas já estão excluidas dos limites das possibilidades, graças ás conquistas realizadas pela sciencia nas regiões confinantes com aquella em que existe o valle do rio. Mas, ainda assim, o numero das que restam como podendo ser plausivelmente formuladas, é mais do que sufficiente para não nos permittir localizar nos mappas, na lat. Sul de 7° 34' 34",07 e long. O. do Rio de 17° 9' 36", outra cousa além da foz de um confluente do Roosevelt, inscrevendo-lhe ao lado a palavra "Aripuanã".

No emtanto, por interessar ás conclusões geographicas da expedição Roosevelt-Rondon, farei uma ligeira referencia ás hypotheses que tiveram de ser ultimamente relegadas do meio das admissiveis.

A mais importante dellas resultava da ignorancia em que estavamos a respeito da direcção seguida pelo curso do Ananaz, para baixo do pequeno trecho, immediato ás nascentes, que lhe pudémos fixar, como trabalho accessorio ao do traçado da Linha Telegraphica entre as estações de Vilhena e José Bonifacio.

Podia-se, pois, admittir que essas nascentes pertencessem ao Aripuanã, e como ellas se acham situadas ao Norte das do

antigo Duvida, apenas á distancia de 15 kilometros, a consequencia seria poder o curso daquelle rio competir em extensão latitudinal com o Roosevelt, ficando-lhe inferior cousa de alguns minutos de gráo.

Como, porém, está verificado — e o meu coração sangra desde o dia que soube ter nos custado tal verificação o sacrificio da vida do nosso querido e intrepido amigo, tenente Marques de Souza — que aquellas nascentes são as de um dos formadores do rio Capitão Cardoso, conclue-se não haver mais motivo para acceitar-se a supposição de ser o Aripuanã quasi tão entrado no planalto dos Parecis, quanto o Roosevelt.

Encurtado assim em latitude, o rio questionado teve forçosamente de ganhar em longitude, extendendo-se para o Oriente.

Do que sabemos da trama hydrographica formada pelos tributarios do Juruena e do Alto Roosevelt, e, mais para o Norte, do que pudemos inferir das informações relativas ao Canumã, resulta como unica hypothese acceitavel sobre as cabeceiras do Aripuanã, terem ellas por contravertentes as do Acary e do Secundury, formadoras do mencionado Canumã, das quaes são separadas pelos espigões e contrafortes lançados pela serra do Norte para o interior da região que se apoia, do lado de Sudeste, na curva do Ikê, e no de Sudoeste, no ramo concavo do rio Marques de Souza.

Si quizermos agora comparar os dois braços formadores do trecho que desagua no Madeira pela foz conhecida até 1914 sob o nome de Aripuanã, na intenção de decidir qual delles deve ser considerado como o prolongamento daquelle tronco, e portanto como a parte superior do collector principal da respectiva rêde fluvial, precisamos, antes de mais nada, alludir spectiva rêde fluvial, precisamos antes de mais nada alludir aos principios que nos servem de base á solução de questões desta natureza.

Felizmente podemos ser breve na referencia aos aspectos sob que este importante problema geographico tem sido considerado pelas autoridades na materia, vista a facilidade de nos remettermos ao excellente trabalho do Capitão de Fragata Antonio Alves Ferreira da Silva, escripto a proposito da fixação das fronteiras com o Perú, e publicado sob o titulo "Rios,

seus affluentes. Contribuição para o estudo da nascente principal".

Nessa obra, o Commandante Ferreira da Silva, baseando-se nas opiniões de varios autores notaveis, taes como Geikie, Hamilton, Peschel e Carlo Porro, conclue que as condições a prevalecer na escolha do galho principal de um rio, são: em primeiro lugar a conservação do rumo geral do tronco: o confluente que o continuar, ou o que delle menos se afastar, deverá ser considerado como o principal; em segundo lugar, a maior extensão, ou, caso os dois ramos a tenham do mesmo valor, o maior volume; e, por ultimo, si houver sensivel igualdade na deflexão dos dois confluentes, bem como nas respectivas extensões e volumes, prevalecerão os dados antropogeographicos, isto é, será acceita como cabeceira principal a que fôr indicada como tal pelos primitivos habitantes da região.

O argumento deduzido da differença de altitude das nascentes só merece attenção quando os rios estudados existem em terreno bastanto accidentado, onde aquella differença possa alcançar valor francamente apreciavel.

Este ultimo argumento não tem de pesar no julgamento que se ha de lavrar sobre a importancia relativa dos dois ramos do antigo Baixo-Aripuanã; todos os outros, porém, concorrem para firmar a preeminencia do mais occidental delles.

Assim, si começarmos pelo ultimo, o de ordem antropogeographica, proposto por Geikie e Peschel, temos de constatar que os Nhambiquaras, isto é, os habitantes da região das cabeceiras do rio por nós denominado Duvida em 1909, e chamado Castanha pelos seringueiros da parte inferior do seu curso, lhe dava o nome de Caiuániarú desde as suas nascentes até a foz do Madeira. Portanto, para os Nhambiquaras, o galho occidental, que denominamos Aripuanã, não passa de um affluente do Caiuániarú, no qual elle, ao entrar, perde o nome e a individualidade, como acontece a todos os tributarios depois de serem absorvidos pelos respectivos recipientes.

Quanto á extensão, está hoje definitivamente assentado que a do alludido galho occidental excede a do outro, não só dos 15 kilometros em latitude Sul que eram admissiveis antes do reconhecimento do tenente Marques de Souza, mas de muito

mais do que isso, talvez da distancia correspondente a um ou mais gráos do meridiano terrestre.

A consideração do volume, vimos, citando as conclusões do Commandante Ferreira da Silva, não decide contra as conclusões tiradas da extensão e muito menos contra as deduzidas da coincidencia da direcção geral do ramo principal com a do tronco. No emtanto, para não deixarmos de mencionar mais este elemento de valor na caracterização do rio estudado pela expedição Roosevelt-Rondon, direi que as medições realizadas na confluencia, pelos tenentes Lyra e Pyrineus, accusaram a largura de 302 metros, a velocidade média por segundo de 885 millimetros e a profundidade de 828 centimetros; portanto, a descarga do antigo Castanha, em cada segundo, era naquelle dia de 2.212 metros cubicos.

Comparando este volume ao já mencionado do Aripuanã, achamos para o primeiro uma inferioridade de pouco mais de cem metros cubicos. E' evidente, porém, que tal inferioridade, além de pequena, não passa de simples expressão de circumstancias occasionaes: com certeza, o Aripuanã estava engrossado com as aguas de chuvas mais copiosas ou mais demoradas do que as cahidas por aquelles dias no valle do antigo Castanha.

Por fim, consideremos a primeira das condições enumeradas pelo Commandante Ferreira da Silva.

Segundo os proprios termos desse autor, o titulo de ramo principal compete ao confluente "que conservar a direcção geral do rio, ou que della mais se approximar, apresentando a menor deflexão em relação ao tronco."

Ora, si tomarmos um mappa no qual esteja figurado o itinerario seguido pela expedição Roosevelt-Rondon, desde o momento em que ella embarcou nas canôas do rio da Duvida, até aquelle em que sahiu no Madeira, a primeira cousa que nos ha de ferir a attenção será, certamente, a regularidade com que o traço representativo desse itinerario se extende de Sul para Norte, a principio um pouco á direita e em seguida um pouco á esquerda do meridiano que, passando pela foz do antigo Aripuanã, caracteriza a direcção geral do rio tronco. E de facto, é bastante notavel que num percurso fluvial de 899.174 metros,

a expedição se tenha achado incessantemente encerrada na faixa de terra limitada por dois meridianos, os de 17 e 18 gráos a Oeste do Rio de Janeiro, sem, no emtanto, tocar nenhum delles. Si a esse percurso juntarmos o trecho existente da ponte da Linha Telegraphica para o Sul, até ás mais altas nascentes, no parallelo aproximado de 12 gráos e 39 minutos, encontraremos mais 110 mil metros, dos quaes só os ultimos 44 mil penetram no fuzo geographico anterior ao já mencionado.

Verifica-se, pois, que os cursos antigamente denominados Duvida, Castanha e Baixo Aripuanã, formam um rio unico, extenso de 1.009.174 metros, avançando uniformemente de Sul para o Norte cerca de sete gráos, sem apresentar em ponto algum uma deflexão que importe na ruptura da continuidade da direcção geral.

Menos extenso do que essa grande arteria central e chegando a ella, vindo do lado do oriente, como já explicámos, o galho, para cuja designação reservamos o uso do nome Aripuanã, apresenta-se com todos os caracteristicos dos affluentes; e assim como ao penetrar nessa arteria elle perde a direcção geral de Noroeste, que trazia até á foz, da mesma fórma dahi por diante se apaga a denominação que lhe é propria, absorvida pela do seu recipiente.

No dia 27 de Abril, no acampamento do Tenente Pyrineus, proximo á barra do Aripuanã, eu, como chefe da Commissão Brasileira, inaugurei a nova placa commemorativa da mudança dos antigos nomes de Duvida e Castanha, para o de rio Roosevelt, tal como já vinha fazendo em todos os lugares notaveis de nosso percurso, a partir da foz do Kermit. A' ceremonia dessa inauguração quiz assistir o illustre homenageado; e apesar disso lhe custar grandes soffrimentos, provocados pelo esforço exigido da perna doente, veio collocar-se de pé ao lado do marco inaugural, commungando assim mais uma vez com os pensamentos de fraternidade internacional e com os sentimentos de amisade e de consideração pessoal que nós, os que tivemos a satisfação e a honra de ser os seus companheiros de trabalho durante a difficilima travessia, queriamos por aquelle acto externar.

Mas, attendendo á rapida justificação anterior dos motivos que nos levam a reconhecer nos rios correspondentes ás antigas denominações a qualidade de prolongamentos do collector principal da bacia hydrographica do maior contribuinte da margem direita do Madeira, é claro que a nova designação abrange a totalidade do curso do rio, até o lugar em que elle se perde no seio de seu magestoso recipiente. E assim deve ser, não só por prestarmos uma justa e bem merecida homenagem ao eminente estadista que não desdenhou de trazer o concurso da sua intelligencia, da sua coragem e da sua iniciativa ao esforço com que vamos continuando a obra ingente do passado, de descobrir e conquistar as regiões bravias do territorio da nossa Patria, como tambem por evitarmos a desordem geographica que resultaria de se darem nomes distinctos a trechos consecutivos de um mesmo rio.

Quanto á segunda razão, é evidente que não existe, nem podem existir duvidas ou allegações capazes de infirmal-a: porque ou a totalidade do curso tinha de chamar-se Duvida, nome de significação occasional e suggerido por um incidente demasiadamente local; ou seria Castanha, como o lembraram os indios Mundurucús para registrar com elle a abundancia de castanheiras do Pará, facto commum a esse e a mnitos outros rios da Amazonia; ou se teria de extender a denominação do tronco pelo ramo occidental, tirando-a do outro, a que ella já se applicava; ou, finalmente, se havia de adoptar o alvitre, que puzemos em execução, de rejeitar dois nomes, relativamente recentes e de uso ainda não inveterado, substituindo-os por outro altamente expressivo, facil de se tornar habitual e corrente, pela personagem e pelo acontecimento que recorda, sem no emtanto votar ao esquecimnto o que nos veio do passado, mas apenas restringindo-lhe a applicação a uma parte dos seus antigos dominios. Assim ficamos com o rio Roosevelt, sem, no emtanto, perdermos o tradiccional Aripuanã.

Quanto, porém, á justificação da nova denominação pelo facto que allegámos de ter sido a expedição Roosevelt-Rondon a primeira a descobrir o curso do rio que chamavamos Duvida, reconhecendo e levantando ao mesmo tempo, os dos antigos Castanha e Baixo-Aripuanã, os quaes, só depois dos trabalhos

dessa expedição, puderam ser collocados nos mappas, appareceram contestações. De todas ellas, limitar-me-hei a fazer alguns reparos sobre a que foi communicada á Sociedade Geographica de Lisboa, em sessão de 8 de Março deste anno, pelo Sr. Ernesto de Vasconcellos, Secretario Perpetuo da mesma Sociedade; e assim faço pela consideração que nos deve merecer a casa, onde carinhosamente se guardam as chronicas das antigas Capitanias do Brasil.

A communicação do Sr. Vasconcellos, intitulada "A proposito do rio da Duvida", acha-se publicada num opusculo impresso em Lisboa, sob a epigraphe "Investigações Geographicas". A' pagina 22 desse opusculo o autor, resumindo, segundo o *Geographical Journal,* a conferencia realizada pelo Sr. Roosevelt em Londres, a 16 de Junho de 1914, diz o seguinte:

"Antes de principiar a descer esse rio passara as cabeceiras do rio Abacaxis (Pineapple) fazendo preparativos para o descer logo que percorresse o Duvida, porque pensava que em tres ou quatro dias elle confluisse ao Gy-Paraná. Como isso não succedeu, como vimos, disse "e o Abacaxis não foi descido e ninguem conhece o seu curso. Não está no mappa e não estará até que alguem o suba ou desça. E' possivel que despeje no Tapajoz ou no Canumã. E' mais provavel que entre no Castanha, em latitude 10 gráos e 58 minutos como o rio Cardoso ou, o que é mais natural, que elle constitua as cabeceiras do Aripuanã propriamente dito."

Tal é o resumo feito pelo Sr. Vasconcellos, do que elle diz ter lido no jornal inglez como sendo a conferencia do Sr. Roosevelt. Como se vê, nesse resumo apparece o nome do rio *Abacaxis,* ao qual o traductor faz seguir, entre parenthesis, a palavra Pineapple. E' claro, porém, que ahi ha uma confusão inexplicavel do Sr. Vasconcellos: porque, tendo o jornal estampado simultaneamente a alludida conferencia e o mappa da região sobre que ella versava, não é facil comprehender-se como o geographo português, lendo a referencia a uma cabeceira atravessada ao Sul do parallelo de 12 gráos, poude entender que se tratava de um rio existente todo ao norte do parallelo de 7. Com o cuidado de collocar ao lado da palavra Abacaxis,

o termo Pineapple, para indicar ser um a traducção do outro, o communicante quiz, provavelmente, salvar-se da responsabilidade de não ter vertido o vocabulo inglez para Ananaz; no emtanto esqueceu-se do mais importante e é que o Sr. Roosevelt, descrevendo o itinerario da expedição diz segundo resumo do proprio Sr. Vasconcellos — "Antes de principiar a descer esse rio, (isto é, o da Duvida) passara as cabeceiras do Abacaxis (Pineapple)". E' evidente, pois, que o explorador se achava na altura do parallelo de 12 gráos Sul, quando passou pelas cabeceiras designadas por "Pineapple". Como, pois, imaginar que taes cabeceiras correspondam a um rio, cujo curso existe todo para o do Norte do parallelo de 7?

No emtanto, é sobre uma confusão desta ordem, que o Sr .Vasconcellos se baseia para affirmar que o rio apontado pelo Sr. Roosevelt se acha no "mappa de Silva Pontes de 1798, conhecido pelos portugueses que o levantaram pelo nome de *Carta da Nova Luzitania.*" E o Sr. Vasconcellos avança, categorico: "o Abacaxis (Pineapple), dirigindo-se para o Norte, indo desaguar no Furo do Tupinambaranas, a que Silva Pontes dá tambem o nome de Abacaxis, e que não é outra cousa mais do que um estreito canal natural, que liga o curso inferior do Madeira com o Amazonas, partindo de ponto a montante do Madeira com o Solimões."

Sim, o Abacaxis póde ter um curso tal qual como acima está descripto, mas o Pineapple referido pelo Sr. Roosevelt, nasce ao Sul do parallelo de 12 gráos, no chapadão dos Parecis, e, correndo na direcção do Norte, vae entroncar-se no Capitão Cardoso, affluente da margem direita do Roosevelt, na latitude austral aproximada de 10 gráos e 59 minutos. Exactamente como disse o ex-presidente da America do Norte, esse rio era desconhecido, não figurava em mappa algum, e se agora conhecemos o seu curso e podemos inscrevel-o nas cartas geographicas é porque houve quem, posteriormente á expedição Roosevelt-Rondon, o descesse: nós bem sabemos o sacrificio que isso nos custou, porquanto, o mal traduzido Pineapple é precisamente o rio do Tenente Marques de Souza, nome actual do antigo Ananaz.

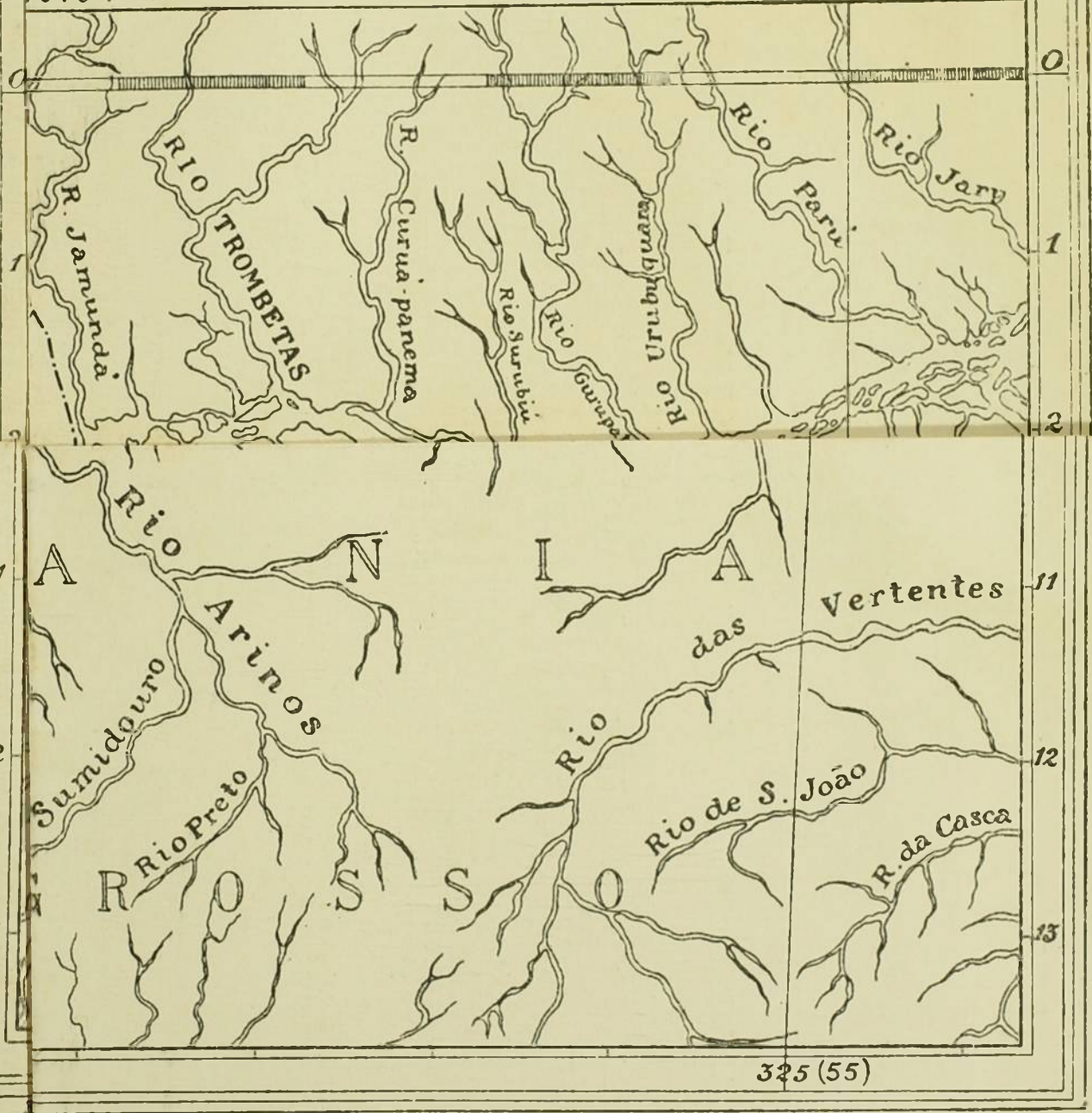
Não menos infeliz foi o Sr. Vasconcellos, na contestação

325(55)

VA LVSITANIA

a acompanhar a 1ª Memoria
gana Ingleza

1916



325 (55)

esentação seria
egro.

Confere. 1º Tº Jaguaribe de Mattos

que oppôz á affirmativa do Sr. Roosevelt de não terem representação nas cartas geographicas os rios da Duvida e o Castanha, isto é, a parte mais alta e a parte média do curso do velho Aripuanã. Para apoiar a sua contestação o Secretario Perpetuo da Sociedade de Geographia de Lisboa recorre a uma "photographia original" da já mencionada *Carta da Nova Luzitania,* e, referindo-se a ella, assevera que alli se vê o Aripuanã correndo de Sul para o Norte e inflectindo o meio do seu curso para o Noroeste a confluir á margem esquerda (sic) do Madeira entre os seus tributarios Maraurá (devia dizer "Mataurá") e "Canumá".

Ora, si lançarmos a vista sobre a carta em questão, veremos, sem o menor esforço, na altura do parallelo Sul de 5 gráos e á esquerda do meridiano de 320 gráos, referido ao da ilha do Ferro, uma ilha fluvial, limitada: a N. O. por pequeno trecho do Madeira, a Este pelo Canumá, e Sudoeste pelo Mataurá, e ao Sul por um canal ou furo ligando estes dois ultimos rios. No interior dessa ilha, cuja extensão latitudinal não excede 3 gráos, dos quaes pouco mais de dois estão para baixo do parallelo de 5, vêem-se dois traços trazendo, um delles, a inscripção Rio Aripuaná, e o outro R. Aripuaná. A linha portadora da epigraphe Rio Aripuaná não corre de "Sul para o Norte", nem apresenta inflexão nenhuma, que o faça abandonar essa direcção para tomar a de Noroeste: porque ella é uma curva continua, cuja concavidade está virada para Sudoeste, tendo no seu interior o R. Aripuaná. A linha em questão, a da epigraphe Rio Aripuaná, termina em dois traços curtos, finos e entre si pouco divergentes: o aspecto geral da figura lembra a de alguns vermes bicaudados, de corpo muito alongado em relação aos dois appendices.

Esse é o rio Aripuanã da Carta Geographica da Nova Luzitania ou America Portuguesa, e Estados do Brasil, levantada em 1798 por uma commissão de engenheiros portugueses, da qual fazia parte Antonio Pires da Silva Pontes Leme, Capitão de Fragata, Astronomo e Geographo de sua Magestade, o rei de Portugal.

Esse rio não existe, como tambem não existe a ilha em cujo interior elle é figurado. Porém, mais admiravel é o

esforço de imaginação que deve ter custado ao Secretario Perpetuo da Sociedade de Geographia de Lisboa, o trabalho de convencer, primeiro a si mesmo e depois a seus consocios, que esse Aripuanã era, sem pôr nem tirar, o rio mencionado pelo Sr. Roosevelt, rio que vimos nascer na latitude aproximada de 12 gráos e 30 minutos Sul, correr franca e constantemente na direcção do Norte, com pequenos balanços para os lados do meridiano de 17° 17' 46" a O. do R. J., e finalmente entrar no Madeira com um desenvolvimento linear de mais de mil kilometros, dos quaes a maior parte, ou sejam 796.350 metros, correspondem aos trechos superiores designados respectivamente pelos nomes de Duvida e Castanha!

Mas, apesar de tudo, a coragem do Sr. Secretario Perpetuo não esteve á altura da collosal tarefa, cujas difficuldades elle se tinha proposto vencer. De facto, para se sustentar que o curso total do rio Roosevelt foi "pela primeira vez lançado no mappa" em 1798 por Silva Pontes, era preciso construir-se um gigantesco aqueducto por cima ou por baixo do canal de ligação do Canumá ao Mataurá, afim de, na altura do parallelo de 7 gráos, dar passagem ás aguas de terra firme para a ilha figurada na Carta da Nova Luzitania. O Sr. Vasconcellos recuou diante do ingente esforço que seria necessario para levar a termo semelhante obra: resolveu então concentrar toda a sua coragem e engenho na consecução de outro objectivo muito mais simples: o de encurtar o percurso dos rios. Para isso conseguir não precisou mais do que escrever as seguintes palavras: "a grande extensão que lhes attribue Mr. Roosevelt... não é verosimil."

E o facto é que o Sr. Vasconcellos podia ter sido até muito mais categorico do que isso. Qualquer de nós preferiria dizer: na Carta da Nova Luzitania não existe e nem pode existir o curso do rio percorrido e descripto pelo Sr. Roosevelt; da mesma fórma, esse rio não existe na *Carta Politica e Economica do Brasil,* publicada pela Missão Brasileira de Expansão Economica em Paris, 28, Boulevard des Italiens, e nem póde existir a menos que se faça o leito do novo rio cortar os leitos de outros rios, figurados nessa carta sulcando a região em varias direcções, para Sudeste e para Noroeste.

Dizer isso, porém, seria ao mesmo tempo dizer a verdade e confirmar em todos os pontos o communicado do Sr. Roosevelt á Sociedade de Geographia de Londres: portanto, o Sr. Vasconcellos, para não se afastar uma linha do seu plano de demonstrar "irrecusavelmente que os portugueses... na America do Sul, como na Africa e na Asia, mantêm a prioridade de importantes descobertas terrestres e maritimas a que outros se arrogavam direitos", optou pelo alvitre de supprimir o curso do velho Aripuanã, sem attender ao prejuizo que dahi resulta para nós, brasileiros, de ficarmos privados de uma rêde fluvial de mais de 700 kilometros, ou sinão obrigados a tel-a como inverosimil.

E' bem doloroso, na verdade, que o mundo se tenha de resignar á Fatalidade de só acceitar como verosimeis as regiões, as serras, os valles e os rios directamente descobertos e reconhecidos pelos portugueses; mas não ha outro remedio, assim o exige o Sr. Secretario Perpetuo da Sociedade de Geographia de Lisboa, empenhado em combater, numa luta phantastica, os não menos phantasticos adversarios das glorias dos Ricardo Franco, Silva Pontes, Lacerda e Almeida, Pedro Teixeira e tantos ontros esforçados exploradores dos sertões da nossa Patria nos tempos coloniaes.

Si o denodado lidador dessas pugnas reivindicadoras de memorias não atacadas, nem esquecidas, mas ao contrario respeitosamente cultivadas e veneradas, quizesse attender um pouco á realidade objectiva das cousas e dos homens seus coevos, certamente se pouparia ao desconcerto da posição em que fica, ao desferir golpes tão cegos, como o contido no seguinte trecho de sua communicação: "De certo os cursos dos dois rios (o Sr. Vasconcellos refere-se ao Aripuanã e ao Abacaxis, da Carta Nova Luzitania) não estão lançados no mappa com o rigor que se póde obter com os modernos processos e instrumentos, nem com os detalhes que uma carta especial exige e a escala permitte, poderão mesmo faltar-lhes alguns tributarios..."

Sem insistir na concessão da *falta de rigôr* resultante da differença de processos e de instrumentos, concessão que corresponde na esgrima a que se votou o Sr. Vasconcellos, "a uma finta", reparemos na contextura da ultima phrase: "poderão mesmo faltar-lhes alguns tributarios...", o que, certamente,

quer exprimir que na Carta Nova Luzitania estão figurados, talvez, todos os affluentes dos rios Aripuanã e Abacaxis, mas si não estiverem todos, poucos faltarão.

No emtanto, na Carta em questão, o Aripuanã e o Abacaxis não possuem um unico affluente. Alli só estão figurados os troncos hypotheticos desses rios, acabando nos dois ramos curtinhos a que já me referi. Portanto, ao golpe de fundo, contido nas palavras "podem faltar alguns tributarios", recebe o Sr. Vasconcellos esta resposta dada pela propria carta Nova Luzitania: "faltam todos os tributarios"; e nós registamos esta resposta sem lhe darmos maior importancia, porque ainda que o Aripuanã estivesse naquella Carta cheio de affluentes, nem por isso elle seria o rio collocado nos mappas pela expedição Roosevelt-Rondon e constituido pelos cursos unificados do Duvida, descoberto em 1909 pela Commissão das Linhas Telegraphicas, em zona do alto chapadão dos Parecis, onde nunca penetrou nenhum explorador português; do Castanha, conhecido e frequentado por seringueiros e indios, mas não descripto pelos geographos; e do Baixo-Aripuanã.

Receio haver-me demorado, mais do que convinha, na apreciação dos motivos allegados na Sociedade de Geographia de Lisboa, para contestar á expedição scientifica de 1914 a prioridade no reconhecimento e descripção do rio Roosevelt. Voltemos, pois, ao acampamento do tenente Pyrineus, afim de continuarmos a acompanhar a viagem de nosso illustre hospede, até o momento em que elle deixou as terras do Brasil.

Terminada a ceremonia da inauguração da placa indicativa da nova denominação do rio, o Sr. Roosevelt, acompanhado dos outros membros da Commissão Americana e do Dr. Cajazeira, tomou as canôas e dirigiu-se para o lugar onde estava fundeado o aviso "Cidade de Manáos". Eu e os tenentos Lyra e Pyrineus deixámo-nos ficar no acampamento, para realizarmos as medições dos rios, e á noite fazermos as observações astronomicas necessarias ao calculo da latitude e da hora.

Na manhã seguinte, 28 de Abril, por nossa vez, proseguimos a viagem aguas abaixo, fazendo o levantamento topographico até a cachoeira de Mata-Matá; dahi ao Madeira, já esse trabalho havia sido terminado pelo tenente Pyrineus.

Continuando a descer, chegámos antes de meio-dia ao "Cidade de Manáos", onde encontrámos o Sr. Roosevelt com apparencia de se achar um pouco melhor dos seus padecimentos.

Tres horas depois iniciou o nosso navio a marcha para a frente e, navegando ininterruptamente, alcançou, pela madrugada, a foz do Roosevelt, donde logo se passou para o Madeira.

Descendo essa grande arteria fluvial, avistámos, pela manhã de 29, a cidade de Borba; á tarde tocámos na estação de Amatary, da Amazon Telegraph, e, finalmente, na madrugada seguinte, entrámos no porto de Manáos, em cujo cáes atracámos.

No cáes estavam os representantes do Governo Estadual, enviados para fazerem a recepção do Sr. Roosevelt e offerecerem-lhe hospedagem em terra, o que foi aceito. Apesar dos soffrimentos que lhe causava o estar de pé, o illustre hospede recebeu as visitas officiaes do Governador do Estado, da Camara Municipal e de outras pessoas gradas.

No dia 1º de Maio, depois de sujeitar-se a pequena intervenção cirurgica, realizada pelo Dr. Cajazeira, na presença do Director da Saude Publica de Manáos, e apresentadas, por meu intermedio, as suas despedidas ao Governador e ao General Commandante da Região Militar, o Sr. Roosevelt embarcou num navio mercante com destino a Belém.

Eu, porém, com os outros membros da Commissão Brasileira, ainda nos demorámos em Manáos, onde tivemos noticias da turma chefiada pelo Capitão Amilcar de Magalhães, da qual faziam parte o naturalista Miller, da Commissão Americana, o Dr. Euzebio Paulo de Oliveira e o Sr. Henrique Reinisch, respectivamente geologo e taxidermista da Commissão Brasileira.

Essa turma, depois de ter assistido ao embarque da que desceu o antigo Duvida, dirigiu-se para a estação telegraphica Barão de Melgaço, no rio Commemoração de Floriano. Em canôas, desceu esse rio, e o Gy-Paraná, em cuja foz se passou para bordo de navios da navegação regular do Madeira, indo então para Manáos, onde chegou a 6 de Abril.

Além dos trabalhos dos naturalistas, foi realizado mais, pelo chefe da turma, o levantamento topographico do primeiro

dos rios navegados, e o do trecho do segundo comprehendido entre o Igarapé Bôa Vista e o Riachuelo.

A occorrencia capital, registada durante a viagem, foi o naufragio soffrido pelo Capitão Amilcar, cuja canôa afundou; felizmente, não houve perda de vida a lamentar, mas só a das cadernetas do levantamento já realizado, e algum material.

Terminados todos os serviços que nos haviam retido na Capital do Amazonas, voltámos para bordo do aviso "Cidade de Manáos", ás 5 horas e meia da tarde, ainda na mesma data de 1º de Maio, e fomos nas aguas do "Dunstan", navio que levava o Sr. Roosevelt, na esperança de encontral-o fundeado no porto de Itacoatiara, onde sabiamos que tinha de parar.

Mas, ao amanhecer do dia 2, chegando áquelle porto, vimos que o "Dunstan" nos havia tomado a dianteira. Proseguimos, pois, descendo o Amazonas, e só á tarde, já na cidade paraense de Obidos, foi que o conseguimos alcançar.

De Obidos partimos ao meio-dia de 3 de Maio, e ao amanhecer de 5 fundeavamos no porto de Belém, passando-me eu, immediatamente, para bordo do navio do Sr. Roosevelt.

Aqui, repetiram-se as visitas e recepções officiaes, tanto das autoridades estaduaes, como das federaes, sendo por essa occasião o Sr. Roosevelt convidado para assistir, no dia seguinte, a um banquete que lhe offerecia o Governador do Pará.

Finalmente, terminado esse e os demais actos da recepção official de Belém, na manhã de 7 de Maio fomos, os da Commissão Brasileira, levar a bordo do "Dunstan", as nossas despedidas e votos de boa viagem ao Sr. Roosevelt, em quem cada um de nós reconhecia, não só um estadista de fama mundial, um espirito elevado e de rara cultura scientifica e litteraria, um homem de caracter firme, resoluto e imperativo, uma alma recta e nobilissima, mas tambem e acima de tudo um crente enthusiastico da grandeza e da belleza do futuro da nossa Terra e da nossa gente, e um amigo sincero daquelles que tiveram a ventura de ser seus companheiros constantes de fadigas e de privações durante a demorada e trabalhosa travessia dos sertões do Planalto dos Parecis, do Juruena e do antigo Duvida.

A's 11 horas, o "Dunstan" levantava ancora, tomando o rumo do Oceano, por onde se dirigiria para New-York. Ainda o acompanhámos por curto espaço, de bordo do aviso "Cidade de Manáos"; afinal, por entre as nevoas da saudade, que já iam envolvendo os nossos corações, lançámos aos espaços as ultimas despedidas, erguendo vivas ao Chefe da Expedição Americana e á grande Republica que tem a gloria de o ter por filho.

A's 11 horas da noite desse mesmo dia, o "Cidade de Manáos" voltava para a Capital do Amazonas, indo eu nelle embarcado. Daquella cidade segui pelo Madeira acima, e depois pelo Jamary, de onde demandaria a estação Barão de Melgaço, afim de ir continuar os meus trabalhos de construcção da Linha Telegraphica de Cuyabá ao Madeira.

TERCEIRA CONFERENCIA

I

Os trabalhos de que tratámos nas nossas conferencias anteriores, realizados pela expedição scientifica Roosevelt-Rondon, no rio Papagaio e nos antigos Duvida e Castanha, devem ser considerados como parte integrante da serie de explorações geographicas a que deu lugar a construcção da Linha de Telegraphos planejada e mandada executar pelo governo do Presidente Penna, para ligar Cuyabá a Santo Antonio do Madeira. E', pois, natural que, á exposição dos resultados daquelles trabalhos, se siga outra especialmente dedicada a apresentar o quadro formado pelo conjunto de todas essas explorações. Só assim poderemos dispôr dos elementos necessarios para ajuizarmos da importancia de vastissima região e de numerosas populações que, no interior da nossa Patria, jaziam desconhecidas e abandonadas, sem nos trazerem o concurso das suas riquezas e das suas forças, nem receberam os beneficios da nossa industria e da nossa civilização. Além disso, poderemos vêr patricios nossos, quasi sem outros recursos sinão os da sua propria coragem, realizarem as mesmas façanhas que admiramos e louvamos quando praticadas por homens de outros tempos e de outras terras. Si me fosse dado esperar, das minhas palavras, alguma impressão forte e duradoura no animo do auditorio, a que mais

desejaria agora produzir seria a de tornar bem sensivel que a campanha de descredito sustentada dentro e fóra do paiz contra o caracter e a indole do povo brasileiro não passa de monstruoso acervo de inverdades e de injustiças, que precisam ser combatidas e destruidas antes de concluirem a obra nefasta de precipitar a alma nacional numa "apagada e vil tristeza", analoga á que amargurou os ultimos dias do grande épico português.

Na actual conferencia, farei, pois, uma succinta exposição dos trabalhos executados nos annos seguintes a 1909, pela Commissão das Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas; quanto aos anteriores, por já terem sido publicados os seus resultados, em 1911, nesta Capital e na de S. Paulo, limitar-me-hei a recordal-os muito rapi-

---

E' sabido que, segundo o traçado prescripto ao audacioso emprehendimento de estabelecer communicações directas entre a séde do governo da Republica e as mais afastadas regiões do longinquo Noroeste do territorio da nossa Patria, a Commissão creada para o levar a effeito teve de operar em enorme extensão de terras desconhecidas, onde não se encontravam outros recursos sinão os da natureza selvagem dos nossos sertões, nem outros moradores que não fossem os das aldeias de selvicolas nelles installadas desde tempos immemoriaes.

Constituida em 1907, nesse mesmo anno a alludida Commissão iniciou os seus trabalhos de campo, atacando simultaneamente as obras de construcção do ramal de S. Luiz de Caceres á cidade de Matto-Grosso, as da linha tronco a partir de Cuyabá, em demanda de Guia, Brotas, Rosario e Diamantino, e os de reconhecimento do sertão dos Parecis, necessarios á descoberta da directriz que se havia de seguir para alcançar as margens do Juruena, cujas florestas continuavam a ser victoriosamente defendidas pelos inflexiveis guerreiros da nação Nhambiquara.

No anno seguinte, terminada a construcção do ramal da cidade de Matto-Grosso e continuando-se a da linha tronco de Diamantino para o planalto dos Parecis, proseguio-se o reconhecimento do sertão, com o projecto de leval-o até ao Madeira; mas, por terem sobrevindo difficuldades imprevistas á turma encarregada da construcção, os expedicionarios que se tinham embrenhado para além do Juruena, procedendo áquelle reconhecimento, só puderam attingir o lugar onde uma formidavel excavação, produzida pela correnteza de numerosos rios, interrompe a continuidade do chapadão e faz surgir o accidente geographico que identificámos com o que os cartographos portugueses talvez pretenderam indicar sob o nome de Serra do Norte.

Reorganizados os serviços de transportes e de abastecimentos, por cuja causa se havia paralysado a construcção, retomámos, em 1909, o caminho aberto nos annos anteriores através dos dominios dos Parecis e dos Nhambiquaras, e transpondo a Serra do Norte, seguimos no rumo quasi invariavel de Noroeste até sahirmos no Madeira, depois de 237 dias de marchas continuas e um percurso de 1.297 kilometros na direcção do caminhamento principal, sem contar 240 kilometros de variantes diversas e 866 de navegação fluvial.

Conhecido assim o traçado geral da linha tronco, os trabalhos da construcção proseguiram até fins de 1914, e a inauguração do tráfego no trecho por ultimo concluido fez-se no primeiro dia do anno actual. (*) Desta fórma, a execução do grande emprehendimento projectado e iniciado pelo Presidente Penna, dependeu da continuidade de esforços dos governos do Dr- Nilo Peçanha, do Marechal Hermes da Fonseca e do Dr. Wenceslau Braz, os quaes a souberam manter á altura dos importantes interesses nacionaes, tanto de ordem economica como politica e social, que estão ligados ao destino daquella obra.

Em seus traços mais geraes, essa foi a marcha seguida pelos trabalhos da Commissão das Linhas Telegraphicas de Matto-Grosso ao Amazonas, na parte relativa á construcção;

(*) 1915.

Leuzinger

Reproducção do schema projectado durante as conferencias do Coronel Rondon com que se demonstra que os trabalhos da Commissão por elle dirigida fecharam o circuito telegraphico do Brazil.

no emtanto, não poude ella ser levada a termo sinão a custa de tresdobrados esforços, exigidos pela necessidade de vencermos, numa lucta sem fim, as sempre renascentes difficuldades proprias ao estado inculto e bravio da região em que estavamos operando. De tudo quanto precisavamos para a nossa obra, essa região só nos podia fornecer as madeiras; os demais elementos, desde as ferramentas até os generos alimenticios mais communs e mais urgentes, tinham de ser trazidos de fóra. Si a isso accrescentarmos os materiaes propriamente telegraphicos, taes como os fios de ferro zincado, os isoladores, os braços metalicos e as ferragens accessorias, que não podiam deixar de vir do extrangeiro, teremos uma ideia da quantidade enorme de volumes pesadissimos sobre cujo transporte para o interior do sertão deviamos providenciar com a mais attenta e meticulosa diligencia.

Mas, neste ponto, a grandeza sempre crescente das distancias a percorrer, a complexidade do apparelhamento de meios differentes a empregar, uns nas vias fluviaes, outros nos caminhos terrestres, e, sobretudo, a falta de pastagens e a má qualidade das gramineas do Chapadão dos Parecis, o cansaço, o esgotamento e as epizootias que dizimavam os animaes cargueiros, anniquilando tropas inteiras de muares e de bois, tudo, emfim, parecia conspirar para fazer falhar as medidas que adoptavamos como fructo da mais segura previsão, fundada em longa experiencia.

Para obviarmos em parte a estas grandes difficuldades, dividimos os encargos da construcção por duas turmas, uma que já ia operando, desde 1907, de Cuyabá para o interior do sertão, e outra, creada em 1910, destinada a caminhar ao encontro daquella, a partir de Santo Antonio do Madeira. Assim as operações se podiam desenvolver mais livremente, não só por se aproveitar o esforço de pessoal mais numeroso, como tambem por serem independentes as estradas e os meios dos respectivos aprovisionamentos.

A nossa turma, constituida sob o titulo de "Secção do Norte", e cuja chefia esteve successivamente entregue ao então major Gomes de Castro, capitão Nestor Sezefredo, tenente Sebastião Pinto, capitão Costa Pinheiro e tenente Ma-

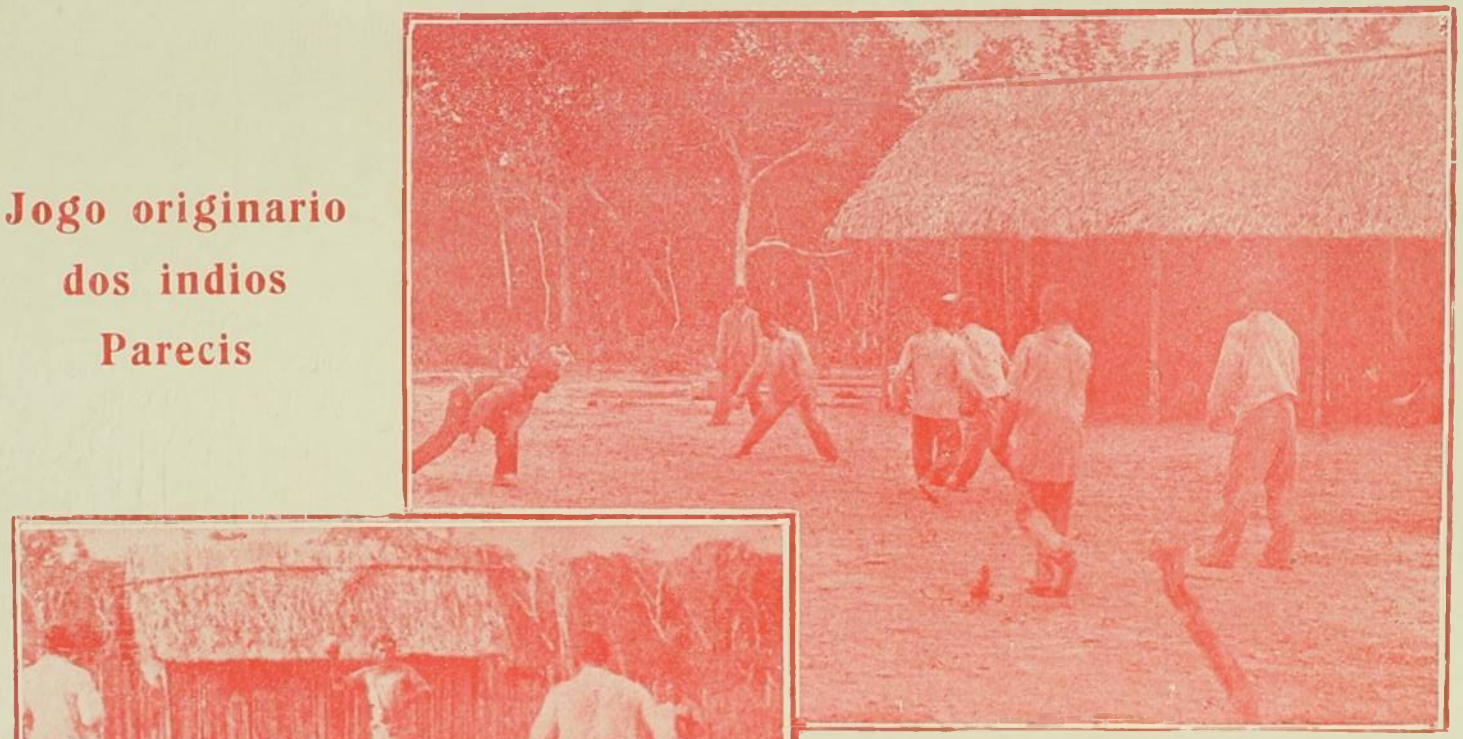
rio Cardoso Barata, recebia os seus abastecimentos de Manáos, pelo Madeira e o Jamary.

A outra, designada "Secção do Sul", utilisava-se da navegação do Paraguay até S. Luiz de Cáceres. Dahi, os transportes continuavam, e ainda continuam, pelo Sepotuba, até o ponto em que este rio póde ser navegado por lanchas e pequenas embarcações, e onde abrimos, em 1908, o chamado porto de Tapirapoan, situado 91 kilometros acima de outro, denominado dos Bugres. Desse ultimo, inicia-se o trajecto terrestre, seguindo por uma estrada que sóbe a escarpa da Serra dos Parecis, penetra no Chapadão e se dirige para Aldeia Queimada, de onde partem ramaes para Juruena, Utiarity e outros pontos da Linha Telegraphica. De Juruena para diante, o proprio picadão aberto para passagem do fio, serve de caminho para as trópas do serviço de abastecimento e para viandantes.

Da necessidade de ter os seus abastecimentos dependentes do percurso dessa estrada, resultaram, para a Secção do Sul, os maiores embaraços. O primeiro era a enormidade das distancias que tinham de ser vencidas: de Tapirapoan a Aldeia Queimada contam-se 80 kilometros; da mesma Aldeia a Utiarity medeiam 200, e á Juruena 272. Demais, para cada transporte, essas distancias devem ser contadas pelo dobro, por causa da viagem de retorno. Depois, era a falta de pastagens, a que já me referi; antes de concluida uma viagem, já a maior parte dos animaes estavam "estrondados", e dos poucos que conseguiam resistir á fadiga e á má alimentação, apenas podiamos esperar que fizessem um segundo percurso; si não morriam, precisavam ficar inactivos mezes e mezes seguidos, nas invernadas, a restaurar as forças á custa de muito trato e de grande dispendio.

Duas medidas adoptámos, para remover tão grande tropeço: uma de effeito immediato, e outra mais demorada, mas com certeza de maior alcance para o aproveitamento daquelles sertões por novos elementos da nossa civilização, os quaes já os estão procurando e não os tardarão a encher de centros populosos e de estabelecimentos agricolas e pastoris, além

Jogo originario dos indios Parecis



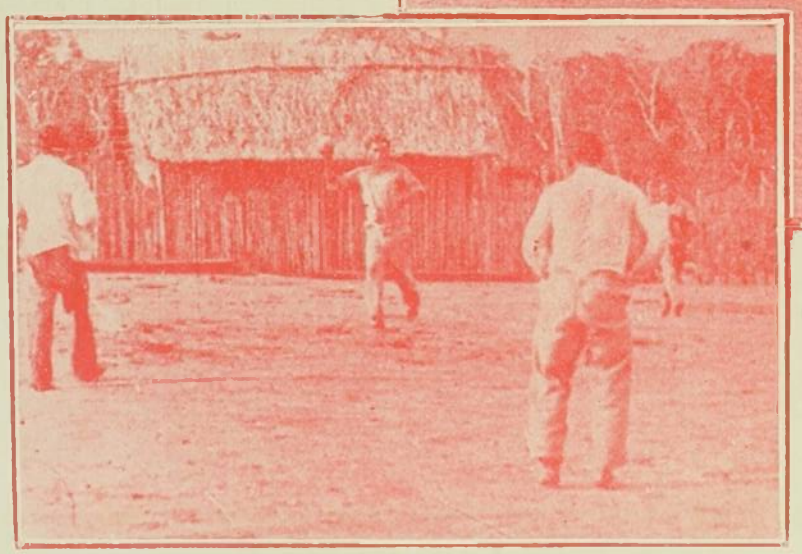


Photo. Com. Rondon *Conferencias*

appellidado «head-ball» pelo Coronel Roosevelt

(só batem na bola com a cabeça)

dos destinados ás industrias extractivas das riquezas florestaes e mineraes, que nelles existem em consideravel abundancia. A medida a que alludimos por ultimo, consiste em modificar as condições dos campos, adaptando-os ao desenvolvimento das forragens, de cujas especies encontrámos lá mesmo algumas variedades bôas, que para se expandirem só precisavam ser desembaraçadas da vegetação bravia que as afogava, e de outras, levámos sementes, que brotaram e vão medrando muito bem.

Como complemento necessario dessa medida, adoptámos mais a de fundar lavouras de cereaes, de arvores fructiferas e de outros vegetaes alimenticios, juntamente com a criação de aves domesticas e de gado, em todas as estações telegraphicas e em outros lugares especialmente escolhidos para isso.

A providencia de effeito immediato a que alludimos, consistiu no emprego de caminhões automoveis para fazerem os transportes de Porto dos Bugres a Utiarity. Era este o trecho mais desfavoravel ao tráfego por tropas de animaes cargueiros; no emtanto, tambem não se adaptava ao transito daquelles vehiculos, porque, de distancia em distancia, o seu sólo se apresenta intercalado de largas manchas de areia, na qual as rodas motoras da machinas se enterravam e ficavam patinando, sem poderem progredir.

Um jovem e estudioso official do nosso exercito, o tenente Emmanuel Silvestre do Amarante, applicou-se a resolver essa nova difficuldade e com tão bom exito o fez que não tardou a descobrir um dispositivo inteiramente original e satisfatorio. Graças a tal invenção, os tres automoveis da Commissão das Linhas Telegraphicas puderam trafegar nas estradas do Planalto dos Parecis, transportando cargas de peso igual ao maximo das lotações para que haviam sido construidos.

Mas todos esses esforços só conseguiram debellar uma parte dos que se levantavam a cada passo contra o desenvolvimento regular dos trabalhos da Secção do Sul. Entre outros, um nos pareceu que poderia ter os seus effeitos annullados, mediante a utilisação do telegrapho sem fio. Resultava elle do afastamento cada vez maior que se ia verifi-

cando entre o acampamento da construcção e a cidade de S. Luiz de Cáceres, base principal dos aprovisionamentos, cujos serviços seriam muito melhorados si do sertão pudessemos entrar em communicações directas com os nossos fornecedores.

Recorremos, pois, á radio-telegraphia, installando uma estação em Cáceres e levando para o interior uma outra, de campanha, montada sobre carretas. Durante algum tempo essa installação funccionou satisfactoriamente; mas, tendo-se quebrado uma peça importante, cuja substituinte tinha de vir do fabricante, estabelecido na Allemanha, não mais houve opportunidade de a utilisarmos, porque a marcha dos nossos trabalhos já nos havia tirado da dependencia de S. Luiz de Cáceres.

Para a bôa comprehensão de como nos foi possivel sahir desta dependencia, precisamos detalhar um pouco mais as diversas phases por que passou a construcção até a data do meu regresso ao sertão, pois é sabido que pertinaz doença me assaltou no termo do grande reconhecimento de 1909, e me reteve no Rio de Janeiro durante mais de um anno.

De 1907 a principio de 1910, as obras, sob a chefia do major Marciano de Oliveira Avila, secundado pelos trabalhos de escriptorio dirigidos pelo capitão Custodio de Senna Braga, avançara de Cuyabá até um pouco além de Utiarity, na distancia total de 505 kilometros, na qual se estabeleceram, além das estações cujos nomes já declinei, as de Parecis, Ponte de Pedra e Barão de Capanema.

No decurso de 1910, conduzida pelo tenente Franco Ferreira, a construcção attingio o Juruena, com 101 kilometros, a contar da estação anterior. Nesse ponto, ficou a linha paralysada pouco menos de um anno, em consequencia de violenta epidemia de beriberi, que atacou aquelle official, o tenente Candido Cardoso, muitas praças e civis, produzindo algumas mortes.

Em Julho do anno seguinte, o tenente Nicolau Bueno Horta Barbosa, auxiliado pelo aspirante Tito de Barros, reencetou a locação para além do Juruena; mas, pouco depois, eram surprehendidos no interior da mata por um troço

de guerreiros Nhambiquaras, que os flecharam e feriram gravemente. Ambos, porém, se salvaram, graças aos cuidados profissionaes do Dr. Murilo de Campos, médico da Commissão.

Para substituir os officiaes feridos, seguiram immediatamente os tenentes Julio Caetano Horta Barbosa e Boanerges Lopes de Sousa, os quaes, assumindo a direcção dos trabalhos, levaram a linha a Nhambiquaras e a Vilhena, com o desenvolvimento total de 139 kilometros, a contar de Juruena, ou 730 desde Cuyabá.

Tinhamos, assim, attingido os Campos de Commemoração de Floriano, além da Serra do Norte, seguindo sempre o traçado reconhecido pelas expedições de 1907 a 1909. Agora deviamos proseguir em demanda dos Campos dos Palmares de Maria de Molina, aos quaes, segundo aquelle traçado, a linha chegaria por duas tangentes apenas; mas a primeira dellas apresentava, para a situação em que nos achavamos, de dependencia dos transportes por muares e bois, o grave inconveniente de enfiar as mattas do valle do rio Tenente Marques de Souza, ou Ananaz, como ainda lhe chamavamos.

Tão grande inconveniente, porém, talvez pudesse ser removido pelo descobrimento de novos Campos, analogos aos de Maria de Molina, onde crescem excellentes pastagens de capim gordura, mimoso agreste, milhã p'rahiba e sapé. A razão de ser da esperança de taes descobertas era que esses campos resultam da destruição de grandes trechos de floresta primitiva, pela acção do fogo ateado pelos Nhambiquaras nas derrubadas preparatorias das suas lavouras.

Ora, a região em que haviamos penetrado, desde o Juruena, é toda habitada por esses indios, que se distribuem por grupos de denominações distinctas, taes como Nenês, Iáiás, Navaitês, Tagananis, Tauitês e outros, cada qual occupando o seu territorio determinado, nos valles dos diversos rios e ribeirões. Portanto, era natural que existisse, no interior de todas aquellas florestas, muitas outras formações da mesma natureza e procedencia dessas, a que démos a designação generica de "Campos Indigenas".

Resolvi, pois, proceder a novas explorações, na especta-

tiva de poder modificar o traçado de 1909 no sentido que deixo indicado.

Iniciei esse trabalho a 6 de Novembro de 1911, partindo de Vilhena no rumo de Nordeste e transitando por um caminho de indios que se dirige de Commemoração de Floriano para o valle do rio Marques de Souza, passando entre as cabeceiras do antigo Duvida e Ikê. Alcancei, naquelle valle, um pequeno campo nativo, de cerrado, que denominei do Mangabal, já descoberto, em 1909, pelo tenente Lyra, e onde existia, nesse anno, uma grande aldeia e muitas roças de Nhambiquaras, do grupo que depois soubemos ser o Mamãindê; eu, porém, nada mais encontrei: os indios tinham abandonado o lugar e incendiado a aldeia.

Explorando a região, descobri, do lado do Nordeste, por onde corre um tributario da margem esquerda do antigo Ananaz, que denominei ribeirão Lyra, como antes já havia denominado dois outros respectivamente de Amarante e Tanajura, um bello campo, da especie dos que estava procurando.

Do Mangabal dirigi-me para o Campo de Maria de Molina, segundo o rumo magnético de 50° Noroeste, deduzido da planta do caminho que acabara de percorrer, combinada com a do reconhecimento de 1909. Atravessei, successivamente, uma zona de charravascal, um ribeirão, o "Miranda Ribeiro", dois pequenos Campos Indigenas, de capim gordura, e duas cabeceiras, das quaes a ultima era a do Lyra.

Entrei, em seguida, na região em que as aguas correm para o actual rio Roosevelt, encontrando, primeiro, um ribeirão, o "Pyrineus", e depois, na data do decreto que instituiu o nosso pavilhão republicano, o "rio Festa da Bandeira", denominado Corumicharú, pelos Nhambiquaras.

Transposto o ribeirão Pyrineus, deparou-se-me um bello Campo Indigena, o da "Perdiz", donde pudémos avistar, para o Norte e Nordeste, muitos outros, que se succediam, interminaveis, até se perderem para além da distancia que os olhos podiam alcançar. Era, evidentemente, por ali que nos convinha fazer passar a linha, embora dando uma volta que nos ia custar um alongamento no traçado, de cerca de sete kilometros; esse sacrificio, porém, ficaria mais do que compen-

sado pela incomparavel vantagem de termos assegurada a manutenção das tropas de muares e das boiadas de carro e de corte.

Prosegui na marcha para os Campos de Maria de Molina, sempre no rumo inicial de 50° Noroeste, procedendo ao levantamento com o auxilio da corrente metrica e de uma bussola de algibeira do engenheiro italiano A. Salmoiraghi. Cheguei áquelles Campos com o percurso de 36.280 metros, contados da estaca do Mangabal, ou apenas 18 a partir do Festa da Bandeira. Neste ultimo trecho, o terreno apresentou-se-nos coberto, ora de charravascaes, ora de certa vegetação especial, intermediaria entre a anterior e a mata virgem; os indios dão-lhe o nome de "Alôri" e nós o de "Lorê", por ser nella muito abundante certa arvore, de madeira fortissima e duradoura, assim designada pelos mesmos indios.

A tangente a que me acabo de referir, não coincidiu com a do reconhecimento de 1909; houve um desvio angular de 1 gráo e 15 minutos, que determinou o afastamento de um kilometro, entre o ponto de chegada de 1911 e o marco daquelle reconhecimento.

Ao estudo das modificações do antigo traçado, seguiram-se logo os trabalhos de locação, sahindo a linha de Vilhena no rumo geral de 5 gráos Nordeste e prolongando-se para além do ribeirão Lyra até alcançar a grande tangente do Mangabal. Percorrido um pequeno segmento dessa tangente, que se lança, como vimos, para Noroeste, a locação abandonou-a, antes de attingir o ribeirão Pyrineus, inclinando-se de novo para o Norte, afim de passar pelos Campos Indigenas da margem direita do Festa da Bandeira. Nesta nova direcção, a linha atravessa, além de varias cabeceiras, dois ribeirões importantes, por nós denominados Nicolau Bueno e Julio Caetano; e depois deste ultimo retoma o rumo de Noroeste, e vai transpôr o rio pouco abaixo da foz do ribeirão Alencarliense, num ponto que nos foi indicado pelos Nhambiquaras-Tauitês, por satisfazer a condição que procuravamos em vão, havia perto de um mez, de não ser brejoso como os demais.

Passado o Festa da Bandeira, o traçado avança paral-

lelamente ao leito do Alencarliense, no quadrante de Sudoeste, através da mata marginal; mas logo abandona esse rumo para tomar francamente o de Oeste, com o qual penetra na bacia do antigo Duvida, rompendo os charravascaes do divisor dos valles dos dois rios, e assim chega aos Campos de Maria de Molina, onde a Commissão das Linhas Telegraphicas installou a estação de José Bonifacio, distante mais de 83 kilometros da de Vilhena.

Antes, porém, de terminados estes trabalhos, quando eu ainda estudava a região em que se estava locando a variante da margem direita do Carumicharú, ou Festa da Bandeira, com o intuito de conhecer até onde se extendiam os Campos Indigenas, occorreu uma aventura, que bem póde servir para dar ideia dos costumes Nhambiquaras.

Diversas explorações parciaes me haviam convencido de que, no quadrante de Noroeste, aquelles campos terminam no rio e num ribeirão, seu affluente da margem direita, que descobri e denominei Joaquim Gomes. Resolvi então fazer outros reconhecimentos, agora para os lados de Norte e de Nordeste.

Para este fim, no dia 13 de Abril de 1912, não levando outros companheiros sinão o meu tio materno Miguel Lucas Evangelista, velho de 76 annos, cuja robustez e fortaleza de animo faziam inveja a qualquer homem de 40, e o seu sobrinho Bellarmino, tomei por um trilho de indios que, depois de atravessar um charravascal, penetrava numa dessas matas de Lorê, a que já me referi. No interior da mata, depois de 4 horas de marcha vagarosa, porque iamos a cavallo e o trilho era feito para pedestres, já tendo antes muitos vestigios de passagem recente de indios, ouvimos, de repente, os sons asperos e sacudidos das suas falas. ,

Passei então para a vanguarda, que vinha sendo occupada pelo meu primo, e logo depois pude descobrir, á distancia de uns 50 metros, cinco Nhambiquaras, todos moços e robustos, completamente desarmados, que se dirigiam para o nosso lado, com passos lentos, falando alto e gesticulando largamente.

Eu não tinha, no momento, arma alguma commigo; re-

commendei aos meus companheiros que occultassem as suas, e toquei o meu animal na direcção dos indios. Estes, porém, começaram a recuar, não obstante um delles, talvez o chefe, continuar a dirigir-me a palavra, num longo discurso, muito animado. Reflecti, então, que as nossas cavalgaduras, sendo para elles animaes desconhecidos e extranhos, deviam infundir-lhes algum receio: com certeza, por isso, recuavam. Apeei-me, pois, e caminhei resoluto para o grupo, cheio de confiança, porque já me havia certificado de estarem elles agindo de bôa fé e não armando alguma cilada.

Em poucos instantes, formavamos um só grupo, muito amistoso, no qual todos falavam e ninguem se entendia.

Emfim, como a bôa vontade era geral e sincera, acabei fazendo-os comprehender que o meu desejo era acompanhal-os á aldeia. Isso causou-lhes visivel satisfação e acalmou a vérve do orador, que só então terminou o discurso, que vinha declamando em tom alto e energico. Inferi, dahi, que o fim da arenga não seria outro sinão convencer-me de que devia fazer essa visita, e só então me capacitei de que, em diplomacia internacional, o tom das communicações nunca está em concordancia com os sentimentos e as intenções dos communicantes; nuns povos elle é brando e macio, exactamente quando o intuito é mau e aggressivo; noutros, como acabava de vêr, é clangoroso e arrebatado quando encerra um pensamento de muito bôa e sincera amizade.

Dispuzemos-nos em ordem de marcha, nós cavalgando os nossos animaes e os Nhambiquaras a pé.

Mas aqui surgio uma grande difficuldade, producto, de um lado, talvez da etiqueta dos selvicolas, e de outro, dos velhos preconceitos reinantes entre nós, de ser forçoso e necessario que todos os indios, em todas as occasiões e circumstancias da vida, sejam falsos, desleaes e traiçoeiros.

Foi o caso que os cinco Nhambiquaras, queriam distribuir-se em dois grupos, um para fazer a vanguarda da pequena columna, e outro, a retaguarda.

Meu tio, que só se resolvera a ir á aldeia movido pela convicção de que teria de defender a minha vida, deduziu dessa distribuição, que se estavam confirmando as suas sus-

peitas e declarou, peremptoriamente, que não abria mão da vantagem de occupar a retaguarda, de onde podia vigiar os movimentos dos suppostos inimigos e, em caso de necessidade, soccorrer-nos, com a sua carabina.

Por sua vez os indios teimavam em dispôr a columna como tinham pensado; nós no centro, tres delles na frente e os outros no coice. Lutando com os embaraços da linguagem por gestos, tive de empregar os maiores esforços e a mais aturada paciencia, para os convencer, sem os melindrar, de que os dois ultimos deviam marchar adeante de meu tio e atrás de mim e de meu primo.

Assim, afinal, avançamos. Os indios da vanguarda, guiando-nos pelos seus trilhos, caminhavam rapidamente e distanciavam-se de nós, não só porque muitos cipós, galhos e troncos de arvores, de altura maior do que a estatura de um homem, só a nós, que iamos montados, causavam transtorno, como tambem porque os nossos animaes já se resentiam do cansaço da marcha, que durava desde o amanhecer e se ia prolongando para além das duas horas da tarde.

No lugar em que se passaram estas scenas, existe um pequeno corrego, que ficou assignalado pela denominação de "Encontro Feliz". Pouco adiante dahi, vimos, encostados á arvores do lado esquerdo do caminho, os arcos e as flechas dos nossos amigos; estes, porém, passaram por elles sem os tomar, e continuaram como vinham, inteiramente desarmados: traço na verdade notavel da gentileza, da coragem e do tacto destes homens; e tanto mais notavel quanto tudo isso elles faziam sem nos pedirem que lhes dessemos identicas provas de confiança e amizade, depondo as armas que traziamos.

Andavamos havia já uns 15 minutos, quando, dentre os da vanguarda, um apertou o passo, e em pouco tempo desappareceu das nossas vistas. A meu tio, não podia este movimento passar despercebido, e de accôrdo com o seu modo de vêr, deu-me o aviso: "E' agora! Aquelle adiantou-se para ir avisar á emboscada, que está preparada para nós, de que estamos proximos. Com certeza morreremos todos, mas não como cordeiros imbelles; hei de lutar!"

No emtanto, os acontecimentos não tardaram a vir desmentir estas inquietadoras previsões, porque logo adeante encontrámos o nosso hospede, parado, aguardando a nossa chegada, com uma bôa quantidade de Narú-caguinindê, especie de refresco muito usado pelos Nhambiquaras, que o preparam com agua e caldo de ananaz silvestre, fructo muitissimo abundante nas suas terras e cujo crescimento elles facilitam abrindo no interior das matas, a fogo, numerosas clareiras.

Eram 4 horas da tarde; a mata de Lorê havia terminado e novo charravascal surgira. Ao amanhecer, quando sahimos do acampamento, não tinhamos intenção de alongar tanto o nosso reconhecimento; por isso estavamos sem almoço, e, a esta hora, já com bastante fome. Foi, pois, bem opportuna a resolução tomada pelos nossos guias, de nos fazerem apear e offerecer-nos, além de grandes cuias daquella bebida, beijús de massa de mandioca, cultivada em suas roças, e larvas torradas, de varios insectos, provisões que todos os Nhambiquaras conduzem comsigo, durante as suas excursões, em grandes cabaças adaptadas a tal uso.

Acceitámos essas comidas, e, terminado o repasto, continuámos a viagem, agora debaixo de fortissima pancada de chuva, que inopinadamente começara a cahir.

Do charravascal passámos para outra mata, pouco extensa, de revestimento de uma pequena cabeceira. Ahi existiam alguns ranchinhos abertos, dos que os Nhambiquaras costumam construir em seus Ikidás, ou aldeias provisorias, para caçadas. Os nossos guias pensaram que nos seria agradavel abrigarmo-nos alli contra a chuva e, como traziamos as roupas colladas ao corpo, escorrendo agua, entenderam que, além de abrigo, precisavamos do calor de uma boa fogueira. Consequentemente, tomaram, no interior de um dos ranchos, os pausinhos de que usam para accender fogo, esfregando-os um contra o outro, e iniciaram a ardua e paciente operação.

No emtanto, não nos convinha nenhuma parada ou pouso que redundasse em augmento da duração da nossa ausencia do acampamento; insisti, pois, com os indios para continuarmos a viagem, ao que elles accederam.

Pouco depois, sahiamos da mata para um terreno de vegetação baixa e escassa, e deste para um campo aberto, de *alochibú,* nome do capim dos Campos Indigenas, em cujo fundo amarellado se destacava o vulto do grande rancho conico das Xicês, ou aldeias Nhambiquaras.

De novo se destacou, dentre os indios da vanguarda, um que, em marcha accelerada, quasi correndo, se dirigio para a aldeia; e mais uma vez se levantou, no espirito de meu tio, povoado das falsas noções tradicionaes dos civilizados a respeito da indole e dos sentimentos dos selvicolas, a suspeita de que iamos ser atraiçoados e mortos.

Comtudo, a nossa marcha proseguia. Estavamos ainda longe da aldeia, quando vimos um homem vir ao nosso encontro, carregando ás costas um grande balaio, pendente de uma alça de embira, que lhe envolvia a testa, como larga faixa.

Ao chegar perto de nós, parou e começou a desenvolver um longo discurso, que ouvimos com o maior interesse e respeitosa attenção; não seria essa, por certo, a primeira vez que assim fossem ouvidos discursos diplomaticos. No emtanto, o encargo da resposta não coube a nenhum de nós, mas sim a um dos nossos guias, que fallou tão longamente como o outro.

Terminados os discursos, o indio desembaraçou-se da sua carga, depondo o balaio no chão; do interior delle tirou uma grande cabaça, cheia de Narú-caguinindê, agua de ananaz, e uma cuia: e mais uma vez fomos obsequiados com a famosa bebida Nhambiquara.

Depois desta ceremonia, os nossos hospedes acercaram-se de nós, e, tomando nas suas as nossas mãos, foram nos guiando para a aldeia.

O indio que nos viera encontrar, com todo esse ceremonial, era um cacique. Nelle se viam os signaes proprios da influencia do sangue africano, que já haviam sido notados em muitos individuos dos grupos moradores nos valles do Juruena e do Juhina, e em Campos Novos da Serra do Norte: os cabellos levemente crespos, o bigode e o *cavaignac.* E' sabido que os indigenas americanos, puros, possuem basta ca-

belleira negra, muito lisa e escorrida, e têm pouquissima barba, rala e falhada.

Parece-me, pois, estar demonstrada a hypothese por mim formulada em 1908 e 1909, e exposta nas conferencias publicas que realizei em 1911 no Palacio Monroe, para explicar a procedencia da forma cônica dos grandes ranchos Nhambiquaras, de terem tido estes indios relações com os pretos fugidos das antigas lavras de ouro do Guaporé, e principalmente com os que fundaram um quilombo no Guaritizê, affluente da margem direita daquelle rio.

Na aldeia, formada de um daquelles ranchos conicos, inteiramente fechados, e de muitos outros de uma só cobertura plana, sem paredes, vimos, na occasião da nossa chegada, uns trinta individuos, que depois soubemos pertencerem a dois grupos distinctos. Todos se achavam recolhidos ás suas casas, abeirados dos respectivos fogos, porque continuava a chover. Alli, porém, só estavam os homens; não vimos nenhuma mulher, nem crianças.

Apeámo-nos e fomos tomar lugar no meio de um grupo, ao lado de uma fogueira, começando, então, novas ceremonias da etiqueta e da hospedagem Nhambiquara. Primeiro, obsequiaram-nos com comidas: beijús de mandioca, milho assado, larvas torradas, peixe, carne de macaco, batatas e cará. Os pratos eram como umas pequenas bandejas de talos de tabóca, trançados, e os copos continuavam a ser cuias, que incessantemente se enchiam da inesgotavel agua de ananaz.

Apesar das iguarias serem servidas cheias de cinza do borralho em que se assavam, as cousas iam correndo muito bem e a contento de todos. Mas, de repente, surgem uns cigarros, mais monstruosos, talvez, e mais fantasticos do que todos os cigarros do mundo: eram excessivamente longos, enrolados em folhas asperas e grosseiras, e feitos com pó de fumo torrado, producto da lavoura e da industria Nhambiquaras. Até ahi nada havia que se lhes dissesse, pois não me parecia que elles pudessem ser maís ou menos repugnantes do que os seus semelhantes civilizados, e, para mim, o absurdo de fumal-os era, sem pôr nem tirar, o mesmo que fumar qualquer outro.

Estava-me, porém, reservada a surpreza de ter de aprender á minha custa que o cigarro Nhambiquara tem uma propriedade sua, exclusiva, que o faz mais execravel do que os seus congeneres: a de ser inevitavel! Os outros esperam que a gente procure e acceite; este, impõe-se!

A primeira aggressão, soffri-a de parte do meu amigo Nuchelá, que era como se chamava o cacique. Preparado o formidavel instrumento de tortura, elle m'o apresentou, com o ar mais gentil e hospitaleiro que imaginar se possa. Recusei-o, com brandura; elle insistio e eu comecei a comprehender que não ha no mundo gesticulação capaz de transmittir aos cerebros Nhambiquaras esta noção nova, para elles nunca suspeitada, nem admissivel: que ha homens que não fumam! Porfiámos, assim, durante algum tempo, elle a offerecer, eu a recusar. Por fim, o meu hospede, acreditando, talvez, que o unico motivo de minha recusa seria o acanhamento, tomou a resolução heroica de me enfiar o cigarro na bocca! E tive de aspirar a nauseante fumaça!

O ar, em torno de nós, já se apresentava compacto e irrespiravel, tantas eram as baforadas que todos aquelles homens tiravam de outros tantos cigarros; o mais horroroso, porém, era que todos queriam repetir comnosco a mesmissima operação do cacique!

Para furtar-me a tal martyrio, resolvi dar um passeio pelo terreiro da aldeia, visitando os outros ranchos. Muitos estavam desoccupados, com certeza por se acharem os moradores nas lavouras ou nas caçadas. A palhoça grande tinha as portas fechadas; não lhe pudémos, por isso, vêr o interior, mas percebemos que lá dentro havia fogo e gente: prestando attenção, ouvimos vozes de mulheres e de crianças.

Parecendo-me que o melhor meio de obter o ar respiravel, seria o de ficar acampado no terreiro, a céo aberto, pedí ao cacique que mandasse buscar lenha e preparar-me ali uma bôa fogueira. Fui promptamente attendido, e emquanto os homens se entregavam a esse trabalho, vi que um delles possuia um machado de aço; conjecturei, então, que este grupo era amigo dos de Campos Novos da Serra do Norte, aos quaes já haviamos dado muitos desses instrumentos.

Preparavamo-nos para seccar as nossas roupas ao calor da fogueira crepitante, quando vimos que do lado do Norte vinham chegando dez indios, armados com os seus arcos e flechas; provavelmente regressavam de alguma caçada. Logo que os avistou, o cacique dirigiu-lhes umas palavras fortes e energicas; immediatamente desappareceram das nossas vistas e momentos depois reappareceram noutro ponto, já desarmados. Assim penetraram no interior da aldeia, e dirigindo-se ao grupo em que estavamos, começaram a trocar falas com Nuchelá e sua gente: era evidente que pediam e obtinham informações sobre quem eramos, de onde vinhamos e como tinhamos chegado até alli.

Soubemos, depois, que estes dez individuos eram de uma aldeia de Tagananis, estabelecida nos mesmos campos e não muito longe daquella em que estavamos, e que, além dessa, existiam por alli algumas outras, dos grupos Tauitês, Minis e Tachiuvitês.

Aos moradores de todas essas aldeias o cacique Nuchelá havia mandado emissarios, encarregados de dar-lhes aviso do grande acontecimento. Por isso novos grupos de indios iam incessantemente chegando, cheios de curiosidade de nos verem: as mulheres e as crianças dirigiam-se logo para o rancho conico e lá se encerravam com as que as haviam precedido; os homens, porém, vinham para as proximidades da nossa fogueira, installando-se, por pequenos agrupamentos, em torno de outros fogos que accendiam. Este movimento, começado desde o anoitecer, continuou-se pela noite dentro: as fogueirinhas multiplicavam-se incessantemente e com ellas o numero de homens, que se não cansavam de fallar, conversando animadamente. E no meio de toda esta animação não se descuidavam um instante de nos cumularem de novos presentes: as bandejas de tabóca, cheias de beijús, carás, mandiocas, batatas e milho torrado circulavam, numa procissão interminavel. Mais impressionadora, porém, era a quantidade de cigarros fumegantes, temerosos e aggressivos! Si houvesse um incendio na aldeia, a columna de fumaça que então se elevaria das palhoças queimadas, talvez não excedesse em volume a que se formava do conjunto das baforadas

que incessantemente sahiam das bocas daquelles infatigaveis fumadores.

Por fim, já me sentia cançado de tanto falar e prestar attenção, para adivinhar o sentido de discursos que não podia comprehender. O meu primo Bellarmino, havia tempo, dormia placidamente extendido sobre as folhas de coqueiro de que haviamos feito forrar o chão nos lugares que occupavamos. Veiu-me o desejo de imital-o e resolvi fazel-o, apesar dos protestos do meu tio, que achava ser redobrada imprudencia entregarmo-nos ao somno depois de nos termos mettido no meio de tão grande multidão de selvicolas desconhecidos, dos quaes ignoravamos todos os habitos e até a lingua.

Junto a mim estavam assentados muitos indios; para lhes dar mais uma prova de confiança, estirei-me na minha cama de folhas, repousando a cabeça sobre a perna de um delles. Não errei, porque o homem ficou tão satisfeito com ter sido o escolhido para essa manifestação de carinho e de abandono, que se esmerou em evitar qualquer movimento que pudesse ser interpretado como signal de incommodo ou de fadiga.

Não obstante o odôr acre que se exhalava do corpo pintado de urucum daquelle indio, cheguei a dormir.

Mas foi um somno curto; despertei, parecendo-me que o numero de pessoas reunidas no terreiro havia recebido forte accrescimo; com certeza não estava abaixo de duzentos.

Além disso, chegavam-me os sons de fallas femininas; percebi que as mulheres tinham sahido da grande palhoça fechada, e, vencidas pela curiosidade, se tinham aproximado para nos verem.

Tal curiosidade pareceu-me plenamente justificada; tanto que tambem eu me levantei e fui á fogueira accender um facho de palmas, com o intuito de ter luz bastante para bem a distinguir. Produzio-se, então, grande alvoroço; de todos os lados se levantavam exclamações de susto e sahiam indias correndo na direcção do seu refugio. Emquanto ellas fugiam, os homens riam-se gostosamente por vêl-as tão amedrontadas.

Desisti do meu proposito e voltei á cama, onde encontrei,

firme no seu posto de honra, o indio em cuja perna eu recostava a cabeça. Adormeci de novo, até a madrugada.

Meu tio, fiel representante dos velhos preconceitos dos civilizados a respeito dos selvicolas, não se permittiu nem o mais leve cochilo durante toda aquella noite. Tambem os indios a passaram em claro; mas esses por outro motivo, que bem se podia conjecturar, ouvindo-se, como se ouvia, de todos os lados, surgir, no meio das interminaveis conversas, a palavra "côcô", cujos sons lembrar o ruido das pancadas dos machados rombos de pedra, batendo no tronco de uma grande arvore. A satisfação que lhes causava a esperança de virem a possuir, dentro em breve, os magnificos machados de aço, era tão intensa, que lhes tirava o somno.

Ao clarear do dia, já estavamos promptos a partir, quando os indios nos convidaram para irmos visitar outras aldeias daquelles campos, a que dão o nome de Hugulitendê e que eu designei pela data de "14 de Abril", cara entre as mais caras ao meu coração de esposo agradecido e obrigado a viver mais das saudades do que do gozo perenne das caricias de que o meu bom Destino me encheu o lar amantissimo.

Percorridos os campos e vistas mais quatro aldeias, cuja população conjunta calculámos em mais de trezentos individuos, regressámos ao acampamento, onde encontrámos os companheiros já alarmados com a nossa inesperada ausencia. Comnosco foram trinta e quatro indios, entre os quaes figuravam os cinco do "Encontro Feliz", que precisavam retomar as suas armas deixadas, como vimos, ao lado do trilho, no interior da mata. A todos presenteei com machados, facões e missangas.

Dessa data em diante, nunca mais cessaram as visitas dos indios aos nossos acampamentos, e houve occasiões em que elles chegavam aos grupos de 200 e mais individuos. A noticia de tão extraordinario successo, propagando-se rapidamente pelo sertão, deu lugar a que, ás primeiras tribus, se reunissem logo outras, situadas para o Norte, a mais de 20 leguas de distancia. Assim, ficámos conhecendo os Sabanês.

os Iaiás, os Xaodês e os Teiobês, que são os homens mais bonitos de toda esta região. Nem mesmo os velhos invalidos se quizeram privar da satisfação de verem, com os seus proprios olhos, os homens que appareciam assim, de repente, nas suas terras, com o poder de produzirem tão profunda e radical modificação nos seus habitos seculares, como essa que resulta da substituição dos instrumentos de pedra pelos de ferro.

Estes acontecimentos, de tão alta significação no conjunto da obra ultimamente iniciada para a protecção e civilização dos indios, precisavam ficar dignamente memorados no nome da estação telegraphica que se ia levantar naquelles sertões, como resultado de todos os esforços que se estavam fazendo. Então, accudiu-me á ideia que nenhum outro poderia melhor, nem tão bem satisfazer as exigencias moraes e civicas das emoções e das esperanças, que haviam nascido, e que se desejavam vêr florescer e fructificar, do que o do grande estadista da Independencia.

Para mais realçarmos a significação da homenagem que iamos prestar á memoria do insigne autor dos "Apontamentos para a civilização dos indios bravos do Brasil", escolhi o dia do seu glorioso natalicio, 13 de Junho, para ser o da inauguração do novo estabelecimento, e, por uma feliz coincidencia, pude realizar a solemnidade correspondente a esse acto, não só na presença, mas tambem com o concurso de um grupo de Nhambiquaras "Tauitês", que designaram uma das suas filhas para desfraldar ás auras daquelle sertão o symbolo sagrado da nacionalidade brasileira.

Inaugurada a estação de José Bonifacio, e emquanto continuavamos a locação da linha pelo traçado geral do reconhecimento de 1909, até transpôrmos o antigo Duvida e delle nos afastarmos cerca de 10 kilometros, no rumo de Noroeste, estudavamos os meios de dar solução ao problema dos transportes, cujos serviços se tornavam, de dia para dia, mais imperfeitos e precarios.

Praticamente já não contavamos com os abastecimentos sahidos de Tapirapoan; as tropas de que elles dependiam,

desorganizavam-se e quasi se extinguiam, antes de poderem vencer as enormes distancias que tinham de percorrer para chegarem ao lugar em que nos achavamos.

Em compensação, tinhamo-nos aproximado bastante do rio Pimenta Bueno, que sabiamos—desde 1909, quando o descobrimos e o fizemos reconhecer pelo tenente Alencarliense e Dr. Alipio de Miranda Ribeiro—ser o principal formador do Gy-Paraná. Portanto, para resolvermos o momentoso problema de transportes, deviamos aproveitar as relativas facilidades offerecidas pela navegação fluvial, fazendo vir os nossos volumes de Manáos, pelo Madeira, até a foz do Gy; em seguida, elles continuariam em batelões, por este rio acima, até o ponto da confluencia do Pimenta Bueno com o Commemoração de Floriano; desembarcados dos batelões seriam entregues ás tropas de animaes cargueiros, que os conduziriam, afinal, ao lugar em que estivessemos acampados. Ficavamos ainda, como se vê, na dependencia de muares e de bois, cuja manutenção seria muitissimo difficil naquellas paragens, onde a expedição de 1909 só havia encontrado o arvoredo alto e fechado das matas virgens. Mas havia a compensação de que as distancias a percorrer iriam encurtando á medida do progresso da construcção; assim, os esforços exigidos dos animaes seriam cada vez menores.

Para executarmos este projecto, precisavamos adoptar duas series de medidas: a primeira referia-se á organização da flotilha destinada á navegação do Gy-Paraná; a segunda entendia-se com a preparação do caminho para o trafego das tropas, desde o ponto terminal da navegação até o acampamento. Este, porém, deslocava-se, acompanhando o avanço da construcção; portanto, a estrada, para ser sempre aproveitavel, devia subordinar-se ao mesmo trajecto que ia ser seguido pelo fio telegraphico.

Da abertura deste caminho encarreguei o tenente Nicolau Bueno Horta Barbosa, o qual, sahindo de José Bonifacio, com uma pequena turma de trabalhadores de foice e de ma-

chado, foi reavivando a picada aberta pela expedição de 1909, e ao mesmo tempo realizando explorações parciaes tendentes a melhorar, em alguns pontos, o traçado daquella expedição

Do ponto de partida até o rio Pimenta Bueno, tinha o tenente Nicolau de atravessar, successivamente, o rio da Duvida, o Commemoração de Floriano e o Barão de Melgaço. No primeiro, descobriu novo ponto de passagem, situado 800 metros acima do da expedição de 1909, com a vantagem, sobre este, de não se achar em terreno brejoso; e no segundo, que era atravessado pela picada proxima a uma quéda, o Salto do Paraiso, foi encontrado, abaixo desse lugar, um bello campo, de magnificas pastagens, que recebeu o nome de Parabens.

Dahi ao Barão de Melgaço, e deste ao porto da Bôa Passagem, no Pimenta Bueno, não sahiu o tenente Nicolau da picada de 1909. Daquelle porto á confluencia, medeavam ainda umas cinco leguas; a pequena turma expedicionaria, porém, que viajava a pé, não as podia vencer, em consequencia do estado de prostração em que se achavam aquelle official e um dos seus homens, atacados ambos de violentos accessos de febre. Das quatro pessoas que constituiam o total da turma, apenas duas estavam em condições de caminhar; foram mandadas perlongar o rio até sahirem no pontal da confluencia, afim de trazerem dalli alguma embarcação em que os doentes pudessem ser transportados. Assim terminou, no dia 7 de Setembro, esta pequena expedição, que além de reabrir o caminho da estação de José Bonifacio ao rio Pimenta Bueno, fez a importantissima descoberta do Campo de Parabens, em plena floresta virgem.

Outro resultado interessante colhido nesta travessia pelo tenente Nicolau, foi a constatação de existirem aldeias e roças de indios, estabelecidas ao longo daquelle caminho, depois de passado o Commemoração de Floriano. Em 1909, quando por ali transitou a expedição de reconhecimento de Cuyabá ao Madeira, nenhum vestigio de importancia revelou que a região fosse habitada. Doutro lado, o modo de construir as

casas, a ceramica, os instrumentos de musica e outros artefactos vistos nas malócas, onde não havia na occasião um unico morador, nem fogos accesos, divergiam na fórma, nas dimensões ou nos materiaes de que eram feitos, dos que são usados pelos Nhambiquaras; era evidente, pois, que se tratava de uma nação nova, da qual não tinhamos até então nenhuma noticia.

A julgar pelas informações colhidas entre os Nhambiquaras, em seguida a elles, para o Occidente, vive um povo dado ao uso da antropophagia, ao qual designam pelo nome de *malotundús*.

As aldeias e as roças descobertas pelo tenente Nicolau, bem podiam pertencer a um grupo desse povo. Com certeza, depois da passagem da expedição de 1909, alguns dentre elles, estando nas costumadas excursões de caçadas, observaram nas arvores cortadas, os golpes das nossas ferramentas, na verdade prodigiosos quando comparados aos que se podem obter dos instrumentos de pedra. Desejosos de possuir tão admiraveis machados, teriam formado o projecto de se instalharem ao lado do caminho, á espera de verem os homens que o haviam aberto, voltarem a transitar por elle: quando isso se désse, empregariam os meios de travar relações com os possuidores do cubiçado artefacto e assim conseguiriam adquiril-o.

Posteriormente, verificámos não nos termos enganado em nossas supposições, salvo na parte relativa á identificação do povo de que se trata com o malotundú dos Nhambiquaras. Porque, tendo-se o tenente Amarante encarregado de abrir a estrada, cujo pique acabava de ser reavivado pelo tenente Nicolau, encontrou-se, certo dia, deante de tres indios que, meio occultos pela vegetação, o espreitavam, com os arcos retezados, prestes a desferir as respectivas flechas. Deante daquelle risco eminente, o distincto official não perdeu a calma; acenando e falando, procurou fazer comprehender aos selvicolas, que não os desejava hostilizar e queria tratal-os com amizade. Então, um dos emboscados levantou-se e em tom energico dirigiu-se aos outros, que ainda teimavam em levar

a termo a aggressão, oppondo-se a que o fizessem. Isto conseguido, aproximaram-se os indios com a maior segurança, fizeram os costumados discursos de apresentação e conduziram o tenente Amarante, juntamente com o unico homem que nessa occasião o acompanhava, o civil João de Deus, á aldeia, que os recebeu com muitas manifestações de alegria, como si se tratasse de amigos cuja visita fosse, ha muito tempo, desejada e esperada.

As relações, assim estabelecidas, desenvolveram-se rapidamente e permittiram-nos conhecer esta nação indigena, da qual nenhum explorador dos sertões havia antes dado noticia. Em sua propria lingua, ella se denomina *Kepikiri-uat*. Os seus dominios extendem-se, para o lado do Oriente, até o rio Commemoração de Floriano, a que dão o nome de *Tumbóaruê*, onde começa o territorio dos Nhambiquaras, e comprehende todo o valle do Pimenta Bueno, ou *Djaru-uérébe*, palavra do seu idioma que significa Rio Brilhante. A sua população distribue-se por numerosos grupos independentes, cada qual com a sua denominação propria, taes como Baep-uaps, Uarapanan, Barêpits, Uaparanãs, Guêp-uats, etc.

Muitas vezes estive em aldeias dos kepikiri-uats, cujos costumes e instituições pude observar; si os quizesse relatar aqui, teria que me alongar mais do que convém neste momento. Limito-me, pois, a dizer que elles, como os Nhambiquaras, não usam roupa alguma, nem mesmo as mulheres; no emtanto, fabricam tecidos de algodão, cultivado nas suas magnificas roças, com os quaes fazem as rêdes, em que dormem. Neste, como em muitos outros pontos, elles estão mais adeantados do que os Nhambiquaras, que fazem as suas camas no chão, sem outro cuidado sinão o de escolherem lugares cobertos de areia. Não fumam, mas usam tomar rapé por meio de um dispositivo bastante engenhoso, o qual consiste em um tubo de taquarinha, de dois palmos de comprimento, tendo numa das extremidades, um pequeno recipiente de côco. Estando o recipiente carregado de pó de tabaco, a pessoa que vae tomar a pitada aproxima-o das narinas, e outra pessoa, ser-

vindo-se da extremidade livre do tubo, sopra por elle, fazendo o rapé penetrar nas fossas nasaes do tabaquista, que auxilia a operação mediante profunda inhalação. Este dispositivo, a que se não poderá negar o merito da novidade, e ao qual eu attribuo qualidades excellentes, entre outras a de não ser aggressivo como o cigarro Nhambiquara, tem, em Kepikiri-uat, o nome de Nharimã-cap.

Igualmente curioso é o ceremonial de recepção de visitas importantes, estavamos quasi a dizer: de embaixadas. A solemnidade passa-se no terreiro da aldeia. Os homens apresentam-se armados, de ponto em branco, e conservam-se de pé, emquanto as mulheres, em grupo, quedam, assentadas a pequena distancia.

Collocadas as visitas no centro do terreiro, os homens começam a marchar, empunhando as armas, e assim desfilam deante dos recem-chegados, cujo chefe deve estar preparado para receber e retribuir o amistoso, e talvez um pouco excessivo *shake-hands* kepikiri-uat. Eis como se realiza esta parte da ceremonia:

Cada indio, ao defrontar-se com aquelle chefe, pára, encosta o arco e as flechas que traz, em seu proprio corpo, e extende os dois braços, com as mãos espalmadas e os dedos abertos. A visita deve extender, da mesma fórma, as suas mãos e entrelaçar os dedos nos que lhe forem offerecidos. Isto feito, os dois amigos transmittem-se alguns magnificos abalos, tão magnificos que fariam inveja a esses galhardos cavalheiros acostumados a aproveitarem-se do pretexto de trocarem comnosco um aperto de mão para nos mostrarem a fortaleza dos seus pulsos.

Terminados os cumprimentos masculinos, seguem-se os das mulheres, cada uma das quaes vem, por sua vez, trazer á visita o seu amistoso *shake-hands*. Feito isto, retiram-se para o interior das casas e os homens assentam-se para iniciar a conversação com os hospedes.

Dissemos ter verificado não serem estes os indios da nação indicada pelos Nhambiquaras, sob o nome de *malotundús*

Tal verificação foi possivel por nos terem os proprios kepikiri-uats informado que, mais para as cabeceiras, o Pimenta Bueno possue um contribuinte, o Djarú-Jupirará, ou Rio Vermelho, cujo valle é occupado por uma tribu, a que denominam Coaiás; e as descripções que delles nos fizeram coincidiram perfeitamente com as dos Nhambiquaras, relativas aos terriveis malotundús.

No emtanto, vimos em poder de um chefe Kepikiri-uat, uma clavicula humana, de que elle se servia como flauta. Perguntando-lhe eu a procedencia daquelle osso, respondeu-me o indio que pertencera a um Coaiá, ao qual havia combatido e matado. Por fim, confessou que a gente da sua tribu não se acha inteiramente isenta da mácula da antropophagia; mas limita-se a pratical-a só em relação a guerreiros Coaiás, mortos em combate. Assim procedem, pelo desejo de vingar os parentes e amigos anteriormente comidos por aquelles selvicolas; mas, ao contrario do que estes fazem, não chegam a consumir toda a carne da victima, porque cada qual se contenta com tão pequena porção, que a maior parte do corpo fica intacta e é regeitada.

A flauta da clavicula Coaiá, a que alludi, encontra-se hoje no Muzeu Nacional.

Como vimos, o inicio das nossas relações com os Kipikiriuats deve-se ao tenente Amarante, que se havia encarregado de abrir a estrada de José Bonifacio á confluencia dos rios Pimenta Bueno e Commemoração. Esse trabalho realizou-se em 1913 e depois de terminado, o transporte das cargas destinadas ao acampamento da construcção e aos demais serviços da Linha, até Vilhena, fazia-se pelo Gy-Paraná; ao chegarem áquella confluencia, eram tomadas pelas tropas e levadas ao seu destino.

No emtanto, o nosso maior empenho era reduzir ainda mais, neste percurso, o trecho que se tinha de fazer por terra. Similhante resultado poderia ser alcançado, desde que o Commemoração de Floriano se apresentasse navegavel para cima da sua confluencia com o Pimenta Bueno.

Para decidir esta questão designei, ainda, o tenente Ama-

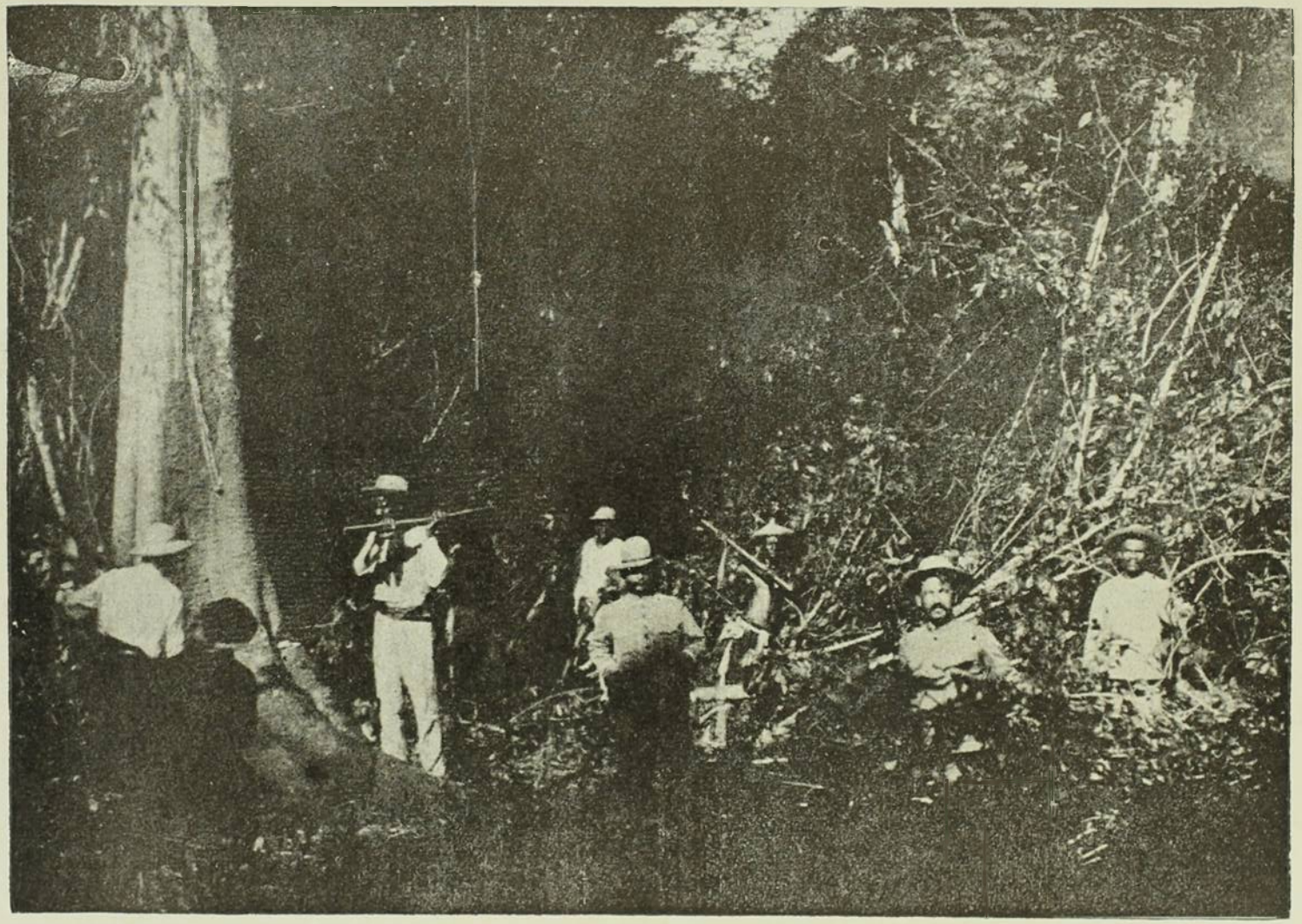


Photo. Com. Rondon *Conferencias*

A derrubada na mata para abertura do picadão da linha telegraphica

rante, indicando-lhe que partisse do Campo de Parabens e fosse margeando o Commemoração até o termo do seu curso.

Realizada a expedição, os resultados que della colhemos ultrapassaram todas as esperanças, não só porque ficou verificada a navegabilidade daquelle rio até a foz de um seu contribuinte da margem direita, a que démos o nome de Francisco Bueno, como tambem porque se reconheceu a existencia de muitos outros campos, desde aquella foz até a confluencia com o Pimenta Bueno.

A consequencia immediata destas descobertas foi a modificação introduzida no traçado da linha, a qual, em vez de transpor o Commemoração no Campo de Parabens e continuar pelo interior das matas atravessadas em 1909, desceu á foz do riacho Francisco Bueno e dahi seguiu margeando aquelle rio, pela esquerda. Assim aproveitámos, para a construcção, as facilidades offerecidas pelos campos, e, ainda mais, conquistámos a vantagem permanente de termos garantida a subsistencia dos animaes cargueiros que trafegam entre a foz daquelle riacho e a estação de Vilhena, visto como em todo esse percurso, de cerca de 25 leguas, só uma parte, de menos de dez, se encontra desprovida de pastagens.

Na barra do novo riacho assentámos a primeira estação depois da de José Bonifacio, e démos-lhe o nome de Barão de Melgaço; a distancia entre as duas é de 67 kilometros.

Mas, além destes resultados, a expedição do tenente Amarante colheu alguns outros, de ordem geographica, decorrentes da determinação precisa do curso do Commemoração de Floriano: a fixação da barra do rio Barão de Melgaço e a demonstração de não ser verdadeira a hypothese que havia dado lugar a incluir-se o Duvida como um dos tributarios da bacia do Gy-Paraná.

Depois da barra do riacho Francisco Bueno, o caminhamento estudado pelo tenente Amarante continuou ao longo do curso do Commemoração até o ponto em que mais tarde seria installada a estação de Pimenta Bueno, na confluencia do rio deste nome.

Dahi o tenente Amarante prolongou a sua expedição pela

margem direita do alto Gy-Paraná, até attingir o barracão do Urupá, propriedade de uma sociedade de seringueiros, estabelecido pouco abaixo da foz do rio de identica denominação. Neste trajecto, de mais de 142 kilometros, o terreno apresentou condições technicas e economicas mais favoraveis á construcção do que o estudado pelo reconhecimento de 1909. Resolvemos, pois, abandonar o antigo projecto, que consistia em lançar a linha telegraphica, de Pimenta Bueno a Arikemes, no Jamary, pela margem esquerda do Gy, através de uma região de serras, coberta de alta mataria e entrecortada de numerosos igapés e rios importantes, taes como o Luiz de Albuquerque, o Rolim de Moura, o Ricardo Franco, o Urupá e o Jarú, dos quaes os tres primeiros haviam sido descobertos pela grande expedição de 1909. Pelo traçado do reconhecimento do tenente Amarante, não tinhamos de transpor mais do que um curso dagua de alguma importancia, o Riozinho; encontravamos grandes zonas de charravascaes, e ficavamos ainda em condições de aproveitar a navegação do Gy para os transportes de viveres e materiaes.

A locação obedeceu a este traçado e, no trecho indicado, abrimos duas estações, uma fronteira á barra do Ricardo Franco e outra no local do barracão de Urupá, ambas concluidas em 1914 e denominadas, respectivamente, Presidente Hermes e Presidente Penna.

Além dos resultados que acabamos de indicar, da expedição de estudo conduzida pelo tenente Amarante ao longo do alto Gy-Paraná, devemos registar mais o encontro que elle teve com os indigenas do lugar, pertencentes, como depois verifiquei, ao grande grupo ethnographico dos tupys.

Muito mais adiantados do que os Nhambiquaras e os Kepikiri-uats, de que são inimigos e aos quaes guerreiam, estes indios, além de usarem rêdes, têm o habito de vestir as mulheres com tangas e os homens com uma especie de pequenos calções, feitos de algodão.

Mais importante, porém, é o facto, por nós observado, de serem elles dados á arte da navegação, que praticam com o

auxilio de canôas ou ubás de casca de arvores, como o jatobá, o jequitibá e outras, que se prestam a soltal-a inteira, mediante certo processo conhecido pelos selvicolas e no qual o fogo desempenha a funcção principal.

Muito notavel tambem é o systema de defesa de que cercam as suas aldeias, com o fim de afastar a possibilidade de serem assaltados por guerreiros extranhos, que tenham emprehendido tomal-as de surpresa.

Com tal objectivo, constroem na ramada de arvores marginaes aos trilhos cujo accesso querem defender, giraus ou plataformas de madeira tosca, onde se podem postar os defensores para, lá de cima, vigiarem os movimentos do inimigo.

Este recurso, porém, comquanto muitissimo efficaz, não lhes pareceu sufficiente; elles precisavam de um meio de defesa que produzisse effeito por si mesmo, dispensando a presença do homem: pensamento identico ao do guerreiro civilizado que inventou as minas de explosão automatica, destinadas a vedar a entrada dos portos e canaes. Os selvicolas do alto Gy-Paraná, utilisando-se com muita industria e talento dos pobres recursos das suas florestas, empregam varas ponteagudas, formando estrepes, que ficam obliquamente, pelo cônto, nos trilhos ou estradas cujo percurso querem obstar, encobrindo-os depois com folhagens e ramos dos arbustos proximos. A ponta destes estrepes fica virada para o lado de onde póde vir o inimigo e, além disso, é bastante alta para o attingir no ventre.

Estas e todas as outras cousas relativas á vida dos indios em questão, eram inteiramente ignoradas antes da expedição do tenente Amarante. Tal ignorancia por pouco não se tornou fatal a um dos expedicionarios, o João de Deus, valoroso veterano das campanhas da Commissão de Linhas Telegraphicas.

Foi o caso que, depois de passado o Riosinho, affluente a que já alludi, do Gy-Paraná, tendo-se deparado ao tenente Amarante um trilho de indios, decidiu elle reconhecel-o, na

esperança de chegar á aldeia respectiva. Começou, pois, a avançar por aquelle caminho, fazendo-se preceder do João de Deus, que tinha o encargo de abrir a passagem a facão, nos pontos em que fosse preciso. Andada uma pequena distancia, o João de Deus sentiu-se de repente ferido na parte superior da côxa: um pouco mais acima, o ferimento seria gravissimo, talvez mortal. Assim se teve a primeira noticia do systema de defesa destes indios, em cujas aldeias só pudemos entrar conduzidos por elles mesmos, depois que entabolaram relações amistosas com o pessoal da Commissão de Linhas Telegraphicas, ao qual espontaneamente se apresentaram, em Fevereiro de 1914, num ponto da margem do Gy.

Nesse mesmo anno, o Chefe Abaitará me levou á sua maloca, e durante o percurso ia me mostrando os innumeros espeques, que havia, precedentemente, mandado abater, para facilitar a minha passagem. Pude, então, informar-me dos costumes desta nação, que se distribue por varios grupos, taes como o dos Parnauats, Tacuateps, Ipotenats e outros.

Dos usos que entre elles notei, limitar-me-hei a citar aqui o de tingirem o rosto, os braços e as pernas com sumo de genipapo, que enegrece a pelle. Perguntei a um delles por que se pintava assim; respondeu-me que aquillo era um ardil para facilitar as caçadas de coatá, porque, sendo esse macaco excessivamente curioso, um homem com tal disfarce, que se colloque ao alcance da sua vista, a imitar a voz, ora de um animal, ora doutro, consegue que elle desça da ramaria das arvores, desejoso de se informar de perto, da novidade que está vendo: nessa occasião o caçador abate-o com um tiro do seu arco infallivel.

Mas, voltando á construcção, lembrarei o que ficou dito na conferencia relativa ao reconhecimento do rio Roosevelt, a respeito da paralysação que ella soffreu em Barão de Melgaço, por motivo da violenta irrupção de febres de que veio a fallecer o capitão Cardoso. Quando se terminaram os trabalhos daquelle reconhecimento, o tenente Vasconcellos tinha conseguido reorganizar os serviços na mencionada estação e

avançava com a locação para Pimenta Bueno, de onde continuaria para Presidente Hermes e Presidente Penna.

Doutro lado, os trabalhos da Secção do Norte, iniciados em Santo Antonio do Madeira, haviam progredido ao longo do Jamary e finalmente attingido o ponto mais alto desse rio, no barracão do Bom Futuro, onde installámos a estação de Arikemes, nome de uma tribu indigena que eu ahi aldeei, e de cuja pacificação e costumes fallarei noutro lugar.

Para se ter a linha corrida desde Cuyabá até Santo Antonio, faltava, pois, estudar a ligação de Arikemes a Presidente Penna, passando do valle do Jamary para o do Gy-Paraná, que devia ser attingido em aguas do Jarú, seu affluente da margem esquerda.

Planejei realizar esse estudo em duas secções: uma de Arikemes a Jarú; a outra deste rio a Presidente Penna.

Para isso, terminada que foi a expedição scientifica Roosevelt-Rondon, pela partida do illustre estadista americano de Belem do Pará para New-York, regressei immediatamente a Manáos e dalli segui para o Madeira, demandando a foz do Jamary. Subi este rio até a barra do seu affluente Canaan, onde fica a estação de Arikemes. Dahi iniciei a expedição de reconhecimento, no rumo geral de Nordeste, primeiro pela margem direita do Canaan, e depois pela esquerda de um seu contribuinte, o rio Quatro Cachoeiras, que foi perlongado até o ponto de confluencia de um dos seus formadores, o Igarapé Cachoeira.

Dessa confluencia, o reconhecimento tomou o rumo de Nordeste, galgou uma serra e, ao descel-a, do lado opposto, achou-se em aguas da bacia do Gy-Paraná. Avançando pela direita dessas aguas, reconheci formarem ellas o Igarapé São José, ao qual se reune o S. Salvador, formando então o rio Novo, que desagua no Toque-Fóne, e este no Jarú. A expedição, porém, não desceu tanto, porque da barra do S. Salvador voltou a Sudeste, transpoz a serra de Santa Rosa e entrou no valle do Jarú, cuja margem esquerda foi attingida

no ponto em que existia um barracão de seringueiros denominado Santos Dumont. Este ponto foi escolhido para receber a nova estação telegraphica, intermediaria entre as duas que se queriam ligar. Subindo o rio, a partir desse local, não se precisará andar mais do que legua e meia para se encontrar o lugar em que a expedição de 1909 esteve acampada e donde sahiu na direcção de Oeste, quasi sobre o parallelo de 10 gráos, á procura de aguas do Jacy, indo, no emtanto, achar as do Pardo, affluente do Jamary.

Do lugar escolhido para a nova estação, regressaram os expedicionarios a Arikemes; mas não percorreram o itinerario anterior sinão até descer a serra a que me referi, quando passei do valle do Quatro Cachoeiras para o do Tóque-Fóne. Essa é a serra hoje denominada da "Expedição", por ter sido pela primeira vez assignalada em 1909, quando foi atravessada pelo grande reconhecimento da Linha tronco, de Cuyabá ao Madeira. Depois de a terem descido, os expedicionarios de 1914 seguiram pelo divisor dos contribuintes da margem direita do Quatro Cachoeiras e os da esquerda do Tóque-Fóne, assignalando, entre os primeiros, as cabeceiras dos igarapés Andirá e Valha-me Deus, e, em seguida a esta, mais para o Oriente, as do rio Branco, que se lança no Jamary por uma foz situada abaixo da do Canaan.

Segundo informações colhidas entre os seringueiros, a região onde reconheci as cabeceiras do rio Branco, é occupada por uma tribu de indios guerreiros, que elles designam pelo apellido "Bocca Preta". Estes mesmos indios são ainda assignalados nas cabeceiras do rio Preto, outro affluente do Jamary, para abaixo do anterior, e até nas de um contribuinte do Gy, cuja foz o navegante que entra neste rio, vindo do Madeira, encontra logo no principio, á direita de quem sobe.

Quando reentrámos em Arikemes, de volta desses reconhecimentos, haviamos feito o percurso total de 199.722 metros. Desenhámos a planta topographica da região estudada e sobre ella projectámos o traçado da linha entre aquella e a futura estação do Jarú, dando-lhe o desenvolvimento de 93.027.

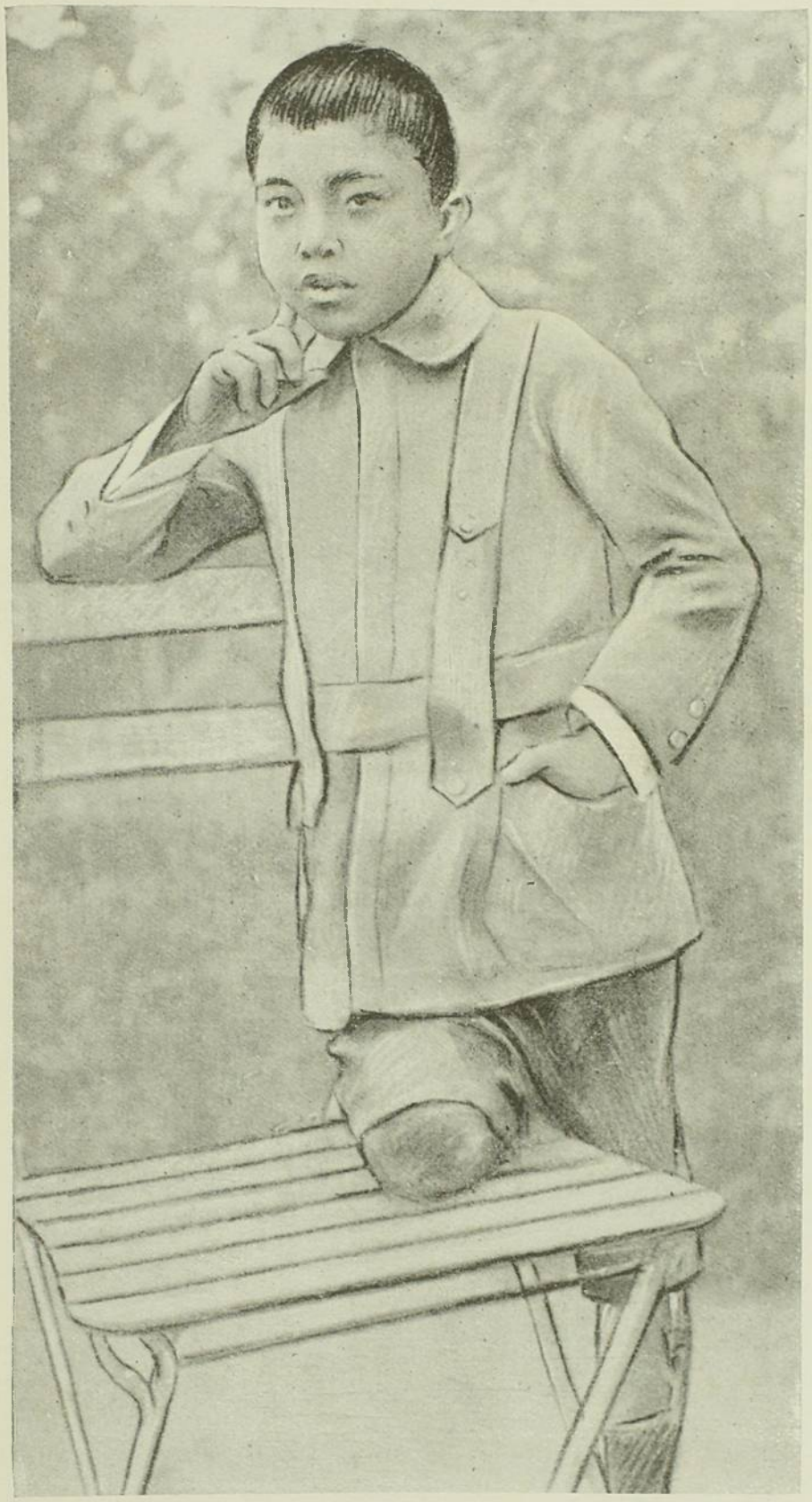


Photo. Com. Rondon *Conferencias*

O pequeno Parriba

Indio da tribu dos Arikemes, habitantes do alto Jamary (1915)

Os trabalhos de locação nesse trecho foram logo atacados e em pouco tempo estavam terminados. Então, a partir do local da nova estação, dirigi-me para o Gy-Paraná, navegando o Jarú aguas abaixo, e fazendo o levantamento topographico da parte percorrida do seu curso.

Chegado ao Gy, continuei a navegar, subindo-o até o local em que iamos abrir a estação de Presidente Penna. Ahi iniciei a abertura da picada para assentamento da linha no trecho comprehendido entre essa e a estação situada immediatamente acima della. Deixando esses trabalhos a cargo do Dr. Espiridião, continuei a subir o Gy, até encontrar o acampamento da turma de construcção dirigida pelo tenente Vasconcellos, a qual já estava para baixo de Pimenta Bueno e não tardaria a alcançar Presidente Hermes. Prosegui para cima, inspeccionando todos os serviços realizados depois da minha partida de Barão de Melgaço, em 4 de Outubro do anno anterior, para ir dar inicio á expedição scientifica Roosevelt-Rondon; visitei varias aldeias de Parnauats e de Kepekiriuats e, em seguida, regressei, aguas abaixo, para o local da estação Presidente Penna.

Como se vê deste rapido apanhado da minha viagem de inspecção, na época em que ella se realizou, isto é, de Agosto a Setembro do anno passado, os trabalhos de construcção só não estavam iniciados no trecho comprehendido entre a estação de Presidente Penna e a do Jarú, e até o reconhecimento do terreno necessario para projectar o traçado entre esses dois pontos estava por fazer.

No emtanto, não havia tempo a perder; já estava correndo a segunda quinzena de Setembro e era forçoso ter-se concluido a ligação telegraphica de Cuyabá a Santo Antonio, no ultimo dia de Dezembro, de modo a poder-se inaugural-a em primeiro de Janeiro.

O terreno que restava a estudar é o comprehendido entre o rio Urupá, a partir da respectiva foz, e o Jarú; e a julgar pelas indicações deduzidas do reconhecimento de 1909, a distancia que se tinha de percorrer, si fosse em linha recta, não excederia muito 70 kilometros. Apesar de ser a região toda coberta de floresta alta e unida, podia-se esperar

atravessal-a dentro de quatro ou cinco dias, desde que se não exigisse mais do que uma exploração expedita.

Resolvi executal-a assim e, para mais facilitar a marcha, que iniciei a 20 de Setembro, decidi não levar commigo mais do que dois homens, sem nenhuma ferramenta, nem mesmo um facão, pois não queria perder tempo a abrir picada. Cada um de nós carregava a sua rêde, espingarda e munição; além disso, só oito latas de leite condensado, e sal; a alimentação nos seria fornecida pela floresta: caças e fructos, que encontrassemos.

Andámos assim, pelo interior da floresta, 88 kilometros, no rumo geral de 60 gráos Noroeste, até encontrarmos o Jarú, num ponto intermediario entre a foz do rio Tóque-Fóne e a do Igarapé Paraiso, sendo que este ultimo nós o haviamos transposto em seguida a outros riachos, como o Miolo e o Bôa Vista, tributarios directos do Gy. Nesta primeira parte da nossa travessia empregamos nove dias.

A segunda parte, que devia consistir em subir o Jarú, do ponto de chegada até a estação telegraphica, emprehendi realizal-a por dentro do leito do rio, o que era possivel por se achar elle, nessa occasião, em vasante, e apresentando numerosas e extensas praias enxutas. Apenas iniciado este novo itinerario, fiquei impossibilitado de andar, por ter sido atacado e ferido no pé por uma arraia. A principio esperei melhorar dos incommodos produzidos por esse ferimento, em pouco tempo; mas, vendo, ao fim de quatro dias de parada, que o mal se aggravava, mandei um dos meus homens subir até o barracão Santos Dumont e trazer de lá uma canôa. Assim embarcado, percorri 24.501 metros, até o barracão. Dahi depois que melhorou o meu ferimento, continuei o reconhecimento a pé, e liguei-o á ultima estação da locação Arikemes-Jarú.

O caminhamento total subiu a 121 kilometros e permittiu projectar um traçado, fechando o circuito entre Presidente Penna e Jarú, com 77.061 metros de fio.

Na região atravessada encontram-se varias serras intercaladas entre os riachos a que já me referi, e outras relativas aos igarapés do Chibé e da Ponte, affluentes da margem es-

querda do Urupá, além de numerosos contrafortes, de onde descem cabeceiras de menor importancia.

Essa é a zona dos mais afamados seringaes de todo o Gy-Paraná. Não menos admiraveis, pela qualidade do leite que produzem e pela densidade das florestas que formam, são as arvores de caucho, que ahi crescem. Isso resulta do facto de se acharem reunidas, nesse tracto de terras, as duas condições mais favoraveis ao desenvolvimento e á melhoria da hevea brasiliense e do caucho: a grande altitude e a existencia de serras de rochas graniticas. Cada seringueiro do Igarapé do Paraiso fornece 12 galões de leite; as do Madeira não dão mais do que tres. E o caucho, ao passo que é frequente nos terrenos graniticos, nunca apparece nos de arenito.

Quanto á população indigena desta região, acha-se actualmente toda no valle do Jarú e consta de duas tribus, ambas relacionadas com os seringueiros, que se utilisam dos seus trabalhos: a primeira occupa as cabeceiras e ahi se estabeleceu recentemente, vinda do Urupá, de que tem o nome; a outra, natural do proprio Jarú, e assim chamada, assenta as suas aldeias mais para baixo, entre o rio citado e o Anary, tambem affluente do Gy.

Aos reconhecimentos a que acabo de alludir, seguiram-se logo os trabalhos de locação, e com tanta intensidade foram elles tocados que, ao findar Dezembro, estavam corridos os 374.235 metros de fios entre Barão de Melgaço e Arikemes, e concluida a linha de Cuyabá a Santo Antonio do Madeira, formando um circuito continuo de 1.490 kilmetros, servido por 20 estações intermediarias.

Essa é a linha tronco, cuja inauguração official se fez em primeiro de Janeiro do corrente anno. Antes della, porém, já haviamos construido e entregue ao trafego tres ramaes, com o comprimento total de 769.946. A um delles, o S. Luiz de Caceres á Cidade de Matto Grosso, tive occasião de me referir nas conferencias publicas que realizei nesta Capital, em 1911; dos outros dous darei agora uma rapida noticia.

O primeiro corre ao longo da estrada de ferro Madeira-Mamoré, ligando Santo Antonio a Guajará-Mirim; o seu

principal objectivo é prover ás necessidades do policiamento daquella região, em que o territorio de nossa Patria confina com o da Bolivia.

A extensão deste ramal é de 356 kilometros e o numero das suas estações intermediarias não excede quatro. Para o assentamento do fio servimo-nos, a principio, dos postes de propriedade da estrada; mas, posteriormente, mandámos levantar outros, de ferro, para uso exclusivo da nossa linha.

Na margem do Madeira, desde Santo Antonio até Guajará-Mirim, não encontrámos outros indigenas sinão os Caripunas, cujas aldeias se localizam na zona comprehendida entre Mutum-Paraná e Ribeirão. São indios mansos, relacionados, desde os tempos coloniaes, com os civilizados. Entre elles nota-se grande numero de caborés ou mestiços de africanos. O pessoal da estrada Madeira-Mamoré trata-os com benevolencia e até mesmo, em algumas occasiões, com generosidade. Citarei, por exemplo, o caso occorrido com um delles, que precisava ser submettido a custoso tratamento medico, no qual foi indispensavel chegar-se até a amputação de ambas as pernas. Pois o indio, não só foi operado e carinhosamente pensado, como, além disso, recebeu do seu bemfeitor o presente dos apparelhos mandados vir dos Estados Unidos, para supprirem a falta dos membros amputados.

O ultimo ramal a que nos temos de referir, é o que foi lançado da estação dos Parecis para um pequeno povoado existente na barra do rio dos Bugres, affluente da margem esquerda do Sepotuba.

Dirigiu a construcção o inspector dos telegraphos Dr. Francisco Xavier, que teve o auxilio de um grupo de indios Terenas, vindos especialmente para esse fim do lugar onde vive a sua tribu, proximo á cidade de Miranda.

A linha conta 114.500 metros de extensão e possue uma estação intermediaria, a de Affonsos, situada num chapadão que se segue á descida da serra dos Parecis e precede a de Tapirapoan. Depois de percorridas estas duas encostas, atravessa uns campos de criação e penetra em novas matas, que se extendem até o Sepotuba e o Paraguay e se ligam ás do Jaurú e Guaporé.

Na ultima parte do percurso indicado vive a tribu dos indios Barbados, famosos nas chronicas de Matto Grosso pela resistencia tenaz e cruenta que, desde os tempos coloniaes, nunca cessaram de oppôr ás tentativas de entrada nos seus territorios, realizadas por pessoas da nossa civilização.

A guerra que elles sustentavam em defesa das suas aldeias e dominios, era tão implacavel, que nem ao menos havia sido possivel apurar-se o grupo ethnographico a que pertenciam.

Resolvido, em 1913, que a Commissão das Linhas Telegraphicas se encarregaria da construcção daquelle ramal, a primeira providencia que adoptei para dar inicio a essa obra, foi a installação de um serviço especialmente destinado a captar a confiança e a amisade daquella tribu.

De todas as provas a que já se tinha submettido, nos sertões de Matto Grosso e de outros Estados, o methodo simples e facil de travar relações pacificas e amistosas com os nucleos de populações primitivas da nossa Patria, esta era, certamente, uma das mais rudes e de mais duvidoso resultado, porque nenhum outro povo de selvicolas tivera, tanto como os Barbados, occasiões e motivos para se confirmar na crença de que, dos civilizados, só tinham de esperar perseguições, morticinios e crueldades. Não obstante, organizei o serviço de pacificação, e, tendo entregue a sua direcção ao Sr. Severiano de Albuquerque, antigo empregado da Commissão de Linhas Telegraphicas, cuja capacidade para o desempenho de cargos analogos já havia sido demonstrada em Campos Novos da Serra do Norte, onde conseguira fazer pazes com um grupo de Nhambiquaras, fiquei plenamente confiado na felicidade do exito que elle teria.

Não tardou muito que os factos viessem confirmar as minhas previsões, porque, tendo-se aquelle empregado estabelecido á margem esquerda do rio dos Bugres, em lugar proximo a varios trilhos dos indios, e sendo-lhe, assim, facil encontrar innumeras occasiões de lhes dar provas de benevolencia e brandura, já não os hostilizando, já deixando-lhes no interior das matas presentes de machados, facões e quinquilharias, gosou a satisfação de, em principio de Agosto de 1913, receber no seu acampamento a visita da primeira turma de Barba-

dos que procuravam pessoas civilizadas com intenções pacificas e amistosas.

Severiano, ao communicar-me o auspicioso acontecimento, descreveu os guerreiros desta tribu, como sendo homens robustos e sadios, que usam tingir os proprios corpos de genipapo e trazer, por pudicicia, no lugar proprio, uma pequena bainha de folha de coqueiro, enrolada. Ao pescoço, passam collares ou enfiadas de coquinhos; das orelhas suspendem borlas de pennas vistosas. Os cabellos, compridos, cahem-lhes até os hombros, com algumas poucas tranças ou com um só caracol, pequeno e parcial, no alto da cabeça. Os chefes, distinguem-se por varios enfeites de pennas, um na cabeça, como capacete, e outros, como ligas, nos braços e nas pernas.

As relações assim estabelecidas, nunca mais se interromperam; as visitas ao nosso acampamento tornaram-se cada vez mais numerosas, mais frequentes e demoradas, e os homens fizeram-se acompanhar das suas mulheres e crianças. Isto era, evidentemente, uma grande prova da modificação já operada naquelles espiritos, pela confiança que nós lhes iamos inspirando. No emtanto, as prevenções gravadas nas suas almas por mais de um seculo de guerras e perseguições implacaveis, são tão grandes que elles ainda se não decidiram a nos levar ás suas aldeias.

Semelhante estado d'alma parece até ter-se fixado num gesto physico, que, pelo habito prolongado através de varias gerações, se transformou num movimento irreflexivo, commum a todos os individuos da tribu. Esse gesto ou cacoete consiste em um vivo e largo bambolear do corpo, como o que seria feito por um individuo atacado por inimigos que o procurassem visar, para lhe desferir um golpe mortal; elle, para illudir e desconcertar as pontarias, desloca-se, incessantemente, para um e outro lado, sem, no emtanto, desistir da luta, e procurando o momento favoravel para ferir o adversario. Assim procedem os Barbados todas as vezes que se collocam em presença de um civilizado; a atitude delles é sempre a de quem está na previsão de soffrer um golpe subitaneo e traiçoeiro.

Doutro lado, qualquer de nós, civilizados, precisa

dispôr de bôa dóse de calma e de sangue frio, para vencer a turbação de animo que ha de sentir no momento de receber a primeira saudação de um grupo de Barbados.

Imaginemos, por um instante, que nos achamos no acampamento do rio dos Bugres, e que nos veem avisar da aproximação de um troço de guerreiros daquella nação. Movidos pela curiosidade, sahimos immediatamente para o terreiro, desejosos de assistir á ceremonia usada por elles, no momento de chegarem a um povoado extranho. Vamos rememorando os de outras tribus, já vistas: os Nhambiquaras, por exemplo, de longe gritam *Anauê!* ao que logo accodem os da aldeia visitada, *Anerê!* seguindo-se, então, a entrada dos primeiros na malóca, cujo terreiro percorrem, em largo circulo, trazendo cada um o seu arco e as suas flechas, nas mãos erguidas para o céo; terminado o circuito, encetam a conversação com o chefe da malóca. Qual será o ceremonial dos Barbados? Eil-os, porém, que se aproximam. Vêm carrancudos, com aspecto marcial, antes aggressivo do que amistoso; todos trazem arco e flechas. Chegados a certa distancia, estacam de repente, levantam os arcos á posição de atirar, armam as flechas, apontadas para nós, retesam as cordas, batem irados o sólo com o pé direito, soltam pavoroso grito de guerra; mas tudo isto, num instante tão fugaz, que não tivemos tempo de voltar do espanto da nossa surpreza! Os arcos, cedendo á forte tensão das cordas, curvam-se e armazenam a força destinada a ser transmittida ás flechas! Já soltas as cordas, os arcos destendem-se; ouve-se o estalo secco do bater daquellas sobre a madeira destes. Si algum de nós, cedendo a um impulso natural e legitimo, fechou os olhos, terá perdido a parte mais imprevista, e a unica plenamente agradavel de toda esta scena: a verificação de que as flechas não partiram, mas ficaram retidas entre os dedos que as dirigiam e guiavam. As cordas foram soltas em vão; e tudo, emfim, não passava de mera enscenação, destinada, pura e simplesmente, a traduzir os sentimentos de cordialidade e de bons desejos dos que a montaram e executaram.

Admitto a possibilidade de existirem pessoas que, si fossem collocadas em condições de ter de receber as homenagens des-

ta saudação selvicola, as achassem bem pouco divertidas; mas, para sermos justos, devemos lembrar-nos de que elles não dispõem de outros elementos, para manifestar os jubilos das suas festas publicas, sinão os que lhes podem dar as suas pobres armas: si possuissem canhões, é claro que atroariam os ares com formidaveis tiros de polvora secca.

Quando voltei ao acampamento do rio dos Bugres, encontrando já estabelecidas a paz e as relações de amizade com os Barbados, ás primeiras palavras que lhes ouvi proferir, logo reconheci serem elles um ramo da grande nação dos Borôros. Sabe-se que dessa nação existem dois outros grupos, respectivamente localizados nos rios S. Lourenço e das Garças, o primeiro da bacia do Paraguay e o segundo do Araguaya. Os conhecimentos que possuimos acerca do caracter, a indole e a capacidade de assimilação mental e pratica dos dois ultimos grupos, esclarecem-nos perfeitamente sobre o que devemos esperar do primeiro, e autorizam-nos a vaticinar que, si a acção iniciada com tão bom resultado não se interromper, da tribu dos Barbados sahirão dentro de pouco tempo, campeiros e laviadores, tão bons e tão uteis á economia geral do paiz, e especialmente á de Matto-Grosso, quanto os que teem sahido das outras duas.

II

Até aqui tenho restringido a presente exposição a só considerar os resultados colhidos pela Commissão das Linhas Telegraphicas na execução da parte principal da serie de trabalhos de que ella se encarregou, não só para atravessar e explorar o grande sertão do noroeste Matto-Grossense, como tambem para o occupar e abrir definitivamente ao conjunto das actividades que caracterizam a civilização e a vida da nossa Patria.

Relatar numa simples conferencia todas as medidas adoptadas pela Commissão para levar a bom termo tão grandioso emprehendimento, é tarefa cujas difficuldades não me proponho vencer. Mas, na totalidade da obra realizada, em que existem muitos aspectos, de interesse restricto, por serem

de ordem technica, ha uma parte que, nesta occasião, não póde deixar de ser mencionada, sob pena de ficar desconhecida a natureza e o alcance dos esforços empregados para a consecução daquelle objectivo.

Refiro-me ás expedições de reconhecimentos geographicos com as quaes a Commissão, não só estudou os recursos naturaes que ha a aproveitar e a valorizar nas regiões exploradas, como tambem os caminhos que se hão de seguir para facilitar a installação do duplo movimento de entrada e de sahida, de que depende a vivificação de tão consideravel e importante segmento do territorio nacional.

Darei, pois, a seguir um rapido golpe de vista sobre as conclusões capitaes a que chegaram essas expedições, declarando, todavia, que lamento vêr-me obrigado, pela estreiteza do quadro em que tenho de encerrar a minha exposição, a passar em silencio, ou sem dar-lhes o realce que merecem, innumeros lances em que se patenteia a força e a belleza do caracter, da energia e da intelligencia dos brasileiros que as emprehenderam e terminaram, e principalmente dos distinctos officiaes do nosso Exercito que as chefiaram e executaram.

Como é sabido, a região que serviu de scenario á manifestação das raras aptidões dos seus destemidos exploradores, hydrographicamente póde ser definida pelas bacias de cinco grandes collectores: o Paraguay, o Guaporé, o Madeira, o Juruena e o Tapajoz, sendo que, no emtanto, todos elles não formam sinão tres arterias distinctas, porquanto o terceiro prolonga o segundo e o ultimo é continuação do precedente.

Portanto, enfeixarei os trabalhos de que vou dar breve noticia em torno dos cursos centraes dessas tres bacias, dispondo-as na ordem crescente da multiplicidade dos materiaes por ellas fornecidos á presente exposição.

Na bacia do Paraguay pouco nos teremos de demorar. O rio que a define é conhecido, desde os tempos coloniaes, não só pela navegação constante que sempre se fez ao longo do seu curso, como tambem pela planta topographica que delle levantou a Commissão portuguesa de demarcações, em que figuraram Ricardo Franco, Lacerda e Almeida e Silva Pontes.

Mas, apesar disso, ha nelle uma correção a fazer, relativa á fixação das suas nascentes.

Admittiu-se, quasi sem discrepancia, ser o Sete Lagoas o principal formador do Paraguay. No emtanto, os primeiros trabalhos de reconhecimento da Commissão de Linhas Telegraphicas conduziram-nos a verificar a superioridade, tanto em volume como em extensão, do ribeirão Amolar, ao qual, só por esses dois titulos, já competia a preponderancia na formação do Paraguay.

No capitulo das Conclusões Geographicas, com que encerrei o Relatorio dos grandes reconhecimentos de 1907 a 1909, inclui esta correcção entre as que é necessario introduzir na carta de Matto-Grosso, desde o parallelo de 14° 25' e meridiano de 13° 16' a O. do Rio de Janeiro, até o parallelo de 10° e meridiano de 21°.

Podemos agora dizer que ás condições anteriormente enumeradas, se junta, a favor do Amolar, a de conservar o seu curso a mesma direcção geral que é propria ao rio tronco.

Assim, fica mais uma vez affirmada a necessidade de ser introduzida a correcção apontada nas cartas de Matto-Grosso. Não esquecemos que o argumento antropogeographico milita a favor do Sete Lagoas; porém, tambem nos lembrámos de que o valor desse argumento não é tal que possa destruir as indicações resultantes da continuidade da direcção geral do collector, da extensão e do volume.

Demais, é conhecida a opinião de Bartholomé Rossi, a que me referi no alludido capitulo Conclusões Geographicas, do Relatorio dos estudos e reconhecimentos de 1907-1909: ella é contraria á designação do Sete Lagoas como ramo principal do Paraguay, e dá a primazia ao Amollar.

Igual impressão teve o Dr. Hercules Florence, da expedição do Conde de Langsdorf, ao vêr os dois ribeirões. Descrevendo a região cortada pelo Amollar, diz elle: "...atravessamos matas de guaguaçús, no meio dos quaes serpêa um ribeirão chamado Pedras de Amollar. Recebe, não longe dahi, outro tão estreito que para transpôl-o dei um pulo, mas que tem já o nome de Paraguayzinho, e vem das Sete Lagoas, chamadas cabeceiras do Paraguay e *distantes meia légua* quando

muito. Com mais razão caberia aquella denominação ao ribeirão das *Pedras de Amolar*, que corre de umas quatro leguas de distancia e tem maior cabedal dagua, mas, emfim, depois da juncção com o *Paraguayzinho*, apparece já o pomposo e celebre nome de Paraguay.

"Tão perto de nós se achavam as Sete Lagoas que não tivemos mão no desejo de ir vel-as. Tomando a esquerda, em menos de uma hora chegámos a um terreno alagadiço, onde se vêem aqui e acolá, alguns banhados e pés de burityS.

"Nada de notavel assignala o sitio: decorre um *regato*, e é o Paraguayzinho".

Desta passagem do livro do Dr. Hercules Florence, e da opinião de Bartholomé Rossi se vê que a correcção por mim indicada, si contraria a escolha dos moradores do Paraguay, em compensação apoia-se no modo de pensar de já antigos exploradores, bastante esclarecidos, que tiveram ensejo de subir ás cabeceiras do rio e pessoalmente comparar os dois ribeirões.

Si agora quizermos ter uma ideia da configuração do inicio da magestosa bacia do famoso formador do estuario do Prata, imaginemos que o vamos subindo, e estamos já caminhando ao norte do parallelo de 15°. Continuando a marchar nesse sentido, no quadrante de nordeste, chegaremos a um ponto em que o vemos repartir-se em dois ramos; um, dirigindo-se para noroeste, torna-se pronunciadamente asymetrico em relação ao eixo do rio que se vinha percorrendo; o outro, porém, um pouco mais volumoso, conserva a direcção desse eixo. O primeiro é o Sant'Anna; e o segundo, o Paraguayzinho: portanto, o nome de Paraguay só vigora da confluencia desses dois rios, para baixo.

Como dentre elles o que possue os caracteristicos de ser prolongamento do tronco é o Paraguayzinho, continuaremos a acompanhal-o, para cima. Pouco teremos andado e logo veremos, á nossa direita, a foz de um riacho: é o Brumado. Proseguimos e vamos passar diante da barra de outro riacho, á nossa esquerda, para onde está a villa de Diamantino, que elle atravessa. Subimos mais; já penetramos no planalto, e ahi vemos o Paraguayzinho, subdividindo-se em dois ramos;

o maior, mais volumoso e, além disso, o que deveremos continuar a subir para não mudar a direcção geral em que vinhamos, é conhecido pelo nome de Pedra de Amollar; o outro conserva a denominação de Paraguayzinho e dahi a pouco estará terminado no terreno alagadiço, de *banhados ou "poçazinhas"*, a que se referiu Hercules Florence. Taes "poçazinhas" são as que receberam o nome de Sete Lagoas, e eram as indicadas como as nascentes do famoso Paraguay.

Deixando para outra opportunidade a allusão que pretendemos fazer a algumas das noções colhidas a respeito das cabeceiras do Cuyabá, passemos para o valle do Guaropé.

Quanto ao Guaporé, como o Paraguay, conhecido e navegado desde os tempos coloniaes, limitar-me-hei a referir os principaes resultados de uma expedição que fiz partir de Vilhena, em Setembro de 1912, sob a direcção do engenheiro de minas norte-americano Moritz, para estudar o curso de um riacho para elle vertente, cujas cabeceiras haviam sido assignaladas nos Campos de Commemoração de Floriano, pela expedição de 1909.

Seguindo pelo traço da picada que eu abrira em 1909, e depois prolongando-a, o engenheiro Moritz reconheceu que o alludido riacho, por nós denominado Veado Preto, é tributario de um rio que nasce do lado de sudeste, e que recebeu, no momento, a expressiva designação de "Não Sei".

Construida uma canôa, o engenheiro continuou a exploração aguas abaixo, durante mais alguns dias; mas, tendo encontrado difficuldades que não podia vencer com os poucos homens que levava, dos quaes muitos já tinham adoecido, regressou a Vilhena, trazendo-me informações que me permittiram identificar o rio "Não Sei" com o Curumbiara, cuja foz, no Guaporé, dista pouco da povoação de Guajarú, pertencente á Bolivia.

Mas o resultado mais interessante da expedição do engenheiro Moritz, foi a verificação da existencia de poderosa jazida de ouro, que se encontrou á superficie da terra, nas mesmas condições em que outr'ora os portugueses o acharam

em Cuyabá. Supponho serem estas as minas de Urucumacuan, de cujas riquezas se diziam maravilhas nos tempos coloniaes.

Doutro lado, como o Corumbiara, pelo mencionado riacho do Veado Preto, é contravertente do Pimenta Bueno, e como, em 1909, constatámos a existencia de ouro entre este rio e o Barão de Melgaço, conclue-se que aquellas jazidas se extendem por consideravel região, desde o parallelo de 13 gráos até muito para o norte do de 12.

Além destas riquezas mineraes, devem-se tambem mencionar, nas vertentes do Guaporé, as que existem em todas as suas florestas, onde crescem abundantes especimens da *Hevea Brasiliense* e da *Bertholetia Excelsa*.

A expedição do engenheiro Moritz, não só encontrou numerosos vestigios de indios, como tambem viu alguns grupos delles. Não alcançou, porém, entabolar relações, porque os selvicolas fugiam, apenas percebiam a aproximação dos expedicionarios. Comtudo, o engenheiro pensa que elles pertencem a nação differente da dos Nhambiquaras.

Si acompanharmos o curso do Guaporé e continuarmos pelo Madeira, o primeiro rio que encontraremos, depois de Corumbiara, estudado pela Commissão de Linhas Telegraphicas, é o Jacy-Paraná.

Nas minhas conferencias de 1911, expuz como o erro das cartas geographicas, a respeito do traçado e da posição attribuida a esse rio, me levou a incluil-o no plano da grande expedição de 1909. Portanto, já é sabido que para elle foi destacada uma turma, chefiada pelo Capitão Manoel Theophilo da Costa Pinheiro, cujo objectivo principal era aguardar a chegada da expedição que havia sahido de Tapirapoan, dirigindo-se, através do sertão dos Parecis e dos Nhambiquaras, para o ponto em que o parallelo de 10° é cortado pelo meridiano de 20° a O. do Rio de Janeiro: nessa altura encontravam-se, nas cartas, as cabeceiras do Jacy-Paraná.

A verdade, porém, é muito outra, porque ali o que existe é o Jamary, e o parallelo de 10° só intercepta o curso do Jacy depois de passado o meridiano de 21°.

A consequencia deste erro das cartas foi que os expedicionarios vindos de Tapirapoan tiveram de sahir no Madeira pelo Jamary, sem aproveitarem os soccorros que os esperavam no outro rio.

No emtanto, os esforços despendidos pelo Capitão Costa Pinheiro e pelo seu ajudante tenente Amilcar Armando Botelho de Magalhães, não ficaram perdidos, e, ao contrario, muito aproveitaram ao progresso dos conhecimentos geographicos de importantes regiões da nossa Patria.

Na impossibilidade de dar aqui um resumo de todos os acontecimentos notaveis da expedição do Capitão Costa Pinheiro, limito-me a citar a enumeração que elle mesmo fez, em seu relatorio já publicado, dos trabalhos realizados no Jacy: procedeu-se ao levantamento topographico do rio, desde a foz, na lat. S. de 9° 10'56",93 e na L. O. do Rio de Janeiro de 21°18' 22", 20, até á Cachoeira Grande, na lat. S. de 10° 23' 56", 40 e na L. O. do Rio de 20°51'38",10, com o desenvolvimento linear de 328.926 metros; fez-se a sondagem do canal; observações thermometricas e barometricas de toda a extensão levantada; determinação da secção transversal e descarga de todos os affluentes e cachoeiras, e avaliação do potencial theorico e utilizavel das quédas e saltos encontrados; determinação da posição geographica dos pontos mais importantes do rio; calculo das altitudes de uma série de pontos notaveis.

"O Rio Jacy-Paraná, diz o Capitão Costa Pinheiro, deve ter as suas nascentes no contraforte da serra dos Parecis que da Cachoeira Campo Grande se destaca, perfeitamente, aos olhos do observador, numa direcção um pouco obliqua á direcção geral do rio. Pelas observações que fiz, calculo que o seu curso, quando muito, poderá attingir uma média de 400 kilometros.

"A sua direcção geral é sudeste, tendendo mais para leste do que para sul. O rio, em toda a sua extensão, é muito sinuoso, sendo raros os grandes estirões. O seu leito é muito variavel, podendo-se mesmo affirmar que até hoje o rio ainda não o fixou. Nas estiagens navega-se, quasi sempre, pelo seu leito primitivo; no *inverno*, porém, de vez em quando, pene-

Photo. Com. Rondon *Conferencias*

Capitão de Engenharia
Amilcar Armando Botelho de Magalhães
(Então 1.º Tenente)

Auxiliar no levantamento geographico e exploração
do rio Jacy-Paraná

tra-se num furo, novo leito, em geral estreito, com feição ainda pouco definida, que o rio preparou nas enchentes."

Quanto aos affluentes, merecem menção especial, por terem já o porte de rios, os denominados do Conto, Formoso, Capivary e Igarapé, todos da margem esquerda; pela direita, e Branco e o Igarapé da Divisa.

Quanto á população, apresenta-se o Jacy occupado por seringueiros até as proximidades da Cachoeira Grande. Mas os seus habitantes primitivos são os indios Caritianas, que vivem recalcados pelos seringueiros para o fundo das florestas das partes mais altas do valle do rio.

Quando subia o Jacy, o Capitão Costa Pinheiro teve uma das suas canôas atacada por esses indios, que pensaram reconhecer no médico da expedição, Dr. Paulo dos Santos, a pessoa de um seringueiro, que os perseguia crudelissimamente. Eis em que termos o proprio Capitão Pinheiro descreve esse ataque:

"O facto, que tanto nos contristou, deu-se no dia 2 de Setembro, ás 4 horas da tarde, um pouco acima do barracão da Esperança, distante 137 kilometros e poucos metros da Foz.

"Não tinhamos feito ainda 3 estações, após a passagem do citado barracão, quando ouvimos gritos de soccorro, que partiam da canôa da vanguarda. Sem demora nos dirigimos apressadamente para o ponto donde partiam os gritos, percebendo, á proporção que nos aproximavamos mais, exclamações de — *são indios! são indios!* — de dois homens que se debatiam nagua. Rapidamente démos, para o ar, uma serie de disparos, emquanto a canôa chegou ao lugar onde se achavam os dois homens, maus nadadores, procurando num esforço supremo, attingir a outra margem do rio. Transportados para a nossa canôa, dirigimo-nos para a canôa que se achava encostada á barranca do rio, na qual estava o Dr. Paulo dos Santos, com tres flechadas, exangue e desfallecido. Transportado tambem para a nossa canôa, por ser maior e de melhor commodo, tratámos de procurar um homem que nos faltava. Este homem, que se achava um pouco adoentado, affirmavam os seus companheiros ter-se elle atirado nagua, depois de fle-

chado. Foram inuteis todos os esforços empregados para encontral-o.

"Estando já a escurecer, seguimos para o acampamento, que ficava um pouco além do ponto do ataque, afim de tratarmos dos feridos. O Dr. Paulo apresentava dous grandes ferimentos no braço esquerdo, perto do cotovello, e um outro no abdomem. Este ultimo ferimento foi leve. O outro homem, Eugenio Martins Affonso, apresentava um leve ferimento na côxa esquerda. No outro dia, logo cêdo, mandei uma canôa bem tripulada, á procura do outro homem que tinha desapparecido, pois havia supposição que tivesse ganho a outra margem do rio, e por lá ficado. A's 3 horas da tarde voltava a canôa com o corpo do inditoso José da Silva, que apresentava um grande ferimento, produzido por flecha, nas costellas. Na barranca do rio mandei abrir a sepultura e enterral-o. Era um homem sério, disciplinado, muito calado e trabalhador. A sua morte impressionou-nos bastante, produzindo no pessoal um verdadeiro pavor!"

Depois deste doloroso acontecimento, a expedição continuou e terminou os seus trabalhos sem outra contrariedade maior do que as privações naturaes dos lugares ermos e selvaticos, acompanhadas dos soffrimentos causados pelas febres tropicaes, de que adoeceram gravemente o Capitão Pinheiro e o seu dedicado ajudante, Tenente Amilcar de Magalhães.

Si da foz do Jacy continuarmos a descer o Madeira, passaremos diante da cidade de Santo Antonio, e em seguida encontraremos a entrada de outro rio inteiramente explorado e estudado pela Commissão das Linhas Telegraphicas.

E' o Jamary que, pela primeira vez, percorremos em 1909, tendo-o attingido pelo curso de um dos seus sub-tributario, o "rio Pardo". As condições em que isto se deu e as observações colhidas nessa primeira viagem, já foram expostas nas conferencias publicas de 1911.

A linha telegraphica, na parte construida pela Secção do Norte, sahe de Santo Antonio no rumo quasi exacto de éste, atravessa o rio Candeias, alcança o Jamary, transpõe-no

Photo. Com. Rondon

Conferencias

Dr. Paulo Fernandes dos Santos

(Capitão-Tenente Medico da Armada)

Medico da turma de exploração e levantamento
do rio Jacy-Paraná

e segue ao longo do seu curso, de norte para o sul, até a barra do Canaan, onde em 1909 encontrámos o Barracão do Bom Futuro e hoje existe a estação telegraphica de Arikemes.

Nos mappas anteriores aos trabalhos da Commissão de Linhas Telegraphicas, como, por exemplo, no de Horacio E. Williams, intitulado "O Acre e a fronteira entre o Brasil e a Bolivia", sobrecarregado da declaração "Conforme o tratado de Petropolis", as mais altas cabeceiras do Jamary figuram extendidas para o sul do parallelo de 12° e no meio do fuso determinado pelos meridianos de 17° e 18°. Por esta localização, o Jamary teria de cortar o valle do Gy-Paraná, passando por cima do Barão de Melgaço, do Pimenta Bueno, do Rolim de Moura, Ricardo Franco, em uma palavra, de todos os affluentes da esquerda do Gy, sem contar com as serras que seria obrigado a galgar, taes como a da Expedição e a das Onças.

Tão pavorosa anarchia nos dominios da geographia de facto não existia, porque o Jamary se limita a extender o seu leito, de 400 kilometros apenas, até um pouco abaixo do parallelo de 10°, mas sem quasi passar para leste do meridiano de 20.

Dos dois braços principaes de que o podemos considerar formado, um já traz das nascentes o nome que conserva até entrar no Madeira, e o outro tem o de Canaan. A partir do lugar em que se dá esta confluencia, na lat. de 10° 2', elle recebe, successivamente, o tributo dos rios Branco, Preto e Verde, dos quaes os dois primeiros citei anteriormente; e pela esquerda o do Massangana e o do já mencionado Candeias, cujo volume é quasi igual ao seu e cuja foz não dista mais de 25 kilometros do ponto em que os dois reunidos se perdem no Madeira.

Quanto á população, já sabemos que o Jamary, além de muito povoado por civilizados, que se entregam á extracção da seringa e do caucho, possue duas tribus indigenas, a dos Boccas Pretas e a dos Arikemes.

Os primeiros, localizados entre os rios Branco e Preto, ainda hoje vivem perseguidos pelos invasores das suas florestas e os guerream:

Quanto aos segundos, cujo verdadeiro nome é "Ahôpôvo", sendo o de Arikemes tirado do vocabulario Urupá, relatarei a sua curta, mas bem triste historia, desde o momento dos primeiros contactos que tiveram com os civilizados, até aquelle em que a Commissão de Linhas Telegraphicas os tomou sob a sua protecção.

Em começo de 1911, os sertanejos tiradores de caucho que se iam estabelecendo pelo Massangana, começaram a attingir as cabeceiras deste rio, onde se achavam as aldeias Arikemes. A perseguição aos selvicolas iniciou-se na mesma occasião. No mez de Junho, os caucheiros resolveram dar um assalto em regra contra as malocas. Guiados pelos trilhos abertos na floresta pelos proprios indios, conseguiram descobrir uma dessas malócas; cercaram-na, favorecidos pela hora matinal em que operavam, e, de improviso, romperam o tiroteio, fazendo chover sobre os ranchos uma saraivada de balas de Winchester. Os miseros assaltados, homens, mulheres e crianças, só cuidaram em fugir, loucos de pavor: um, porém, de nome Ogúnho, cahiu victimado pela fuzilaria assassina.

Os assaltantes, de posse da aldeia, saqueram-na, mas como o dia não chegou para terminarem a obra nefanda que haviam planejado, voltaram no immediato, com mais companheiros: separaram o que ainda havia de bom e utilizavel, e o que foi regeitado quebraram-no e queimaram-no, deixando tudo assolado e reduzido a cinzas.

Os seringaes do Massangana são de propriedade do Sr. Francisco de Castro. Mas, ainda para cima da foz desse rio, no Jamary, existiam, já naquelle tempo, estabelecimentos de outros seringueiros, os irmãos Arruda. Com um delles conversei sobre esses brutos acontecimentos, concitando-o a que empregasse e fizesse empregar pelos homens dos seus seringaes processos humanos, dignos da nossa civilização, ou pelo menos taes que não nos causassem vergonha quando soubessemos terem sido usados por brasileiros, agindo sobre brasileiros, dentro da Patria commum.

Os acontecimentos encarregaram-se de provar que o meu appello não fôra lançado em vão, mas ao revez, encontrara

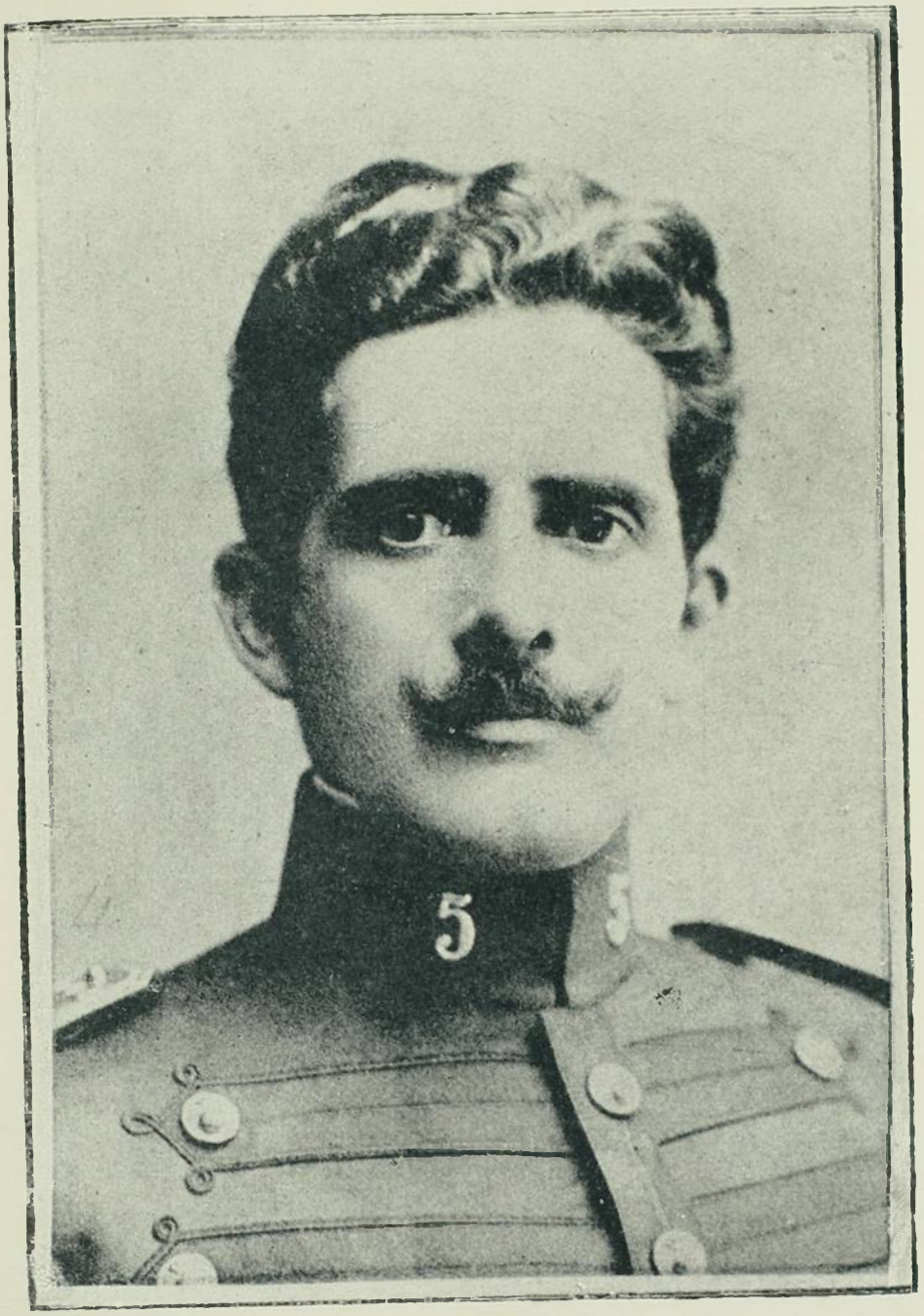


Photo. Com. Rondon

1.º Tenente Engenheiro militar
João Salustiano Lyra

Ajudante do Chefe da Commissão
no 1.º levantamento (expedito) do rio Jamary e no levantamento
geographico do rio Roosevelt

plena correspondencia de sentimentos e de pensamentos na pessoa a que se dirigira, o Sr. Godofredo Arruda. De facto, no anno immediato, 1912, os empregados deste proprietario, seguindo á risca as instrucções que haviam recebido, conseguiram estabelecer relações pacificas e amistosas com os Arikemes que frequentavam os seus seringaes.

A noticia deste successo não demorou a chegar ao conhecimento dos caúcheiros do Massangana, os quaes, mudando de tactica, mas não de proposito, se relacionaram tambem com os indios, como se fossem amigos. Assim conseguiram ser admittidos nas aldeias daquelle rio, e uma vez nellas começaram logo a commetter os maiores abusos, a provocar a desorganização das familias e a desmoralização dos costumes e das instituições Arikemes.

Sob a acção destas influencias delecterias, a tribu entrou a dissolver-se rapidamente. Os seus habitantes eram retirados das aldeias e disseminados por todos os barracões dos seringaes do Massangana, e até do Candeias, onde a maior parte morriam, victimados pela *avaria* e pelo defluxo, doença que entre os indigenas da Amazonia assume as proporções de terrivel epidemia, extremamente letal.

Em Fevereiro de 1913, em Manáos, onde chegara vindo do Rio de Janeiro, tive conhecimento de que um casal de meninos Arikemes havia sido levado para Belém do Pará, por um proprietario de seringal do Massangana. Era necessario restituil-os á sua familia e á sua tribu; para isso, solicitei e obtive, por intermedio da Inspectoria do Serviço de Protecção aos Indios naquella Capital, a intervenção da justiça publica, que mandou retirar os menores do poder do seu detentor.

Abusos da ordem desse a que me acabo de referir, infelizmente se dão em nossa Patria com maior frequencia do que seria legitimo esperar-se, visto sermos um povo policiado, cujas autoridades sabem que o primeiro e o mais nobilitante de todos os seus deveres é dispensar protecção áquelles dos seus compatriotas que, por fraqueza ou por ignorancia, estão expostos a soffrer violencias, disfarçadas ou não, de individuos, ou de grupos de individuos, poderosos e prepotentes.

Como prova do que acabo de dizer, referirei que na mesma occasião, e ainda em Manáos, era eu obrigado a solicitar o auxilio da policia do Amazonas para impedir que o francez Labadie, ex-chefe da missão Mollard, seguisse para a Europa, levando, como pretendia, um indio Uapichana, que trouxera do alto rio Branco.

Conseguido este objectivo, sahi de Manáos, tomando o rumo do Jamary. Emquanto subia o Madeira, de todos os lados me chegavam denuncias de que varias familias retinham em seu poder muitas crianças Arikemes. Então, eu as procurava, tomava-as commigo e continuava a viagem, conduzindo-as para suas aldeias, que ia resolvido a reconstituir e proteger. Dentre essas crianças, as de nome Parriba, Poróia e Antina, foram-me entregues em estado de doença tão grave, que, ao chegarmas ao nosso acampamento do Torno Largo, no Jamary, tive de as deixar entregues aos cuidados do médico da Commissão.

Do acampamento continuei a viagem, rio acima, levando os meninos Opuna e Patama. No dia 8 de Março tomei, de uma lancha de seringueiros que navegava aguas abaixo, um grupo de 16 indios, entre os quaes estava a mãe daquelles meninos. A pobre mulher parecia ter enloquecido de alegria ao rever os filhos, que lhe haviam sido arrebatados e que ella julgava perdidos para sempre.

A conclusão da viagem, por terra, foi muitissimo penosa: chovia incessantemente, e os indios, doentes e estropiados, quasi não podiam caminhar. Afinal, chegámos ás aldeias. O estado de miseria em que as encontrei, era de fazer sangrar os corações, mesmo os mais empedernidos. Muitas haviam sido destruidas a fogo; as roças e os paioes de mantimentos, mettidos a saque e roubados; as mulheres, raptadas e violadas; as crianças, arrebatadas e levadas para longe; doenças até então desconhecidas, haviam surgido e iam causando mortandades nunca vistas; emfim, a tribu que, no momento de entrar em relações com os seringueiros, seria pelo menos de 600 almas, agora difficilmente poderia reunir 60 pessoas!

Não me quero, porém, demorar na contemplação deste qua-

dro, mais do que doloroso, depressivo, e—por que o não dizer? —vergonhoso monumento da ferocidade destructiva e perversa que assalta o homem civilizado quando lhe falta o freio de um ideal humano, civico e planetario, capaz de o dirigir e moralizar no emprego das forças enormes que a sciencia e a industria lhe puzeram nas mãos, deixando, no emtanto, ao alvedrio dos seus sentimentos e das suas intenções a escolha de as applicar para o bem ou para o mal.

Prefiro dizer alguma cousa que nos permitta conhecer, um pouco mais, a misera e selvagem nação Arikeme.

No seu territorio assolado, de entre o Massangana e o Candeias, existiam ainda, ao tempo da minha visita, quatro aldeias. Estive nas que eram dirigidas pelos chefes, ou *upós*, Titunha, Pioia e Curaki; a outra, que não vi, era governada pelo upó Pindura. Cada uma consta de tres grandes habitações e de um *Pujico,* ou rancho, destinado a guardar os objectos do culto religioso da nação.

As casas têm a fórma da carapaça do tatú; uma das suas extremidades, porém, termina em abobada, e apresenta a unica abertura de toda a construcção: é a entrada da palhoça Arikeme, alta de 1m,70 e larga de 0m,60. Neste detalhe ella se parece com a dos Urumis, mas diverge da dos Nhambiquaras e dos Kepikiri-uats, que usam construir duas portas.

A armação das casas faz-se com seis esteios, dispostos, nas extremidades, em dois grupos iguaes. Os de um mesmo grupo são ligados entre si por uma travessa, que se apoia em dois frechaes, collocados á altura de 2m,50; e cada par de esteios symetricos dos dois grupos, sustenta uma cumieira.

Sobre essas cumieiras passam, de um para outro lado, varas flexiveis, que se curvam e dão a fórma abaúlada da construcção. Do extremo da cumieira central parte, para o sólo, um grande arco, reforçado na parte superior, que serve de apoio ás varas do arcabouço da abobada.

As folhas de coqueiro, com que se faz a cobertura, collocam-se em diagonal sobre as varas, e nellas são amarradas e dispostas com muita arte, formando superficie completamente unida e fechada.

No interior das casas veem-se, não só as rêdes de dormir,

os vasos de barro, os cestos, as cabaças e innumeros outros utensilios e artefactos da industria Arikeme, como tambem as sepulturas dos habitantes já mortos, os quaes se enterram exactamente por debaixo da rêde que occuparam em vida.

Os vasos de barro são todos da forma de troncos de cone; ha uns grandes, chamados Búro, com a altura de um metro e a largura, na bocca, de cincoenta centimetros, e outros, bastante menores, denominados Icóio. Em cada casa, encontra-se sempre um da primeira especie, e tres da segunda, cheios de *Tótó,* bebida fermentada extrahida do milho ou da mandioca.

Ha tambem um côcho comprido, de 4m,40, com a largura de 0m,28, aberto em madeira especial. Serve para triturar milho e amassar mandioca, o que se faz com o auxilio de uma pedra, ou mó de granito, de forma eliptica, cujo eixo maior mede 0m,40, e o menor 0m,22.

Já alludi ao *Pujico* ou palhoça especialmente consagrada ao culto religioso dos Arikemes. Direi agora em que elle consiste.

Ao entrar numa dessas casas, vê-se uma rêde (erembê) de tecido de algodão, cuja alvura excepcional se percebe logo ser mantida cuidadosa e intencionalmente. A rêde está extendida na direcção da cumieira do Pujico, carregada de enfeites de pennas de arara vermelha e de penduricalhos de conchas polidas, dispostas em forma de triangulos espherico. Do tecto pende sobre ella um couro de onça pintada, distendido por meio de varas, e cheio de enfeites de pennas. Ainda no tecto, vêem-se cuias de beber *Tótó;* pauzinhos de ferir fogo, amarrados em cordões; uma pedra escura, polida, figurando um triedro espherico; um machado pequeno, *Pute-Ejau.* de pedra; e muitas conchas polidas. Nas paredes, ha feixes de flechas e arcos velhos, que pertenceram a algum antigo morador da aldeia; e mais outras flechas, de ponta de taquara, parecidas com as que usam os Caripunas e os Parintintins, aos quaes foram, provavelmente, tomadas em guerra.

O objecto principal deste recinto, acha-se, evidentemente, na rêde. No emtanto, o primeiro exame nada mais deixa perceber do que dois volumes, um comprido e outro com

a figura de um barrete, terminado em ponta e tão grande que, posto sobre qualquer cabeça, desceria pelo rosto até o queixo. Ambos os volumes estão cuidadosamente enrolados em larga folha do liber, ou entre casca de certa arvore, denominada pelos indios *Evotuera*. O volume comprido, acha-se simplesmente deposto no fundo da rêde; o outro, porém, está costurado nella, de modo a ser mantido com a parte superior para cima.

Dos dois volumes, tão zelosamente guardados, um, o comprido, encerra os ossos do corpo de um heroe Arikeme; e o redondo contém a sua caveira. Examinando agora com maior cuidado o *Pujico,* reconheceremos estarem alli conservados todos os despojos do heroe: os cabellos, divididos em dois chumaços, pendem exteriormente de cada lado da rêde, e os dentes, no interior de um pequeno cesto, ou *chiropamo-ita,* dependuram-se do tecto sobre o mesmo leito mortuario.

O uso de uma casa especialmente dedicada ao culto religioso, não é privativo dos Arikemes; mesmo nos sertões do Noroeste Matto-Grossense, outras duas tribus, a dos Parecis e a dos Kepikiri-uats, o possuem.

Mas a forma especial desse culto, tão marcadamente dedicado á memoria de um heroe, isso sim, supponho ser privativo desta nação, e creio até que na America não se havia registado nenhum outro caso que, tanto como este, nos fizesse recordar a celebre theoria de Evhemero.

Individualmente considerados, os Arikemes apresentam as diversas gradações de côr que se podem ter desde o bronzeado, bem nitido, por exemplo, no chefe Titunha, até o amarello japonez, que vimos na india Aranhô. Ha alguns muito escuros, ou Avá-únas, como o menino Opuna; e outros claros, ou Avá-djús, como o chefe Curaki. Têm o ventre muito desenvolvido; nariz aquilineo, com depressão na parte superior; narinas abertas; olhos pequenos, muito pretos, vivos e obliquos, como na mesma india Aranhô, que os tem caracteristicamente japonezes; esclerotica amarellada; cilios e pestanas pouco abundantes; cabellos finos e sedósos, como a denunciar algum remoto cruzamento europeu; mãos médias, mal feitas; dedos alongados; unhas como as dos Nhambiquaras;

pés grandes, com o artêlho muito aberto e os outros dedos excessivamente grossos e unhas chatas; dentes, em geral bem conservados, porém mal arrumados nos maxillares, e quasi sempre remontados; maxillar inferior alongado e excedendo o superior.

Os homens, e só elles, usam furar as orelhas, no terço medio do pavilhão, e atravessam-no com pausinhos ou pennas; não furam os labios, nem o nariz; pintam o corpo com urucum e genipapo; não arrancam nem cortam os bigodes ou a barba do queixo; antes de terem relações com os civilizados, usavam cabellos compridos e amarrados nas pontas com embira; todos os individuos, de ambos os sexos, trazem acima do tornozello ligas de trançado de algodão, (pio-picuturó).

Alimentam-se de milho molle, mandioca, amendoim, banana, mamão, fructas silvestres, caça e peixe.

São muito intelligentes, de indole branda e pouco guerreiros: aprendem a nossa lingua com admiravel facilidade e rapidez.

Tal é, em poucas linhas, o povo Arikeme, cujos ultimos destroços a Commissão Telegraphica conseguio salvar da destruição geral a que estava condemnado por influencia dos máus elementos a que já alludi.

Para alcançar este objectivo, deu-lhes a Commissão, nas proximidades da ultima estação do Jamary, as terras de que necessitavam para o estabelecimento das suas aldeias e das suas plantações. Alli elles se acham agora installados, e socegadamente vão cuidando de se refazer dos estragos da desgraça passada e preparando-se para gozar as vantagens da nossa civilização, que procuram conhecer e assimilar.

Um dos chefes, desejoso de apressar o advento da éra de redempção do povo Arikeme, pedio-me que fizesse educar um dos seus filhos segundo os nossos usos e costumes. Accedendo a esse pedido, trouxe commigo o menino Parriba Parakina Piuaca, que será incluido no quadro dos educandos do Instituto Profissional de S. José.

Innumeras pessoas, nesta Capital, em Cambuquira e alhures, conhecem o pequeno Parriba; e quando o ouvem fallar o português, tão facil e correntemente como se o houvera

Photo. Com. Rondon

Conferencias

1.º Tenente Emmanuel Silvestre do Amarante

Chefe da turma de exploração e levantamento expedito
do rio Commemoração de Floriano

aprendido dos labios maternos; quando vêem os seus modos gentis e polidos; quando apreciam a vivacidade da sua conversação intelligente e comedida; a docilidade do seu genio franco e liberal: a custo creem que, ha dois annos apenas, vivia elle no fundo de uma floresta virgem da nosso Patria, fazendo parte integrante de uma tribu de miseros selvicolas, ignorados, perseguidos e massacrados.

Casos como o deste menino, são numerosos e communs, não só entre os Arikemes, como tambem nos demais indigenas do Brasil. Quem os conhece, sabe por experiencia que as disposições moraes e mentaes de que são dotados, apresentam as mais admiraveis facilidades á acção modificadora que pessoas bem intencionadas e esclarecidas pretendam exercer sobre elles, no sentido de os fazer abandonar os antigos habitos e acceitar os que nos são proprios. O essencial é merecer e inspirar-lhes confiança; isso obtido, está preparado o caminho para a veneração, que nelles é intensa e vivaz, e que, uma vez nascida, começa logo a produzir os conhecidos fructos, por dispôr os homens á imitação do que vêem, admiram e estimam no objectivo venerado.

Nós, porém, não nos podemos agora demorar na apreciação destes factos; ainda é longa a estrada que temos de percorrer, para passarmos em revista todos os recantos do sertão desvendado pela Commissão de Linhas Telegraphicas.

Desçamos, pois, do Jamary para o Madeira, e chegados a este, continuemos a descer. A primeira foz importante que então se nos ha de deparar, é a do Gy-Paraná, tambem denominado Machado do Mar. Podemos dizer que já o conhecemos, tantas e tão reiteradas têm sido as referencias que a elle vimos fazendo no decurso destas conferencias. Não precisamos relembrar como o representam as cartas geographicas de Pimenta Bueno, Rio Branco e Horacio Williams; já vimos que em todas essas representações, aliás profundamente divergentes umas das outras, de certo só se encontra a posição da foz e o nome: isto mesmo, ainda sujeito a uma restricção, porque o ultimo dos autores citados inscreve, no lugar

que devia competir á dupla denominação — Gy — ou — Machado—, o titulo "Pirajauara".

Limitar-me-hei, pois, a dar uma rapida descripção do seu curso, tal como elle é e como ficou conhecido, depois de inteiramente estudado pela Commissão de Linhas Telegraphicas.

Nos Campos de Commemoração de Floriano, admiravel manancial de tres grandes bacias hydrographicas, — as do Guaporé, do Madeira e do Tapajoz — collocado na altitude média de 630 metros sobre o nivel do mar, nascem dois rios, que, por serem então desconhecidos, receberam dos expedicionarios de 1909, um, a mesma denominação dos Campos, e o outro, a de Pimenta Bueno. Ambos sahem, quasi juntos, da estação de Vilhena, e correm para Noroeste, desde um pouco antes do meridiano de 17 graos até o de 18, onde, acima do parallelo de 12 graos, se reunem, formando então o alto Gy-Paraná. O primeiro, menos volumoso e de cabeceira mais baixa, é o mais oriental; o outro, mais importante, começa com o nome de Piroculuina, dado tambem em 1909, e por sua vez resulta da reunião de dois braços respectivamente assignalados pelos nomes kepikiri-uats de—Djaru-Jupirará (Rio Vermelho) e Djáru-uérébe (Rio Brilhante, ou Rio Luzente).

Depois de formado, o Gy penetra no fuso dos meridianos de 18 a 19 gráos, a O. do Rio de Janeiro. A principio, continúa a correr no rumo de noroeste; pouco depois, porém, dirige-se francamente para o Norte e assim se conserva até o parallelo de 10 gráos. Dahi, desce mais um gráo, inclinando-se para léste; attinge a latitude de 9, mas, quando a vai passar, abandona bruscamente a direcção em que vinha e lança-se de novo para noroeste; rapidamente transpõe o meridiano de 19° e chega ao Madeira, antes de attingir o de 20, perto do parallelo de 8.

Facto notavel é que, em curso tão longo, o Gy não receba pela margem direita sinão dois affluentes de certa importancia, os chamados rios S. João e Tarumã; e é tambem notavel além de tal singularidade, que a barra do primeiro esteja exactamente no ápice do cotovello formado pela mudança brusca da direcção de N. N. E. para a de N. O.

Photo. Com. Rondon *Conferencias*

Capitão Nicolau Bueno Horta Barbosa

Chefe da 1.ª turma de levantamento topographico do rio Gy-Paraná

Em contraste com essa extraordinaria pobreza, temos a abundancia dos affluentes da margem esquerda. No vão comprehendido entre os dois formadores principaes, o Commemoração de Floriano e o Pimenta Bueno, assignala-se o nosso já conhecido Barão de Melgaço. Depois da reunião dos dois formadores, encontram-se, primeiro, o Luiz de Albuquerque, povoado pela tribu Uáturumbó; e em seguida, a barra do antigo S. Pedro, ou Rolim de Moura, rio de aguas paradas e escuras, no qual se entroncam outros dois: o Antonio João e o Anta Atirada. O mais importante delles é o Rolin de Moura propriamente denominado Djarú-uará pelos Kepikiri-uats, que tambem me deram o nome *Capuá* para designação da tribu indigena nelle existente.

Ao S. Pedro, segue-se o antigo Muquy, tronco do Lacerda e Almeida, Luiz d'Alincourt, Acanga Piranga e do Ricardo Franco, ramo principal, abaixo de cuja foz moram os indios Uacucáps, segundo indicações dos mesmos Kepikiri-uats.

Em seguida, descendo, encontram-se os nossos já conhecidos Urupá, Igarapé, Bôa Vista, Jarú, os ainda não mencionados Anary, Machadinho, Juruásinho, e finalmente, ao chegar ao Madeira, o rio Preto.

Aproximando as presentes indicações das que já foram dadas em quanto fallavamos da construcção, vê-se que o valle do Gy-Paraná póde ser considerado como um dos mais ricos e variados centros ethnographicos do mundo, em nossos dias. Alli se nos depara o homem civilizado, manejando instrumentos da industria hodierna tão admiraveis e perfeitos como sejam o telegrapho e os motores de explosão, ao lado do caboclo inculto, do indio manso e semi-civilizado, do selvicola apenas iniciado nos primeiros passos das nossas relações, do selvagem ainda não attingido, e até, finalmente, do já quasi extincto antropophago.

Dir-se-hia que o acaso caprichou em associar naquella nesga de terra a multiplicidade dos aspectos sob que a natureza se manifesta um pouco por toda a parte. No sólo, encontra-se o ouro e o mercurio; o diamante e o granito; as florestas magestosas, carregadas de preciosas essencias, ricas — mesmo quando comparadas aos prodigios das selvas amazoni-

eas — mas em alguns pontos degradando-se em rispidos e desolados charravascaes, e noutros abrindo-se em campos razos, tapizados de soberbas gramineas forrageiras.

E esta multiplicidade de aspectos é tamanha, que nem podemos pensar em a detalhar. Mesmo quanto á população, muitos núcleos ficam por apontar; nada dissemos, por exemplo, dos Urumis, habitantes do valle do Tarumã, rio que o Gy recolhe pela direita, a meio caminho do seu curso total, e dos Parintintins, tribu guerreira cuja pacificação vamos promovendo com exito promissor de uma proxima victoria e cujas aldeias se encontram no trecho de campos naturaes que se extendem á direita, para os lados do rio Roosevelt, cortados pelos Marmellos e pelo Manicoré, affluentes directos do Madeira.

Tão vasto assumpto não cabe, evidentemente, nos quadros de uma rapida exposição, como esta. Voltemos, pois, sobre os nossos passos e remontemos o curso do Gy até as suas ultimas cabeceiras, nos Campos de Commemoração de Floriano. Ahi veremos ainda as nascentes de mais dois rios pertencentes á bacia hydrographica que nos vem occupando: uma é a do Roosevelt e a outra a do Ananaz, nome que apenas começava a figurar na geographia do Brasil, quando teve de ser apagado, já sabemos por que dolorosa desgraça, para dar lugar á perpetuação da memória do inditoso tenente Marques de Souza.

Nas conferencias relativas aos trabalhos da expedição scientifica Roosevelt-Rondon, descrevemos minuciosamente o primeiro.

Quanto ao segundo, ainda que o não tenhamos considerado com os mesmos detalhes, julgamos que as allusões a elle feitas em varios lugares daquellas conferencias, e mais especialmente no que se relaciona com o descobrimento do rio Capitão Cardoso, bastam para fazer conhecidos os caracteristicos essenciaes do seu curso. Teriamos ainda que mencionar os episodios capitaes da afanosa e esforçadissima viagem de exploração que vinha sendo dirigida e executada pelo tenente Marques de Souza, com aquella grande competencia technica

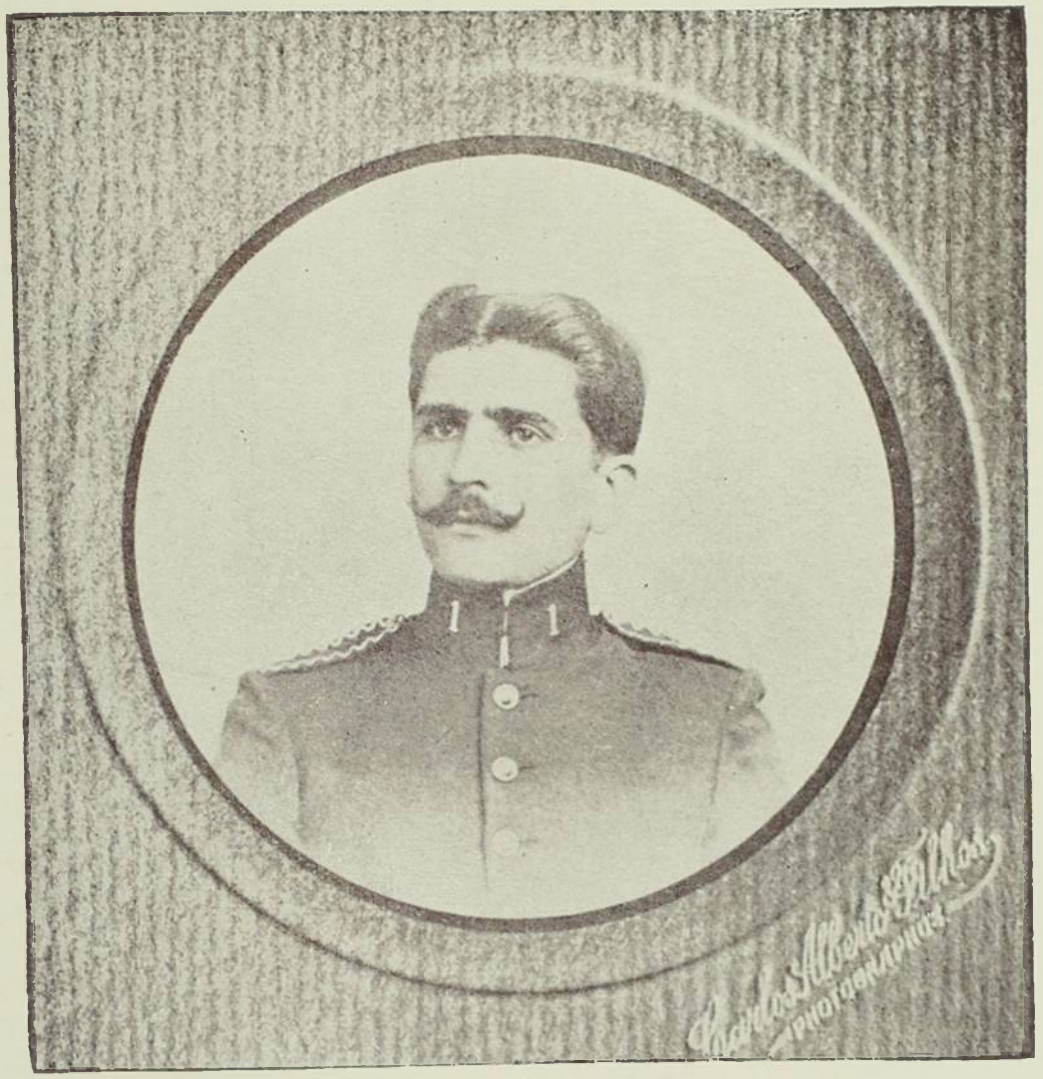


Photo. Com. Rondon

1.º Tenente Manoel Tiburcio Cavalcanti

Chefe da 2.ª turma de levantamento topographico do rio Gy-Paraná

e rara elevação moral que todos nós, os que tivemos a ventura de ser seus amigos e companheiros de trabalhos, estavamos acostumados a admirar em todos os actos da sua vida profissional e privada. Como, porém, tivemos a bôa fortuna de encontrar em distintos amigos, pertencentes á redacção do "Jornal do Commercio", plena correspondencia ao desejo que nutriamos de prestar á memoria do nosso saudoso camarada uma das muitas homenagens de que nos reconhecemos ser seus devedores, pudemos offerecer á apreciação do publico, nas columnas daquelle conceituado orgão da imprensa diaria da nossa Capital, a narrativa minuciosa, redigida diuturnamente pelo proprio tenente Marques de Souza, de todos os factos que formam a historia da sua mallograda expedição. Desnecessario é, pois, repetir aqui, em pallido e incompleto resumo, os traços principaes daquella narrativa que estará gravada no coração de todos nós, brasileiros, com as tintas vivas dos quadros com que sabemos cultuar as imagens daquelles dos nossos compatriotas que, dignificando e honrando a natureza humana, se incorporam á cohorte eternamente gloriosa dos heroes que personificam a alma da nossa Patria.

Podemos, então, transportar-nos para outras zonas do grande sertão que estamos estudando nestes rapidos apontamentos. Caminhemos pois, para o sul sem, no emtanto, nos desviarmos do meridiano em que vimos as nascentes do rio do tenente Marques de Souza.

Percorridas não mais de duas leguas, logo atravessaremos o curso de novo rio, o Ikê, e depois, successivamente, o do Toloiry, o do Doze de Outubro, o do Nhambiquaras, e do Camararé, conhecido antes da expedição de 1909, e assignalado nas cartas geographicas como tributario da margem esquerda do Juruena, no ponto correspondente á lat. de 12 gráos 53 minutos e 52 segundos e long. de 16 gráos 43 minutos e 2 segundos.

Desde aquelle anno, reconhecemos que outro rio, tambem por nós descoberto e atravessado na lat. de 12° 54' 14" e long. de 16° 31' 55", fluia, pela direita, para o mencionado Camararé: démos-lhe então o nome, que ainda conserva, de Camararézinho, ou, em idioma Pareci, de Zocámararezá.

Quanto aos quatro anteriormente citados, fiquei a principio em duvida si o Nhambiquaras seria tributario do Camararé ou do Doze de Outubro; mas tive sempre como certo que este recebia, pela esquerda, o Ikê, e antes delle, o Toloiry.

De qualquer maneira, o que logo sobresahia era a preponderancia do Doze de Outubro, rio que, descendo da vertente opposta á da principal cabeceira do Gy-Paraná, a já nomeada Piroculuina, nos pareceu ter o seu curso independente tanto da bacia desse mesmo Gy, como tambem da do Juruena. Observando que o enorme espaço comprehendido entre os meridianos de 17 e de 19 gráos e os parallelos de 11 a 9, no qual a carta de Pimenta Bueno e outras mais recentes figuravam quatro cabeceiras do Gy, que acabavamos de verificar não existirem, ficava inteiramente vazio, formulámos a hypothese de que por elle se alongaria o valle de novo rio, do qual o nosso Doze de Outubro seria apenas a parte extrema meridional.

Como toda a hypothese razoavel, esta podia e precisava ser verificada. Da realização deste "desideratum" encarreguei o tenente Julio Caetano Horta Barbosa, dando-lhe como auxiliares o Inspector de Telegraphos Francisco Mascarenhas, o guarda de primeira classe Joaquim Sol e cinco voluntarios regionaes do 5º Batalhão de Engenharia. A expedição partiu das mais altas cabeceiras do Ikê, nas immediações do trecho da linha telegraphica lançada de Vilhena para José Bonifacio, num ponto em que o rio apresentava a largura de cinco metros, a profundidade media de 15 centimetros e a descarga, por segundo, de 2.222 litros. Pelo plano préviamente traçado, a viagem deveria ser feita por terra, margeando o rio, até o lugar em que elle se apresentasse favoravel á navegação; mas, como os homens de machado não eram tão numerosos como o exigia o pesado trabalho de derrubar o arvoredo da mata virgem, necessario para dar passagem aos animaes cargueiros, viu-se o tenente Julio Caetano obrigado a iniciar o transporte por agua, muito antes do Ikê satisfazer áquella condição.

Assim, a viagem iniciada em Julho de 1912 por terra, de 4 de Agosto em deante proseguio, parte em canôas e parte a pé; mas, logo que a possibilidade se offereceu aos expedicio-

Photo. Com. Ronaon *Conferencias*

2.º Tenente Francisco Marques de Souza

Chefe de turma de exploração e levantamento
expedito do rio Ananaz

Fallecido em 29 de Maio de 1915 quando executava esse serviço

narios, todos se embarcaram e assim vieram sahir na cidade de Santarém, do Pará, decorridos já perto de cinco mezes depois do dia em que se haviam internado no sertão.

O resultado essencial da expedição foi destruir a hypothese que se havia formulado a respeito do curso do Doze de Outubro; porque o Ikê, depois de haver recebido o tributo de alguns ribeirões, se inclinou ainda mais para leste e assim correu até o encontrar. Pouco depois desta reunião, entrou o Doze de Outubro no Camararé, por onde as suas aguas são levadas ao Juruena, ao Tapajoz e, portanto, ao Amazonas.

Si agora queremos ter uma idéa da somma enorme de energia que teve de ser despendida pelo joven official do nosso Exercito, para conduzir a bom termo esta formidavel campanha de cinco mezes de lutas contra as resistencias broncas da natureza aspera e ameaçadora dos sertões por onde teve de conduzir os seus commandados, procedamos á leitura de alguns tópicos do relatorio que elle mesmo redigiu sobre a marcha da sua expedição.

Depois de contar como construiu as suas duas primeiras canôas, na margem do Ikê, ambas de cédro, com o comprimento um pouco inferior a 10 metros e a largura, numa, de 50 centimetros e noutra de 40, diz elle:

"Logo nos primeiros dias, verifiquei que, das vantagens com que eu contava, descendo o rio embarcado, apenas me restava uma que, aliás, justificava por si só a resolução tomada: a facilidade de transpórte.

"O rendimento do serviço continuou a ser muito pequeno, acontecendo mesmo descer a 350 metros apenas de avançamento em um dia inteiro de intensos esforços!

"O trabalho de machado não diminuio e tornou-se, pelo contrario, mais penoso por ter de ser feito em sua maior parte dentro dagua. O rio, extraordinariamente atravancado, com curvas muito fortes, difficilmente dava passagem ás canôas; e as numerosas cachoeiras, obrigando, quasi diariamente, á descarga da bagagem e ao seu transporte ás costas para o extremo inferior, retardavam e tornavam penosa a nossa marcha.

"Nas cachoeiras, tinhamos de passar as canôas a pulso, ora sobre pedras, ora sobre rolêtes, e muitas vezes tirando-as mesmo fóra dagua. Só esses obstaculos, naturaes no serviço que

eu iniciava, mas que não havia previsto, por inexperiencia, justificam que, trabalhando o dia todo com o maximo esforço, não conseguisse uma média nem de um kilometro por dia no primeiro mez de serviço.

"Além disso, começaram a apparecer enfermidades e accidentes. No dia 18 de Agosto tive um dos trabalhadores inutilizado, por haver ferido o pollegar do pé direito com um golpe de machado que o cortou quasi até o meio, tendo sido preciso acabar de amputal-o, o que mandei fazer com uma lamina de navalha Gillete, á falta de melhor instrumento. Antes que esse ficasse bom, outro soffreu desastre semelhante. O mais grave, porém, deu-se a 22 de Setembro, sendo victima delle um homem que, cortando um palmito para a nossa refeição da noite, o fez com tanta infelicidade que foi derrubado pela palmeira; esta cahio-lhe por cima, causando-lhe lesões internas de que veio a fallecer seis dias depois, a 28 de Setembro.

"Carregando esse infortunado companheiro de jornada com todos os cuidados que nos foi possivel prestar-lhe na situação em que nos encontravamos, démos-lhe sepultura no ponto em que veio a fallecer, e sobre ella collocámos uma cruz com inscripções.

"Ficou assim a nossa pequena turma reduzida a sete homens, commigo, e dos trabalhadores apenas um, o regional Manoel Pedro Gonçalves, estava bom...!"

Vejamos agora alguns trechos da descripção que o tenente Julio Caetano faz dos aspectos naturaes do rio explorado:

"O Ikê, diz elle, corre em mata até a distancia de 20 kilometros, onde começam a apparecer os campos indigenas, á direita primeiramente. A 27 kilometros notam-se tambem á esquerda. Esses campos ora se afastam ora se approximam das margens, chegando raramente a encontrar o rio.

"O seu leito é sempre de pedra-canga e as margens, ora firmes, ora pantanosas, têm abundancia de palmeiras, principalmente de Anajá, Burity, Uacuri, Tucum, Patauá, Assahy, Bacaba, Pacheúba, etc., conforme a sua natureza.

"Elle é pobre de seringueiras, notando-se apenas algumas dessas arvores espaçadas; mas tem bastante Cedro, Guanandi, Faveiro, Jatobá, Páo Brasil, Soveira, etc.

"Encontra-se tambem nas suas margens Salsa Parilha e muita Congonha.

"Os campos indigenas prolongam-se pelo rio abaixo e, atravessando-o, a cerca de 24 kilometros, nota-se um cerrado que se extende a perder de vista."

Depois de se referir a varios accidentes importantes do rio, affluentes, cachoeiras e saltos, cujos elementos technicos foram convenientemente tomados, e a occorrencias de viagem, como naufragios, perda de cargas, de viveres e até de uma das duas canôas, o tenente Julio Caetano dá conta, nos seguintes termos, da entrada, do Ikê no Camararé, e deste no Juruena:

"A 227 kilometros do porto do embarque, o Ikê, tendo então cerca de 30 metros de largura, desagua no Doze de Outubro, que tem de 80 a 100 metros de largura e vem com o rumo de 60° S. O.

"Seguindo por este, 1.800 metros abaixo encontra-se o rio Camararé, que tem aproximadamente 120 metros de largura e vem com o rumo de 90° O.

"Ahi começam as grandes capoeiras (?) de indios que seguem o rio todo até o Jurruena, que é encontrado depois de 267.400 metros contados do ponto de nossa partida".

Para terminarmos estas rapidas allusões á viagem de reconhecimento do Ikê, transcreveremos ainda um tópico do relatorio do tenente Julio Caetano, versando sobre os habitantes indigenas de toda a região explorada:

"No dia 31 de Outubro, em que chegámos ao rio Juruena, tivemos o prazer de encontrar os Nhambiquaras. Seriam 9 h. 30 m. am. quando ouvimos barulho no mato, de gente que se despenhava de arvores e corria.

"Immediatamente mandei atracar a canôa na margem cpposta; gritámos pelos indios, mostrando-lhes machados, contas e linhas; em seguida appareceram dois que chamei, accenando-lhes com os presentes.

"A principio, ficaram indecisos; mas depois, atravessaram o rio e foram ao nosso encontro. E' indizivel o prazer que todos nós sentimos com o encontro dos Nhambiquaras; pareciam-nos amigos esperados por uma longa ausencia!

"A alegria nelles por nos encontrar não foi menor que a nossa.

"Contaram-nos que vinham de longe e que iam para Campos Novos.

"Para atravessarem o rio, um collocou por baixo dos braços duas boias finas de talos de burity, emquanto o outro, firmado nos pés do primeiro, foi por elle rebocado até onde estavamos.

"Depois, atravessámos, levando um na canôa e o outro nadando, apoiado na pôpa.

"Na margem em que elles estavam, appareceram então outros indios, homens e mulheres, que nos deram fumo, mel e collares, em troca do que lhes démos.

"Quando continuamos a navegar, um destes nos acompanhou pela mata, dando aviso a outros da nossa aproximação; um pouco abaixo, onde parámos para almoçar, vieram ao nosso encontro um homem, com sua mulher e um rapazinho, e mais adeante ainda encontrámos outros: a todos distribui brindes".

Do conjunto da exposição anterior se infere que, si uma pessoa partisse do Madeira para o interior do Sertão, subindo o curso do Gy-Paraná ou o do Roosevelt, resolvido a attingir as cabeceiras mais orientaes de qualquer desses rios, chegaria afinal ao meridiano de 17 gráos, entre os parallelos de 13 e de 12 gráos, e poderia transpol-o ainda de alguns minutos, para leste. Mas, uma vez ahi chegado, por pouco que caminhasse ainda para Oriente, começaria logo a encontrar aguas derivando em rumos inscriptos no quadrante de Nordeste.

Estaria, pois, terminada a bacia do Madeira, e começada a do Tapajoz; como linha de demarcação entre as duas, póde-se tomar o meridiano da estação de Vilhena, que é o mesmo de Villa Bella.

Si dessa altura, o explorador quizesse continuar a viagem descendo até o Juruena e depois afastando-se da sua margem direita quanto fosse necessario para alcançar o ponto mais longinquo dentre todos os que assignalam cabeceiras da vertente oriental da bacia do Tapajoz, só veria satisfeito o seu *desideratum* quando, ao fim de um percurso de cerca de mil

kilometros, chegasse ás vizinhanças do lugar de onde promana o Xingú.

E' que o Tapajoz se assemelha a prodigiosa videira, cujo tronco avança para o interior das terras, desde antes do parallelo de 3 gráos até mais de meio caminho entre os de 14 e de 15, lançando para uma e outra banda ramos poderosos, uns que ultrapassam o meridiano de 16, e outros, mais longos mais numerosos e mais fortes, que, do lado opposto, quasi tocam o de 11 gráos. Pensando na enormidade da área invadida e coberta pela trama engendrada por esses ramos, que por sua vez se dividem e subdividem em galhos e subgalhos, e lembrando-nos de que nelles o movimento da lympha se dá em sentido contrario ao da seiva nas videiras reaes, vemos que o Tapajoz, como collector dos tributos de tão vasta região, tinha de tomar necessariamente o pórte magestoso que lhe dá lugar distincto entre os maiores rios do mundo.

Essa magestade, si contribuio para consolidar a fama de que, desde os tempos coloniaes, góza o nome do grande tributario do Amazonas, não foi, no emtanto, estimulo bastante para decidir algum dos espiritos emprehendedores que se têm dedicado ao estudo da geographia da nossa Pátria, a proceder á exploração scientifica completa do seu curso.

A' Commissão de Linhas Telegraphicas ia caber o encargo de corrigir tão grande falta, não só quanto ao proprio Tapajoz, mas tambem quanto aos seus mais importantes tributarios da margem direita.

Para a realização da primeira parte deste programma, organizou-se em 1911 uma expedição de estudos, dirigida pelo Capitão Manoel Theophilo da Costa Pinchiro, auxiliado pelo botanico Frederico Hoehne e o Dr. Murillo de Campos.

No dia 28 de Dezembro, tendo-se terminado os preparativos da viagem, os expedicionarios, em numero de 14, tomavam os seus lugares a bordo de cinco canôas e iniciavam a descida do Juruena a partir do ponto em que elle é cortado pela picada da linha telegraphica, lugar que attingimos, pela primeira vez, em 1907 e que desde 1908 occupamos por meio de um destacamento militar.

No emtanto, que profundas modificações já se não tinham produzido neste canto do grande sertão que, naquelles annos, encontraramos mergulhado na mais absoluta e hostil selvageria! Os mesmos habitantes destas então mysteriosas solidões, que nos haviam recebido em tom de guerra, e rudemente repellido, em dous assaltos audaciosos, a amizade que lhes offereciamos, agora aqui estão, representados por um grupo dos chamados Cocôzês, a assistir aos ultimos aprestos da pequena columna expediccionaria. Já não são os duros guerreiros daquelles tempos, mas sim amigos confiantes que desejariam participar dos riscos e dos perigos a que nos vamos offerecer nesta primeira descida do famoso rio, cujo accesso elles dantes defendiam com tão irreductivel bravura. Infelizmente, a total ausencia de accommodações de que se resente a pequena flotilha, já excessivamente sobrecarregada com os volumes de bagagens, de provisões de bocca, de ferramentas e de instrumentos de engenharia, obriga-nos a recusar o pedido que nos fazem de os levarmos em nossa companhia.

Depois, já em viagem, ainda tiveram os expedicionarios novas occasiões de se encontrar com outros grupos da antigamente tão temida nação Nhambiquara.

"De vez em quando, diz o Capitão Costa Pinheiro no seu relatorio sobre esta expedição, em ambas as margens do rio, notavamos grandes claros na mata, que nos davam indicios das suas roças: portos de um e outro lado do rio, em correspondencia, para atracação de embarcações; balsas (feixes de palha de burity) com que elles costumam fazer a travessia de uma para outra margem; finalmente, até artefactos de guerra encontrámos.

"No dia 31 de Dezembro, antes do meio dia, estava eu na foz do Juhina, fazendo observações com o Sol, quando ouvi na margem opposta uns gritos. Puz bem o ouvido á escuta e percebi perfeitamente a palavra — Anauê — repetida incessantemente. Não restava duvida, eram os Nhambiquaras.

"Fomos todos para a margem do rio e vimos alguns delles, completamente nús, sempre gritando — Anauê — e mostrando-nos espigas de milho. Comprehendendo bem a intenção delles para comnosco, tripulei uma canôa, e mandei-a á outra

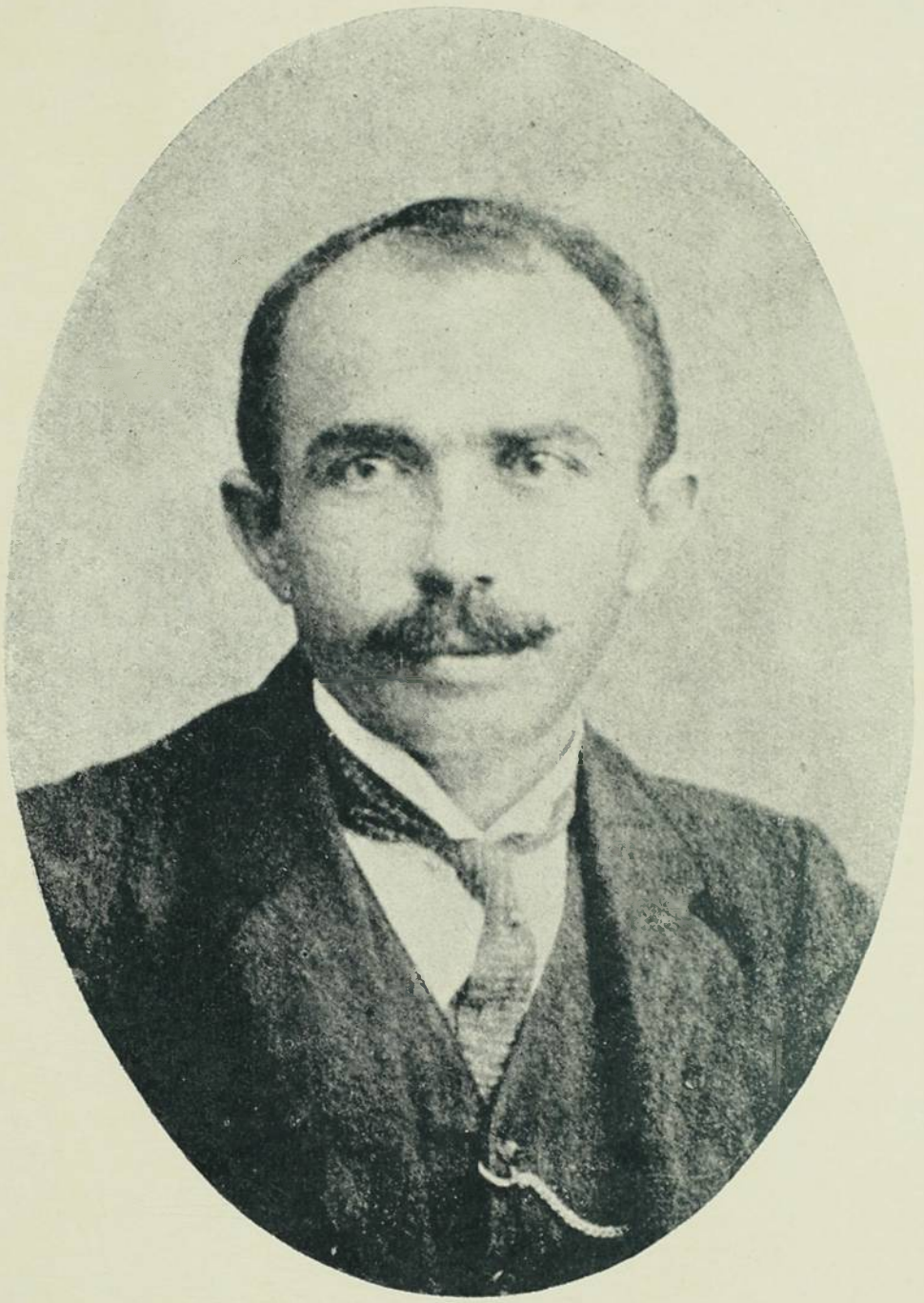


Photo. Com. Roudon

Capitão de Artilharia
Manoel Theophilo da Costa Pinheiro

(Engenheiro militar)

Chefe das turmas de expl. e lev. geogr. dos rios
Jacy-Paraná e Juruena

margem. Ao aproximar-se a canôa, alguns esconderam-se na mata, quatro, porém, vieram receber-nos, entregando-nos umas espigas de milho. Nós, em retribuição, démos-lhe algumas machadinhas, unicos brindes que traziamos.

"Ficaram satisfeitissimos!"

Além dos Nhambiquaras, referiu-se o Capitão Pinheiro tambem aos Apiaçás. Convem ler algumas passagens do que então teve de dizer o distincto official, para levantarmos um pouco a ponta do véo que encobre ás nossas vistas as paragens mais internadas do territorio de nossa Patria.

"Dos Apiacás, escreve o Capitão Pinheiro, que tinhamos certeza de encontrar no Salto Augusto, nem vestigios vimos.

"Em resumo, só na Collectoria de Matto Grosso, em S. Manoel, fomos encontrar os primeiros Apiacás, já quasi todos civilizados.

"Em conversa com o collector de Matto Grosso e outras pessoas do lugar, foi que vim a saber como desappareceram os indios Apiacás do Salto Augusto e outros pontos a montante do S. Manoel.

"A Collectoria de Matto Grosso foi fundada em 1902.

"Foi seu primeiro collector o Sr. Thomaz Carneiro, que iniciou a sua administração, entrando logo em luta com os Apiacás, perseguindo-os atrozmente. Tantos foram os castigos e maus tratos infligidos aos indios, não só por elle como tambem pelo seu irmão, Ernesto Carneiro, Commandante do destacamento policial, que a represalia não se fez esperar.

"Os Apiacás, no intuito de tomarem um justo desforço, reuniram-se um dia nas proximidades do lugar, e, alta noite, sem que fossem presentidos, penetraram na Collectoria e mataram o Collector e seu irmão. Para substituir o Sr. Thomaz Carneiro, foi nomeado o Sr. Fabio Freire, que continuou na mesma serie de perseguições aos indios, dizendo querer assim vingar a morte do seu antecessor. Uma vez mandou convidar todos os Apiaçás para um café; estes, na boa fé, comquanto meio receiosos, acceitaram o convite; e, quando se achavam no barracão tomando o liquido, o Sr. Freire mandou, pelo contingente da Collectoria, já antecipadamente preparado e prevenido, fazer uma descarga, matando quasi todos. Apenas es-

capou uma mulher. Ainda hoje quem vae á Collectoria, vê, bem em frente a um barracão que foi quartel, o lugar onde todos elles foram enterrados em valla commum.

"Depois desse feito, reuniu o Sr. Freire perto de 100 homens, entre seringueiros e pessoal da Collectoria, e foi levar um assalto a uma antiga maloca que existia na Cachoeira de S. Florencio. O assalto foi feito muito cedo, quando os Apiacás se achavam ainda dentro da maloca e, á medida que os indios, apavorados pelo incendio, iam sahindo, fazendo gestos e exclamações, eram recebidos a tiro. Poucos foram os que escaparam; ainda hoje, quem passar pela cachoeira S. Florencio, verá já amortecidos, os signaes dessa obra de arrazamento e destruição. Substituiu o Sr. Fabio Freire o Sr. Antonio Gomes de Lima, que se demorou cerca de tres annos, sendo considerado por todos um bom Collector. Foi substituido pelo Sr. Paula Corrêa, que continuou a perseguir os Apiacás e a commetter toda a sorte de violencias contra os seringueiros. Impediu irrevogavelmente que os Apiacás descessem o rio até S. Manoel. Os que iam de encontro ás suas ordens, eram castigados severamente.

"Afinal, as perseguições aos Apiacás e seringueiros tomaram proporções taes, que um dia foi o Sr. Paula Corrêa assassinado pelos seus proprios sequazes e camaradas. Foi substituido pelo Sr. Sotéro Barrêto que normalizou tudo e inaugurou uma época de paz e prosperidade na Collectoria.

"Como é facil comprehender, os Apiacás, acossados, perseguidos e violentados pelos civilizados, internaram-se na floresta e abandonaram as margens do Juruena.

"Os poucos, que mais perto se encontravam em contacto com seringueiros, voltaram á Collectoria e lá se acham, ainda hoje, satisfeitos sob a protecção do respectivo Collector.

"Quando por lá passei, em fins de Fevereiro do corrente anno (isto é, de 1912), existiam na Collectoria 32 indios Apiaçás, sendo: mulheres 16, homens 7, e crianças 9".

Como podemos deprehender destas palavras do Capitão Pinheiro, as perseguições e violencias exercidas contra os indefesos Apiacás, por varios funccionarios publicos do Estado de Matto Grosso no Tapajoz, ultrapassaram os limites

da mais requintada barbaria e fera crueldade; mas, por mais negro que tal quadro nos pareça, é preciso saber-se que ainda lhe faltam muitos outros tons, não menos tétricos do que esses, a começar pelo que define a baixeza das intenções que moveram o Collector Paula Corrêa, e seus predecessores, a commetter tantas violencias e atrocidades: o intento era roubar aos indios as suas mulheres!

Além dos Apiacás, a expedição de estudos do Tapajoz viu tambem os Mundurucús, dos quaes algumas aldeias estavam assentadas na foz do S. Thomé; outras, e na maior parte, existem no rio Cururú, extendendo-se pelos campos Capepi-uat. Ahi elles vivem dos recursos que podem alcançar com a sua pequena lavoura, auxiliados pelos elementos que retiram das suas magnificas florestas.

Avalia-se o numero actual destes indios em cerca de duas mil almas, sendo que a parte masculina excede bem sensivelmente a feminina.

No aldeiamento do Capepi-uat acabavam os frades franciscanos Hugo e Luiz Meus, de construir uma pequena capella, coberta de folhas de pindóba: os dous religiosos, porém, não se achavam ali presentes na occasião em que se realizou a visita do botanico Hoehne e do Dr. Murillo de Campos.

Podemos resumir os demais trabalhos realizados pela expedição do Capitão Pinheiro, dizendo que ella procedeu ao levantamento expedito do rio, desde a estação telegraphica do Juruena até S. Manoel; avaliou as descargas dos principaes tributarios; determinou as altitudes dos pontos mais importantes, bem como as coordenadas da foz do Juhina, do Camararé, do Papagaio, do Sangue, do Arinos, do famoso e bellissimo Salto Augusto e da foz do S. Manoel, rio celebrado nas chronicas das expedições de estudo do territorio da nossa Patria, pela pagina triste da trágica morte do Capitão Telles Pires, que, em 1889, havia emprehendido exploral-o, em companhia de um amigo e distincto camarada, o engenheiro militar Oscar de Miranda.

Como justa, embora tardia homenagem á memoria illustre do mallogrado official, que perdeu a vida no meio dos ingentes trabalhos que havia iniciado e ia proseguindo, animado

só do pensamento e do desejo de contribuir para o engrandecimento da Patria estremecida, submetto á apreciação dos geógraphos brasileiros a idéa de se designar este rio pelo nome de "Capitão Telles Pires". E como a triste fatalidade fixou para sempre os laços que a amizade e a boa camaradagem haviam estabelecido entre o saudoso official e o seu illustre companheiro de trabalhos e de soffrimentos, associando tão intimamente os dous nomes, que já não é possivel a ninguem lembrar-se de um, sem logo ter presente o outro, proponho ainda que a cachoeira onde se deu o doloroso naufragio passe a ser conhecida pelo nome de "Oscar de Miranda".

Bem precario seria, por certo, o futuro da lembrança desta modesta, mas muito sincera e ainda mais merecida homenagem, si a amparal-a e a recommendal-a ao apreço dos meus concidadãos não se houvesse de contar com a resolução da vontade de uma entidade prestigiosa e geralmente respeitada nos circulos em que tem de ser lançada e cultivada, até produzir os fructos que della se esperam. Felizmente, porém, nós outros, os admiradores dos nomes que se pretendem cultuar, podemos appellar para a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, pedindo-lhe que adopte como sua essa dupla proposta e a proteja com o mesmo carinho e fervor que dispensou á organização daquelle arrojado emprehendimento, nascido do enthusiasmo civico que, nos annos mais proximos ao advento da Republica, inflamava a alma da mocidade do nosso Exercito e della se irradiava, fazendo surgir associações tão bellas como a do triunvirato formado pelo Capitão Telles Pires, com os tenentes (que ainda o eram nessa época) Oscar de Miranda e Ximeno Villeroy.

Cheios de confiança de que o appoio impetrado não nos faltará, e convencidos de que elle, apenas sahido a campo, logo terá assegurado a victoria que se deseja, já não nos referiremos ao formador do Tapajoz, sinão designando-o "o rio do Capitão Telles Pires."

Outro resultado importante da expedição Costa Pinheiro, tem ainda de entrar em consideração com a foz desse rio, e a comparação do seu volume com o do Arinos e o do Juruena.

Os primeiros descobridores do Tapajoz e os seus imme-

diatos navegadores, o consideraram como formado da parte do tronco comprehendida desde a foz, no Amazonas, até o ponto em que esse tronco se reparte em dous galhos, um que continua a direcção geral do curso anterior, e outro cujo leito se vê lançado num rumo accentuadamente desviado para Oriente. A este ultimo, denominaram os antigos Rio das Tres Barras ou S. Manoel; é o nosso Telles Pires; o outro recebia o nome de Juruena e com elle continuava até as mais altas cabeceiras no Chapadão dos Parecis.

Assim considerado, o Arinos era um simples contribuinte do Juruena.

Os moradores do Tapajoz, ouvidos pelo Capitão Costa Pinheiro, ainda conservam essa tradição: para elles o Tapajoz começa da confluencia do Juruena com o Telles Pires.

Os geographos modernos, porém, aceitaram a lição de Pimenta Bueno, publicada no seu mappa de Matto Grosso, que consiste em fazer o nome "Juruena" morrer na barra do Arinos, figurando, pois, o Tapajoz como resultado do concurso das aguas que descem reunidas desde essa foz até o Amazonas

Semelhante modificação, que contraria a tradição historica constante das chronicas dos dous seculos passados, e as indicações da população ribeirinha, e de todos os navegantes antigos e modernos, não tem a amparal-a nenhuma razão de ordem superior a esses elementos.

No ponto em que o Juruena vai receber o Arinos, verificou o Capitão Pinheiro ser a sua descarga de 1975 metros cubicos, e ter o seu leito a largura de 1.080 metros. A medição não deu, para a descarga do Arinos, mais do que 1283 metros, e para a largura, 734 metros.

Comparando-se esses elementos, vê-se que não ha razão para os dous rios serem ahi considerados equivalentes; o poder de um não se apresenta em condições de ser neutralizado pelo do outro, de modo a dar logar ao apparecimento de nova entidade geographica, exigindo designação tambem nova.

A direcção que o Juruena trazia, continua-se dahi para baixo; o seu volume é bastante superior ao do Arinos; portanto, é perfeitamente cabivel considerar-se este como tributario

daquelle, cujo nome deve ser conservado e prolongado, pelo menos até a foz do Telles Pires.

O Tapajoz forma-se, pois, da reunião das aguas do antigo S. Manoel, com as do Juruena; o primeiro contribue, em cada segundo, para esta formação, com o volume de 1.747 metros cubicos e o segundo com o de 2.489.

De accordo com estas conclusões, o verdadeiro curso do rio estudado pelo Capitão Costa Pinheiro, o Aná-uiná dos Parecis, terá a extensão de cerca de mil kilometros, dos quaes os primeiros 207, que vão desde as cabeceiras, na Serra dos Parecis, proximo ás nascentes do Guaporé, até a estação telegraphica, na lat. sul de 12°, 50'31" 4 e L. Oeste do Rio de Janeiro de 15° 44'50", 4 ainda não foram levantados, nem percorridos.

No trecho de 792.872 metros explorados pela expedição do Capitão Pinheiro, o Juruena recebe pela margem direita, successivamente, de cima para baixo, os rios Papagaio, Sangue e Arinos.

Cada um destes affluentes constitue o collector central de uma bacia secundaria bastante notavel, cuja descripção completa só poderá ser feita depois de terminado, no corrente anno, o conjunto de esforços que nesse sentido desenvolveu a Commissão de Linhas Telegraphicas.

Quanto ao primeiro destes collectores, o Papagaio, ou Sauêrúiná, cuja cabeceira principal nasce na Latitude de 14° 30' e na Longitude de 15° 50', onde contraverte com o braço mais oriental e mais septentrional do Jaurú, vimos como o reconhecimento da parte do seu curso que ainda estava por estudar, a jusante da estação de Utiarity, foi realizado, em 1914, pela turma Lariodó-Fiala, da expedição scientifica Roosevelt-Rondon.

Pela esquerda, e depois da estação de Utiarity, o Papagaio recebe o Burity, e em seguida o Sauê-uiná, ou o rio Maracanã, a respeito do qual haviamos commettido o engano de dizer, nas Conclusões Geographicas do volume já publicado do nosso Relatorio sobre Estudos e Reconhecimentos, que era affluente directo do Juruena; a rectificação que deixo aqui

consignada resultou dos trabalhos da mencionada expedição Lariodó-Fiala.

Pela direita, o rio Papagaio recebe, depois da estação de Utiarity, mas antes da foz do Burity, o rio Sacre, ou Timalatiá, que a elle chega engrossado pelo tributo do Rio Verde, ou como lhe chamavam os Parecis, do Tahurú-iná. Este affluente do Sacre marca o limite oriental da sub-bacia do Papagaio; não figurava em nenhuma carta geographica anterior aos trabalhos da Commissão de Linhas Telegraphicas, e tambem não deve ser confundido com o Agua Verde, ou Anhanazá, contribuinte do Arinos, que foi erradamente inscripto pelo Padre Badariotte, no esboço da carta de que fez acompanhar a sua memoria intitulada — Exploração do Norte de Matto Grosso, 1898 — como um dos formadores do Xacúrúiná, dando-lhe o nome de Rio Verde.

O rio Cravary, ou Curuçú-inazá, que nas conclusões geographicas do meu alludido relatorio é descripto como affluente da margem direita do Sacre, foi posteriormente por nós reconhecido pertencer á segunda das mencionadas sub-bacias tributarias do Juruena.

Esta sub-bacia tem como collector principal o Rio do Sangue, ou Zútiaháruiná, o qual, antes de tomar as aguas do Cravary, recebe, pela margem opposta, isto é, pela direita, o Sacuriú-iná, rio a que as antigas cartas se referiam sob o nome de Xacúrúiná, inscrevendo-o, antes de Pimenta Bueno, como tributario do Arinos. O proprio Ricardo Franco ficou indeciso ante a divergencia das informações, que sobre elle obteve, das quaes umas o davam como affluente do Juruena, e outras como do Arinos, onde chegaria por intermedio do Sumidouro.

O reconhecimento do Rio do Sangue foi realizado pelo Tenente Vicente de Paulo Vasconcellos, auxiliado pelo Dr. Serapião.

Para isso, formou-se uma expedição exploradora que, partindo no dia 10 de Maio do corrente anno do ponto em que a Linha Telegraphica atravessa aquelle rio, o desceu, embarcada em duas canôas, até a sua foz, no Juruena, onde chegou no ulti-

mo dia do mez immediato. O percurso total feito nesses 71 dias de viagem, constou de 425.400 metros, accusados pelo levantamento topographico obtido com o auxilio de um telemetro. Por estes numeros se vê que o rendimento da navegação não chegou a attingir, por dia, a média de 9 kilometros, e este valor é, por si só, bastante eloquente para nos dispensar de enumerar aqui a série de obstaculos que tiveram de ser vencidos pelo Tenente Vasconcellos, entre os quaes figuram numerosas corredeiras, e dois saltos importantes, além dos inevitaveis accidentes de naufragios e perda de embarcações.

As medições deram para descarga do rio estudado, no ponto de embarque, o volume de 118 metros cubicos, e na foz, mais de 360. Quanto ás fozes dos dois affluentes principaes, o Tenente Vasconcellos chegou á do Sacuriú-iná no dia 6 de Junho, a pouco mais de 100 kilometros do passo da linha; e á do Cravary, seis dias depois, a 139 kilometros abaixo da anterior. A descarga do primeiro rio era, na occasião, de 59 metros cubicos, por uma bocca de 49 metros de largo; a do segundo era de 101 metros cubicos, com a largura de 52 metros.

Occorrencia sobre todas importante, foi a do encontro do Tenente Vasconcellos com alguns grupos de indios da tribu moradora no curso médio e inferior do Rio do Sangue. Só depois de passada a foz do Sacuriú-iná, teve o distincto official ensejo de verificar ser o rio povoado. Para maior fidelidade da exposição destes interessantes episodios, passo a ler os topicos em que aquelle official a elles se refere, em seu relatorio sobre esta viagem: "O dia 9 (de Junho), diz elle, offereceu-nos uma nota importante: viu-se o primeiro indio!

"Em uma curva do rio, trepado em uma arvore secca, cahida sobre a margem, eil-o de flecha em punho, distrahido em pescaria. Não tive o prazer de o ver, nem mesmo de longe, pois, com o barulho que faziam as nossas embarcações, e com o grito que o Antonio Correia, proeiro da canôa da mira, deu, para chamar a minha attenção, foi elle despertado e internou-se célere pela mata. No ponto em que elle foi visto, desci em terra, bati as immediações, mas nada vi, a não serem varinhas quebradas aqui e acolá.

"Pouco antes, encontrámos um pouso velho de indios,

Photo Com. Rondon

Conferencias

2.º Tenente Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca Vasconcellos

Chefe da turma de exploração e levantamento topographico do rio do Sangue

cujas varas haviam sido cortadas a faca céga; no dia immediato vimos um capoeirão, tambem antigo, cujos páos haviam sido cortados a machado de pedra."

Foi esse o primeiro encontro assignalado pelo Tenente Vasconcellos, antes ainda do Cravary; mas, depois de passada a foz deste rio, deu-se outro, que é relatado por aquelle official nos seguintes termos:

"Os signaes de indios, limitados até então quasi sómente ao encontro do pescador, foram se tornando mais frequentes e menos antigos, notando-se em todos elles o emprego das nossas ferramentas. No dia 19, bivacámos na margem direita, em um grande e não muito antigo acampamento delles e onde naturalmente passaram algum tempo occupados em caçadas e pescarias, pois corre por traz do barranco, e em grande extensão marginal, uma lagoa, com certeza rica em peixes e em patos, dos quaes vimos varios exemplares.

"Não estavamos, de facto, longe dos selvicolas; e o episodio mais interessante de toda a expedição ia ter começo no dia seguinte, em que acampámos na margem esquerda, a quasi 317 kilometros do passo da Linha, e a 108 do rio Juruena, bem defronte de uma aldeia numerosamente habitada e situada a cavalleiro do rio, no cimo de pequeno morro.

"Haviamos feito 12 kilometros de levantamento, quando a canôa da mira foi advertida por gritos e risadas dos indios, que mais abaixo se estavam divertindo no banho. Démos ainda uma estação para frente, afim de mais nos avisinharmos, suspendemos o serviço que vinhamos fazendo, e, pronunciando algumas palavras nhambiquaras, que no momento nos occorreram, iamos remando para baixo, com o intuito de escolhermos local apropriado para o nosso bivaque, pois todo o nosso desejo consistia então em estabelecermos relações amistosas com aquella pobre gente. Muito felizes fomos na nossa pretenção, pois, ao fazer a travessia para a margem esquerda, avistámos logo um limpo nesta margem, fronteiro ao porto da maloca, e onde os selvicolas ainda se divertiam. Na absoluta despreoccupação em que estavam de alguma importuna visita, sobretudo vinda por agua, e, ainda mais, de cima, nem presentiram a nossa aproximação.

"Annunciámos a nossa presença. Assim que ouviram o primeiro grito, naturalmente avistaram as nossas canôas, e fizeram absoluto silencio. Não fosse a fumaça que sahia da maloca e que se elevava por cima da mata, e ainda mais a cobertura de palha do rancho, que sómente de longe se avistava por entre a copa do arvoredo, ninguem que por lá passasse naquelle momento supporia que talvez debaixo de cada arvore vibrasse um coração humano.

"Terminados os primeiros trabalhos de installação do nosso acampamento, tomei a canôa, tripulada por tres homens, e fomos fazer um pequeno reconhecimento, para baixo, com intenção, sobretudo, de ver se melhor poderiamos divulgar o rancho.

"Haviamos descido, pouco mais ou menos, cento e cincoenta metros, quando avistámos á flor dagua, e encostada á margem direita, em pequeno porto, uma ubá que se achava alagada. Para lá nos dirigimos, afim de examinar com mais attenção esta primitiva embarcação usada pelos indios, e que consiste em grande casca de arvore, tendo as extremidades dobradas, á guiza de popa e de proa; alguns roletes de páo atravessados no sentido da largura, afim de impedir a casca de dobrar-se, e nada mais. E', emfim, perfeitamente identica ás usadas pelos Parnauáts.

"Feito o ligeiro exame da ubá, e como verificassemos que a maloca ficava inteiramente encoberta pelas arvores, assentámos subir o rio, encostados á margem direita, a ver se descobriamos alguma novidade. Mal, porém, os canoeiros deram as primeiras remadas, eis que duas flechas nos silvaram aos ouvidos, uma após outra, indo ambas, felizmente, perder-se no rio.

"O susto por que passámos não foi pequeno, e creio que os canoeiros nunca em sua vida remaram com tanta rapidez, a ponto de quasi alagarem a canôa, que, por muito pesada, pouco attendia á pressa que tinhamos em ganhar a margem opposta. Os que haviam ficado no bivaque, e que não nos perdiam de vista naquella evolução, tudo observaram e ficaram alarmados, mas puderam reparar que as flechas haviam

passado por sobre as nossas cabeças, sem nos attingir. Chegados ao bivaque, fomos novamente para as canôas e recomeçámos os nossos appellos. O resultado obtido, porém, foi sempre o mesmo: o silencio.

"Resolvemos então fazer nova tentativa. Desta vez iriamos ao porto dos indios, fronteiro ao nosso, e lá deixariamos machados e terçados, pois desta maneira elles veriam que os nossos intuitos eram ainda pacificos, apesar do ataque que haviamos soffrido, e que nada teriam que temer de nós. Munimo-nos de alguns terçados e machados, e dirigimo-nos com muita cautela, para a margem. Ainda desta vez não fomos bem recebidos; ao nos avisinharmos do porto, partiram outras duas flechas, disparadas sobre nós. Felizmente, como as primeiras, erraram o alvo. Voltámos precipitadamente para o bivaque, sem conseguir ainda desta vez apanhar as flechas, que foram logo arrastadas pela corrente. Instantes depois deste nosso segundo mallogro, os indios deixaram-se finalmente ver em varios pontos da margem, ricamente enfeitados, com as suas vestimentas de pennas multicores, entre as quaes predominavam as de araras, armados de arcos, maços de flechas e dando gritos semelhantes aos que haviamos dado, a chamal-os, arremedando-nos perfeitamente.

"Encaminhámo-nos incontinenti para o porto; das canôas respondiamos aos gritos dos indios, e dentro em pouco ficámos familiarizados e trocámos risadas, uns arremedando os outros, imitando cantos e pios de aves conhecidas. Em pouco tempo estavamos, nós e elles, em franca palestra, em que uns repetiam o que os outros diziam, e ninguem se entendia.

"Emquanto isto, ouvia-se na maloca, um canto fanhoso de muitas vozes, com batidos cadenciados de pés e acompanhamento de sons de algum instrumento rudimentar. De todo esse apparato, e tendo em vista os acontecimentos anteriores, concluimos que aquillo era um canto de guerra, não obstante a meiguice com que alguns, e sobretudo um, que suppozemos ser o chefe, procuravam imitar quanto diziamos. Entretanto, decorridos alguns momentos, o que nos pareceu ser o chefe, tendo ao lado sua mulher, deu alguns passos á frente do gru-

pinho que o cercava, e chegando até á beira do rio, onde ficava inteiramente a descoberto, apresentou-nos um seu filhinho, menino de quatro a cinco annos, segurando-o pelos pulsos e levantando-o do chão varias vezes. Exultámos com aquelle gesto, interpretando-o como promessa segura de paz, e immediatamente tomámos a canôa. Fomo-nos aproximando aos poucos, tenteando a embarcação e, emquanto iamos manobrando e remando, mostravamos-lhes machados e terçados, não se interrompendo a palestra, que ambas as partes mantinham animada. Não lhes perdiamos o minimo movimento, pelo menos daquelles que podiamos divisar, pois, apesar de tudo que faziamos, elles, logo que embarcámos, recolheram-se um pouco para detrás das arvores. Estavamos proximamente a uns trinta metros delles, quando de novo nos alvejaram e atiraram as suas flechas. Como das vezes anteriores, fizemos manobra com a possivel presteza, virando a canôa para o nosso bivaque.

"Desta vez as flechas atiradas foram em numero de quatro, das quaes conseguimos apanhar uma. Em vista de taes acontecimentos, mandava a prudencia que nada se tentasse naquelle dia. Assentámos, então, falhar no dia seguinte, para vêr se seriamos mais felizes.

"Já o crepusculo vinha cahindo e nada de melhor podiamos fazer do que contemplal-os com o binoculo. São homens bonitos e fortes. Penso não haver duvida em que sejam Nhambiquaras. Usam flechas como as destes, salvo a differença de serem as pennas directrizes dispostas em helice. Os homens trazem, para se compôr e como defesa, pingentes de fibras; as mulheres nada vestem, a não ser collares e pulseiras, de que tambem os homens usam. Pintam-se: vi um com tres traços de tinta branca e preta nos pulsos, e outro com o rosto todo caiado de branco.

"Contámos doze homens perfeitamente armados e enfeitados. Indias só vimos uma, a que secundava o marido, quando nos apresentava o menino: era moça, bonita, cheia de corpo e de boa altura. As outras, as velhas e as creanças, formavam o côro, que se fazia ouvir. Observámos tambem uma roça, junto á maloca, pois distinguimos, por entre as brechas das copas das arvores e em cima do morro, bananeiras e ra-

magens de mandiocal. Do rancho nada pudémos notar nem mesmo a fórma.

Não passou de esperança o projecto de falharmos no dia 21 no bivaque da aldeia, para o fim exclusivo de estabelecermos relações de amizade com aquella pobre gente. Depois da terceira e ultima tentativa, ficaram elles ainda mais amaveis; repetiam o que diziamos, davam muitas risadas; foram buscar uma camisa, com que vestiram o menino; e com um terçado igual aos nossos, abriram melhor um pequeno porto, cortando os galhos que desciam até quasi a flor dagua, e ahi estenderam uma rêde. Pensámos que nos quizessem agradar, mostrando objectos que já nos haviam pertencido. Entretanto o que faziam era um novo estratagema, destinado a distrahir-nos inspirando-nos confiança. E a prova disto tivemol-a na manhã de 21.

"Durante a noite transportaram-se elles para o nosso lado, servindo-se para isso da ubá, e cercaram-nos completamente, ficando á espera de que rompesse o dia, para nos dar o assalto. Como de costume, ás 5 horas puzemo-nos em movimento. Dirigimo-nos para as canôas e gritámos, chamando por elles varias vezes; mas em vão. Julgámos que ainda estivessem accommodados, devido ao frio que fazia, á pouca claridade do dia e á espessa cerração, que cahia. Comtudo, não deixámos de reparar naquelle silencio, que nos causou alguma desconfiança. Longe, porém, estavamos de suppor que já nos achavamos inteiramente rodeados por elles. Voltámos para os toldinhos que nos serviam de barraca, e mandámos servir o café. Nesse momento, eis que nos cáe de todos os lados uma verdadeira saraivada de flechas, acompanhadas do ruido forte das vozes e do tropel dos indios aproximando-se e apertando-nos rapidamente com os seus tiros certeiros. Atacados assim quasi de sorpresa, não foi pequeno o nosso desconcerto. O pessoal, assustado, correu para o toldinho em que eu ainda me achava, gritando: "Flecha! Indios!" Acto continuo sahi do toldo, tendo antes apanhado uma arma de caça, que possuiamos, ordenando-lhes que não corressem e que atirassem para o ar. Eu mesmo dei o primeiro tiro, e foi o que nos valeu, pois o pessoal, com o susto e com as recommendações que tinha de

não atirar, abandonara as armas. Com o disparo, os indios amedrontaram-se e correram; a calma entre nós restabeleceu-se, mais ou menos.

"Pena foi que o effeito desta occorrencia não ficasse só no grande susto que passámos. Delle resultou sahirem feridos dois homens, um levemente, o Antonio Correia, attingido na columna vertebral, abaixo do pescoço, onde a ponta da flecha penetrou uns tres ou quatro millimetros apenas. O outro teve a infelicidade de receber ferimento mais grave. Foi este o Marcellino Borges, que, coitado! não teve sorte na expedição. Foi picado por cobra, naufragou ainda doente e, por fim, recebeu esta flechada, que lhe alcançou a ante-coxa e a varou até a região illiaca. Pouco tempo se aguentou de pé, devido ás dores e abundante hemorrhagia. O Dr. Serapião fez immediatamente os curativos que ambos os casos exigiam.

"Dada a attitude dos indios e tendo em vista a nossa situação, resolvemos levantar acampamento sem perda de tempo e proseguir o serviço topographico.

"Emquanto se faziam os necessarios curativos e se carregavam as canôas, fizemos uma pequena revista pelos arredores, verificando a posição occupada pelos assaltantes na occasião do ataque.

"Vimos então que pouco faltou para entrarem na pequena área do nosso bivaque, pois a linha de ataque chegou a menos de 30 metros dos nossos toldos. Alguns delles, apavorados com o tiro, largaram as flechas, e um houve que até o arco deixou. Estas armas foram por nós recolhidas, tendo-se perdido muitas outras no rio. O plano do ataque foi bem concebido: — acima, abaixo e por um dos lados elles se dispuzeram, francamente resolvidos a nos anniquilar; do outro lado estava o rio. Caso alguem quizesse escapar por alli, não poderia ir muito longe, porque acima e abaixo havia grupos de guerreiros, bem como na margem opposta, onde seria loucura procurar refugio.

"As margens estavam assim guarnecidas, não se podendo ninguem, conseguentemente, aproximar dellas, sem risco de vida. Ficámos, por isso, privados de proseguir o levantamento a telemetro. Tivemos de nos utilizar, para calculo das distancias, da velocidade da canôa. Fiz descer a balsa, com o

doente, e em seguida a ella a canôa da mira, emquanto eu subia com a minha até o ponto em que haviamos deixado o serviço no dia anterior, de onde reencetámos o levantamento.

"Os indios não deram mais signal de si; deixaram passar aquellas duas embarcações; mas, quando chegou a nossa vez, ao enfrentarmos a bocca de um igarapésinho, existente a uns metros abaixo do bivaque, atiraram sobre nós uma cerrada nuvem de flechas. Vimos então nesse ponto, e bem na abertura produzida pela barra do igarapé, o grupo que nos atacava, e a ubá. Para acalmar a tripulação da canôa, e sobretudo para evitar que alguns, apavorados, se atirassem á agua, tive necessidade de fazer mais dois disparos para o ar.

"Os selvicolas com isso pouco se incommodaram: puzeram-se a arremedar os gritos que davamos, chamando-os, e riam-se a valer da nossa situação!

"Pelo seguro, levámos o serviço pelo meio do rio, á velocidade, e assim continuámos por oito kilometros, ao fim dos quaes encontrámos uma ilha em que aportámos; reunimo-nos então e reorganizámos a marcha para dahi continuarmos com o levantamento a telemetro...

"Antes de abandonarmos o nosso acampamento da aldeia, deixámos, como signal da nossa despedida, alguns machados e terçados, collocados sobre um giráo."

Da narrativa deste interessante episodio, em que se vê, ao mesmo tempo, mais um exemplo frizante dos methodos e processos usados pela Commissão de Linhas Telegraphicas nas suas relações com as tribus indigenas encontradas nos sertões em que ella teve de operar, e a calma e resoluta coragem do official que dirigiu a acção, imprimindo-lhe um cunho tão altamente cavalheiresco, infere-se ter o Tenente Vasconcellos supposto que os indios do curso inferior do Rio do Sangue pertenciam á nação Nhambiquara.

Tal supposição, porém, deve ser rejeitada, não só pelo facto do proprio Tenente Vasconcellos não ter ouvido, daquelles indios, nenhuma palavra do vocabulario nhambiquara, como tambem, e principalmente, pela constatação de possuirem os indigenas em questão praticas e usos que absolutamente se não coadunam com os dos nossos conhecidos habitantes da

zona comprehendida entre o Juruena, o Commemoração de Floriano e as cabeceiras do Roosevelt. Além da differença notada no decurso da narrativa, quanto ao modo de collocar as pennas directoras do vôo das flechas, ha mais a que resulta do uso da rêde e da pratica da navegação. E' já sabido que os Nhambiquaras se deitam directamente no solo, sem outro cuidado senão o de escolher, para isso, logares cobertos de areia, e que, para os seus transportes por agua, limitados a simples passagens de uma para outra margem dos rios, nada mais empregam do que umas boias de talos de burity, com que auxiliam a natação.

Ao contrario disso os moradores do Rio do Sangue dormem em rêdes, que necessariamente fabricam; e ainda mais, sabem construir ubás e utilizal-as. Por este ultimo traço somos levados a crer que elles pertencem ao grupo ethnographico dos Tupys, possuidores, como se sabe, de uma civilização muito mais adeantada do que a dos Gês. Não podemos, por ora, determinar a tribu de que elles se teriam destacado, nem a época em que isso se deu; mas temos como certo que com elles occorreu o mesmo que com os Parnauáts, os quaes são parte de antiga tribu tupy, que em tempos já um pouco remotos se internou no alto sertão occupado por nações de outra origem, e alli se installou e isolou no meio dos povos pertencentes a civilização inteiramente diversa da sua.

A muitas outras informações de grande alcance geographico contidas no relatorio do Tenente Vasconcellos sobre o valle do rio do Sangue, deixo de me referir, por absoluta carencia de espaço nesta occasião. Apenas mencionarei que da collecção de amostras das rochas dalli trazidas por este official, o geologo Dr. Euzebio de Oliveira, que as estudou, concluio que a formação arenitica do chapadão dos Parecis repousa, antes da foz do rio em questão, sobre rochas crystalinas e eruptivas.

Para terminarmos a descripção da vertente oriental da bacia do Juruena, só nos falta considerar o Arinos, e os seus tributarios.

E' sabido que, desde os tempos coloniaes, se estudou a

navegação deste rio, na esperança de se estabelecerem, por elle e pelo Tapajoz, communicações directas entre Matto Grosso e Pará. A primeira tentativa realizou-a, em 1746, o sargento-mór João de Souza Azevedo, que, tendo subido o Paraguay, e em seguida o Sepotuba, varou por terra as suas canôas, até encontrar o rio a que deu o nome de Sumidouro, pelo facto de se ter um trecho do respectivo leito sumido por debaixo de um monte da largura de tres kilometros. Da parte superior deste tunnel, soltou o intrepido explorador português as canôas, de largas bordaduras, ao sabôr da correnteza, a qual, arrastando-as comsigo, as fez brotar intactas, segundo diz Ricardo Franco, do outro lado do monte. Dahi, Souza Azevedo continuou a descer o Sumidouro, que o levou ao Arinos, e este ao Juruena e ao Tapajoz, donde penetrou no Amazonas e chegou a Belém .

Mas as difficuldades offerecidas á navegação pelo trecho encachoeirado do Tapajoz são de tal ordem, que Souza Azevedo não se atreveu a regressar pelo mesmo caminho; e para voltar de Belém a Matto Grosso, preferio a via mais longa, do Amazonas, Madeira e Guaporé.

O furriel Manoel Gomes de Souza, em 1805, a mando do Governador Alves Menezes, realizou, pela segunda vez, este mesmo itinerario, mas, como o seu predecessor, considerou o caminho impraticavel. para a viagem de regresso.

Só em 1812 o Arinos e o Tapajoz foram navegados, successivamente, nos dois sentidos contrarios, por Antonio Thomé de Souza e Miguel João de Souza, que tiveram a gloria de ser os iniciadores dessa via de communicações internas da nossa Patria; o trafego, porém, depois de se continuar por algum tempo, acabou cessando completamente.

Além dessa navegação, de fins puramente commerciaes, o Arinos e o Tapajoz viram mais as da expedição do conde de Langsdorf, que os estudou scientificamente, em 1827, e a do geographo William Chandless, realizada em 1861. Mas os elementos colhidos pela primeira nunca foram publicados, e os da segunda, comquanto constituissem a essencia de todos os conhecimentos que até agora possuiamos sobre esses rios, não comprehendiam a totalidade do curso do Arinos, nem

davam a sua planta topographica regular, e muito menos o seu nivelamento.

Por ser necessario fazer desapparecer da geographia da nossa Patria tão consideravel lacuna, encarreguei o tenente Julio Caetano Horta Barbosa, em 1914, de organizar uma turma expedicionaria, com a qual deveria seguir de Cuyabá para as cabeceiras do Arinos e descer esse rio, explorando-o cuidadosamente, de modo a nos dar, do seu curso total, uma descripção completa e rigorosa.

Organizada a turma com 14 trabalhadores, um medico, o Dr. João Meira, e um naturalista, o Sr. João Geraldo Kuhlmann, partio o tenente Julio Caetano da capital de Matto Grosso, no dia 17 de Outubro do anno passado, em direcção a Brotas, Guia e Rosario, que estão, como se sabe, no valle do rio Cuyabá, a oriente da serra do Tombador.

Depois de Rosario, e antes de Diamantino, a Linha Telegraphica, que os expedicionarios vinham percorrendo, atravessa a cabeceira do Ribeirão da Serragem, tributario da margem direita do Cuyabá: foi da ponte dessa travessia que o tenente Julio Caetano começou os estudos de que estava encarregado e cuja primeira parte consistia no reconhecimento das cabeceiras deste rio.

Depois de passados o Quiebó e o Cuyabasinho, seus affluentes da margem direita, os expedicionarios cruzaram os dois principaes formadores do Cuyabá, respectivamente denominados Cuyabá da Larga e Cuyabá do Bonito, cujo ponto de confluencia dista 196.600 metros da ponte do Ribeirão da Serragem. As cabeceiras destes dois formadores contravertem : as do primeiro, com os rios Genipapeiro e Piallas, contribuinte do Telles Pires, e as do segundo, com as do Beija-Flor, affluente do mesmo Telles Pires, e com as do rio Novo, ramo principal do Arinos.

Do valle do Cuyabá do Bonito, passou o tenente Julio Caetano para o do rio Telles Pires, no qual percorreu a polygonal determinada pelas cabeceiras denominadas Corrego Fundo, Chapadão, Beija-Flor, Mutum, Verde e outras, chegando, finalmente, no dia 9 de Novembro, á varzea de onde promana o Rio Novo.

Photo. Com. Rondon

Conferencias

1.º Tenente Julio Caetano Horta Barbosa

Chefe da turma de exploração e levantamento topographico do rio Ikê e da turma de levantamento geographico do rio Arinos

Proseguindo os estudos, ainda por terra, o tenente Julio Caetano alcançou o ponto de confluencia desse rio com o galho que vem, desde a nascente, com o nome de Arinos, e ahi procedendo ás necessarias medidas, achou, para este, a largura de trinta metros e a descarga, por segundo, de 3.938 litros; e para o primeiro a largura de 28 metros e a descarga de 30.744 litros.

A consideravel superioridade deste ultimo volume, combinada com a maior extensão e a direcção do curso, que prolonga a do rio tronco, dão ao Rio Novo os caracteristicos necessarios para ser elle considerado, não um simples affluente do outro galho, mas sim a parte superior do collector geral desta bacia. Contra os citados elementos, decisivos na escolha do ramo principal de um rio, não póde prevalecer a consideração anthropo-geographica, de terem os moradores do logar o costume de apontar o outro galho como sendo o preponderante, e torna-se, portanto, necessario fazer nos livros e nos mappas a rectificação agora indicada por estes dados.

Da ponte do ribeirão da Serragem, até a confluencia dos dois ramos do Arinos, accusou o levantamento topographico o percurso de 447.860 metros. Ahi se iniciou a exploração por via fluvial, que se continuou até a entrada no Juruena.

Do conjunto dos trabalhos executados, resultou ficar conhecida, não só a extensão do Arinos, que é de 828.364 metros, como tambem todos os seus affluentes de ambas as margens, as suas cachoeiras e corredeiras, o nivelamento barometrico de seu leito, as coordenadas geographicas, deduzidas de observações astronomicas, de cinco pontos notaveis do seu curso, a constituição da sua flora e a do seu solo, estudado, este ultimo, pelo Dr. Euzebio de Oliveira, sobre as amostras de rochas trazidas a esta capital, pelo tenente Julio Caetano.

Dos affluentes assignalados mencionarei os seguintes, por serem os mais importantes.

Pela margem direita: o Ribeirão Prata; o Rio dos Patos, cuja largura, na foz, é de 23 metros e meio, descarregando o volume de 2.686 litros, por segundo; o Marapo, ou S. Cosme, com a largura de 30 metros, o volume de 30.137 litros, e em

cuja foz o tenente Julio Caetano registou os ultimos vestigios recentes, que vinha encontrando desde as cabeceiras, da presença de indios, provavelmente os bacahiris; o Tapanhuninha, com a largura de 18 metros e o volume de 12.600 litros; o Pary, ou S. Miguel, tendo 27 metros e meio de boca, e despejando 32.503 litros; o Peixes, ou, como dizem os Apiacás, o Itamiamy, de 110 metros de largo, com o volume de 249.043 litros; e, finalmente, um ribeirão, a que o tenente Julio Caetano deu o nome de Apiacás, a jusante da cachoeira denominada, por Antonio Thomé, das Tres Irmãs, por ser, consoante o seu dizer, "dividida em tres cordões interpollados".

Pela margem esquerda, o Arinos recebe: o Rio Preto, cuja foz mede 20 metros de largura, e cuja descarga é de 8.033 litros por segundo: a Linha Telegraphica passa rente á cabeceira formadora desse rio; o Sumidouro, do qual o tenente Julio Caetano subio e levantou um trecho de 36.854 metros, e medio a foz e o volume, achando, para a primeira, a largura de 55 metros, e, para o segundo, o valor de 213.554 litros: a cabeceira desse rio é cortada pela Linha Telegraphica, depois da estação de Parecis, num ponto em que ella já se apresenta com a largura de dez metros; o Rio dos Parecis, com 37 metros de boca; o Tapanhuna, com a largura de 37 metros e o volume de 78.742 litros; e, finalmente, o Sararé, cuja foz se encontra logo depois da ultima e maior cachoeira do Arinos, chamada, por Antonio Thomé, de Recife Grande.

Iniciada em 29 de novembro, a navegação de estudo do Arinos só terminou no dia 29 de dezembro, data em que a expedição do tenente Julio Caetano entrou no Juruena e começou a descel-o, arrostando com as fadigas e os perigos do trecho encachoeirado, que, praticamente, impossibilita o aproveitamento deste rio, para cima do Tapajoz, como via de communicação. Para dar um exemplo da natureza destes obstaculos, citarei, sem escolha, a seguinte passagem do relatorio do tenente Julio Caetano, referente a um delles:

"No dia 3 andámos regularmente até ás 12 horas; depois entrámos por travessões e corredeiras que ficam acima da cachoeira de São João da Barra. A' 1 hora e 25 minutos

Photo. Com. Rondon *Conferencias*

1.º Tenente Octavio Felix Ferreira da Silva

Chefe da turma de levantamento topographico do rio Jamary

da tarde estavamos a 1.471 metros do porto em que deviamos pousar, na testa da cachoeira: no emtanto, só ás 6 horas da tarde alli chegámos!

"E' um trecho, esse, perigosissimo, no ponto dagua em que o rio estava. As aguas corriam vertiginosamente e, muito agitadas, formavam forte banzeiro. Tivemos de passar, primeiro, agarrados ás pedras, que formam forte escarpa na margem esquerda, depois, seguros a cabo sustentado por um homem, que ia pulando de pedra em pedra, emquanto outro, com a zinga, escorava as canôas, para não baterem nas pedras ao impulso das aguas. Depois, já isto não era possivel, e então, de dentro das canôas, emquanto uns, com ganchos, procuravam qualquer saliencia das pedras escorregadias, para os prender, e não deixar as canôas precipitarem-se pela corrente abaixo, outros, com as zingas, evitavam que fossem de encontro ás pedras.

"Depois de muitos sustos e de muito trabalho, conseguimos, emfim, chegar ao logar em que deviamos parar, afim de transportar as cargas por terra, para baixo das cachoeiras, o que fizemos, tendo antes amarrado as canôas vasias pela prôa e pela pôpa, com cabos bem curtos. O serviço só ficou concluido depois das 8 horas da noite, debaixo de chuva, pois a carga teve de ser levada por sobre um barranco de cerca de dez metros de altura, e de difficil accesso.

"No dia seguinte verificámos que os cabos, que prendiam os batelões, se tinham partido durante a noite. Felizmente, destas embarcações, uma foi encontrada abaixo da cachoeira, em um grande remanso, e a outra já não nos fazia falta, porque o consumo dos generos muito havia diminuido a nossa bagagem."

Citaremos ainda a seguinte passagem do mesmo relatorio:

"Em seguida á cachoeira de Santa Iria, está a de Santa Ursula, mais perigosa ainda do que as antecedentes, e onde ha o canal do Inferno.

"O rio passa em uma garganta, e, abaixo, em uma curva apertada entre rochas de 7 a 10 metros de altura, as aguas batem nas pedras das margens e formam grandes remoi-

nhos, os quaes correm uns atrás dos outros, e em toda a largura do rio se desmancham continuamente, com estrondo, deixando á superficie o tom esbranquiçado das aguas revoltas. E' ahi a cachoeira da Misericordia, formada por enormes e perigosos rebojos e corredeiras.

"As margens são formadas de altos penedos, que deixam apenas o vão de 90 metros para a passagem de todo aquelle volume dagua que, acima do salto Augusto, se extende, em média, por mais de um kilometro de largura!"

Vencendo todas as difficuldades da navegação em aguas tão revoltadas, chegaram os expedicionarios no dia 18 de Janeiro do corrente anno, á Collectoria de Rendas do Estado de Matto Grosso, logo abaixo da barra do rio Telles Pires.

Dahi o Tenente Julio Caetano, com cinco homens da sua expedição, dirigiu-se ao porto do Airy Velho, no Tapajoz, afim de reconhecer e levantar um varadouro para o rio Sucundury. Eis os termos em que o proprio official se refere ao objectivo de tal projecto e ao resultado dos seus estudos:

"Alguns moradores do Tapajoz desejavam muito abrir, por esse varadouro, uma estrada para automoveis, afim de se livrarem das grandes cachoeiras do médio Tapajoz. Semelhante estrada traria enorme vantagem aos industriaes de S. Manoel e do alto Tapajoz; mas só conviria si não fosse muito dispendiosa, si sahisse abaixo de todas as cachoeiras do Sucundury, e si até esse ponto este rio fosse franco á navegação durante todo anno. Nada disso, porém, acontece.

"O terreno, muito accidentado, cheio de corregos e alagadiços, encareceria de mais a construcção da estrada projectada, e, além disso, a barra do Merity fica acima das ultimas cachoeiras do Sucundury, que por sua vez não dá navegação em todas as épocas do anno, senão a montarias. E, principalmente agora, que a navegação do Tapajoz está sendo feita a motores de gazolina, com grande economia de tempo, parece ser mais vantajoso e mais economico adaptar ao trafego de automoveis a estrada carroçavel já existente entre Pimental e Bella Vista na extensão de 17.700 metros, ou á construcção de uma estrada de ferro de bitola estreita nes-

se trecho, unico que não póde ser transposto por aquellas embarcações."

O estudo e levantamento do varadouro em questão, que não poude ser realizado, em 1911, por um explorador europeu, cujo nome tem sido por vezes citado nos jornaes desta capital, foi facilmente executado pelo Tenente Julio Caetano, no espaço de 12 dias. Comprehendeu esse trabalho 67.200 metros, divididos em duas secções: a primeira, de 49.700 metros, extende-se do porto do Airy-Velho ao igarapé Mirity, cuja foz deu a largura de 15 metros e o volume de 1.610 litros; e a segunda, de 17.500 metros, liga o mencionado igarapé ao rio Sucundury.

Depois deste serviço, os expedicionarios do Arinos continuaram a descer o Tapajoz até o Porto de S. Luiz, onde chegaram a 15 de Fevereiro; e dahi seguiram para a cidade de Santarém, embarcados em navio a vapor, da navegação regular da linha Amazonas-Tapajoz.

Considerados em conjunto, os trabalhos realizados pelo Tenente Julio Caetano, nesta expedição, comprehenderam, só de levantamento topographico, a extensão de 2.129 kilometros 953 metros, dos quaes uma parte, no valor de pouco mais de 514 km., foi de caminhamento terrestre, e todo o excedente por via fluvial. Tão consideravel esforço terminou no prazo de quatro mezes, a contar do dia da partida da capital de Matto Grosso, e com tanta felicidade que não custou a vida nem a saude de um unico homem.

Com a conclusão destes trabalhos, poz a Commissão de Linhas Telegraphicas o ultimo remate á obra que iniciara em 1907, de descobrir e estudar o rio Juruena e toda a bacia hydrographica delle dependente.

Considerada, porém, do ponto de vista geographico, essa obra apresentava-se-nos carecedora de um complemento importante. De facto, o rio a que damos o nome de Juruena é o mesmo que, depois de receber a contribuição do Telles Pires, continúa a descer para o Amazonas com a denominação de Tapajoz. Um é a continuação do outro; e com certeza a diversidade dos nomes resultou apenas do facto dos descobri-

dores portugueses terem chegado a essa grande arteria fluvial pela parte inferior e pela superior do seu curso. Os que, vindos do Amazonas, encontraram pela primeira vez a sua foz, naturalmente o designaram pelo nome que lhe davam as tribus indigenas das margens do Rio-Mar; outros, porém, tiveram que se guiar pelas informações dos habitantes do alto sertão, de onde elle promana, e dos quaes, provavelmente, recebeu nova denominação.

Mas, qualquer que seja a origem e a razão desta duplicidade de nomes, e certo é que o curso Juruena-Tapajoz forma uma só entidade geographica, continua e inseparavel, tanto do ponto de vista hydrographico, como do geologico e do botanico.

A descripção de um, portanto, nunca deve ser considerada completa, se não comprehender a do outro. Haviamos, com effeito, terminado a do primeiro; mas não consideravamos que pudessemos dar por inteiramente acabada a nossa obra, emquanto nos faltassem elementos essenciaes a respeito do segundo.

De mais, ainda que se quizesse vêr no Juruena um simples formador do Tapajoz, sem mais titulos do que os do antigo S. Manoel, é claro que o estudo deste deveria acompanhar o daquelle, como complementar necessario do quadro que se desejava construir.

Assentada, pois, a necessidade de se proceder á exploração e ao levantamento regular do rio Telles Pires, em Fevereiro proximo passado, o tenente Antonio Pyrineus de Souza partio de Tapirapoan á testa de uma columna expediconaria, composta de seis homens, de um medico, o Dr. Alberto Moore, e de um naturalista, o Sr. Antenor Pires. Tomando o rumo da estação telegraphica de Affonsos, do ramal da Barra dos Bugres, a expedição subio para o chapadão dos Parecis, passou pelo logar denominado Arroz Sem Sal, a que alludi em minha primeira conferencia de 1911, e dahi attingio o ribeirão do Estivado, affluente directo da margem esquerda do

Arinos, affluente este que é cortado pela Linha Telegraphica de Cuyabá ao Madeira.

Do Estivado, continuou o tenente Pyrineus pela divisoria das aguas do Arinos e do Cuyabá, ligando o seu caminhamento ao do tenente Julio Caetano; e tendo attingido as cabeceiras do rio Novo, dahi se passou, através de um chapadão de terra preta, coberta de cerrado alto e sujo, ás cabeceiras do Rio Verde, distante dois kilometros da precedente, e já da bacia hydrographica do rio Telles Pires.

Dahi começaram os estudos a que se destinava a expedição do tenente Pyrineus.

O rio Telles Pires, para o qual o levantamento topographico accusou a extensão total de 1.386 km., desde as ultimas cabeceiras do principal dos seus formadores, até o ponto de confluencia com o Juruena, resulta da reunião de dois braços: o mais importante e o mais septentrional nasce na Serra do Azul, com o nome de Paranatinga, que conserva durante o percurso de 124 km., ao fim do qual chega com a largura de 34 metros, a profundidade maxima de 5 metros e meio, e o volume de 72 metros cubicos, despejados em cada segundo de tempo. Ahi, elle encontra, ou antes, recebe o outro galho, a que proponho conservar-se a antiga denominação de S. Manoel, retirada do tronco, ao qual se applicará o nome do malogrado capitão Telles Pires.

Na verdade, o S. Manoel nada mais é do que um affluente, pela esquerda, do Paranatinga: o seu curso mede apenas 74 k. de extensão; a sua largura, na foz, é de 25 metros; a profundidade maxima, de tres metros e meio, e a descarga de 42 metros cubicos.

O Rio Verde, a cujas cabeceiras o tenente Pyrineus chegou depois que partiu das do Novo, é um tributario da margem esquerda do Telles Pires. Dalli os expedicionarios seguiram para a confluencia do S. Manoel com o Paranatinga, que subiram em pirogas de casca de jatobá, obtidas numa aldeia de indios Bacahiris, estabelecida no porto de que se serviram von den Stein e o Coronel Paula Castro, para atravessar o mencionado rio, em demanda do Xingú.

Assim auxiliado pelos indios, poude o tenente Pyrineus

remontar ás ultimas cabeceiras do Paranatinga, em logar que os sertanejos deste rio evitam frequentar, com medo de se encontrarem com os Caiapós, que elles suppoem alli morar e de que muito se arreceiam.

Descendo, depois, dessas cabeceiras até a foz, foi o tenente Pyrineus assignalando todos os accidentes notaveis do rio Telles Pires e procedendo aos trabalhos necessarios para o posterior traçado da sua carta topographica, a descripção da sua fauna, das suas florestas e do seu solo.

O numero de affluentes registados e medidos em todo o percurso, subio a vinte e cinco, dos quaes muitos ainda não tinham denominação alguma. Desses, os mais importantes são: pela margem direita o rio Caiapó, com o volume de 62 metros cubicos e a largura de 30 metros; o Celeste, distante 571 km. da cabeceira do Paranatinga, com a largura de 33 metros e o mesmo numero de unidades volumetricas, para medida da descarga; o Peixoto de Azevedo, cujo nome foi dado pelo tenente Pyrineus, em homenagem á memoria do primeiro explorador do antigo S. Manoel, com a largura de 42 metros e a descarga de 17 metros cubicos: é um rio de aguas escuras e paradas; o Crystallino, tambem pela primeira vez denominado, com a largura de 55 metros e a descarga de 154 metros cubicos: dista 1.019 km. da cabeceira do Paranatinga; o S. Benedicto, com a largura de 102 metros e o volume de 103; o Corurú, com 75 metros de boca e o volume de 89. — Pela margem esquerda: o Rio Verde, distante 565 km. da cabeceira do Paranatinga, com 90 metros de boca e 202 metros cubicos de descarga: é o maior de todos os contribuintes do Telles Pires.

Quanto a cachoeiras, o tenente Pyrineus assignalou e descreveu 45, das quaes 13 existem no rio Paranatinga; e quanto aos saltos, o seu numero não vae além de tres.

O primeiro, chamado Maggessi, fica a 339 km. da cabeceira principal, e forma-se de tres quedas successivas, dando um desnivelamento total de $13^{m},5$. Abaixo delle, á margem esquerda, existe uma gruta, que o tenente Pyrineus visitou, descobrindo então o nome Telles e a data 1889, ambos gravados numa pedra.

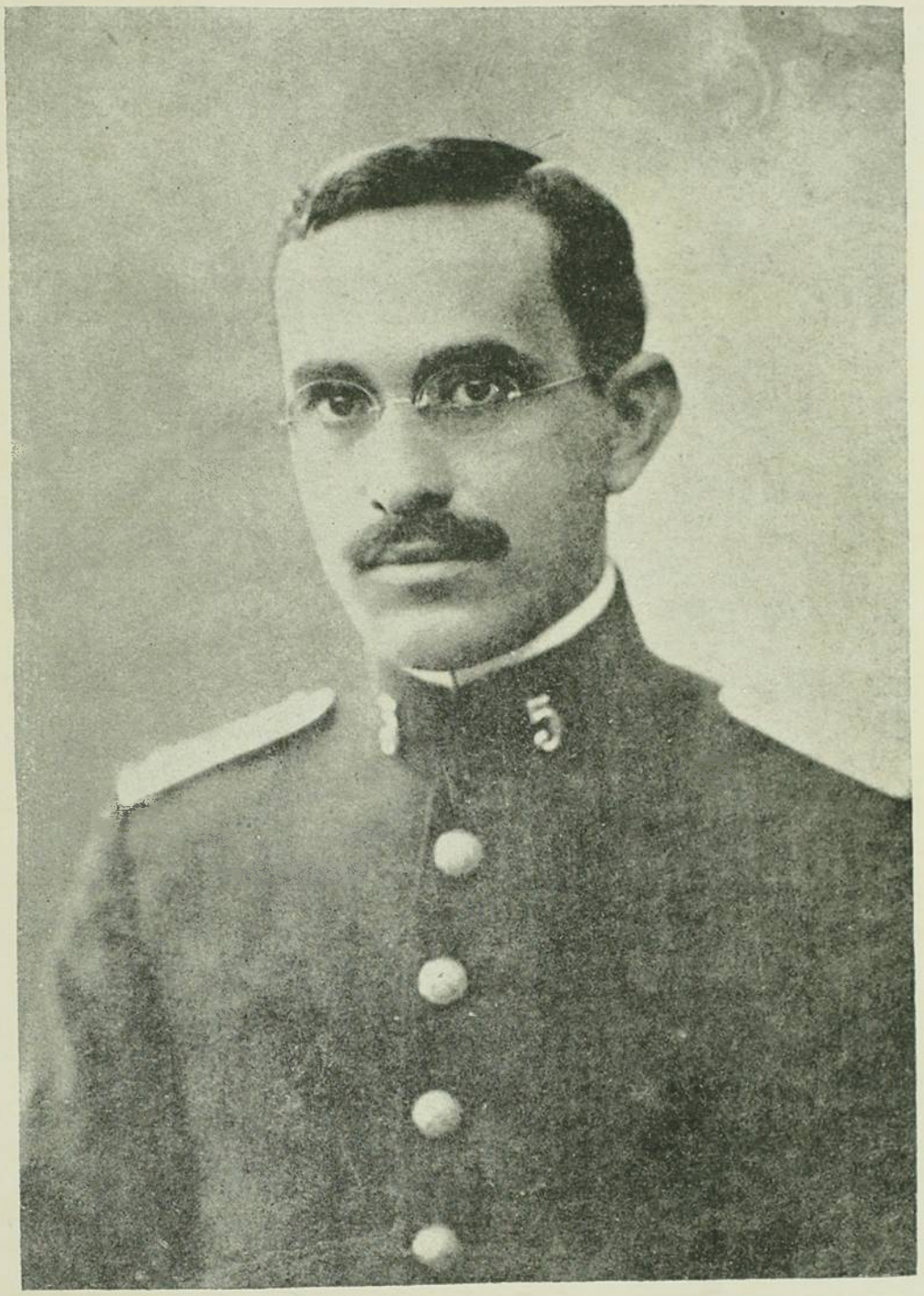


Photo. Com. Rondon

Conferencias

1.º Tenente Antonio Pyrineus de Souza

Chefe das turmas de exploração e lev. exped. do rio Jarú (affl. do Gy) do lev. topogr. dos rios Paranatinga e Telles Pires (antigo S. Manoel)

Antes do salto, a largura do rio é de 102 metros, e a sua profundidade, quasi de seis e meio; mas, depois, essas dimensões sobem, respectivamente, aos valores de 150 e de 17 metros, sendo que esta altura da columna liquida foi assignalada num dos dois poços que alli se formam: nelle o tenente Pyrineus pescou uma pirahyba, cujo comprimento era de um metro e noventa centimetros.

Onze kilometros depois de passadas as Sete Quedas, a expedição do tenente Pyrineus encontrou o terceiro e ultimo salto do rio que estava explorando. E' o antigo salto Tavares, de 12 degraus successivos, que se extendem por quatro kilometros, formando o unico obstaculo serio á navegação: mas não a torna impossivel.

Este é o salto em que, a 3 de Maio de 1890, naufragou e pereceu o inditoso capitão Antonio Lourenço Telles Pires, cuja expedição ahi perdeu todos os recursos de que dispunha, a ponto de se tornar impossivel ao então tenente Oscar de Miranda, ajudante e dedicado companheiro daquelle chefe, proseguir a viagem e sahir no Tapajoz. Ainda perdura bem viva a lembrança daquella dolorosa catastrophe e do martyrio por que então passaram os sobreviventes, atirados á margem do rio, sem meios de agir, por falta de ferramentas, que se haviam perdido, e por terem as forças esgotadas pelas febres e pelos horrores da fome. Lembramo-nos, igualmente, de que só á diligente solicitude de outro official do Exercito, amigo e companheiro dos já nomeados, o actual general reformado Ximeno Villeroy, devemos o ter-nos sido poupado o accrescimo de maguas de que estivemos ameaçados e de que elle nos salvou, enviando de Manaus, onde assumira a direcção do Estado como representante do Governo Provisorio da Republica recem-proclamada na nossa Patria, uma expedição de soccorro que, subindo o Tapajoz e o antigo S. Manoel, conseguio chegar a tempo de arrebatar á morte os poucos membrs da mallograda expedição que ainda sobreviviam.

A 769 km. abaixo desse, o rio Telles Pires dá novo salto, conhecido desde o tempo da viagem de exploração do tenente de milicias Peixoto de Azevedo, pelo nome de Sete Quedas:

as canôas podem facilmente transpol-o, pois que elle não offerece difficuldades á navegação.

Se o appello que vos dirigi, a vós, Sr. Presidente da Sociedade de Geographia, e aos vossos dignos co-associados, no sentido de acceitardes como vossa e a recommendardes aos geographos da nossa Patria, a lembrança de prestarmos uma homenagem á memoria do saudoso capitão Telles Pires, merecer a vossa acolhida, este salto se honrará daqui por deante de ser designado pelo nome illustre de Oscar de Miranda.

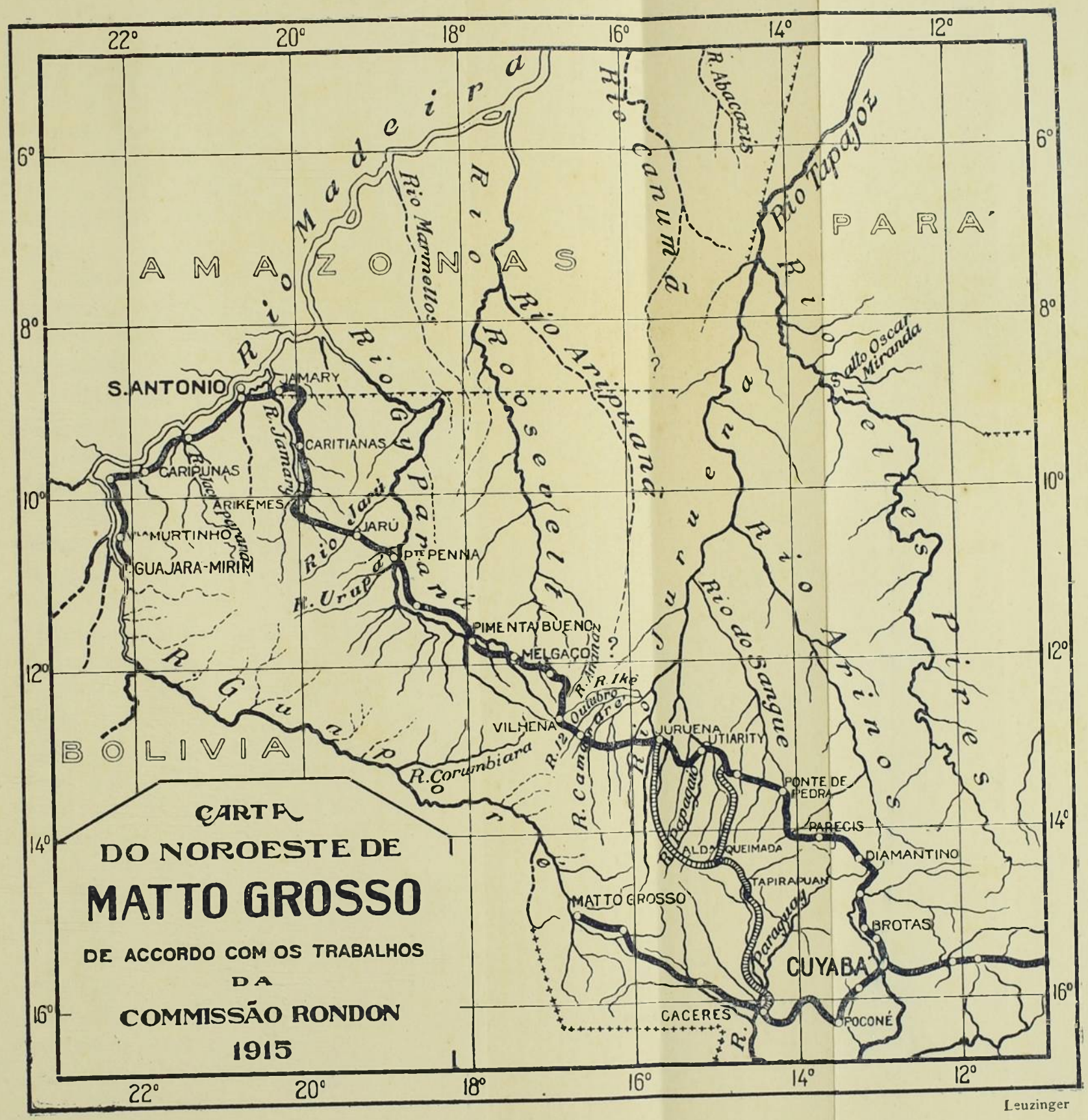
Deixando de mencionar muitas outras informações de valor geographico, colhidas pela expedição do tenente Pyrineus, porque para tanto não chegaria o espaço de que disponho, farei uma rapida allusão ás tribus indigenas encontradas no rio Telles Pires.

Citarei primeiro os Cayabis, apesar desta primazia não lhes caber na ordem chronologica em que se deu o encontro. Só depois de passada a foz do Rio Verde, e antes do salto das Sete Quedas, na cachoeira do Coatá, foi que se vio a primeira aldeia desses selvicolas, mas dahi para baixo assignalaram-se mais cinco.

O tenente Pyrineus informa serem os Cayabis indios fortes, de estatura regular, bons canoeiros e grandes plantadores de roça de milho, de amendoim, de mandioca, de batatas e de outros vegetaes uteis, como o algodão.

Tanto os homens como as mulheres não usam roupa alguma; tecem o algodão para fabricar as rêdes em que dormem, e faixas, umas estreitas e curtas, para a cintura, e outras mais largas e compridas, para as mulheres carregarem as crianças, o que fazem á moda nhambiquara. Furam as orelhas e dependuram-lhes brincos muito interessantes. Deixam crescer o cabello da cabeça e usam amarral-o á nuca; as mulheres arrancam o pello do corpo. Offereciam os productos das suas roças em troca de machados (*apinacó*), de facões (*apinim*), de roupas e, principalmente, de chapeus.

Têm muito medo de armas de fogo, mas talvez ainda maior receio de serem envenenados: com certeza para prevenir esse perigo, regeitavam todas as comidas que lhes eram offerecidas pelos expedicionarios, pretextando sempre acha-



Leuzinger

Reproducção do schema projectado durante as conferencias do Coronel Rondon e onde se vê o traçado da linha telegraphica, a estrada de automoveis e os principaes rios descobertos ou explorados.

rem-se soffrendo dos dentes, apesar de os terem magnificos.

" A principio, diz o tenente Pyrineus, os Cayabis recebe-
"ram-me bem; mas, quando se acabaram os machados e fa-
"cões, começaram a atacar-me nas cachoeiras e noutros loga-
"res de passagem difficil. Bastava, porém, fazer disparar as
"espingardas, para que elles corressem e nos deixassem em
"paz.

"Depois das cachoeiras tentaram um ataque nocturno
"contra o nosso bivaque, provavelmente a pau; evitei-o,
"porém, transportando-me, á noite, com todo o meu pessoal e
"bagagens, para a outra margem do rio.

"Tive quatro assaltos, de que me desviava com pruden-
"cia, para não lhes causar mal; e procurava fazel-os compre-
"hender que voltaria, trazendo-lhes muitos *apinacós* e *api-*
"*nins*.

"Na noite em que mudei de acampamento, passando de
"uma para outra margem, sem que o percebessem, evitei a
"luta que um dos seus chefes queria provocar, entrando nagua
"com arco e flechas, e ameaçando-nos em altas vozes: em-
"quanto elle se entregava a esta louca bravata, do interior das
"matas de ambas as margens elevavam-se os gritos de guerra
"de muitos outros homens, que não viamos. Chegados á mar-
"gem opposta, amarrámos as canôas e ficámos embarcados,
"esperando os acontecimentos. Pela madrugada, percebemos
"que penetravam no acampamento abandonado e o batiam
"em todos os sentidos, soltando brados, que talvez mais ser-
"vissem para elles mesmos se animarem, do que para ame-
"drontar o adversario.

"Com certeza não tiveram pequeno desapontamento quan-
do viram o logro que lhes haviamos passado."

Taes são os episodios occorridos entre os indios Cayabis ou Cajabis, e a expedição do tenente Pyrineus. Antes, porém, este official havia estado em aldeias dos Bacairis, dos quaes nos dá as seguintes informações:

"Abaixo das barras do S. Manoel e do Caiapó, encontrei os indios Bacairis, que ahi vivem em tres malócas: uma do velho capitão Antonino, que servio de guia á expedição allemã, para alcançar as cabeceiras do Xingú; outra do capitão

Karutú, vindo ha dois annos deste ultimo rio, acompanhado de grande numero de indios, que morreram quasi todos de "*defluxo*" e de "*feitiço*", ao chegarem ao Telles Pires; e, finalmente, a terceira, do capitão José Coroado, filho da celebre india Rosa, que morreu em Janeiro de 1913, nessa mesma aldeia.

"Os Bacairis, accrescenta o tenente Pyrineus, são meio civilizados, e muito soffrem dos seringueiros que exploram o seu trabalho na extracção da seringa, na criação de gado e nas plantações de roças.

"Constantemente, emprehendem viagens ao Xingú, para o fim de visitar as aldeias da sua nação, lá existentes.

"No Telles Pires, o numero delles é pequeno e tende a desapparecer, em consequencia da escravização a que estão reduzidos pelos seringueiros e demais moradores do rio, que os vão explorando e viciando."

Destas informações, todas igualmente interessantes, uma ha que precisa de especial menção: é a que se refere á india Rosa Borôro.

A uma penna feminina, a da esposa do General Mello Rego, devemos o não se ter perdido a memoria do grande serviço prestado por aquella humilde mulher á sua nação de origem, e tambem a grande parte da população da antiga Provincia de Matto Grosso, incluida a das immediações de Cuyabá.

Havia muitos annos que a tribu dos Borôros do rio São Lourenço vivia em guerra aberta contra os civilizados, aos quaes hostilizava com formidaveis assaltos no interior das suas casas e estabelecimentos, matando a muitos, desorganizando o trafego pelos rios e pelas estradas, e o trabalho em numerosas e importantes fazendas de criação, onde praticava as maiores depredações.

Para tão grande mal, não encontraram os presidentes da Provincia outro remedio, senão o de organizarem a guerra de represalia, visando o exterminio dos selvicolas. A direcção das formidaveis batidas, que então se iniciaram, foi entregue ao Tenente Duarte, homem bravo e decidido, mas incapaz de, por si mesmo, libertar-se da illusoria fascinação que nasce da idéa de ser absoluto o valor da força physica, para aplainar

as desordens que surgem entre agrupamentos humanos, como resultados da differença de civilizações, de preconceitos de raças, do exaltamento das paixões, em summa: que nascem deste estado d'alma que conduzia a antiguidade a confundir estrangeiro e inimigo num unico appellativo.

Póde-se, pois, imaginar que ponto de crueldade attingiram, dentro em pouco, as hostilidades entre os Borôros e o contingente commandado pelo Tenente Duarte.

Ia a guerra assim accesa, e de dia para dia mais se incrementava e recrudescia, quando appareceu, entre as indias que haviam sido trazidas prizioneiras para Cuyabá e ahi viviam em mal disfarçada escravidão, uma quasi menina, que se offerecia, primeiro, e depois pedia instantemente, para lhe permittirem que acompanhasse a columna do Tenente Duarte numa das batidas contra as aldeias da sua gente. Promettia ella fazer cessar a guerra, salvar o resto da nação perseguida e restituir a calma á população de Cuyabá e de toda a região assolada pelas correrias dos guerreiros do Rio S. Lourenço.

Acolhida, a principio, com descaso, e em seguida com desconfiança, a moça borôro soube, no emtanto, perserverar com tanto enthusiasmo e fervor no seu projecto, que afinal conseguio vencer a indifferença geral, e mais do que isso, o orgulho dos que se consideravam tão desmedidamente superiores a ella que difficil lhes era admittir a possibilidade de terem de modificar e de abandonar os seus planos e combinações, para adoptar os de uma misera escrava selvicola.

Numa das suas costumadas expedições, o Tenente Duarte levou a moça borôro. Chegados a certo ponto do rio S. Lourenço, ella, despojando-se das suas roupas da cidade, internou-se na floresta, e ao fim do numero de dias préviamente combinado com o commandante do destacamento, regressava ao lugar em que este a esperava, trazendo em sua companhia o Paguê-megêra, ou chefe da tribu Borôro, que vinha por ella convencido a tratar pazes e amizade com os civilizados, representados na pessoa do mesmo homem que, até alli, os perseguia com inauditas atrocidades.

Depois deste acto memoravel, nunca mais se interrompe-

ram as relações pacificas daquella nação com os civilizados, e são já bastante valiosos os serviços que ella nos tem prestado nos pantanaes do Paraguay. Entre outros, lembrarei o que eu mesmo recebi, quando me achei encarregado da construcção da rêde telegraphica do sul de Matto Grosso: durante um anno inteiro, todos os trabalhos foram realizados por esses indios, que, em numero superior a 500, estiveram incessantemente ás minhas ordens.

A moça borôro a quem devemos tão bella pagina da chronica do nosso Paiz, repassada do mesmo perfume de ternura e de bondade que se exhala das que recontam a historia sem par da admiravel Marina, foi essa Rosa, de quem o Tenente Pyrineus encontrou no Rio Telles Pires o filho, que lhe deu o auxilio da sua pessoa e da sua gente, para o levar ás mais altas cabeceiras do Paranatinga.

Pela informação do Tenente Pyrineus, Rosa Borôro falleceu em Janeiro deste anno, na aldeia bacairi de que o seu filho é chefe. A sua memoria, porém, vive ainda nos corações daquelles que conhecem a sua curta, mas tocante historia; e certamente viverá emquanto houver coração de brasileiro para vibrar de amor e de gratidão, ao evocar-se a imagem de quem quer que seja, grande ou pequeno, que tenha dado lugar, pelos seus actos, pelas suas palavras e pelos seus sentimentos, a inscrever-se nas paginas da historia da nossa Patria mais um traço que contribua para se realizar o voto do grande poeta maranhense, quando disse:

Vejo um povo de heróes!

Sr. Presidente da Sociedade de Geographia:

Eu vos havia promettido, bem como aos vossos illustres consocios, os dados que me pareciam necessarios para julgardes, pelo seu verdadeiro valor, a natureza e o alcance dos serviços directamente a mim attribuiveis na realização da obra levada a termo pela Commissão de Linhas Telegraphicas de Matto Grosso ao Amazonas.

Dou agora por terminada e cumprida a minha promessa, embora ainda me falte referir muitos trabalhos de alta importancia technica, executados por distinctos auxiliares meus,

e que decisivamente concorreram para dar áquella obra o cunho de rigor scientifico de que ella se reveste. Assim, por exemplo, deixei de descrever o serviço astronomico montado em Cuyabá pelo Capitão Renato Barboza Rodrigues Pereira, em correspondencia directa com o Observatorio do Rio de Janeiro, para a determinação rigorosa das coordenadas geographias dos pontos principaes do territorio de Matto Grosso. Teria, a respeito dessa materia, de me referir aos processos e aos resultados já obtidos na linha de Éste, com o amavel e competente concurso dos Drs. Henrique Morize e Domingos Costa, director e assistente do nosso Observatorio Nacional.

Mas, apesar de tão graves lacunas, a exposição que aqui vos offereço e de cujo benevolo e honroso acolhimento eu me declaro eternamente penhorado ás Exmas. Senhoras e distinctos cavalheiros deste selecto auditorio, bem como a vós, Sr. Presidente da Sociedade de Geographia, é sufficiente para demonstrar, até a evidencia, que não a mim, mas sim aos brasileiros, representados pelos governos de quatro presidencias successivas da Republica, pelos officiaes e praças do nosso valoroso Exercito, e pelos humildes, mas esforçados, diligentes e soffredores sertanejos que constituem as fundações da nossa nacionalidade, se devem dirigir as homenagens dos vossos agradecimentos e da vossa admiração pelos gigantescos trabalhos realizados nos sertões da nossa Patria.

A mim nada mais cabe do que a satisfação de me ufanar de ser filho de tal Patria e de ver o meu nome associado aos de outros filhos seus que tão devotadamente a souberam amar e servir.

Mas se, persistindo na amistosa violencia da vossa inesgotavel boa vontade, insistirdes em querer transformar em merito pessoal o meu jubilo de ter cooperado para tão alevantada obra da nossa nacionalidade, serei forçado a abrir-vos o meu coração e a minha alma, para vos mostrar o motor real de todos os meus sentimentos e de todas as minhas forças; a fonte de onde promanam as inspirações e a energia da minha vida; a heroina que se votou a todas as abnegações, a

todas as agruras das saudades de longas e reiteradas ausencias, a todas as angustias de medir pelo pensamento as privações e as temerosas ameaças a que me vou offerecendo, ha mais de 25 annos seguidos, neste viver de eterno exilado dentro da propria Patria; em summa, para vos patentear, como já o tereis comprehendido, vós todos

ch'avette infelletto d'amore,

que os esforços que me attribuis, não me pertencem, mas sim á minha nobilissima Esposa, a cujos pés deponho, por lhe serem devidos, os applausos e as flores com que me cumulais na vossa illimitada generosidade de homens nascidos nesta bellissima terra, mãi caroavel de infinitas graças!

Photo. Com. Rondon

Conferencias

Um bivaque do serviço de pique, durante o tempo da sêca

INDICE

INDICE

Prefacio

NOTICIA DO "JORNAL DO COMMERCIO" DO RIO DE JANEIRO SOBRE A 1ª CONFERENCIA DO CORONEL RONDON.... I

Discurso do General Thaumaturgo de Azevedo, Presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. II

Discurso do Dr. Sebastião Sampaio, orador official da mesmo Sociedade..... IV

Discurso do 1° Tenente Engenheiro Alfredo Severo dos Santos Pereira..... VI

Texto

SYNTHESE DAS CONFERENCIAS..... 1

Primeira conferencia:

Introducção. 7
A Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon..... 15

Segunda conferencia:

I — O rio da Duvida..... 51
II — Sua exploração. 62
III — Encontro com a turma auxiliar..... 106

Terceira conferencia:

I — Resumo dos trabalhos da Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas..... 126
II — Resumo dos reconhecimentos geographicos 172

Photogravuras

Um acampamento da construcção..... XVII
Coronel Candido Mariano da Silva Rondon..... 5
Um aspecto original dos sertões de Matto Grosso..... 13
Cipó escada nas matas do rio Camararé..... 25
Partida de uma turma de levantamento topographico do rio Paraguay..... 79
Jogo originario dos indios Parecis, appellidado "head-ball" pelo Coronel Roosevelt..... 133
A derrubada na mata para abertura do picadão da linha telegraphica..... 157
O pequeno Parriba, indio da tribu dos Arikemes, habitantes do Alto Jamary..... 164
Capitão de Engenharia Amilcar Armando Botelho de Magalhães..... 179
Capitão-Tenente Dr. Paulo Fernandes dos Santos..... 183
1° Tenente de Engenharia João Salustiano Lyra..... 187
1° Tenente Emmanuel Silvestre do Amarante..... 195
Capitão Nicoláo Bueno Horta Barbosa..... 199
1° Tenente Manoel Tiburcio Cavalcanti..... 203
2° Tenente Francisco Marques de Souza..... 207
Capitão de Artilharia Manoel Theophilo da Costa Pinheiro. 215
2° Tenente Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca Vasconcellos..... 225
1° Tenente Julio Caetano Horta Barbosa..... 237
1° Tenente Octavio Felix Ferreira da Silva..... 241
1° Tenente Antonio Pyrineus de Souza..... 249

Mappas

1.° — Schema das alterações cartographicas do N. W. de Matto Grosso em que figuram os trabalhos da Commissão Rondon comparados com outros anteriores.. 55
2.° — Copia de um trecho da carta da Nova-Lusitania de Silva Ponte — 1798 (1804 ?)..... 117
3.° — Reproducção do schema projectado durante as conferencias para mostrar o circuito telegraphico que a Commissão Rondon fechou no Brasil..... 129
4.° — Idem, idem, idem em que se mostra o traçado da linha telegraphica, a estrada de automoveis e os principaes rios explorados..... 253

73 - pesca
191 - caza

2774

2774